Ie ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

SC
MICRO F
Pr

Caetano Bazzarelli
1935

Jack London

O Lobo do Mar

TRADUÇÃO DE

MONTEIRO LOBATO

Edição especial da "GAZETA", autorizada pela
— COMPANHIA EDITORA NACIONAL —

O LOBO DO MAR

CAPITULO I

Não sei por onde começar, embora por brincadeira costume atribuir a causa de tudo a Charley Fureseth. Este amigo possuia uma casa de campo em Mill Velley, onde repousava durante os mêses de inverno, lendo Nietzsche e Schopenhauer; já os verões passava imerso no trabalho, a suar no tumulto da cidade. Não fosse meu costume aparecer por lá, aos sabados, ficando até a semana seguinte, e aquela manhã de janeiro não me encontraria a vogar no golfo S. Francisco.

Meu barco, o **Martinez**, oferecia toda a segurança; tratava-se dum barco recem-construido e ainda na sua quarta ou quinta viagem de carreira entre Sausolito e S. Francisco. O que não oferecia segurança era o nevoeiro reinantes. Apesar de que, na minha ignorancia das cousas do mar, não me passasse pela cabeça a menor idéa de perigo. Soprava uma brisa fresca e eu me sentia sozinho dentro da nevoa humida, embora com a consciencia de que, lá em cima, na casa de vidro, estavam o piloto e o homem que devia ser o capitão.

Lembro-me de que me puz a reflectir sobre a divisão do trabalho. Graças a ela me via dispensado do estudo e conhecimento dos nevoeiros, marés e o mais relativo á navegação, sempre que ia de visita a Charles Fureseth, lá do outro lado da baía. Otimo que os homens se especializem no trabalho, ponderava eu. Os conhecimentos maritimos do capitão e do piloto, por exemplo, permitem que milhares de pessoas não pensem nisso, e uma, como eu, se dedique a estudos como aquele sobre o lugar de Poe na literatura americana, que publiquei na **Atlantic**. Ao subir para bordo tinha visto, numa cabina entre-aberta, um homem alentado a ler essa revista com atenção — a ler o meu ensaio. Era outra demonstração do valor da divisão do trabalho. "O conhecimento especial" do piloto e do capitão permitiam que aquele passageiro se inteirasse do meu "conhecimento especial" sobre Poe, mquanto era "navegado" com toda a segurança de S. Francisco a Sausolito.

Minhas reflexões foram interrompidas pelo aparecimento no convez dum homem de cara vermelha, que ao deixar a sua cabina bateu a porta com violencia e aproximou-se de mim manquilotando e martelando o chão com uma perna de pau. Isso, aliás, não impediu que eu tomasse rapida nota mental daqueles pensamentos, para pô-los num artigo que tinha em vista escrever sobre a necessidade da liberdade estetica. O sujeito lançou uma olhadela para a casa do piloto e em seguida pôs-se a contemplar o nevoeiro, de pernas abertas, com visivel ar de satisfação. Percebi ser homem afeito ás coisas do mar.

— Tempos destes é que os põem de cabelos brancos tão cedo, murmurou, indicando com um movimento de cabeça a casa de vidro onde estavam o piloto e o capitão.

— Qual o que! respondi na minha santa ignorancia. Ha a bussola para orienta-los. E ha o leme que dirige o navio. E ha os mapas. O negocio é simples como o abc. Tudo matematico.

— Qual o que, hein? rosnou o homem. Simples abc, hein? Certeza matematica, hein?

E cresceu para mim ao dizer isto.

— Que acha desta maré que incha todo o Golden Gate, senhor? perguntou-me quasi num rugido. Com que rapidez vasa ela? Em que rumo? Vamos lá, senhor! Está ouvindo aquele som? Boia de campainha — e mal a ouvimos já estamos sobre ela. Veja como mudam de lugar...

Realmente, de dentro do nevoeiro brotava um som de campainha — o que fez o piloto

dar á roda do leme com violencia, até que o som, que vinha pela nossa frente, passasse a vir de lado. Emquanto isso a sereia de bordo pusera-se a apitar com a sua voz rouca, em resposta a outros apitos brotados de dentro da cerração.

— E' algum "ferry-boat", explicou o homem da perna de pau, referindo-se a um apito que vinha da direita. E aquele lá, está ouvindo? Buzina! Buzina de assoprar com a boca. E' o que usam nas escunas. Cuidado, mestre escuneiro! O inferno está hoje com vontade de comer gente...

O invisivel "ferry-boat" apitava com furor e a buzina da escuna respondia com desespero.

— Estão agora a trocar cumprimentos e explicações, disse o homem logo que a furia dos avisos cessou...

Seus olhos enchiam-se do brilho da excitação á medida que me ia traduzindo em lingua de gente a fala daqueles instrumentos de fazer barulho no mar.

— Ouça! Aquilo é sinal para evolução á esquerda!... E este acolá, com voz de sapo, é grito de escuna a vapor que forceja contra a maré.

Um silvo fino e esganiçado rompeu á frente. Os gongos do **Martinez** soaram fazendo as rodas propulsoras afrouxarem o andamento, que só foi retomado quando aquele trilar de grilo entre féras rugidoras se sumiu ao longe. Olhei para o meu homem á espera de interpretação.

— Lancha, disse ele. Dessas endemoninhadas lanchas que só mesmo a gente metendo a pique. Umas pestes que vivem a causar trapalhadas. Qualquer imbecil julga-se no direito de meter-se nelas e sulcar as aguas apitando com impertinencia para que o mundo inteiro saiba que tais pulgas existem. E é preciso leva-las em conta. Estão no uso dum direito — direito de caminho pela superficie das aguas. Direito, ah, ah!

Diverti-me com a colera do homem, e emquanto ele andava de cá para lá, manquitolando na sua perna de pau, puz-me a refletir no romantismo da bruma. Romantismo, sim. E' romantico o nevoeiro que tudo envolve com o seu manto cinzento, de passo que os homens — méros atomos — blasfemam nos corceis de aço flutuantes através do Misterio, ás cégas dentro do Invisivel, com palavras d confiança na boca e incerteza e medo nos corações.

A voz do meu companheiro fez-me voltar á realidade e sorrir.

Eu tambem havia devaneado ás tontas e ás cégas dentro do misterio, julgando seguir caminho seguro.

— Olá! dizia ele. Vem algo ao nosso encontro, está ouvindo? Vem rapido e em linha réta. Juro que não nos percebeu ainda. Não ouve a nossa sereia. O vento está a nosso favor.

A brisa fresca soprava de frente, e pude ouvir bem nitido o silvo a que o meu homem se referia.

— "Ferry-boat"? perguntei.

O homem fez com a cabeça sinal que sim; e acrescentou: "Do contrario não viria nessa marcha". E com uma risada nervosa: "Estão assustados, lá em cima!"

Olhei para a casa do piloto. O capitão, com a cabeça e hombros de fóra, cravava fixamente os olhos no nevoeiro, como tentanto devassa-lo á força. Suas feições mostravam ansiedade — a mesma que vi no rosto do meu companheiro, agora de bruços na amurada e tambem com os olhos presos no perigo invisivel que se alapava dentro da nevoa.

E o que tinha de dar-se, deu-se com incrivel rapidez. Rompido por uma cunha, o nevoeiro mostrou a prôa dum vapor a emergir franjado de espuma na linha dagua, como bigodes dum Leviatan. Pude ver-lhe a casa do piloto, com um homem de barbas brancas assomado a uma das janelas. Trajava uniforme azul, e lembro-me da impressão de calma que me deu.

Era terrivel aquela calma em tais circumstancias. O homem aceitava o seu destino, avançava com ele de mãos dadas, medindo friamente o choque. Seu olhar inquisitivo fixava-se no **Martinez** como para determinar o ponto exato da colisão — e em nada se alterou quando o nosso piloto, branco de raiva, lhe berrou: "Foi você o culpado!"

A observação era por demais obvia para tornar necessaria [illegible]uer resposta.

— Agarre-se no que puder e aguente-s[illegible] ritou-me o homem da perna de pau. Notei que a sua arrogancia se dissipara, e que parecia contagiado pela calma anormal do homem de barbas brancas. "E veja como as mulheres gritam", prosseguiu ele sombriamente, quasi com amargura, fazendo-me crer que já havia passado por transes iguais áquele.

Os dois navios chocaram-se antes que eu pudesse seguir o seu conselho. O impacto devia ter sido no meio do **Martinez**, que adernou violentamente por entre estrondos do madeirame. Vi-me lançado de bôrco sobre o convéz alagado, e antes que pudesse erguer-me tonteou-me a grita das mulheres. Foi isso — esse indescriptivel e arrepiante uivo de panico o que mais me apavorou. Lembrei-me do salva-vidas do meu camarote. Corri para lá. Ao alcançar a porta fui varrido por uma onda selvagem de creaturas em disparada. Não me recordo do que sucedeu logo depois, a não ser

o avança no estoque de salva-vidas, com o homem de perna de pau a atar os que podia á cintura dum bando histerico de mulheres. A memoria dessa cena é mais nitida do que a de qualquer outra que me haja passado sob os olhos. Inda hoje vejo o quadro: o rombo numa cabina, através do qual a nevoa revoluteava em turbilhão; divans e poltronas esvaziados de subito e com todos os sinaes do estouro — pacotes, bolsas, guarda-chuvas, capas; o alentado sujeito da **Atlantic**, engastado num salva-vidas e ainda com a revista na mão, a perguntar-me com insistencia se havia perigo; o meu companheiro da perna de pau a manquitolar por toda a parte, muito seguro de si na tarefa de distribuir salva-vidas a quantos apareciam: e, finalmente, a inferneira louca do mulherio apavorado.

Era sempre isso — a grita das mulheres o que mais me punha em prova os nervos — e os do meu companheiro. Outra cena que jamais se me apagará da memoria: o homem da **Atlantic** esforçando-se por mete-la no bolso e a olhar com curiosidade. para a frente, emquanto o da perna de pau berrava de braços erguidos para o tumulto das mulheres loucas de panico:

— Calem-se! Calem-se!

CAPITULO II

Pareceu-me estar num imenso balanço ritmado pela vastidão dos intermundios. Pontos faulhantes de luz passavam por mim. Eram estrelas, vi logo, e cometas rutilantes que iam marchetando a minha viagem pelo espaço. Quando atingi o limite do balanço, e já ia começando a volta em contra-balanço, um terrivel gongo resoou com estrondo. E por um periodo incomensuravel de tempo gosei a refletir sobre o meu tremendo vôo sobre o mar ondeante dos seculos.

Uma mudança, porém, sobreveiu em meu sonho — pois senti que era sonho. O vai-e-vem do balanço encurtava-se e crescia de velocidade. Eu mal podia tomar folego, tão energicamente andava projetado pelos espaços. O gongo insistia em seus trovões, o que me causava um terror panico. Depois pareceu-me estar sendo arrastado por sobre areias brancas e queimantes, asperrimas, sempre ao som do gongo. Pontos rutilantes perpassavam por mim em interminavel carreira, como se todo o mundo sideral se estivesse engolfando no vacuo. Arquejei, tomei folego e abri por fim os olhos. De joelhos e recurvos sobre mim dois homens lidavam com o meu corpo. Compreendi tudo. O ritmo do vai-e-vem pelos intermundios não passava do balouço dum navio; o gongo terrifico era uma frigideira pendurada á parede e que oscilava, retinindo, aos movimentos da embarcação; as areias asperas e escorchantes eram as mãos calosas dum homem a me friccionar o peito. Retorcendo-me de dor, ergui a cabeça. Olhei. Meu peito estava em carne viva quasi, com manchas de sangue pisado a se formarem sob a pele inflamada.

— Basta, Yonson, disse um dos homens. Vão vêr que ele está com a péle quasi em sangue!

Yonson, homem de pesado tipo escandinavo, parou com as fricções e desageitadamente pôsse em pé. O que lhe falara era sem duvida nenhuma um londrino de feições finas, levemente afeminadas, desses que mamam o leite materno ao som dos sinos da igreja de Bow. O barrete imundo que trazia á cabeça e o avental de estopa disseram-me logo tratar-se do cozinheiro do navio.

— E como se sente agora? perguntou-me ele com a subserviencia que vem de gerações de antepassados avidos de gorgetas.

Como resposta retorci-me e procurei sentar-me, ajudado por ele. O retinir da frigideira continuava a exacerbar os meus nervos, impedindo a concentração do pensamento. Agarrei-me a uma trave, e confesso que a sensação de gordura que nela senti fez-me ranger os dentes; e caminhei por entre os fogões até alcançar aquele instrumento de musica martirizante; tirei-o do prego onde estava e atirei-o para dentro da caixa de carvão.

O cozinheiro sorriu áquele desabafo dos meus nervos e apresentou-me uma caneca fumegante.

— Beba isto que lhe fará bem, disse.

Era uma beberagem nauseabunda — café de navio — mas estava quente e o calor fez-me bem. Emquanto bebia olhei para meu peito em

sangue e depois volvi os olhos para o escandinavo.

— Muito obrigado, senhor Yonson. Mas não acha que o tratamento foi um tanto excessivo?

O homem espalmou a mão para que eu lhe visse a polpa notavelmente calejada. Corri os dedos por aquela aspereza e rangi de novo os dentes.

— Meu nome é Johnson, não Yonson, disse ele em inglês, embora lento e com sotaque.

Havia em seus olhos azues um meigo protesto e uma varonilidade timida, que m'o fizeram simpatico.

— Obrigado, senhor Johnson, corrigi, estendendo-lhe a mão.

O escandinavo hesitou, desageitado e envergonhado; descançou o peso do corpo ora numa perna, ora noutra e por fim apertou-me a mão cordealmente.

— Tem alguma roupa que eu possa vestir? perguntei ao cozinheiro.

— Temos, sim, senhor, respondeu com apressada solicitude. Vou lá abaixo dar uma vista dolhos pelos meus badulaques, se não se vexa de vestir roupa minha.

E mergulhou porta afóra — ou, melhor, deslisou num coleio que me deu impressão menos felina, que oleoso. De feito, aquela oleosidade, como vim a saber depois, era o traço mais saliente da sua pessoa.

— Onde estou eu? perguntei a Johnson. Que navio é este? Para onde vai?

— Vem de Farallones, com róta para sudoéste, respondeu ele, lenta e metodicamente, como a procurar o seu melhor inglês e a observar com atenção a ordem das minhas perguntas. Trata-se da escuna Ghost, de viagem ás costas do Japão em caça ás fócas.

— E quem a comanda? Preciso ver o capitão.

Johnson pareceu embaraçado. Hesitou, emquanto escolhia no vocabulario as palavras necessarias para a resposta.

— O capitão é Lobo Larsen, como lhe chamamamos. Seu verdadeiro nome não sei. O sennor tem que tratar com ele muito mansamente. Está doido esta manhã. O contra-mestre é...

Não terminou. O cozinheiro vinha de volta, coleando.

— E' melhor raspar-se daqui, Yonson, disse ao chegar. O velho quer você no convés.

Obedientemente Johnson dirigiu-se para a porta, não sem uma careta de advertencia para que eu não me esquecesse da recomendação que fez sobre o capitão.

O cozinheiro trouxe consigo varias peças de roupa, mal cheirosas.

— Estão molhadas e mofadas, senhor, disse-me logo, mas servirão emquanto as suas ficam a secar.

Agarrei-me á trave e, ajudado pelo cozinheiro e cambaleante em virtude dos movimentos do navio, enverguei uma camisa de lã, sem impedir que minhas carnes se arrepiassem ao aspero contacto.

— Espero, observou ele ao notar meu involuntario arrepio e careta que o acompanhou, espero que o senhor jamais use isto, visto como tem a pele delicada como a de uma moça que conheço. Bem vi que se tratava dum gentleman, logo que lhe pus a vista em cima.

Eu tinha sentido uma impressão desagradavel ao primeiro contacto com aquele homem, impressão que se acentuou ao ajudar-me a vestir a camisa. Senti algo repulsivo em seu toque. Encolhi-me em suas mãos; minha carne revoltava-se. E como além disso havia o cheiro nauseabundo dos calderões ao fogo, senti-me ansiado por escapar dali e mergulhar-me em ar puro. Precisava tambem ver o capitão e acertar com ele o melhor meio de pôr-me em terra.

Uma réles camisa de algodão de gola esfiapada e peito com manchas suspeitas, que me pareceram de sangue, foi-me vestida a seguir, por entre desculpas e comentarios do cozinheiro. Meus pés meteram-se num par de botas ressecas, e por cima de tudo lá foi um macacão azul desbotado, com uma perna mais curta que a outra. Parecia que o diabo tivesse puxado a alma do londrino por uma das pernas, ficando com um pedaço da fazenda nas mãos.

— A quem devo agradecer esta gentileza? perguntei ao ver-me completamente vestido, com uma boina á cabeça e com uma jaqueta por sobre o macacão, de mangas tão curtas que quasi me ficavam nos cotovelos.

O cozinheiro aprumou-se, com um sorriso pedichão na cara. Minha experiencia com "stewads" de transatlanticos fez-me ver mais um a espera de gorgeta. O servilismo hereditario explicava o gesto e o sorriso.

— A Mugridge, senhor! sorriu ele oleosamente. Tomaz Mugridge, senhor, um seu creado.

Muito bem, Tomaz. Não esquecerei disso quando minhas roupas estiverem secas.

Uma luz suave difundiu-se-lhe pelo rosto, e seus olhos brilharam como se lá no recesso da alma os avós se remexessem, gososos á lembrança das gorgetas apanhadas em vida.

— Muito obrigado, senhor, disse ele, realmente grato e humilde.

Tomaz escorregou da frente da porta para deixar-me passar, e logo me vi no convés. Sentia-me ainda fraco da prolongada imersão. Uma lufada de vento me colheu, e lá atravessei o convés cambaleando, tendo de agarrar-me para não vir ao chão. A escuna ia a balouçar-se furiosamente sobre as aguas do Pacifico. Se esti-

vesse de rumo para sudoéste como Johnson declarara, então o vento deveria estar soprando do sul. A neblina esvaira-se, abrindo campo para um sol vivissimo. Voltei-me para léste, onde ficava a California, mas nada pude ver senão novelos de bruma, os mesmos sem duvida que deram causa ao desastre do Martinez, pondo-me na situação em que me achava. Para norte, não muito longe, um grupo de rochedos nús emergia com um farol num deles. Na direção que levavamos vi, na mesma rota, que a nossa, a silhueta triangular duma vela.

Havendo completado a minha inspecção do horizonte, pús-me a estudar o que me cercava. Minha primeira idéa foi que um naufrago, vitima duma colisão e que por um triz escapara da morte, fazia-se merecedor de maior atenção. Nada vi de interesse em redor de mim, salvo o marinheiro que atentamente tinha as mãos na roda do leme.

Todos os demais estavam a observar qualquer coisa que se passava no meio do convés. Rodeavam um homem deitado de costas sobre uma prancha. Um homem vestido e de camisa aberta ao peito, no qual, entretanto, nada podia ser visto, de tão peludo que o tinha. O rosto e o pescoço tambem se ocultavam dentro da barba negra já em começo de grisalha. Os olhos, fechados. O homem estava evidentemente sem sentidos, com a boca aberta num rictus de asfixiado.

Metodicamente, um marinheiro, como seguindo velha rotina, descia a espaços um balde ao oceano, enchia-o d'agua e despejava-o sobre o corpo imovel.

Passeando de lá para cá perto dali, a morder com ar selvagem uma ponta de charuto, vi o homem que ocasionalmente me avistara boiando sobre as ondas e, pois, me salvara. Alto. Teria provavelmente cinco pés e dez polegadas de altura, mas o que nele mais me impressionava era a força. Não força massiça, mas nervosa, flexivel, embora numa constituição de gorila. Força como a que associamos aos animaes selvagens e aos seres que temos como nossos prototipos primitivos — força feroz, elastica, cuja essencia vital reside na propria potencialidade do movimento, o estofo elementar em si mesmo, de que foram extraídas e moldadas as formas de vida; em suma, a energia que ainda estua no corpo da cobra depois que lhe cortamos a cabeça.

Foi a impressão que tive daquele homem, plantado firme sobre as pernas, a passear pelo convés; cada movimento de musculo, desde o encolher dos hombros até o morder do charuto, era decisivo e denunciador duma pujança esmagadora. E embora essa pujança transparecesse em todos os seus átos, parecia ser apenas um reflexo da que ele continha em si, oculta ou adormecida, capaz de rugir incoercivel como a colera do leão ou a furia da tempestade.

O cozinheiro nesse momento enfiou a cabeça pela porta da copa e piscou para mim, encorajando-me e ao mesmo tempo indicando com o polegar o homem que passeava. Fez-me assim compreender que se tratava do capitão, personagem com a qual eu teria de tratar. E já ia eu dar inicio a esse passo, que certamente redundaria em cinco minutos de tempestade, quando um estremecimento muscular acometeu o asfixiado. Entrou depois a contorcer-se convulsivamente. Quando estirava os musculos do pescoço a barba espessa recrescia e o peito inchava no esforço instintivo de respirar. O pouco visivel do seu rosto oculto pela barba principiava a adquirir cores.

Lobo Larsen, o capitão, deteve-se, e lançou os olhos sobre o moribundo. Tão terrivel estava aquela luta com a morte que o marinheiro dos baldes dagua tambem entreparou, com a vasilha gotejante a meio caminho do despejar-se. O moribundo tamborilou na prancha com os calcanhares; depois esticou as pernas num supremo esforço, emquanto sua cabeça rolava dum lado e de outro. Em seguida seus musculos relaxaram-se, a cabeça parou de mover-se e um profundo suspiro de alivio escapou-lhe do peito. As faces cavaram-se-lhe, o labio superior arrepanhou-se, deixando entrever os dentes enegrecidos pelo tabaco. E pareceu que suas feições de subito se houvessem congelado numa careta de escarneo para o mundo que acabava de deixar.

E algo ainda mais surpreendente ocorreu. O capitão desabou sobre o morto qual um tufão. Palavrões borbotaram de sua boca, não palavrões comuns, sujos, que empressam a colera — mas blasfemias horriveis, que rebentavam como raios. Nunca eu vira coisa igual, nem a julgara possivel. Dotado de pendor literario, e com paixão pelas expressões energicas, apreciei como nenhum dos presentes a vivacidade e força blasfematoria daquela catadupa de insultos. A causa de tudo, tanto quanto pude perceber, era tratar-se do contra-mestre do navio, o qual refocilara no deboche antes de deixar S. Francisco e agora morria no começo da viagem deixando o capitão em apuros.

E' desnecessario frisar aos meus amigos quanto a cena me chocou. Blasfemias e linguagem vil sempre me repugnaram e porisso sentime opresso, com o coração apertado, realmente á beira da vertigem. Para mim a morte sempre se havia revestido de solene dignidade; havia sido uma ocorrencia quasi sagrada. Mas a

morte sob o seu mais sordido e terrivel aspéto me era coisa desconhecida. E, embora apreciando esteticamente a força de expressão da colera do Lobo Larsen, senti-me como que esmagado. A torrente de insultos parecia capaz de fazer até corar o rosto do cadaver. Não me teria surpreendido se aquela barba encharcada se eriçasse de subito no eretismo da revolta. O morto, porém, não deu tento de coisa nenhuma. Continuou com o seu rictus sardonico, onde havia mofa e desafio cinico. Ele estava senhor da situação.

CAPITULO III

Lobo Larsen parou de blasfemar tão de subito como principiara. Reacendeu a ponta do charuto e correu os olhos em torno, detendo-os no cozinheiro.

— Então cozinheiro? começou ele com suavidade fria e cortante como o aço.

— A's ordens, capitão, apressou-se em responder o londrino, todo mesuras e servilismo.

— Não parece que já esticou muito esse pescoço de ganso? Isto é mau. O contra-mestre já se foi e não posso perder tambem a você. Cuidado com a saude, cozinheiro. Compreende?

A ultima palavra, em frisante contraste com a maciez das anteriores, vibrou como a ponta dum chicote. O londrino encolheu-se.

— Perfeitamente, senhor, foi a sua resposta, emquanto a sua cabeça obcena desaparecia na copa.

Aquela rispida chicotada que o cozinheiro provocara tão inocentemente fez o resto da tripulação mostrar-se desinteressada da cena mortuaria e retomar o trabalho. Alguns dentre eles, porém, demoraram-se pelo portaló, entre a escotilha e a copa, continuando na prosa em que estavam. Vim a saber depois que eram os caçadores de fócas, duma casta superior ao marinheiro comum.

— Johnson! chamou Lobo Larsen.

Um marujo avançou, obediente.

— Veja a agulha e costure esse estupor. Veja uns pedaços de lona velha no deposito. Ande.

— Que devo amarrar aos seus pés, senhor? quiz saber o marinheiro.

— Veremos depois, foi a resposta do Lobo Larsen, que logo em seguida gritou pelo cozinheiro. Tomaz Mugridge assomou á porta da copa qual boneco de mola que salta da caixa.

— Vá lá embaixo e encha um saco de carvão, ordenou Lobo Larsen; e voltando-se para os caçadores: Algum de vocês possue uma biblia ou livro de rezas?

Os caçadores abanaram a cabeça, sendo que um deles fez uma observação jocosa, que me escapou. Rompeu uma risada geral.

Lobo Larsen repetiu a pergunta aos marinheiros. Biblias e livros de rezas pareciam coisas raras e um que saiu correndo em procura voltou sem nada.

Lobo Larsen deu de hombros.

— Nesse caso vai para a agua sem palavriado, disse ele, a não ser que o nosso naufrago, que parece padre, faça o serviço funebre de cór.

E vindo postar-se deante de mim, perguntou:

— Você é padre, não é?

Os caçadores de focas — uns seis — voltaram os olhos para mim. Senti a impressão penosa de estar sendo visto qual espantalho.

Uma risada geral comentava meu aspeto — uma risada que a presença do morto, com aquela careta tetrica, não fazia esmorecer — risada barbara, rude e franca como o proprio mar, surgida de sensibilidades rudimentares, das que ignoram o que seja cortezia ou elementar gentileza.

Lobo Larsen, porém, não riu, embora seus olhos cinzentos luzissem, divertidos; e como nesse momento me aproximasse dele, recebi minha primeira impressão do homem em si, do homem áparte do corpo e da torrente de blasfemias que lhe ouvira de pouco. A cara, quadrada e massiça, deixava entrever, do mesmo modo que o corpo, algo mais que a força bruta. Deixava entrever escondida lá dentro uma força mental tremenda, excessiva mesmo. As maçãs do rosto, o queixo e as sobrancelhas altas, tudo, apesar de brutal no aspeto fisico, deixava transparecer um imenso vigor, uma inaudita virilidade de espirito. Impossivel auscultar aquele espirito, como impossivel classificar aquela natureza com base em outros tipos semelhantes.

Os olhos — e sempre foi meu destino conhece-los — eram grandes e belos, bem distancia-

dos e abrigados por espessos cilios e negras e fortes sobrancelhas. As pupilas tinham um tom cinzento enganador, como o de certas sedas ao sol — ás vezes cinzento escuro, ás vezes claro, ás vezes tocado a verde e ás vezes do azul limpido do fundo do mar. Olhos que mascaravam a alma com mil disfarces e a espaços se abriam, permitindo que ela saísse para lançar-se pelo mundo nalguma aventura maravilhosa. Olhos que marasmavam com a desesperadora soturnidade dos ceus de chumbo; que deitavam chispas como as que brilham num volteio de espada; que enregelava qual a paisagem antartica, olhos que aquecem e afagam e são toda uma dança de luzes de amor intensa e mascula, fascinadora e dominadora — que fascina e ao mesmo tempo domina as mulheres até tê-las rendidas, em assomos de alegria, alivio e sacrificio.

Respondi-lhe que, infelizmente para o caso, eu não era padre. Mal conclui minha resposta, Lobo Larsen perguntou de chofre:

— Que é que faz, para viver?

Confesso que nunca me haviam feito semelhante pergunta, embora eu a julgasse possivel. Fiquei indeciso e foi ainda tonto que respondi:

— Eu... eu sou um gentleman.

Seus labios retorceram-se sarcasticamente.

— Sempre trabalhei e trabalho, acrescentei com ímpeto, como se ele fosse um juiz a quem eu solicitasse reconhecimento de meus direitos — e ao mesmo tempo como se eu estivesse perfeitamente certo da minha idiotice em discutir o assunto.

— Para viver? Trabalha para viver?

Havia algo tão dominador em seu aspeto que fiquei na situação dum menino de escola deante do mestre.

— Quem é que o sustenta? continuou ele.

— Tenho rendas, respondi com firmeza, mas... creio que isto nada tem que ver com o motivo que me trás á sua presença, se me permite falar assim.

O capitão não deu tento á replica.

— Quem o sustenta? insistiu. Quem conquistou essa renda? Seu pai, com certeza, e você vive sobre as pernas dum homem já fallecido. Nunca obteve nada com o esforço proprio. Não sabe cavar a vida, se o largarem só. Deixe-me ver as mãos.

Sua tremenda força adormecida despertara de impeto — ou eu caí em côma por um instante. O que sei é que Lobo Larsen avançou para mim dois passos e, agarrando minha mão, inspecionou-a. Tentei retira-la, mas seus dedos apertaram-ma sem visivel esforço, embora eu a sentisse como esmagada por tenazes. E' difficil manter a dignidade em ocasiões tais. Eu não podia queixar-me, nem reagir, tal qual o menino de escola deante do mestre severo. Nada mais me restava senão ficar quieto e aguardar humilde o que viesse. Entretanto notei que os bolsos do morto haviam sido despejados no chão do convés e que seu cadaver fôra envolvido em lona velha, que Johnson estava costurando com barbante.

Lobo Larsen soltou por fim minha mão com um esgar de desdem.

— As mãos do morto (referia-se a meu pai) conservaram as suas macias. Só serve para lavar pratos e ajudar na cozinha.

— Eu quero ser desembarcado, declarei com voz firme, agora que ia voltando ao controle de mim mesmo. Pagar-lhe-ei o que me pedir pelo incomodo que estou dando.

Larsen enfitou-me com olhos cheios de zombaria.

— Tenho uma contra-proposta a fazer, para bem de sua alma, disse ele. Meu contra-mestre foi-se e já promovi outro marinheiro para o seu lugar. Você tomará o posto desse marinheiro, recebendo vinte dolares por mês. E acabou-se. Que me diz agora? Note que é para o bem de sua alma. Será o inicio da sua reconstrução. Aprenderá a caminhar sobre as proprias pernas, embora cambaleie um pouco, no começo.

Minha atenção já não estava alí. As velas do barco que aparecera a sudéste vinham-se avolumando. Uma escuna igual á Ghost, embora de casco menor. Tinha bôa aparencia e voava em nossa direcção. O vento recrescia e o sol, depois de queimar-nos por mais alguns momentos, desaparecera. O mar, como de chumbo, encrespava mais e mais, projetando cristas de ondas para o céo. Vogavamos com maior velocidade e com maior jogo do navio. Em certo momento a escuna adernou tanto que uma toalha dagua varreu o convés, fazendo dois caçadores de fócas erguerem rapidos as pernas.

— Aquela embarcação vai passar rente a nós, disse eu depois duma pausa, e ao que vejo dirige-se para S. Francisco.

— Muito provavelmente, foi a resposta de Lobo Larsen, afastando-se de mim e gritando:

— Olá, cozinheiro!

O londrino surgiu com a cabeça fóra da copa.

— Onde está aquele rapaz? Diga-lhe que quero vê-lo.

Depois do "sim, senhor", Mugridge saíu a correr e sumiu-se pela escada abaixo. Momentos depois voltava seguido dum rapaz corpulento, aí de dezoito ou dezenove anos, de má catadura e a arrastar os passos.

— Aqui está ele, capitão, disse o cozinheiro.

Lobo Larsen voltou-se para o rapaz.

— Qual é o seu nome?

— George Leach, senhor, foi a resposta sur-

da; e a atitude do rapaz bem que mostrava saber a razão de ter sido chamado.

— Não é nome irlandez, disse o Capitão. O' Toole ou Mac Carthy ficaria melhor a esse focinho, a menos que haja algum irlandês que enganou teu pai.

Vi as mãos do rapaz crisparem-se ante aquele insulto, ao mesmo tempo que o sangue lhe subia ás faces.

— Mas deixemos isto, proseguiu Larsen. Você deve ter muito boas razões para esquecer o seu verdadeiro nome e não estimarei menos por isso — emquanto andar direito. Telegraph Hill é, com certeza, o seu porto de matricula, não? Estou lendo-o nessa cara indecente. Conheço a especie. Pois muito bem, neste meu navio você perderá essas marcas. Quem foi que o embarcou, afinal de contas?

— Mac Cready e Swanson.

—"Senhor!" berrou Lobo Larsen.

— Mac Cready e Swanson, senhor, corrigiu o rapaz com os olhos em fogo.

— Quem recebeu o dinheiro adeantado?

— Eles mesmos, senhor.

— Logo vi. E você ficou todo satisfeito deles terem feito isso... Não devia ter-se aliviado do dinheiro tão depressa, havendo, como ha, uns tanto cavalheiros que andam na sua pista...

Aquela alusão transformou o rapaz num selvagem. Seu corpo encolheu-se como para um bote de féra acuada.

— Isso é uma...

— Uma, que? rosnou Larsen com voz suavemente cortante, onde se denunciava insopitavel curiosidade de ouvir a palavra não proferida.

O rapaz hesitou; depois, dominando-se:

— Nada, senhor. Retiro o que disse.

— E prova com isso que eu tinha razão, rosnou Larsen com um sorriso de vitoria. Depois: Que idade tem?

— Dezeseis completos, senhor.

— Mentira! Você não verá nunca mais os dezoito. E está encorpado para essa edade, com semelhante musculatura de cavalo. Embrulhe a sua tralha e vá para o castelo de prôa. Fica sendo marujo. Está promovido, compreende?

Sem esperar que o rapaz respondesse, Larsen voltou-se para o marinheiro que costurava o cadaver nas lonas velhas.

— Johnson, conhece alguma coisa de navegação?

— Nada, senhor.

— Pouco importa. Fica sendo o meu contramestre. Leve sua tralha para a cabine do imediato.

Johnson grunhiu uns sons alegres de resposta e moveu-se dalí, emquanto o rapaz de momentos antes permanecia no mesmo ponto do convés, como que atarraxado ao solo.

— Que está esperando? gritou-lhe Lobo Larsen.

— Eu não me engajei como marujo, senhor, disse ele. Engajei-me como servente de cabina. Não quero ser marujo.

— Arrume a trouxa e ande, berrou Lobo Larsen em voz de comando, singularmente imperiosa. O rapaz pestanejou mas permaneceu onde estava.

Isso provocou nova explosão da impulsividade de Larsen. Coisa instantanea, pois ocorreu no espaço de dois segundos. Dum salto de seis pés projetou-se contra o rebelde e afundou-lhe um tremendo murro na boca do estomago. Senti esse murro em meu peito, e hoje noto o fato para mostrar como eu era sensivel naquele tempo e pouco afeito á vida bruta. O rapaz dobrou-se em dois, apesar das cento e sessenta e cinco libras que pesava, tal o pano molhado que se dobra ao choque dum conto de bastão. Viu-se erguido no ar e projectado ao chão para perto do cadaver, onde ficou a estorcer-se em agonia.

— Então? rosnou Lobo Larsen voltando-se para mim. Já se decidiu?

Volvi os olhos para a escuna que não estava a mais de duzentas jardas á nossa frente. Era um barco asseiado e bonito. Pude ver um numero negro em uma das suas velas, que me lembrou certos desenhos de barcos pilotos.

— Que navio é esse? perguntei.

— O barco-piloto **Lady Mine**, respondeu Larsen carrancudamente. Libertou-se dos pilotos e volta para S. Francisco. Deve chegar lá dentro de cinco horas, se este vento conservar-se assim.

— Quer fazer-me o obsequio de sinalar para ele indagando se podem levar-me para terra?

— Lamento muito, mas perdi o codigo de sinaes que existia a bordo — e essa resposta pilherica fez rir a varios caçadores de fócas.

Reagi por uns instantes, fixando meus olhos nos do capitão. Eu tinha visto a furia do tratamento dispensado ao rapaz e estava certo de que igual ou peior me esperaria, se resistisse. E no espasmo dessa reação heroica pratiquei o áto que considero mais heroico da minha vida. Corri para a amurada e acenei para a escuna, gritando:

— **Lady Mine**! Olá! Tomem-me a bordo! Pagarei mil dolares, se me põem em terra!

Esperei a resposta, com os olhos em dois homens que estavam na roda do leme. Um deles tomou um megafone e o levou á boca. Não me movi. Não tirei os olhos do megafone,

embora esperando a cada momento, pelas costas, um murro semelhante ao que levara o rapaz. O bruto já devia estar de bote armado. Por fim, depois de instantes que me pareceram seculos, atrevi-me a olhar para trás, uma vez que o murro demorava. Larsen não se movera um passo. Continuava na mesma posição, gingando ao balouço do barco e acendendo novo charuto.

— Que aconteceu? Algum desarranjo? foi a resposta que obtive do megafone.

— Sim! urrei com o maximo dos meus pulmões. Questão de vida ou de morte! Mil dolares, se me receberem a bordo!

— Nada! — gritou Lobo Larsen; e apontando-me com o polegar: Este freguês está apavorado com serpentes do mar e macacos. Passa avante!

De bordo da **Lady Mine** o homem do megafone fez soar através dele uma risada com estas palavras: Afunde-o no inferno! e em seguida acenaram-se os dois com gestos de adeus.

Curvei-me sobre a amurada, varrido de todas as minhas esperanças e vi o espaço do mar que se interpunha entre as duas embarcações ir-se alargando rapidamente. E aquela escuna estaria em S. Francisco dentro de cinco horas! Meu craneo como que estourava. Na garganta senti um aperto. Parecia-me ter o coração alí. Uma onda mais forte golpeou-nos de flanco, borrificando-me a cara de gotas. O vento recrescia e a Ghost singrava com firmeza.

Quando, momentos depois, olhei para trás vi o esmurrado erguer-se cambaleante. Tinha o rosto horrivelmente palido e ainda se extorcia em dores. Pareceu-me muito mal.

— Então, Leach, vai indo fazer o que mandei? murmurou Lobo Larsen.

— Sim, senhor, foi a resposta em tom de esmagado.

— E você ai? perguntou-me ele em seguida.

— Senhor, eu lhe darei mil dolares... fui começando, mas Larsen interrompeu-me.

— Pára com isso! Vai executar o que mandei ou quer experimentar o peso do meu punho?

Que fazer? Deixar-me esmurrar com aquela brutalidade imensa, e talvez ser morto, não me convinha no caso. Fitei longamente aqueles olhos cinzentos e durissimos. Deviam ser de silex. Dizem que a alma das criaturas boia no olhar. No olhar de Larsen, porém, algidos, só boiava a insensibilidade crúa do oceano.

— Então?

— Sim, murmurei vencido.

— Responda-me: "Sim, senhor!"

— Sim, senhor, respondi, corrigindo-me.

— Qual o seu nome?

— Van Weiden, senhor.

— Seu primeiro nome?

— Humphrey, senhor. Humphrey Van Weiden.

— Idade?

— Trinta e cinco.

— Está bem. Vá para a cozinha aprender a obrigação.

E foi assim que passei ao estado de servo de Lobo Larsen. Ele era o mais forte, eis tudo. Mas aquilo parecia-me fantastico naquele tempo — e ainda mais me parece agora, que o recordo. Isso me ficará sempre como algo monstruoso, como algo inconcebivel — como pesadelo horrendo.

— Espere. Não vá ainda.

Detive-me, obediente.

— Johnson, chame os homens todos. Agora que está tudo determinado temos que concluir o funeral e fazer a limpeza.

Emquanto Johnson reunia os homens, dois marinheiros, dirigidos pelo capitão, depunham o cadaver sobre uma lona de toldo. Lado a lado do convés, acima da amurada, enfileiravam-se pequenos escaleres do barco. Diversos homens agarraram a lona com o horrivel cadaver no meio e levaram-no a descansar sobre um dos escaleres, com os pés para o oceano. A esses pés foi amarrado um sacco de carvão trazido pelo cozinheiro.

Sempre supuz que funerais em alto mar fossem algo solenes, que inspirassem temor e respeito. Desiludi-me com aquele. Um dos caçadores de fócas, homenzinho de olhos escuros que os outros chamavam Smoke, estava a contar historias, abundantemente intercaladas de blasfemias e obcenidades; a espaços os ouvintes estouravam em gargalhadas, que lembravam surriada de lobos ou cães do inferno. Os homens de bordo foram-se reunindo á popa; um veiu a esfregar os olhos, sonolento, e todos cochichavam baixinho. Era evidente que não os satisfazia tal viagem sob o comando de tal capitão e começada assim com uma sorte de mau agouro. Amiude lançavam olhadelas para Lobo Larsen, nas quais eu lia apreensão.

Lobo Larsen caminhou para o quartel da escotilha e todos se descobriram. Corri os olhos: vinte homens ao todo, ou vinte e dois, contando comigo e o que ficara ao leme. Minha curiosidade por tudo era justificavel, visto como ia permanecer encerrado naquele mundinho flutuante não sabia por quantas semanas. Eram os tripulantes na maioria inglêses e escadinavos, mal encarados e brutos. Já os caçadores tinham no rosto as linhas de quem dá maior desafogo ás paixões. Estranho dizer, mas notei que no semblante de Lobo Larsen nada denunciava maldade. Apenas traços de absoluta decisão e firmeza. Denunciava antes

uma indole aberta, com a franqueza realçada pelo glabro das faces. Dificilmente se poderia crer que fosse ele o homem que tão ferozmente brutalizara o servente de cabina.

No momento em que Larsen abriu a boca para falar, rajadas de vento golpeavam forte os flancos da escuna, silvando sinistramente por entre as enxarcias Um dos caçadores olhou ancioso para certo ponto. A escuna mergulhara a prôa numa vaga enorme e um lençol liquido veiu lavar o defunto; e logo que o barco se reaprumou tivemos essa agua a escorrer pelo convés e a molhar-nos os sapatos. Um chuveiro de gotas nos refrescou, como saraivada. Assim que o equilibrio se refez, Lobo Larsen começou a falar, emquanto os homens de cabeça descoberta se balançavam sincronicos aos movimentos da escuna.

— Apenas me lembro duma parte do serviço funebre, disse ele, e essa parte é: "E o corpo deve ser lançado ao mar". Faça-se isso.

Calou-se. Os homens que sustinham as pontas do toldo funerario arregalaram os olhos. perplexos ante aquela brutal supressão dum velho rito. Larsen avançou para eles, colerico.

— Suspendam essa ponta ai! berrou. Que diabo do inferno teem vocês hoje?

Os homens ergueram a extremidade da lona com precipitada solicitude e, como a carcassa dum cão que vai para o monturo, o defunto deslisou para o tumulo marinho de pés á frente. O saco de carvão fê-lo mergulhar. Foi-se...

— Johnson, ordenou Lobo Larsen com voz rispida, aproveite a estadia dos homens cá. Meta a bujarrona — e serviço limpo, veja lá. Vamos para sudoéste. E já que estão de mão na massa, metam a vela mestra tambem.

Num apice o convés entrou em viva azafama; Johnson dava ordens successivas para a série de manobras — todas muito confusas para um homem de terra firme com eu. Mas a falta de coração que eu notava alí impressionava-me fundo. O contra-mestre morto era um episodio já liquidado, um incidente que fôra lançado ao mar envolto em lona suja e com um saco de carvão aos pés — e a vida de bordo recomeçava como se nada houvesse acontecido. Ninguem parecia ter-se impressionado com aquilo. Os caçadores proseguiam na prosa, com as mesmas estrepitosas gargalhadas de sempre ás historias sujas de Smoke. Homens estiravam cordas. Outros trepavam nas vergas.

Lobo Larsen tinha os olhos no céo, estudando pelas nuvens o movimento do ar. E o contra-mestre, que morrera tão horrorosamente e fôra metido no seio do oceano de maneira tão sumaria e brutal, lá se ia para o fundo, mais, mais e mais...

Foi então que a crueldade do mar, a sua terrivel inexorabilidade se fez patente. A vida humana tornava-se alí coisa de somenos — simples vibração da materia, inarticulada e sem alma. Agarrei-me á murada de barlavento, perto do óvem, e esgazeei os olhos por sobre o estirão de ondas encristadas a perder-se nos bancos de nevoeiro que escondiam S. Francisco e toda a costa da California. Rajadas de chuva batiam-me o rosto, encurtando-me a visão, como a nevoa. E aquele estranho navio que me aprisionara lá ia para a frente, na sua rôta sudoéste, dansando qual ave bebeda sobre a imensidade deserta do Pacifico.

CAPITULO IV

O que me sucedeu durante a estada na Ghost é uma historia de dores e humilhação. O cozinheiro, chamado "o doutor" Tommy pelos caçadores de focas, e "Cooky" por Lobo Larsen, mudara muito. A degradação de estado que sofri fê-lo mudar o seu modo de tratar-me. De bajulador e servil que fôra, passou a autoritario. Na verdade eu já não era o afidalgado gentleman de pele de moça, mas um simples e comunissimo serviçal de copa.

Começou insistindo para que eu o tratasse de senhor Mugridge, mostrando-se intoleravel no apontar e estatuir as minhas obrigações. Além do meu trabalho de servente determinou ele que o ajudasse na despensa — e minha profunda ignorancia de coisas tais como pelar batatas e lavar panelas gordurentas tornou-se uma fonte de chalaças ironicas. Mugridge recusava-se a levar em conta o que eu havia sido antes de cair naquela triste situação. Isso levou-me a odia-lo como jamais odiei a alguem na vida.

O primeiro dia foi um dos mais dificeis. A's cinco e meia fui mandado pôr a meza na ca-

bina, com as bandejas de segurança tiradas do armario e o chá e o resto trazido da cozinha. Vou contar a minha primeira experiencia em materia copeira:

— Cuidado! Do contrario leva uns bofetões, era a advertencia usual de Mugridge, ou do senhor Mugridge sempre que eu deixava a cozinha sobraçando pães assados de fresco e levando o bule de chá. Nesse dia advertiu-me por essa forma, á vista dum dos caçadores de nome Handerson, que ia passando, e perto de Lobo Larsen, que fumava á popa o seu eterno charuto. Em seguida, e de subito, gritou-me:

— Ela aí vem! Safe-se!

Entreparei, pois não sabia o que estava vindo: ouvi a porta da cozinha bater com violencia, emquanto Handerson saltava como um louco e em lugar alto punha-se a salvo do que fosse, trepando com agilidade de macaco. Vi simultaneamente uma grande onda erguer-se em voluta espumejante muito acima da linha da amurada, bem defronte donde eu estava. Meu cerebro não agia com rapidez, como que tonteado pela rapidez e extranheza de tudo aquilo. Eu não compreendia. Sentia estar em perigo, mas era tudo. E permaneci imovel, estarrecido. Foi quando Lobo Larsen gritou da popa:

— Agarre-se, imbecil!

Era tarde. Atirei-me contra o maçame, ao qual devia ter-me agarrado a mais tempo, mas fui detido a meio caminho por uma vaga invasora. O que sucedeu em seguida está confuso em minha memoria. Lembro-me de que fiquei debaixo dagua, sufocado, a afogar-me. Meus pés soltaram-se do chão. Fui erguido, revirado e levado para não sei onde. Por varias vezes choquei-me de encontro a objectos duros, um dos quais me deu uma terrivel pancada nos joelhos. Mas a vaga entrou rapida a marchar e vi-me envolto pela enorme massa liquida e arremessado contra a cozinha — e depois arrastado para fóra até ser jogado ao chão a muitos metros do ponto onde me achava. O joelho doia-me horrivelmente e eu não podia equilibrar-me de pé, como se tivesse a perna quebrada. E ainda não havia dado conta da situação, quando vi o cozinheiro surgir á porta da cozinha, gritando:

— Helo! Não fique a vida inteira assim! Onde está o bule? Deixou-o levar pela onda? Antes tivesse levado a você duma vez...

Procurei por-me de pé. O bule ainda estava na minha mão. Dirigi-me mancando para a cozinha e entreguei-lho. Ele entretanto estourava de indignação, real ou fingida.

— Deus me mande para o inferno se você não é o estupor dos estupores! Para que presta, homem, diga-me por favor? Nem levar um bule de chá da cozinha á mesa — e tenho agora de fazer outro chá...

E depois:

— E que está vendo em mim para fazer tais caretas? gritou com renovada furia. Já sei. E' porque feriu essa perna, o queridinho da mamãe...

Eu não estava fazendo careta nenhuma para aquele homem, embora em meu rosto devesse estar estampada a dor que eu sentia. Fiz das tripas coração, cerrei os dentes e retomei o serviço, da copa á cozinha e da cabina á copa, sem mais acidentes. Duas coisas me advieram daquele desastre — um ferimento na rotula, que levou mêses a sarar e me fez padecer muito, e o sobrenome de Humf! (imbecil), com que Lobo Larsen me presenteara com a sua advertencia. Dali por deante de popa a prôa, ninguem me trataria de outra maneira, e por tal forma que lá por dentro, em meu cerebro, me fui identificando com o qualificativo e me convencendo de que era e sempre fôra um imbecil.

Não constituia tarefa simples servir de creado numa cabina frequentada por Lobo Larsen, Johnson e os seis caçadores de focas. Era pequena essa cabina e para mover-me em redor daqueles homens eu tinha de fazer prodigios de equilibrio por causa do jogo da escuna. Mas o que mais me chocava era a absoluta ausencia de simpatia daquela gente. Meu joelho inchado e em carne viva quasi me fazia desmaiar de dor. Meu rosto, pelo que eu vi de relance no espelho da cabina, parecia o de um fantasma, de tão palido e dorido. Todos deviam perceber muito bem a minha triste situação, mas nenhum deu sinal disso, nem me veiu com uma palavra de conforto, de modo que até cheguei a sentir gratidão por Lobo Larsen quando mais tarde (eu estava lavando pratos na cozinha) chegou-se a mim e disse:

— Não se deixe abater por uma ninharia dessas. Logo estará acostumado. Mancará um pouco mas acabará aprendendo a andar.

E acrescentou:

— Acho que istó é o que você chama um paradoxo, não é?

Mostrou-se satisfeito com o meu forçado "Sim, senhor", e disse ainda:

— Suponho que entendo alguma coisa de literatura. Havemos de conversar sobre o assumpto quando fôr tempo.

Naquela noite, quando terminei a minha tarefa do dia, madaram-me dormir na prôa, onde armei minha enxerga e deitei-me feliz de verme por algum tempo livre da detestavel presença do cozinheiro. Com grande surpresa vi que minhas roupas já se haviam secado no corpo sem que o terrivel banho me deixasse

qualquer sintoma de resfriado. Em circumstancias normais, o que eu havia passado teria sido mais que o bastante para ir para a cama com uma bôa enfermeira ao pé.

O joelho ferido, entretanto, causava-me muito sofrimento. Ao que parecia, a rotula deslocara-se e estava no centro da inchação. Sentei-me na enxerga e pús-me a examinar a ferida, a certa distancia dos caçadores que tambem ali dormiam e estavam a fumar e conversar em voz baixa. Henderson lançou-me um olhar.

— Está ferido, hein? disse ele. Amarre um trapo que não haverá nada.

Foi tudo quanto fiz; em terra eu teria ficado na cama, imovel, com cirurgião á cabeceira e mil coisas. Mas devo fazer justiça áqueles homens. Impermeaveis como pareciam ser, insensiveis aos meus sofrimentos, mostravam-se igualmente insensiveis aos sofrimentos proprios quando lhes chegava a vez. Devia ser por força do habito e ainda por terem a sensibilidade mais embotada que a minha. Um homem de compleição delicada, estou certo, deveria sofrer duas ou tres vezes mais em consequencia dum mesmo ferimento.

Eu me sentia cançado, exausto mesmo, e a dôr no joelho não me deixava dormir. Tive de operar prodigios para não gemer alto. Em casa teria gemido á larga, mas alí tudo me forçava ao recalque. A atitude daqueles homens selvagens era sempre estoica nos grandes casos, e infantil nos pequenos.

Recordo-me duma tarde em que vi Kerfoot, um dos caçadores, perder um dedo por esmagamento sem sequer emitir um gemido, ou mostrar no rosto a menor expressão de dôr. Não obstante esse homem entregava-se a terriveis acessos de colera por coisinhas insignificantes.

Era o que lhe sucedia agora. Por motivo duma divergencia com outro caçador, Kerfoot vociferava e sacudia os braços no ar para maior relevo dos berros e pragas que lhe saíam da boca. Kerfoot afirmava que os filhotes de foca nascem sabendo nadar e esse outro caçador, Latimer, um esbelto moço de olhos apertados, visivelmente norte-americano, sustentava que não, que as focas dão cria em terra justamente porque seus filhotes têm que aprender a nadar, como os passaros têm que aprender a voar.

Os demais caçadores, debruçados sobre a mesa, ou espichados em suas enxergas, mostravam-se sumamente entretidos pelo assunto, entrando com apartes em apoio dum ou doutro e ás vezes falando todos a um tempo, com muito berreiro e muita mimica. O assunto era pueril e a argumentação, mais ainda. Nem era argumentação. O metodo de prova consistia em afirmar, negar, impor. Provavam que um filhote de foca nasce ou não nasce sabendo nadar pela afirmação ou negação com violencia belicosa, ou com ataques contra o oponente, negando-lhe cabeça e bom senso, ou insultando-lhe a nacionalidade. Tambem o passado dum homem vinha á tona, para ajudar a prova da habilidade ou inhabilidade natatoria das foquinhas. Recordo isto para mostrar o calibre mental dos homens com os quais eu estava em contáto. Perfeitas crianças em corpos de adulto.

Fumavam constantemente o mais fedorento e ordinario tabaco que ainda vi. O ar em torno deles tinha sempre uma nuvem espessa de fumo. Isto, junto com o balouço constante da escuna, seria mais que bastante para provocar em mim o enjoo, se eu fosse sujeito a esse mal. Não o era, e o enjoo que naquele momento senti devo levar á conta do estado do meu joelho e do cansaço.

Deitei-me e pús-me a refletir sobre a situação. Era na verdade absurda! Eu, Humphrey Van Weyden, estudioso e diletante da vida, amigo da arte e da literatura, alí — jogado alí, como um fardo, naquela terrivel escuna de caça e pesca! Criado de bordo, eu que jamais soube o que fosse serviço braçal! Sempre vivi a vida calma e sedentaria do estudioso, sob a garantia duma renda apreciavel. Nunca me atraíram os esportes atleticos, nem a vida violenta e aventurosa. Fui sempre um caruncho dos livros, como meu pai e minhas irmãs diziam. Uma unica vez fiz uma excursão pelo campo, e mesmo nessa larguei logo os companheiros para voltar o quanto antes ao aconchego do lar. E estava agora com medonhas perspetivas pela frente — copeiro, criado de bordo, descascador de batatas, arrumador de mesa, lavador de pratos... Eu não era de constituição robusta. Os medicos de casa sempre acharam bôa a minha constituição, mas pouco desenvolvida por falta de treino. Meus musculos poderiam equiparar-se ao duma mulher sadia. Mas sempre recusei-me ao uso sistematico da ginastica, preferindo desenvolver o cerebro a engrossar os musculos.

Tudo isto me passava pela cabeça, ao rever a situação e ao considerar o papel que o destino me pusera a representar na vida. Tambem pensei nos meus — em minha mai e minhas irmãs, certas de minha morte no naufragio do Martinez e imaginei as angustias por que estariam passando. Cheguei a ver o meu necrologio nos jornais, e os collegas do Clube Universitario meneando a cabeça e dizendo: "Pobre Humphrey!" E quasi que pude ver Charley Fureseth, no momento em que nos separamos pela ultima vez,

metido no seu pijama, sentado no amplo divan que tambem lhe servia de cama, a lançar contra si mesmo epigramas pessimistas.

E agora, aquela escuna de lugubre nome, corcoveando sobre a imensidão das aguas comigo em seu bojo! O vento silvava nas cordas. De quando em quando ouviam-se passos no convés. Estalidos continuos de todos os lados — o madeirame que rangia, gemendo ao esforço das torções. Os caçadores, sempre a fumar e discutir, agindo como verdadeiros anfibios semi-humanos.

O ar, cheio de blasfemias e expressões chocosas. Que caras! As expressões terriveis daqueles rostos eram agravadas pelo jogo de luz da lampada fumarenta que balouçava ao ritmo do barco. Pareciam féras em jaula sem grades. Roupas de oleado e botas grosseiras pendiam do tapume e, aqui e acolá, carabinas e revólveres entremostrando-se nas prateleiras.

Perfeito arsenal de bucaneiros e piratas dos tempos idos. Minha imaginação exaltava-se e eu não podia conciliar o sono. Que horas interminaveis e sinistras!

Aquela noite passada entre os caçadores na prôa foi a primeira e a ultima. No dia seguinte, Johnson, o novo contra-mestre, veiu dormir ali e eu tive ordem de tomar a sua pequena cabina, que no começo da viagem tivera dois ocupantes. A razão desta contradansa estava na barulheira que Johnson fazia em sonhos, dando ordens, berrando, insultando, reproduzido, em suma, o que se passava de dia. Lobo Larsen, incomodado com aquilo, resolveu tranferir o inconsciente perturbador do socego noturno para a prôa — e os caçadores que o aturassem.

Mas daquela noite não me esquecerei nunca. Noite de insonia e agonia. Levantei-me fraquissimo, para dar começo ao meu segundo dia de trabalho na Ghost. Mugridge fez-me saír da cama ás cinco e meia, com a mesma brutalidade com que Bill Sykes fazia levantar o seu cão: mas essa brutalidade custou-lhe caro. O barulho inutil que fez para "acordar-me", a mim que não pregara olho a noite inteira, irritou um dos caçadores, que, mesmo na semi-escuridão envolvente, lhe atirou uma bota á cara. Mugridge, depois dum gemido de dôr, passou a pedir desculpas a todos, com a maior humildade. Mais tarde, na cozinha, notei que sua orelha fôra rasgada pelo calcanhar da bota e estava pendente. E assim ficou toda a vida, sendo crismado pelos marinheiros de orelha de couve-flôr.

O dia começou sem promessas de nada bom. Verificando que minhas roupas já estavam enxutas, a primeira coisa que fiz foi desfazer-me das do cozinheiro. Examinei minha carteira, que ficara na roupa a secar e onde havia cento e oitenta dolares. Encontrei-a inteiramente vazia. Falei disso ao cozinheiro e tive uma resposta inesperada.

— Olhe aqui, imbecil, começou ele com os olhos brilhantes de malicia; você quer então ter o nariz esborrachado? Se pensa que sou ladrão, guarde comsigo essa idéa, do contrario verá o que lhe acontece. Bah! Se isto não é ingratidão das boas! Vem para cá um pobre trapo humano trazido pelas ondas, que eu recebo em minha cozinha e trato como gente — e eis a paga recebida! Da proxima vez, que vá para o inferno. Terei muito gosto em ajuda-lo a caír lá.

Disse isso e cresceu para mim de punhos cerrados. Confesso que me acovardei deante da ameaça e fugi. Que poderia fazer, digam-me? Apenas a força bruta dominava naquele navio. Direito ou qualquer forma de suasão moral de nada valia. Ponham o caso em si: um homem de estatura mediana, delgado de corpo e de musculos mal desenvolvidos, que sempre viveu vida pacata e sempre fugiu a qualquer especie de violencia — que poderia fazer esse homem? Tão inepto seria arrostar a colera de tais brutos como arrostar o arremesso dum touro enfurecido.

Foi como raciocinei naquelle passo, e como me pús em paz com a minha consciencia, embora a arder no desejo de vingança. Mas até hoje não posso recordar-me do lance sem revolta. A situação era brutal e da minha parte não comportava outra saída; não obstante, a vergonha põe-me fogo ás faces sempre que me recordo da horrivel humilhação sofrida.

A rapidez com que fugi da cozinha agravou-me seriamente a dôr do joelho, e deixei-me caír angustiado em certo ponto da popa. O cozinheiro, entretanto, não me perseguiu.

— Vejam como foge! pude ouvi-lo dizer. Parece um veado! Volte, imbecil, eu não vou matá-lo...

Voltei e retomei o serviço — e o caso terminou aí, embora tivesse mais tarde novos desenvolvimentos. Pús a mesa para o almoço dos caçadores e servi-os. A tempestade havia amainado durante a noite; todavia o mar estava grosso e ainda ventava rijo. A Ghost singrava com todas as velas armadas, excepto a do traquete, a bujarrona e o velacho, que, como ouvi falar durante o almoço, iam ser içada tambem. Lobo Larsen queria aproveitar o vento, esperando com ele fazer o maximo da sua rota rumo ao Japão.

CAPITULO V

Depois do almoço sofri mais alguma coisa. Logo que acabei de lavar os pratos fui fazer a limpeza da cabina e de lá saí com uma lata de cinzas retiradas da chaminé para deita-las fóra. Lobo Larsen e Henderson estavam junto á roda do leme em conversa com Johnson, o timoneiro. Ao vêr-me passar com a lata para despejá-la do lado do vento, Johnson fez-me um sinal, que confundi com saudação de bom dia. Na realidade era um aviso para que não lançasse as cinzas daquele lado e sim do oposto. Mas nada percebi, e passando por Lobo Larsen e Henderson joguei as cinzas ao lado errado — e o vento as devolveu, fazendo-as espalharem-se pelo tombadilho, com polvilhamento dos dois homens. Imediatamente senti-me tratato a pontapés, como um cão — e nunca imaginei que pontapé pudesse ser golpe tão terrivel. Tudo começou a girar em torno de mim. Vieram-me nauseas incoerciveis e fui obrigado a agarrar-me a uma porta da cabina para não desfalecer. Mas Lobo Larsen não me seguiu. Depois de sacudir-se das cinzas, retomou a conversa com Handerson. O contra-mstre Johnson viu o desastre e mandou tres marinheiros lavar o tombadilho.

A' noite tive outra surpreza, mas de diferente naipe. Indo a mandado do cozinheiro fazer a arrumação da cabina de Lobo Larsen, lá vi uma estante cheia de livros. Olhei-os com espanto. Obras de Shakespeare, Poe, Tennyson e De Quincey. A astronomia e a fisica tambem estavam representadas. Vi ainda a Idade da Fabula, de Bulfinch, a Historia da Literatura Inglesa e Americana, de Shaª e a Historia Natural, de Johnson. Havia ainda gramaticas e um exemplar do "Dea's English", que me fez sorrir.

Era-me impossivel compreender a existencia daqueles livros na cabina dum bruto que procedia como Larsen, a não ser que estivessem ali por acaso, não para serem lidos. Ao arrumar a cama, entretanto, descobri uma edição completa de Browning aberta na poesia "In the Balcony", e com passagens marcadas a lapis. Um papel assinalava um pagina — um papel com diagramas geometricos e calculos.

Evidentemnte Larsen não era apenas a brutissima féra que suas violencias me haviam mostrado — e tornou-se-me logo um enigma para o espirito. Ou era o homem daqueles livros ou era o Larsen daquelas brutalidades. Que coexistissem os dois num mesmo ser parecia-me absurdo. Já havia eu notado que Larsen manejava a lingua excelentemente, embora incorrendo em leves deslises. No tratar os marujos falava como eles, mas nas poucas palavras que me dirigiu notei logo a correção.

O encontro dos livros deu-me coragem para abordá-lo a respeito do dinheiro que me desaparecera do bolso.

— Fui roubado, disse-lhe logo depois, quando o vi só na popa.

— Senhor, corrigiu elle, sem brutalidade, mas severo.

— Fui roubado, senhor, repeti.

— Como aconteceu isso? perguntou-me.

Contei-lhe tudo — minhas roupas deixadas a secar na cozinha e as ameaças do cozinheiro quando reclamei contra o abuso.

Larsen sorriu.

— Limpeza, disse ele. Limpeza do cozinheiro. Mas, diga-me, não acha que a sua miseravel vida vale o que perdeu? Considere-o como uma lição e aproveite-a. Saiba cuidar melhor do que é seu. Com certeza até aqui quem cuidava do seu dinheiro era algum procurador, não?

Notei que um calmo sorriso ironico pairava em seus labios, mas mesmo assim atrevi-me a perguntar como poderia rehaver o dinheiro.

— Isso é lá consigo. Não tem aqui advogado ou procurador de quem soccorrer-se e pois ha que solucionar o caso por si mesmo. Quando apanhar um dolar, enforque-o. Quem deixa o dinheiro largado, ao alcance dos outros, merece perdê-lo. Além do mais, você pecou. Não tem o direito de tentar os homens. Você tentou Cooky — e ele caiu na tentação. Você, com a tentação, pôs-lhe a alma em perigo. Diga-me cá, crê na imortalidade da alma?

Suas palpebras ergueram-se lentamente a esta pergunta, e pareceu-me que o interior daquele homem estava a abrir-se deante de mim. Illusão pura. Creio que ninguem na vida jamais viu abrir-se a alma de Lobo Larsen. Era uma alma solitaria das que não se mostram.

Uma alma que nunca se mostrou, embora em certos momentos brincasse de abrir-se.

— Leio a imortalidade da alma em seus olhos, respondi, deixando de lado o "senhor" a titulo de experiencia.

Ele não prestou atenção a esse detalhe e disse:

— Nos meus olhos lê algo que vive, mas não que deva necessariamente viver sempre.

— Leio mais que isso, continuei intrepidamente.

— Lê então dominação sobre mim proprio. Lê vida consciente disso, mas não lê a perpetuidade dessa vida.

Como pensava com clareza e com que clareza expunha o que pensava! Depois de encarar-me com curiosidade volveu os olhos para o mar plumbeo. Leve sombra enevoou-lhe os olhos emquanto as linhas da boca endureciam. Estava evidentemente em "mood" pessimista.

— E para que? continuou, voltando a olhar-me de novo. Por que e para que seria eu imortal?

Entreparei. Como poderia explanar o meu idealismo para tal homem? Como poderia reduzir a palavras o que eu sentia — esse intraduzivel "que" mais convincentemente que argumentos logicos, inatingivel á expressão como certas musicas ouvidas em estado de semi vigilia?

— E o senhor, que pensa? contra-perguntei.

— Penso que a vida é uma confusão, respondeu ele de pronto. A vida é como o fermento, uma levedura que se move por um minuto, uma hora, um ano, um seculo, um milenio, mas que por fim terá de paralisar seus movimentos. Para manter-se em movimento, o grande come o pequeno, o forte come o fraco para manter-se forte. O que tem sorte prolonga o seu movimento por mais tempo, eis tudo.

E apontando para os marinheiros em labuta no serviço de bordo:

— Eles movem-se, tal qual a agua-viva. Movem-se para que possam comer, e comem para manter-se em movimento. Eis tudo. Vivem por amor do estomago e o estomago neles funciona para os manter em vida. E' um circulo vicioso. Não conduz a nada. Ao cabo de certo tempo, paralisam-se. Cessam de mover. Morrem.

— Mas tambem sonham, disse eu. Sonham maravilhosos sonhos...

— Sonhos de vermes, concluiu Larsen sentenciosamente.

— E além disso...

— Vermes. Vermes de apetites mais fortes e capazes de os satisfazer. Reflita. Sonham com viagens bem sucedidas, que lhes hão de dar mais dinheiro. Sonham tornarem-se contra-mestres de navios, descobrirem tesouros — ficarem em melhor situação, em suma, para melhor depredarem seus companheiros, gosarem-se de repouso e forçarem outros a fazer para eles os trabalhos pesados. Tambem eu e você somos a mesma coisa. Não vejo diferença, a não ser que temos comido mais e melhor. Eu estou a devorá-lo agora — e a você tambem. Mas no passado você devorou mais e melhor do que eu. Dormiu em macias camas, usou roupas, finas e regalou-se de manjares. Quem fez essas camas, essas roupas e esses manjares? Não foi você. Você nada fez, nunca, com o suor do seu rosto. Sempre viveu duma renda conseguida por seu pai. Tal qual uma fragata, e das que atacam outras aves marinhas para lhes roubar o peixe. Você fez parte do bando que organizou o que chamam governo e que depreda o que os outros conseguem para si. Você usa roupas agradaveis. Outros teceram e coseram essas roupas — mas lá estão andrajosos a tiritar de frio, implorando de você, ou do seu advogado, ou do seu procurador, um miseravel emprego.

— Mas isto está fóra do nosso caso, exclamei.

— Absolutamente não, respondeu Larsen com os olhos fulgurantes. E' a sordidez da vida. E' a vida. E que senso pode ter imortalidade para tal porcaria? Qual a finalidade? Que é ela, em suma? Você jamais produziu alimentos. Entretanto o alimento que comeu, ou desperdiçou, poderia ter salvo a vida de milhares de creaturas que o produziram, mas dele não puderam utilisar-se. Que finalidade imortal pode ter você ou têm eles? Considere o nosso caso — o caso de nós dois. Que vale essa sua tão vangloriada imortalidade, se sua vida estrebucha, louca, nas minhas mãos? Você quer retornar á terra, que é o ambiente favoravel para a especie de porcaria em que se deleita. Já eu o conservo aqui, que é onde a minha porcaria floresce. E o mantenho aqui por capricho. Eu posso fazer ou desfazer você. Você pode morrer hoje, esta semana ou no proximo mês. Eu posso matar você com um murro, Já que não passa dum miseravel fraco. Mas se somos imortais, qual a razão disto? Sermos os porcos que temos sido, não me parece coisa de creaturas imortais. Diga-se porque o retenho eu aqui?

— Oh!, isso é horrivelmente desesperante! protestei.

— Concordo. Mas então para que movernos, se viver é apenas mover-se? Nada de desesperante, se não nos movessemos e não fossemos particulas de fermento. Mas — e aqui está tudo — nós ansiamos por viver ou por mover-nos. Se não fosse assim não haveria vida, tudo seria morte. E' por causa dessa vida que referve dentro de você, que você pensa em

imortalidade. A vida que tem consigo está alerta e quer e anseia por viver eternamente. Bah! Eternidade da porcaria!

Larsen virou nos calcanhares abruptamente e afastou-se. Logo depois deteve-se e chamou-me.

— Quanto foi que Cooky furtou? inquiriu.

— Cento e oitenta e cinco dolares, senhor.

Larsen fez um sinal de cabeça. Momentos depois, quando desci para cuidar da mesa, ouvi-o gritar com os homens no convés.

CAPITULO VI

Na manhã seguinte o mar caiu e a Ghost entrou a vogar serenamente. Alguns relampagos, entretanto, fulguravam a espaços, o que fazia Lobo Larsen vigilar na popa, sondando o horizonte a nordéste, donde o vento que precisavamos devia vir.

Numerosos homens no convés preparavam os botes de caça. Eram sete ao todo, contando com a guiga do chefe. A tripulação de cada um compunha-se dum caçador, um remador e um piloto. Pilotos e remadores eram tirados da tripulação da escuna, mas os caçadores tambem estavam sujeitos ás ordens de Lobo Larsen.

Vim logo a saber que a Ghost era considerada a mais rapida escuna de quantas circulavam entre S. Francisco e Vitoria. De fáto, havia sido antes um hiate particular, construido com muita atenção á rapidez. Suas linhas eram caracteristicas, diziam-no com eloquencia. Johnson contou-me coisas dessa escuna, numa conversa rapida que tivemos durante o segundo quarto da guarda, á noite. Falou com entusiasmo, como os turfmen falam dos cavalos. Já de Lobo Larsen falou mal, dizendo da pessima fama que gosava na roda dos capitães foqueiros. Foram as qualidades da escuna que levaram esses marinheiros a engajar-se nela, mas estava arrependido e prevendo horrores.

Por ele soube que a Ghost deslocava oitenta toneladas; media vinte e tres pés de largo por noventa de comprido. Um lastro pesadissimo, não pude saber de quanto, tornava-a muito estavel, mesmo levando em conta a imensa superficie das velas. O mastro mestre media mais de cem pés e o do traquete apenas uns oito ou dez pés menos. Estou dando estes detalhes para que o leitor possa avaliar as dimensões daquele mundinho flutuante que carregava no bojo vinte e duas vidas. Mundinho na realidade microscopico, uma pinta, um argueiro no oceano, e era espantoso que homens ousassem aventurar-se por sobre as aguas dentro de algo tão minusculo e fragil

Lobo Larsen possuia tambem reputação de navegador negligente. Ouvi-o a Henderson e a um dos caçadores. Dois anos antes fôra a Ghost desarvorada numa borrasca no mar de Bering, donde os mastros novos que trazia agora, mais pesados que os primitivos. Larsen declarara preferir que a escuna adernasse ao peso dos mastros a vê-los arrebatados noutro temporal.

Todos os homens de bordo, salvo Johnson, pareciam arrependidos do engajamento na Ghost. Metade deles eram homens de alto mar, e declaravam nenhum conhecimento da escuna e seu capitão no momento do embarque. E os que para alí vieram conscientemente queixavam-se de que os caçadores eram rixentos e de mau nome e porisso recusados em todas as outras escunas.

Fiz conhecimento com outro membro da equipagem, de nome Luiz, um irlandês da Nova Escocia, de cara redonda e jovial, rapagão sociavel e bastante tagarela. A' tarde, quando o cozinheiro dormia o seu sono de sésta e eu descascava as minhas eternas batatas, Luiz aparecia na cozinha para filar alguma gulodice. Sua explicação de estar na escuna era que se engajara num momento de bebedeira, pois seria a ultima coisa capaz de fazer quando não bebedo. Vivia em caça ás fócas já por uma duzia de anos, sendo considerado como habilissimo piloto.

— Ah! meu caro, dizia-me ele, esta é a peior escuna que você podia ter escolhido, embora agisse em estado normal e não bebedo, como eu. Navegar é o encanto do marinheiro, mas nunca num barco destes. O imediato já lá se foi — e não será o ultimo. Lobo Larsen é um demonio e a Ghost virou um inferno desde que tomou conta dela. Ah, não sabe? Não sabe que ha dois anos atrás Lobo Larsen, a bordo da Emma I, teve um motim e atirou cinco dos seus homens? Eu estava a trezentas jardas distante. Nesse mesmo ano matou mais um homem a soco. Sim, matou o. Esmagou lhe a cabeça como quem es-

maga um ovo. E estavam a bordo da Ghost o governador da Ilha de Kura e mais o chefe de policia, um cavalheiro japonês. Como hospedes, e acompanhados de suas mulheres, umas figurinhas mimosas como as que vemos pintadas nos leques. E quando a Ghost largou foram eles soltos nas suas sampans, para que se arrumassem como pudessem. E só uma semana depois as pobres figurinhas puderam alcançar terra do outro lado da ilha, tendo de galgar as montanhas que as separavam de suas casas com aqueles pesinhos delicados que mal suportam uma milha de caminheira. Ah, não sabia? Este monstro de Lobo Larsen é uma besta do Apocalipse, e ainda acabará mal. Mas — faz de conta que eu não disse nada a você, ouviu? Não pronuncie uma só palavra, está entendendo? Estou vivo e não pretendo morrer ainda.

— Lobo Larsen! rosnou ele alguns instantes depois. Lobo é, na realidade. E não de coração de pedra, como certos homens, visto que não possue coração de coisa nenhuma. Vazio. Lobo, apenas Lobo. Não acha que tem um nome certo?

— Mas se ele é assim, como encontra quem o acompanhe em suas viagens?

— Hoh, tantos geitos!... Eu, por exemplo, por que estou cá? Bebedeira. Ha caçadores, que não são aceitos em nenhum outro barco. Ha os que embarcaram por ignorancia, como os pobres diabos de prôa. Mas todos vão aprender á custa propria e hão de amaldiçoar o dia em que nasceram. Mas — eu não disse nada, nada, está ouvindo?

Em seguida:

— Esses caçadores são gente má. Mas Larsen os vai endireitar. Que esperem. Vai meter o medo de Deus em seus corações podres e negros. Veja o tal Horner. Chama-se James Horner e parece coisa boa, delicado como moça, todo maciezas e manteigas derretidas. Pois matou o seu piloto o anno passado. A coisa foi dada como acidente, mas eu estive num rebocador em Yokohama e soube de tudo. E o tal Smoke, o demonio negro? Não esteve tres anos na Siberia por ter cometido roubos na ilha do Cobre, que é uma possessão russa? Lá na mina de sal onde esteve presidiado virou corda e caçamba com um companheiro. Depois brigaram e Smoke o fez vir á superficie aos pedaços, num balde — hoje uma perna, amanhã outra, depois os braços, a cabeça e o resto.

— Impossivel! Exclamei horrorizado. Será verdade isso?

— Mas não está aqui quem falou, lembre-se. Não disse nada, nada, entende? Sou surdo e mudo, como você tambem deve ser — por amor á sua mãi. Faça como eu que jamais abri a boca para falar de quem quer que seja.

Johnson, o homem que me friccionou o peito quando fui recolhido a bordo, parecia-me o menos dissimulado da escuna. Realmente nada percebi de duvidoso ou suspeito nele. Chamava a attenção pela fraqueza e varonilidade, temperadas duma modestia que nada tinha de timida. Ao contrario, Johnson tinha a coragem das suas idéas e a convicção da sua força. Foi por isso que protestou no começo das nossas relações contra chamar-lhe eu Yonson. Tambem Luiz o julgava assim.

— E' um belo companheiro esse Johnson de cabeça quadrada, disse ele. O melhor marinheiro de prôa. E' o meu remador, quero dizer, o melhor remador do meu bote. Mas vai ter embaraços com Lobo Larsen a qualquer momento. Sei disso. Estou vendo as coisas fermentarem e crescendo como nuvem de borrasca no ceu. Falei-lhe como a um irmão, mas Johnson não quer saber de fingir. Resmunga quando vê coisas tortas — e tudo chega aos ouvidos de Lobo Larsen. O capitão é forte e os lobos detestam os que tambem são fortes — e força será o que ele vai ver em Johnson, força, não zumbaias e "Sim, senhor. Obrigado, senhor". Insultos tambem e golpes, isso sim terá ele de Johnson. O choque não tardará, e não sei onde encontrar outro remador que o valha. Quando Lobo o trata de Yonson ele replica: Meu nome é Johnson, senhor", e soletra a palavra de dentes cerrados. Queria que você lhe visse a cara! Parece gato que vai dar bote. Não o fez ainda, mas fará. Conheço esta gente do mar.

Tomaz Mugridge estava-se tornando insuportavel. Obrigava-me a dar-lhe de Senhor a cada frase. Uma das razões disso pareceu-me ser a familiaridade que Lobo Larsen entrou a mostrar com ele. Coisa sem precedentes, um capitão a tratar assim um cozinheiro de bordo. Duas ou tres vezes meteu a cabeça na janela da cozinha e caçoou com Mugridge, de bom humor. Doutra feita ficou na popa de conversa com ele por uns quinze minutos. Quando Mugridge reapareceu na cozinha estava radiante e pôs-se a cantar modinhas em voga, numa horrivel voz de falsete.

— Eu sempre me arranjo com os officiais, observou-me em tom confidente. Sei como fazer-me estimado. Foi assim com o meu ultimo "shipper", que me recebia em sua cabina para entortar comigo o gargalo. "Mugridge, dizia ele, sabe que errou a vocação? Você devia ter nascido nobre para nunca precisar de trabalho". Deus me arroje ao inferno se não foi assim que ele falou, emquanto bebia comigo em sua cabina!

Essa tagarelice distraía-me, apesar do odioso daquela voz. Seu tom gordurosamente insinuante, seus sorrisos hipocritas e aquela imensa

presunção agiram de tal forma sobre os meus nervos que me fazia tremer. Positivamente era a creatura mais desprezivel e asquerosa que ainda encontrara na vida. A sujeira da cozinha não tinha limites, e como ele preparasse toda a comida que aparecia a bordo, eu era forçado a escolher com grande cautela o que menos sujo me parecesse.

Minhas mãos muito sofreram, deshabituadas de trabalho grosseiro como eram. As unhas tornaram-se-me negras e asperas, e a péle encardiu a ponta que nem a esfregação de escova lhe melhorava o aspecto. Mais tarde vieram-me borbulhas em quantidade, e ainda apanhei uma queimadura no antebraço, em consequencia dum escorregão que me fez caír sobre a chapa quente. Tambem meu joelho continuava a magoar-me. A inchação não cedera; a rotula continuava deslocada. Só poderia sarar com repouso — mas não havia repouso para mim.

Repouso! Antes daquele periodo de provações jamais prestei atenção ao significado dessa palavra. Eu passara a vida repousando sem o saber. Mas agora, se pudesse vadiar tranquilo, sem nada fazer, sem nada pensar, oh, isso seria para mim o paraiso na terra! A lição valeu num ponto. Saberei daqui por deante avaliar a vida dos que trabalham. Nunca, nem por sombras, havia eu sonhado que o trabalho fosse coisa tão penosa. Das cinco da manhã ás dez da noite vivo como escravo de todos, sem uns instantes de folga a não serem uns minutos que consigo furtar no fim do segundo quarto. Se páro um momento para apreciar o aspecto das ondas faiscantes de sol, ou espiar um marinheiro que trepa ao mastro grande, uma voz odiosa faz-se ouvir incontinente:

— Olá, Humf! Nada de sonhos. Tenho-te os olhos em cima.

Vejo sinais de mau humor na tripulação. Correm boatos de que Smoke e Henrique tiveram uma rusga séria. Henderson parece o melhor dos caçadores, e é alem disso rapaz moroso, dificil de irritar-se; mas deve ter-se exaltado bastante, visto como Smoke apresenta uma grande mancha negra no olho e parecia grandemente alterado quando entrou na cabina para a ceia.

CAPITULO VII

Pouco antes sucedera algo de muito cruel, indicativo da brutalidade e covardia daquela gente. Ha um noviço na escuna de nome Harrison, camponês desageitado que o espirito de aventura (penso eu) empolgou e fez engajar. Está na sua primeira viagem. Harrison fôra mandado subir pelas adriças para arrumar uma vela a pratica e é sempre arriscado marinhar cordas acima de oitenta pés de altura. Se o mar estivesse bom e a escuna mais estavel, não seria nada. Mas havia mar grosso, de modo que as velas bojavam irregularmente e a um sacão do vento poderia deitar abaixo um homem inexperto que estivesse nas adriças.

Harrison recebeu a ordem e hesitou. Johnson, o contra-mestre, que já havia adquirido os habitos brutais do capitaão, irrompeu numa rajada de insultos.

— Basta, interveiu Lobo Larsen bruscamente. Quem injuría neste barco sou eu só. Retire-se.

— Sim, senhor, foi a resposta humilde do imediato.

Entrementes Harrison começou a sua ascenção pelas adriças. Da porta da cozinha pude vê-lo, a tremer, como se atacado de maleita. Subia lenta e prudentemente, polegada a polegada. Sobre a imprimadura do ceu claro lembrava uma aranha enorme a marinhar pelos fios da teia.

Era como uma ascenção de montanha, mas com o precalço que o vento não estava bastante forte para enfunar a vela; assim frouxa, o rapaz nada podia prever. A meio caminho, a Ghost deu uma guinada violenta. Harrison deteve-se e segurou-se firme. De oitenta pés abaixo eu podia ver o tremendo esforço dos seus musculos, crispados no desespero de salvar a vida. Subito a vela esvaziou-se, as adriças bambearam e pude vê-las ceder ao peso do seu corpo. Em seguida a vela enfunou de brusco e chicoteou o rapaz.

Uma das suas mãos perdeu o apoio. Vi a outra agitar-se no ar por um instante. Harrison caiu, mas com a felicidade de ficar preso pelas pernas. E dependurado, ficou a gritar.

— Aposto que não está com apetite para a

ceir ouvi Lobo Larsen dizer. Saia daí de baixo, Johnson! Cuidado! Vem coisa!

De fáto, Harrison estava em ansias de vomito, sempre dependurado, sem tentar safar-se. O contra-mestre, entretanto, continuava a gritar-lhe que fizesse o serviço.

— E' uma vergonha! murmurou Johnson perto de mim. O rapaz tem boa vontade e aprenderá, se lhe derem oportunidade. Mas isto é um...

A palavra "crime" não saiu de sua boca porque Luiz o interrompeu dizendo:

— Cale-se! Pelo amor que tem em sua mãi, cale-se, Johnson!

Mas Johnson continuou a resmungar.

— Olhe, disse o caçador Standish a Lobo Larsen, esse rapaz é remador do meu bote e não posso perdê-lo.

—E' seu remador no bote; aqui na escuna é meu marinheiro e farei dele o que entender, foi a resposta.

— Mas isso não é razão, insistiu Standish.

— E', declarou Lobo Larsen cortantemente. O homem é meu e farei dele sopa, se o quizer.

Um raio de colera fuzilou nos olhos do caçador, mas teve de retirar-se dalí e ficar acompanhando a cena de longe. Toda a tripulação estava no convés, de olhos para o ar, fixos naquela vida a debater-se contra a morte. A insensibilidade daqueles homens, aos quais a organização industrial entregava a vida de outros homens, era espantosa. Eu, que sempre vivera com os meus livros e meio no mundo da lua, jamais supús que as coisas deste mundo fossem assim. A vida, que sempre me parecera sagrada, alí na escuna não entrava em linha de conta, valia zero. Devo entretanto notar que entre os marinheiros ainda havia um pouco de simpatia humana, como no caso de Johnson; mas entre os mais graduados, os caçadores e o capitão, absolutamente nenhuma. O proprio protesto de Standish apenas teve por causa o meio de perder um remador do seu bote de pesca. Não fosse isso, e divertir-se-ia tanto quanto os demais.

Mas voltemos a Harrison. Ao cabo de dez minutos de insultos, e repisamento de ordens violentas por parte de Johnson, o rapaz conseguiu o controle de si proprio, e então ganhou a ponta da carangueja onde tinha mais geito de manter-se. Lá desembaraçou a vela, como havia ordenado Johnson, e portanto podia descer, mas perdera o governo dos nervos de modo a não animar-se a isso. Apesar da pouca segurança da sua situação, não tinha coragem de abandona-la.

O pobre rapaz correu os olhos pelo caminho aéreo que tinha de percorrer, para alcançar o convés — e seus olhos arregalaram-se e todo o seu corpo tremeu. Nunca, em minha vida, pude ver o pavor mais fortemente estampado em rosto de creatura. Inutilmente Johnson lhe gritava que descesse, e embora dum momento para outro pudesse escorregar donde estava, não se movia, como que paralisado pelo terror. Lobo Larsen passeava pelo convés conversando com Smoke, sem dar atenção ao caso; apenas gritou com aspereza para o homem do leme, que se distraíra:

— Está desviando a rota, meu caro. Cuidado, senão já sabe o que acontece.

O timoneiro corrigiu o deslise. De fáto, deixara que a Ghost virasse, de geito que o vento désse em cheio na vela de traquete, mantendo-a enfunada e firme. Fê-lo para ajudar Harrison e com risco de incorrer na colera de Larsen.

O tempo ia correndo e a angustia daquela situação tornava-se-me horrivel. Já Mugridge achava-lhe uma graça imensa; volta e meia aparecia com a cara á janela da cozinha para ver se o rapaz ainda não se esborrachara e fazia observações jocosas. Como o execrei nesses momentos!! Pela primeira vez na vida tive impetos de matar. Comecei a "ver vermelho". A vida humana era para mim sagrada, mas a vida de Mugridge eu a esmagaria sem vacilação. Cheguei a assustar-me, quando tive a conciencia de que estava vendo vermelho. Seria então que a brutalidade do ambiente já me tinha contaminado? A mim, que nem sequer admitia á pena de morte, ainda para os peiores crimes?

Boa meia hora passou-se. Ao cabo vi Luiz e Johnson altercando. Luiz agarrara Johnson, que por fim desembaraçou-se e avançou para o mastro grande. Colheu a corda e pôs-se a trepar. Lobo Larsen interveiu imediatamente.

— Que é lá isso? Que pretende fazer?

A subida de Johnson foi sustada, e com os olhos fixos nos do capitão o generoso marinheiro respondeu com vagar:

— Vou ajudar o menino a descer.

— Quem vai descer dessa corda é você, e já, ouviu?

Johnson hesitou; mas dominado pelo treino de longos anos de obediencia céga aos capitães de navio, abandonou a empreza e dirigiu-se para a prôa, longe dalí.

A's cinco e meia desci para pôr a mesa da cabina; desci sem saber o que estava fazendo, tão cheio tinha os olhos e o cerebro da visão terrivel daquele pobre rapaz que, como um besouro inerme, agarrava-se a uma trave lá em cima. Quando servi a ceia, ás seis horas, e passei pelo convés com os pratos trazidos da cozinha, vi que Harrison ainda se conservava n[illegible]ção.

A conversa na mesma versou sobre varios

assuntos, sem de leve tocar no drama a processar-se no topo do mastro. Ninguem parecia ter interesse no caso. Afinal respirei. Voltando de novo á cozinha vi que Harrison descera e, exausto, arrastava-se para o castelo da prôa.

Antes de fechar a historia deste incidente reproduzirei a minha conversa com o capitão, na cabina, emquanto tirava os pratos.

— Pareceu-me estranho esta tarde, Humf, disse ele. Que houve?

Larsen notara que eu sofrera tanto quanto Harrison e queria sondar-me. Respondi:

— Doeu-me o mau tratamento que teve aquele rapaz.

Larsen riu curto.

— E' uma especie de enjôo, como o enjôo do mar. Algumas criaturas são sujeitas a ele; outras, não.

— Não é isso, contestei.

— E' isso, sim, reafirmou Larsen. A terra é toda brutalidades, como o mar é todo movimentos. Uns homens enjoam com os movimentos do mar e outros enjoam com as brutalidades da terra. Nada mais.

— Será então que o senhor não dá nenhum valor á vida humana?

— Valor? Que valor? indagou Larsen, fitando-me com os olhos parados. Que especie de valor? Como se mede esse valor? Quem julga ou avalia esse valor?

— Eu, por exemplo.

— E que vale ela, a vida de um homem, para você? Diga-me, que vale ela?

Embaracei-me na replica. Embora eu possua a expressão facil, diante de Lobo Larsen sempre me via atrapalhado por falta das palavras convenientes. Parte devido ao vigor da sua personalidade, parte por ser ele uma creatura totalmente diversa de quantas até então eu conhecera. Ao contrario de outros materialistas meus conhecidos, com os quaes sempre me encontrava num ponto ou noutro, com aquele não me sentia afim em coisa nenhuma. Tambem a simplicidade elementar do seu genio me desnorteava. Larsen ia diretamente ao amago da questão, despojando-a de todas as vestes acessorias, e com tal precisão que me sentia como a lutar em aguas profundas, sem ponto de apoio para os pés. O valor da vida? Como poderia responder a essa pergunta, alli, na excitação do momento? Para mim era axiomatico o valor sagrado da vida. Sempre considerei assim e nunca meu espirito examinou o caso. Era-me dogma, que nunca vi negado, ou discutido. E quando Larsen abriu a questão, vi-me sem argumentos, desarmado, incapaz de réplica.

— Já hontem conversamos sobre esse ponto, continuou ele. Afirmei que a vida é fermento, qualquer coisa levedada que devora outros levedos para manter-se em movimento, e que viver não passa duma sordidez bem succedida. Não vê que em materia de oferta e procura a vida é a mercadoria mais barata que existe? Tudo tem limitações, menos a vida. Existe tanto de ar, tanto de agua, tanto de terra. Quantidades limitadas. Mas a vida que procura brotar, não tem limites. A natureza é infinitamente prodiga de vida. Veja o peixe e seus milhões e milhões de ovos. Em nós dois, por exemplo. Ha em nós dois, em nossas glandulas, possibilidades para milhões de vidas. Tivessemos tempo, e meios de utilisar o que ha de vida em nós dois, e seriamos progenitores de continentes inteiros. Vida! Bah! Não tem valor. Entre as coisas baratas é a mais barata. Por toda a parte vejo-a mendigando. A natureza derrama vida com mão larga. Onde ha lugar para uma vida a natureza faz brotar mil. E vida devora vida, vive de vida para que sobreviva a mais forte — isto é, a mais estercada, a mais porca.

— O senhor evidentemente leu Darwin, disse eu, mas tem das suas teorias uma compreensão erronea, visto como deduz que a luta pela vida sanciona o desprezo pela vida.

Larsen encolheu os hombros.

— Você restringe a questão pensando na vida só em termos de vida humana. Esquece que a vida manifestada no boi, na galinha e no peixe você mesmo a destroi tanto quanto eu ou outro qualquer. E no entanto a vida é sempre a mesma, seja num homem ou num peixe. Porque hei de dar valor á vida humana, se a tenho inda mais barata que a dos peixes? Ha no mundo mais marinheiros do que navios que os comportem, e mais operarios do que fabricas que os abriguem. Você, que é um bicho da terra, sabe como se amontôa gente pobre nas espeluncas das cidades, a morrer de fome e a empestar o ambiente — a como ainda sobram creaturas de todos os lados a estorcerem-se na miseria — gente que você não sabe o que fazer dela. Já viu o exame de vida das docas de Londres, batendo-se com ferocidade para conseguir um bocado de trabalho?

Larsen tomou rumo da escada, mas entreparou para lançar-me um golpe final.

— O unico valor que a vida tem é o que ela atribue a si mesma. E esse valor é duvidoso por ser valorisação em causa propria. Tome por exemplo o rapaz que subiu ao mastro. Agarrava-se lá como se sua pessoa fosse algo precioso, um tesouro mais rico que uma arca de diamantes. Precioso para você? Não. Para mim? Não. Para ele apenas. Mas eu não concordo com a avaliação, com o apreçamento que ele faz de si proprio. Acho que exagera. Ha muita vida anciosa por brotar. Se o rapaz houvesse caído e espalhado os miolos pelo convés, como o mel

que se derrama da colmeia, não haveria nenhuma perda para o mundo. Um individuo nada vale para o mundo. O suprimento é grande demais. Só para si proprio tem valor — e para que você veja como esse valor é ficticio, considere que, uma vez morto, cessaria no rapaz a consciencia do que perdeu. Somente ele é que se avaliou o preço mais alto que a arca de diamantes. A arca de diamantes que ele supõe ser ter-se-ia derramado sob forma de miolos pelo convés; uns baldes dagua e umas vassouradas varreriam tudo para o mar e já com a consciencia morta, nem ele proprio viria a saber que os seus diamantes estavam indo para o bucho dos peixes. O rapaz não perderia nada com o perdimento de si proprio, porque não teria siquer conhecimento disso. Não estou certo? Tem alguma coisa a objectar?

— O senhor não ha duvida que é coerente, foi tudo quanto consegui dizer — e voltei á lavagem dos meus pratos.

Depois de tres dias de ventos irregulares, alcançamos afinal a zona dos alisios. Subi ao convés após uma boa noite de descanço, a despeito do meu pobre joelho, e vi a Ghost espumejando dambos os lados com brisa fresca á popa. Oh, a maravilha dos ventos alisios! Durante todo o dia navegamos com perfeita regularidade. A escuna vogava como por si mesma. Nenhuma necessidade de manobrar velas, nenhum trabalho para a tripulação, exceto governar. A' noite, depois do sol deitar-se, as lonas eram colhidas; de manhã ficavam a exgotar-se do orvalho noturno antes de serem novamente abertas. E nada mais.

Dez nós, onze, doze — a velocidade variava a espaços. E com o bom vento noroéste sempre a soprar, faziamos, no intervalo de dois crepusculos, duzentas e cincoenta milhas em média. Entristecia-me, e tambem me alegrava, a rapidez com que S. Francisco ia ficando para trás e a escuna se aproximava dos tropicos. Os dias tornavam-se mais quentes. Ao segundo quarto, antes de caír a noite, os marinheiros vinham para o convés a inunda-lo dagua carregada em baldes. Peixes voadores principiavam a aparecer, e durante a noite o guarda corria pelo convés afim de apanhar os que alí tombavam. Pela manhã Mugridge deixava-se subornar e fazia a cozinha rescender com o cheiro do peixe frito; emquanto isso, de popa a prôa era servida a carne dos delfins que Johnson costumava pescar.

Johnson consumia todas as suas horas de folga a regalar-se com o espetaculo da Ghost a romper as vagas sob a pressão das velas. Havia paixão, adoração em seus olhos. Numa especie de loucura euforica, quedava-se a olhar extaticamente para as velas pandas, para a esteira de espuma, para as vagas em eterna palpitação.

Dias e noites eram-me uma para "maravilha de selvagem deleite", e comquanto possuisse poucos momentos de lazer empregava-os todos, e ainda furtava do trabalho o que podia, em observar-me na gloria daquele mar — puro sonho que jamais suspeitei pudesse existir no mundo. Em cima, o céo imaculadamente azul — azul como o mar que em baixo era setim rebrilhante. Em redor do horizonte, nuvens palidas, de algodão, imoveis, como embrechadas de prata fosca sobre a imprimadura celeste de turqueza translucida.

Não posso esquecer a noite em que me deixei ficar no castelo de prôa a olhar o V da espuma que a quilha do barco abria na massa liquida. O rumor soava-me aos ouvidos qual marulho de corrego sobre pedras verdes de musgo nalgum suave recanto de floresta. Aquele murmurio dormente fez-me alheio a mim mesmo. Eu não era mais Humf, nem o servente de cabina, nem o Van Weyden que durante trinta e cinco anos sonhara entre os livros. Subito, uma voz atrás de mim — a inconfundivel voz de Lobo Larsen — firme, segura de si, despertou-me.

Recitava uns versos que traduziam, em absoluto, o vago que ia dentro de mim.

— Olá! Que impressão lhe causam estes versos? perguntou-me após uma pausa.

Fitei-o nos olhos. Tinha-os inundados de luz, como estrelas.

— O que me impressiona é que haja entusiasmo em seu coração, respondi friamente.

— Por que, homem? E' a vida! Apenas a vida! foi a sua resposta.

— Cousa aliás baratissima ou sem nenhum valor, acrescentei como a completar-lhe o pensamento.

Larsen riu-se — e pela primeira vez notei alegria sã em sua voz.

— Ah, não posso fazer-me comprehendido! Não posso fazer entrar na sua cabeça o que é a vida. De fáto, a vida é sem valor, exceto para si mesmo. A minha, por exemplo, me é imensamente valiosa neste momento, "para mim". Não tem preço — e você ha de pensar que é um terrivel exagero de avaliação, este meu. Que posso fazer? E' a vida em mim que se avalia a si propria.

Pareceu procurar palavras para expressar um certo pensamento.

Depois:

— Sinto-me cheio duma extranha exaltação, como se seculos estivessem a ecoar dentro de mim ou como se todo o Poder do mundo fosse meu só. Eu sei! Eu sinto-me senhor da verdade, do bem e do mal. Minha vida está infinitamente

clara. Posso até, quasi, crer em Deus. Mas...

O som de sua voz demudou-se e o brilho dos seus olhos esmoreceu.

— ... mas que significa este estado em que me encontro? Esta alegria de viver, esta exaltação, esta inspiração? Apenas o que nos sobrevem quando nada de mal ocorre com o nosso processo digestivo. Se o estomago anda a funcionar bem e o apetite é otimo,, tudo está perfeito. E' o solerte suborno da vida á champanha, a efervescencia da levedura — e só ela nos faz, ou faz que certos homens pensem com o que chamam elevação moral, e que outros vejam Deus, ou nele creiam quando não pódem vê-lo. A bebedeira da vida, a ebriedade da vida, o frenesi do fermento, o borbulhar da vida que endoidece com a consciencia de que está viva. E que sucede? Sucede que no dia seguinte temos de pagar o preço da exaltação, como o borracho paga a sua momentanea ebriedade com o mal estar da ressaca. Eu, por exemplo, voltarei amanhã á conciencia de que um dia hei de morrer — e no mar, provavelmente. Que cessarei de arrastar-me a mim proprio para ser arrastado pela podridão oceanica. Que cessarei de alimentar me para passar a alimento. A força dos meus musculos desaparecerá para que se acrescente a força dos musculos dos tubarões. Bah! Bah! Já lá se foi a espuma da champanha. Sinto-a morta, chóca. O gás das bolhas perdeu-se no ar. Bah!

E Lobo Larsen deixou-me tão repentinamente como havia vindo, saltando para o convés com a elasticidade macia do tigre. A Ghost continuava na sua rota. O rumor da quilha a romper as aguas não me soava mais qual murmurio de regato — e sim como ronco surdo. O efeito da rapida passagem de Lobo Larsen da extrema exaltação ao desespero foi-se lentamente apagando em mim. Nisto chegou-me aos ouvidos a voz de tenor dum marinheiro. Entoava o "Canto dos Ventos Alisios".

Oh! sou o vento que os marujos amam...
Firme, forte, leal, verdadeiro. Pelas nuvens
lá em cima acompanham eles o meu curso,
pelas nuvens lá em cima do azul dos tropicos.
Com a luz do dia ou a treva da noite sigo o
barco, sigo seu rasto como o cão segue a
caça. Sou bem forte ao meio dia, mas tambem á noite sei enfunar uma bôa vela desfraldada..

CAPITULO VIII

As venetas de Lobo Larsen e suas fugas á realidade fazem-me ás vezes pensar que é um louco, ou pelo menos um semi-louco. Outras vezes parece-me um grande homem, verdadeiro genio que não realisou o seu destino. Tambem me ocorre a idéa de que é um avatar do homem primitivo — ser de milhares de anos atrás nascido neste seculo por méra aberração. Um individualista do mais ferrenho tipo é certo que é. E ainda um solitario. Nenhuma congenialidade entre Larsen e os demais homens da escuna. Sua tremenda varonilidade, bem como sua força mental o afastam da equipagem. Perto dele ficam todos como crianças, inclusive os caçadores, e como crianças ele os trata, "descendo" até eles e com eles brincando como as crianças brincam com os cachorrinhos novos. Ou então Larsen os experimenta com a mão cruel dum vivisecionista, penetrando-lhes os processos mentais como que a estudar o mecanismo de suas almas.

Vi-o inumeras vezes á mesa insultar este ou aquele caçador com o olhar frio, embora denunciativo de certo interesse pelas reações mentais do insultado. Atentava-lhes nas respostas e nas pequeninas coleras com uma curiosidade que me divertia, a mim que de lado observava e tudo compreendia. E mesmo no que diz respeito aos seus proprios acessos de colera estou convencido de que não eram reais e sim experiencias, quando não atitude advinda do habito — a sua natural atitude deante do resto da humanidade. Fóra do incidente já narrado da morte do contra-mestre, creio que nunca o vi realmente colerico — nem é coisa que eu jamais queira ver...

Quanto a venetas, contarei o sucedido a Mugridge, certa ocasião. O lanche do meio dia terminara e eu acabava de pôr a cabina em ordem quando Larsen e Mugridge apareceram descendo a escada. Embora o cozinheiro tivesse como tóca um desvão que abria para a cabina, ele nunca permanecia por alí, atravessando a cabina raras vezes e sempre qual timido e esgueirante espetro.

— Com que então sabe jogar o "Nap"? —

vinha dizendo o capitão com voz prazenteira. Eu devia ter imaginado isso, já que você é inglês. Aprendi esse jogo em navios inglêses.

Mugridge tinha no rosto uma aureola de deslumbramento idiotizado, tamanho era o seu gosto diante da honra de uma prosa com o capitão. Seus modos e seu esquerdo esforço para assumir ares de homem superior á posição que tinha na vida, davam-me enjôo de estomago. Não me viu por alí. Os olhos palidos de Mugridge, como que descorados, boiavam num mar manso de visões que eu não podia imaginar quais fossem.

— Traga o baralho, Humf, ordenou Larsen sentando-se á mesa. E tambem charutos e whiskey — lá do meu camarote.

Voltei com as coisas pedidas a tempo de alcançar o londrino a dizer que havia um misterio em torno dele, pois que devia ser no minimo um filho de fidalgo que errara; tambem que recebia uma renda para manter-se longe da Inglaterra. "Pagam-me generosamente, senhor, para que me mantenha nesta vida e para que lá não volte.

Eu trouxera copos pequenos; Larsen enrugou a testa com sinal para grandes. Ao te-los diante de si, encheu-os por dois terços com whiskey puro — bebida de "gentlemen", dizia Mugridge — e ambos brindaram o glorioso "Nap". Em seguida acenderam os charutos e tomaram as cartas.

Puzeram-se a jogar a dinheiro, aumentando sempre as apostas e a ingestão do whiskey. Não foi suficiente a garrafa trazida; tive de ir em busca de outra. Lobo Larsen ganhava sempre, não sei se com honestidade. O cozinheiro teve de entrar diversas vezes na sua tóca para trazer mais dinheiro, e de cada vez o fazia com maior dificuldade, de bebedo que ia ficando. Trazia o dinheiro em dolares e aos poucos. Mugridge tornara-se confiado e intimo, chegando a ponto de segurar Lobo Larsen pelo casaco e dizer-lhe cara a cara: "Tenho dinheiro! Recebi-o, pois sou filho dum fidalgo!"

Larsen, apesar de muito bebedo, não mostrava sinal nenhum de embriaguez. Tambem não se mostrava divertido com as macaquices do outro.

Finalmente, com protestos em voz alta de que podia e sabia perder como um "gentleman", os ultimos dolares de Mugridge foram lançados á mesa e perdidos. Nesse momento veiu a reação. Mugridge levou as mãos á cara e abriu-se em chôro, enquanto Larsen o esfuracava com os olhos numa analise de vivisecação; depois como que mudou de idéa, por não achar nada de interessante a estudar no paciente.

— Humf, disse me com requintada cortezia, faça o obsequio de levar o senhor Mugridge para o convés. Creio que não está se sentindo bem. E diga ao Johnson que lhe despeje em çima uns baldes dagua salgada, concluiu em voz mais baixa como para mim só.

Obedeci. Deixei Mugridge na coberta, entregue a dois marinheiros chamados para esse serviço. O londrino continuava com a historia de ser filho de nobres. Isso não impediu que levasse o banho salgado; de volta á cabina ouvi-lhe os berros.

Encontrei Larsen contando o dinheiro.

— Exactamente cento e oitenta e cinco dolares, disse ele em voz alta. Justamente o que eu calculara. Esse mendigo veiu para bordo sem vintem seu.

— O senhor ganhou exactamente o meu dinheiro, atrevi-me a dizer.

Larsen sorriu.

— Humf, disse ele com ironia, estudei um pouco de gramatica no meu tempo de moço e acho que você errou no tempo do verbo. Empregou o presente em vez do passado, "que foi meu", devia ter dito.

— A materia não é gramatical e sim de ética, foi a minha resposta.

Larsen durante um minuto guardou silencio.

— Sabe, Humf — disse depois, com calma serenidade, na qual percebi leve tristeza — que é a primeira vez que ouço a palavra ética na boca dum homem? Neste navio somos os dois os unicos que poderão definir o que é ética.

Guardou novo silencio e proseguiu:

— Em certo tempo da minha vida esperei poder tratar com homens que falassem em coisas como "ética", e outras, mas confesso que só agora ouço pronunciar semelhante palavra. O que aliás nada adeanta. O caso não é nem de gramatica, nem de ética, e sim de materia de fáto.

— Compreendo, disse eu. O fáto é que o senhor detem o dinheiro.

Seu rosto iluminou-se. Larsen pareceu contente com a minha perspicacia.

— Estamos errados, disse eu. A questão é apenas de direito.

— Oh, exclamou ele fazendo um muxoxo. Vejo que ainda crê em coisas tais como direito. Magnifico.

— E o senhor não?

— Absolutamente não. O direito decorre da força. A fraqueza não tem direitos. Isto é um modo imperfeito de dizer que o bem para nós consiste na força, e o mal na fraqueza. Ou, melhor ainda, que é agradavel ser forte, em vista das vantagens que decorrem, e desagradavel ser fraco, pela razão inversa. Neste momento a posse deste dinheiro me é agradavel. Faz-me bem possuí-lo. E sendo eu capaz de possuir este dinheiro, e dando-me ele prazer, farei mal á

vida que existe em mim, se me privar do prazer de tê-lo comigo.

— Não fará mal á vida que existe em si, mas fará mal á vida que existe em mim, objetei.

— Engano. Um homem não póde fazer mal a outro homem. Póde apenas fazer mal a si proprio. Do modo como vejo as coisas, érro sempre que atendo aos interesses dos outros. Compreende? Como podem duas particulas de fermento fazer mal a uma outra, se cada uma luta apenas para dois fins: devorar e não ser devorada? Quando se afastam disto, erram.

— Então não crê em absoluto no altruismo? perguntei.

Larsen recebeu a palavra como a um som familiar, ponderando lentamente: "Altruismo no sentido de coôperação, não é?"

— Em parte; uma especie de conexão, respondi, sem surpreza pelas lacunas do seu vocabulario, o qual, do mesmo modo que a sua instrução, fôra adqurida por auto-didatismo, em leituras ao acaso. Ninguem lhe havia orientado os estudos, nem nunca havia ele debatido tais temas com ninguem.

— A'to altruistico, expliquei, é um que atende ao interesse alheio sem prejuizo do nosso. Um áto não egoista, não realisado em exclusivo beneficio nosso.

Larsen fez um gesto de cabeça.

— Sim, lembro-me agora. Li-o em Spencer.

— Spencer! exclamei. Leu Spencer?

— Não muito. Compreendi um pouco dos "Primeiros Principios", mas a sua "Biologia desviou vento das minhas velas. Tambem a sua "Psicologia" fez-me matutar alguma coisa. Sinceramente não pude compreender onde Spencer quer chegar. Atribuí a incompreensão á minha deficiencia de espirito, e depois admiti que seria por falta de preparo basico. Unicamente Spencer e eu sabemos como nos martelamos mutuamente. Já da sua "E'tica" apanhei alguns elementos. Foi onde encontrei o altruismo, lembro-me agora.

Fiquei interessado em saber o que tal homem poderia ter aprendido de Spencer quanto á ética. Esse filosofo pôe o altruismo como cupula suprema da moral. Larsen, evidentemente, havia tomado do filosofo inglês o que lhe convinha aos interesses e desejos.

— Que mais encontrou lá? perguntei.

Suas sobrancelhas contraíram-se ao esforço mental de reunir as palavras proprias que bem lhe expressassem as idéas. Senti-me na pista daquela alma. Lobo Larsen estava procurando entremostrá-la. Uma estranha região ia-se abrindo deante dos meus olhos.

— Resumindo, disse ele, Spencer quer isto: primeiro, que um homem atu'e sempre em seu proprio beneficio. Fazer isto é ser moral. Em segundo, que atu'e em beneficio dos filhos. Em terceiro, que atu'e em beneficio da raça.

— Logo, intervim eu, a conduta mais alta, mais nobre, mais réta é a que beneficia ao mesmo tempo o individuo, a familia e os filhos, ou a especie.

— Não chegarei até lá, replicou ele. Não vejo necessidade de tanto. Corto dois terços. Ponho de lado filhos e especie. Nada sacrificarei por amor deles. E' sentimentalismo, como você compreendera em se tratando de quem não admite vida eterna. Com a imortalidade da alma admitida, sim, seria negocio fazer como quer Spencer. Aí caberia altruismo — meio de elevar a alma a toda sorte de altitudes. Mas nada vendo de eterno na minha frente, salvo a morte, acho imoral fazer qualquer coisa que importe para mim em diminuições. Qualquer sacrificio que me fizesse perder qualquer coisa, seria tolo — e além de tolo, nocivo para a minha pessoa. Não devo perder um só impulso do meu fermento, se quero tirar dele tudo quanto me póde dar. Nem a imobilidade eterna que me espera se tornará mais facil ou mais penosa em consequencia dos sacrificios altruisticos ou do egoismo cru' que eu agora pratique na minha fase de fermento.

— Então é o senhor um puro individualista, um materialista — e logicamente um hedonista.

— Palavras. Hedonista, que vem a ser?

— Hedonista é alguem que procura tirar da vida o maximo de prazer.

Larsen concordou de cabeça com a minha definição.

— E o senhor, continuei, é tambem um homem do qual ninguem pode esperar nada que de leve contrarie a sua compreensão egoistica de tudo.

— Isso. Está começando a compreender-me, disse Larsen com calor.

— Um homem amoral.

— Isso.

— Um homem sempre de temer-se...

— Isso. Exactamente isso.

— Tal qual a cobra, o tigre, o tubarão...

— Agora acertou. Daí o nome de Lobo que me deram os homens.

— Um monstro, em suma, continuei intrepidamente. Um Caliban que age por capricho e fantasia, como no poema de Browning.

Essa alusão o fez enrugar a testa, dando-me a entender que Larsen desconhecia o poema de Browning. Mas errei.

— Estou justamente a ler Browning, disse ele, mas acho-o obscuro. Ando pelo meio, e já perdi o pé.

Para não alongar a historia resumirei dizendo que foi á sua cabina buscar o poema de "Caliban under Setebos", que li em voz alta. Larsen deleitou-se ante aquele modo primitivo

de raciocinar e ver as coisas. Interrompeu-me varias vezes. Depois discutimos filosofia, ciencia, evolução e religião. Larsen traía a sua cultura imperfeita, autodidatica, mas afirmava-se sempre com a solidez dum espirito primitivo. A simplicidade do seu raciocinio tinha grande força, e o seu materialismo era mais convincente que o complicado e complexo materialismo de Charley Fourseth. Não que eu — um idealista por temperamento, como Fourseth me classificara — pudesse ser convencido; mas Larsen arrombava os mais firmes redutos da minha fé com um vigor que merecia respeito, embora não me reduzisse de opinião.

O tempo correu. O jantar já estava pronto sem que a mesa estivesse posta, de modo que quando Mugridge mostrou a cara colerica, chamando-me á obrigação, fiquei ancioso. Mas Larsen gritou logo:

— Cooky, arrume-se lá como puder. Humf está ocupado.

E tudo mudou a partir daí. Nessa noite sentei-me á mesa do capitão e dos caçadores e fui servido por Mugridge, que depois teve tambem de lavar os pratos. Uma perversidade de Caliban transfeito em Lobo Larsen, que me iria trazer aborrecimentos. Entrementes conversamos o tempo todo, com grande desagrado dos caçadores que não podiam compreender uma só palavra.

CAPITULO IX

Tres abençoados dias de descanço foram os que tive com Lobo Larsen, comendo na sua cabina e não fazendo outra coisa senão discutir a vida e o universo, emquanto Mugridge bufava de odio, a desempenhar o seu serviço e mais o meu.

— Aguarde temporal, é só o que digo! avisou-me Luiz, num momento em que Larsen estava no convés a apaziguar uma briga entre os caçadores. E como eu pedisse maiores esclarecimentos.

— Ninguem pode saber o que vai suceder, respondeu ele. O nosso homem é tão variavel como o vento, ou as correntes marinhas. Impossivel prever o que tem na cabeça. Quando tudo parece correr pelo melhor, ele muda de bordo e vira féra.

Esse aviso preparou-me para o temporal previsto, o qual foi assim. Tinhamos tido, eu e Larsen, uma viva discussão, a proposito da vida ,está claro, e eu, cada vez mais audacioso, fui tirando todas as conclusões logicas a respeito da sua pessoa. De fáto vivisequei, microscopei a substancia de sua alma tão agudamente como ele fazia com outros. Fui positivo demais, sarjei, fustiguei-o a ponto de o fazer fremir de furia. O bronzeado da sua face entenebreceu e os seus olhos despediram chispas. Não mais vi neles nenhum equilibrio e sim a raiva incoercivel do louco. Surgira o lobo e, o que era peior, um lobo louco.

Larsen atirou-se contra mim, agarrando-me pelo braço. Recuei, procurei desviar-me; mas a sua superioridade fisica era enorme. Larsen segurou-me pelo biceps e de tal modo esmagou-me as carnes que não contive um grito de dor. Senti meus pés fugirem de sob mim. O soffrimento era excessivo; sensação de esmagado entre tenazes de aço.

Subito, como que voltou a si, já com brilho mais humano nos olhos. A mão que me torturava relaxou-se e uma gargalhada ainda de féra soou. Vim ao chão, como morto, e ele sentou-se ao lado, de charuto aceso, a contemplar-me como o gato contempla o rato. Quando me ergui pude ver em seu olhos aquela curiosidade que já notara, e aquela perplexidade, aquela interrogação, aquela sua externa duvida a respeito da significação de tudo.

Por fim consegui mover-me e encaminhar-me para o portaló. Cessara o meu periodo de folga e só me restava regressar á cozinha. Senti o braço adormecido e paralisado, e assim me ficou ele durante dias e dias. E Larsen nada mais me havia feito senão segurar-me o braço e apertá-lo! Nem torsão, nem sacudidela. Tinha apenas fechado os dedos sobre os meus musculos num aperto prolongado. O que me poderia ter feito, se quizesse, é coisa que só compreendi no dia seguinte, quando o vi meter a cabeça pela janela da cozinha para indagar como eu ia passando.

— Podia ter sido muito peior, disse ele sorrindo, depois da minha resposta.

Eu estava a descascar batatas. Larsen tomou uma das maiores e apertou-a. A batata desfez-se em filetes de puré, escorridos por entre os seus dedos. Em seguida lançou a massa remanescente na vasilha e afastou-se. Compreen-

di o que teria sucedido se tal monstro houvesse aplicado toda a sua força contra mim...

Os tres dias de favoritismo, entretanto, fizeram-me bem, pois que meu joelho poude sarar. Senti-me muito melhor, com a inchação bastante diminuida e a rotula quasi no lugar. Mas tiveram um reverso. Mugridge mostrou logo a sua tenção de vingar-se. Não só redobrou de insultos como pôs-me no lombo todo o trabalho que lhe cabia. Chegou até a erguer contra mim o punho; eu, porém, já me estava animalizando, rosnei-lhe na cara com ferocidade que o fez recolher o bote. Não é quadro agradavel á vista o que eu formava naquela cozinha, eu, Humfrey Van Weyden, metido num canto, encurralado e a arreganhar os dentes qual cão perseguido, no impeto de desesepero que dá o medo junto á impotencia. Não gosto de relembrar isto. Cena de rato a defender-se dentro da ratoeira. Mas apesar de tudo, o efeito visado foi conseguido, pois Mugridge conteve-se.

Conteve-se e recuou, olhando-me tambem com profundo odio e maldade. Eramos duas féras que se entre-ameaçavam. Mugridge acovardou-se e procurou outra maneira de intimidar-me, que não com rosnidos e arreganhos. Achou uma faca, que como faca nada valia: com o muito uso na cozinha emagrecera, perdendo quasi toda a largura; além disso, fina demais, tambem pelo uso. Mugridge pediu emprestada a Johnson uma pedra de amolar e pôs-se a dar fio áquele fantasma de faca. Fê-lo com grande ostentação, lançando-me olhares a espaços. Passou naquilo todos os momentos de lazer que teve durante o dia. O aço acabou por fim adquirindo córte de navalha. Experimentou-o na unha do polegar e nos pêlos da mão, detendo-se nesse serviço para observar microscopicos defeitos que ainda existiam na lamina — que existiam ou ele fingia encontrar. E voltou a passa-la e repassa-la na pedra.

O caso não deixava de ser sério, porque eu sabia Mugridge capaz de usar a arma contra mim; debaixo da sua poltronice alapava-se uma certa coragem — a coragem da covardia (como a minha) suficiente para impeli-lo a coisas contra sua natureza, a coisas que ele tinha medo de fazer. "O cozinheiro está afiando a faca para Humf" foi o sussurro que se tornou corrente a bordo. Mugridge ouvia-o com agrado, meneando a cabeça confirmativamente, até que Leach, o rapaz da cabina, aventurou-se a uma pilheria a respeito.

Acontecia que Leach era justamente um dos que lhe havia dado aquele banho a baldes dagua salgada, no dia do jogo de Mugridge com o capitão e parece que Leach carregara na dose: o cozinheiro não lho perdoará nunca, e haviam mesmo trocado toda a sorte de insultos, extensivos ás respetivas familias. Ao ouvir a pilheria, Mugridge em colera ameaçou Leach, o qual gargalhou contra ele e o feriu no braço, do cotovelo ao punho. Foi golpe rapidissimo, em seguida ao qual o cozinheiro recuou com os olhos fuzilados de odio e caiu em guarda. Mas Leach tomou aquilo com estranha filosofia, embora o sangue lhe jorrasse como de bica.

— Não te pégo agora, meu caro, disse ele apenas. Ha de chegar a vez — e apanhar-te-ei sem faca na mão.

Disse e tranquilamente retirou-se para a prôa. Mugridge estava branco de pavor, tanto do que havia feito como pelo que podia esperar do revide. Pois apesar disso a sua conduta para comigo cresceu de ferocidade. Dera-me aquela lição, aquela demonstração de força, que, se o apavorava pelas consequencias possiveis, no momento o punha exultante qual um vencedor. Havia ainda nele a exaltação proxima da loucura, provocada pela vista do sangue. Percebi que começava a "ver vermelho" para onde quer que olhasse.

Passaram-se mais alguns dias. A Ghost continuava na sua marcha, ao impulso regular dos ventos alisios. E com o andar do navio recrescia a loucura do cozinheiro. Seus olhares tinham qualquer coisa do olhar das féras carnivoras. Isso fez-me tomar todas as cautelas, e nunca saír da cozinha senão de frente para ele, em guarda, com grande regalo dos marinheiros, e caçadores, sempre aos magotes pelas redondezas para gosar o espetáculo.

Aquela tensão nervosa exauria-me. Cheguei a julgar-me incapaz de resistir-lhe por muito tempo, naquele navio de brutos e loucos. Minha vida corria permanente risco, e da prôa á popa nenhum ser humano mostrava o menor interesse em vir em meu apoio. Em certos momentos tinha a idéa de recorrer a Lobo Larsen; mas a visão da sua diabolica ironia, manifestada nos olhos em perpetuo estudo da vida, refreava-me esses impetos. Cheguei a pensar no suicidio — e houve uma grande luta dentro de mim para não precipitar-me por cima da amurada na escuridão da noite.

Entrementes Larsen procurou por varias vezes chamar-me á discussão, o que evitei á custa de respostas cortantes. Por fim mandou-me que voltasse á cabina, deixando o cozinheiro a fazer todo o trabalho. Falei-lhe então com toda a franqueza; contei-lhe o que vinha sofrendo da parte de Mugridge em consequencia dos tres dias de favoritismo.

Lobo Larsen olhou-me com olhos sorridentes.

— Tem medo, hein? gracejou.

— Sim, confessei com sinceridade. Tenho medo.

— E' o que sucede com quem sentimentaliza a respeito da imortalidade da alma. A' vista duma simples faca afiada, em mãos dum covardissimo cozinheiro, — choque duma vida contra outra — desnorteia toda essa ridicula teoria. Porque, meu caro, você viverá sempre! E' Deus, e Deus não perece! O cozinheiro nada pode contra quem é Deus imortal. Você está certo da sua propria resurreição; logo, de que se arreceia? Tem a vida eterna deante de si. E' um milionario da imortalidade, um Créso cuja fortuna de nenhum modo pode ser perdida, pois é menos perecivel que as estrelas e tão duradoura como o Espaço e o Tempo. Impossivel, em nenhuma hipotese, diminuir-se esse capital. Imortalidade é coisa sem começo, sem fim. Entretanto é eternidade, e embora você morra aqui neste mundo, continuará vivendo em outro, para todo o sempre. E que ha de mais belo que o espirito imortal, a destacar-se da sua terrena prisão de carne? Mugridge não poderá nunca ofender a um imortal. Poderá apenas empurra-lo para um novo caminho.

Mas se você não quer entrar já em novo caminho, por que não empurra para ele Mugridge, antes que ele o faça a você? De acôrdo com as suas idéas tambem Mugridge é imortal — um milionario da imortalidade. Impossivel a você destruir-lhe a sua riqueza. O capital de Mugridge circulará sempre ao par. Você não poderá encurtar a vida dele, matando-o, porque a vida não tem começo, nem fim. Mugridge continuará vivendo em outros mundos. Se é assim por que não o empurra fóra deste? Meta-lhe a faca e liberte-lhe a alma. Como o coitado está a viver numa suja prisão, será grande serviço afasta-lo daqui. E quem lá sabe? Talvez seja ele um famoso espirito, que ir-se-á voando pelos espaços afóra, exultante de ver-se livre da feia carcassa terrena. Liberte-o da alma, Humf, e será promovido para o seu lugar na cozinha, com quarenta e cinco dolares por mês.

Era claro que de Lobo Larsen eu nada poderia esperar. Se algo tinha de ser feito, a mim só cabia fazê-lo — e meu terror evoluiu para a desesperada coragem de arrostar Mugridge com armas iguais. Consegui de Johnson a pedra de amolar. Luiz, o timoneiro, havia-me pedido que lhe arranjasse umas latas de leite condensado; ora, a despensa ficava-me a geito, de modo que pude abafar cinco latas e negocia-las em troca dum punhal do mais feio aspéto ainda que a faca de Mugridge. Estava, porém, enferrujado; eu tinha de pô-lo cortante como navalha. Nessa noite dormi mais socegado.

No dia seguinte ao almoço Mugridge recomeçou a sua afiação da lamina. Olhei-o de soslaio, enquanto de joelhos, tirava do fogão as cinzas da vespera. Mugridge conversava com Harrison, em cuja face eu lia a admiração e espanto.

— Sim, dizia o cozinheiro, e "isso" não me deu mais que dois anos de prisão de Reading. Coisa de nada. Mas o dito cujo foi-se. Queria que você o visse! Uma faca justamente como esta. Enfiei-lhe nas tripas como quem enfia agulha em queijo. Nem gemeu! Nem sentiu!

Mugridge olhou-me de revés, a ver se eu estava atendendo á conversa, e continuou.

— "Não tive intenção de nada, Tomy", dizia ele, "perdôe-me, não tive intenção!" Eu te curo, meu caro, respondi, e agarrei-o bem agarrado. E cortei-o em fitas, com ele a urrar todo o tempo. Chegou a pegar na faca; arranquei-lha de golpe e a carne se abriu até o osso. Oh, foi bonito de ver-se, garanto!

Veiu interromper a lugubre narrativa um grito do imediato, e Harrison se foi para a popa. Mugridge sentou-se á porta da cozinha e retomou o afiamento da faca. Eu larguei da pá que tinha na mão e calmamente sentei-me numa caixa em sua frente. O olhar de odio que me lançou! Sempre calmo, embora meu coração désse pulos, saquei do punhal obtido do Luiz e pús-me tambem a afiá-lo, esperando uma explosão do meu inimigo. Com espanto meu, Mugridge parecia não dar conta de nada. Continuou no seu trabalho — e por duas horas ficamos assim os dois, face a face, chiu, chiu, chiu, até que a noticia se espalhasse e metade da tripulação se reunisse á porta da cozinha para apreciar o espectaculo.

Atiçamentos e conselhos amiudaram-se. Jack Horner, o sorumbatico e sempre mudo caçador que parecia incapaz de maltratar a um camondongo, aconselhou-me a não esfaquear nas costelas, e sim na barriga, ferindo de baixo para cima e dando á lamina o que ele chamava "torcida espanhola". Leach, com o braço enfaixado bem ámostra, pediu-me que lhe deixasse um pedaço do cozinheiro. Tambem Lobo Larsen deteve-se por alí duas vezes, curioso do entrechoque daquelas duas particulas de fermento que se desafiavam.

Devo declarar que por aquele tempo a vida já perdera [illegible]alor. Considerava-a com o mesmo desprezo de Larsen. Nada via nela de nobre, de divino. Eramos portanto naquele momentos duas coisas, vidas grandemente covardes que afiavam facas á vista dum grupo de outras coisas vivas igualmente covardes. Metade da assistencia, estou seguro, ardia por ver um de nós derramar o sangue do outro. Méro divertimento. [illegible]io que não haveria ninguem capaz de interferir para evitar uma luta de morte.

Por outro lado tudo aquilo era infantilmente risivel. "Chiu, chiu, chiu", Humfrey Van Wey-

den amolando uma faca na cozinha dum navio e provando o fio na unha! A mais inconcebivel das situações.

Mas nada aconteceu. Ao cabo de duas horas Mugridge guardou a faca e estendeu-me a mão.

— Para que darmos este espetáculo a estes bandidos? disse ele. Detestam-nos e regalar-se-iam de nos verem mutuamente esfaqueados. Você não é má bisca. Humf. Tem nervo, como dizem os yankees e eu gosto disso. Venha de lá um aperto de mão.

Por acovardado que eu andasse senti-me menos acovardado que o cozinheiro. Havia ganho uma vitoria e recusei desfazer-me dum pedacinho dela apertando aquela mão odiosa.

— Está bem, murmurou ele sem orgulho; aperte-a ou não, isso em nada mudará meu parecer.

E para salvar as aparencias voltou-se contra os marinheiros:

— Sumam-se daqui, patifes!

A intimação foi reforçada com um jacto dagua quente, que fez os marinheiros pularem céleres. Isso valeu por uma vitoriazinha que lhe veiu facilitar a aceitação da derrota por mim infligida. Mas não teve animo de fazer o mesmo aos caçadores.

— E' o fim do cozinheiro, ouvi Smoke dizer a Horner.

— Sim, concordou este. Humf vai governar a cozinha daqui por diante.

Mugridge ouviu a observação e olhou-me de revés, mas fingi não ter percebido coisa nenhuma. De nenhum modo imaginava que minha vitoria fosse tão completa, embora estivesse resolvido a mantê-la intacta. Com o correr dos dias a previsão de Smoke verificou-se. Mugridge foi-se humilhando deante de mim como se humilhou deante de Lobo Larsen. Não mais lhe dei de senhor, nem lavei panelas, nem descasquei batatas. Limitei-me exclusivamente ao meu serviço, que executava quando e como entendia. Passei a trazer o punhal á cinta, á moda dos marinheiros, mantendo para com ele uma atitude onde se misturava a dominação, a insolencia e o despreso.

CAPITULO X

Cresce minha intimidade com Lobo Larsen, se é possivel dizer assim das relações entre senhor e servo, ou, melhor, entre rei e bufão. Não sou para ele mais do que um joguete; Larsen me dá o mesmo valor que as creanças dão a certos brinquedos. Minha função é diverti-lo: mas se Larsen por acaso se aborrece e lhe sobrevem uma onda de humor negro, imediatamente me relega para a cozinha — dando eu graças, muitas vezes, de saír intacto da sua presença.

A solidão desse homem recái sobre mim. A bordo não existe um só homem que não o odeie e que ele não desprese. Larsen parece consumir-se com a tremenda força existente em si, a qual não encontra obra que valha por derivativo. Um lucifer condenado a viver numa sociedade de fantasmas.

Além disso, Larsen é vitima da melancolia da raça. Estudando-o, compreendi melhor os muitos escandinavos. Os deuses do norte seriam selvagens louros da mesma fibra que ele. A frivolidade risonha dos latinos não lhe sabe. Quando Larsen ri é ainda dando outra forma de expansão á ferocidade. Mas raramente ri. Vive triste, numa tristeza profunda como as raízes da sua estirpe. Tristeza herdada, que tornou a raça retraída, amiga do viver limpo e fanaticamente moral; sob este ultimo aspecto culminou entre os inglêses com a igreja reformada e Mrs. Grundy. E a religião tornou-se o canal dessa melancolia.

Mas Larsen não dispõe das compensações religiosas. Seu materialismo brutal não lhe permite o recurso a essa valvula. Porisso, quando o humor negro o empolga, nada mais lhe resta senão tornar-se diabolico. Não fosse Larsen uma tão terrivel creatura e eu poderia compadecer-me dele em dadas ocasiões como, por exemplo, tres dias atrás, quando entrei em sua cabina para mudar a agua da garrafa. Larsen não me viu. Tinha a cabeça enterrada nas mãos, com os hombros a se agitarem pelos soluços. Alguma dôr profunda o lacerava, pois que o ouvi murmurar "Deus! Deus! Deus!" Não se tratava de nenhum apelo a Deus, entidade que não admitia; mas de méro expletivo, ainda assim brotado da alma.

Ao jantar pediu aos caçadores um remedio para dôr de cabeça e á noitinha observei-o cambaleante em seu camarote.

— Nunca adoeci em toda a minha vida, Humf,

disse-me ele. Nunca senti dores de cabeça, exceto quando a tive rompida por uma barra do cabrestante.

Essa dôr de cabeça que o enlouquecia durou setenta e duas horas e fê-lo sofrer á moda dos animais selvagens, que era a moda naquele navio — sem queixas, sem despertar simpatias, só.

Esta manhã, finalmente, ao entrar em sua cabina para a arrumação, encontrei-o bom, trabalhando ativo. Pela mesa e sobre a cama vi varios desenhos e folhas de papel com calculos. Larsen estava de esquadro e compasso na mão, desenhando uma planta qualquer.

— Alô, Humf! foi como me recebeu. Estou concluindo. Quer ver como isto funciona?

— Que é?

— Um aparelho para economia de trabalho no mar; a navegação reduzida a brinquedo de creança respondeu alegremente. Não mais calculos fastidiosos. Basta apanhar uma estrela no céo em noite de mau tempo para que se possa determinar o ponto onde está o navio. Olhe. Ponha esta escala transparente sobre este mapa celeste e gire-a na direcção do Polo Norte. Tracei na escala circulos de altitude e linhas de orientação. Nada mais a fazer senão colocar a escala numa estrela e ler os algarismos em baixo. Teremos desse modo a posição exata do navio.

Havia um acento de triunfo na sua voz, emquanto os seus olhos, tão azues como o mar daquela manhã, faiscavam.

— O senhor deve conhecer matematica a fundo. Que escola frequentou? perguntei.

— Nunca abri um livro de calculos. Tive de tirar tudo da minha cabeça. E por que motivo suppõe que me dediquei a este trabalho? interpelou-me de brusco. Por amor á gloria? Para deixar um rasto meu na areia do tempo? Ah! ah! ah! Nada disso. Apenas para tirar patente e ganhar dinheiro, muito dinheiro com o qual refocilar na orgia emquanto outros homens ficam no trabalho. Foi este o meu unico objectivo. Tambem me deu prazer a obra em si.

— O prazer de crear, murmurei.

— Acho que deve ser dito assim. E' outra forma de expressar-se a alegria da vida; triunfo do movimento sobre a inercia da materia: orgulho do fermento em ser fermento e mover-se.

Levantei as mãos em gesto contrario ao seu materialismo renitente e pús-me a arrumar a cama. Larsen continuou no trabalho. Sendo obra exigidora de extremo cuidado e precisão, admirei como dominava a sua força fisica para tê-la assim á serviço da delicadeza.

Depois de finda a arrumação surprehendi-me a olhar para ele com uma especia de fascino. Era fóra de qualquer duvida um belo homem —belo no sentido masculo da palavra. Mais uma vez observei com espanto a falta absoluta de maldade, ou perversidade em seus traços. Tinha o rosto duma creatura que fosse o paradigma da retidão. Mas entendamo-nos. Quero dizer que tinha cara dum homem que ou nada houvesse feito contra a sua consciencia — ou não t[illegible]-me para esta ultima [illegible]. Um avater. Um remanescente. Um homem primitivo, da éra em que o senso moral ainda não se havia formado. De nenhum modo imoral; apenas amoral.

Belo, sim. Bem barbeado, cada linha do seu rosto tinha a firmeza nitida duma figura de camafeu. Embora o ar marinho lhe houvesse tanado a alvura da tês, essa patina ainda acrescentava ao selvagem [illegible] sua beleza. Labios fortes, cheios, e apesar disso com a firmeza caracteristica dos labios finos. Firmeza tambem no mento, nas maxilas, denunciando, juntamente com o nariz, a vontade indomavel do macho. Que nariz! Delatava imediatamente a creatura nata para a conquista e o comando. Nariz como bico daguia. Grego ou romano — talvez um tanto macisso para grego e um tanto delicado para romano. Em conjunto sua fisionomia transnudava ferocidade e força, tendo a melancolia racial a ampliar-lhe as linhas da bocca, dos olhos e da testa. Essa melancolia completava-lhe a beleza com um tom de alma.

Foi o que pensei no momento em que me vi absorto na contemplação de Larsen. Como me interessava aquela creatura. Quem era? Como viera ao mundo? Todas as forças pareciam concentradas [illegible] ,e todas as potencialidades. Por que então não passava dum obscuro dono de escuna foqueira, de mau nome entre os caçadores profissionaes?

Minha curiosidade explodiu numa torrente de palavras.

— Por que não fez grandes coisas neste mundo? Com a força que vejo em si poderia ascender a todas as alturas. Sem consciencia e liberto do instinto moral, poderia ter senhoreado o mundo. E entretanto está aqui, já no apogeu da vida, já a descer o morro, vivendo uma sordida existencia, a caçar fócas para alimento da vaidade das damas que lhes vestem a pele, a rebolcar-se na porcaria da vida, que como o senhor mesmo diz, pode ser tudo, menos esplendida. Por que, com toda a espantosa força que possue, nunca fez nada grande? Que ha de errado na sua natureza? Falta de ambição? Explique-me o grande segredo.

Larsen erguera para mim os olhos no começo do meu arroubo e atendeu-me até ao fim sem outro movimento. Quando terminei, conservou-

se calado ainda uns instantes, como em procura de por onde começar. Por fim disse:

— Humf; conhece a parabola do semeador que saíu a semear? Muitas sementes caíram em terreno pedregoso e mesmo aí brotaram: mas veiu o sol, e como não tivessem raizes mergulhadas no seio da terra, as plantinhas morreram. Outras caíram entre espinheiros, e os espinheiros abafaram as plantinhas vindas dessas sementes.

— E então?

— Fui uma dessas sementes.

Disse e dobrou-se sobre a carta que desenhava, retomando o trabalho. Eu tambem concluí o meu, e já ia a retirar-me quando ele me deteve.

— Humf, se examinar a costa éste da Noruega encontrará um fiord de nome Romsdal. Eu nasci a cem milhas deste ponto. Mas não nasci norueguês. Sou dinamarquês por parte de pai e mãi. Mas não sei como foram eles dar em tão horrivel pedaço de terra. Fóra esse ponto, nada mais ha misterioso. Eram meus pais gente sem cultura e sem haveres. Vinham duma longa ascendencia de nobres e incultos. Camponezes do mar, que semeiam seus filhos sobre as ondas. Eis tudo.

— Continúo na mesma, objetei. Nada está esclarecido.

— Que poderei dizer mais? acrescentou Larsen. Falar da insignificancia da minha vida infantil? da alimentação a peixe e da vida rude? do meter-me em botes logo que pude gatinhar? dos meus irmãos que se saíram pelo oceano a dentro um a um e jamais voltaram? de mim proprio, analfabeto, transfeito aos dez anos [illegible] de velhos navios costeiros? do passadio rude e da vida mais rude ainda na qual pontapés e bofetadas substituiam almoço e cama, medo, e odio e dôr constituiam a unica experiencia de minhalma? Não me interessa recordar isso. Sobe-me uma loucura á cabeça sempre que o faço. Ha capitães de navios costeiros que eu teria matado quando me tornei adulto se o destino os pusesse em meu caminho. Quando os procurei era tarde; todos mortos, com exeção dum contra-mestre que deixei aleijado para o resto da vida.

— Mas hoje lê Spencer e Darwin. Se nunca esteve em escola, como aprendeu?

— Na marinha mercante inglêsa. Moço de cabina aos doze anos, grumete aos quatorze, marinheiro aos dezeseis, marinheiro de primeira classe aos dezesete, galo do castelo de prôa em seguida, com ambição infinita e infinitamente sonha[illegible] sem ajuda de ninguem nem simpatia, tudo sozinho, tudo estudei — navegação, matematica, ciencias, literatura e mais coisas. De que me serviu isso? Para pôr-me dono duma escuna no apogeu da vida ou, como disse você, quando já começo a descer o morro. Estupidez, não? Quando o sol estava a prumo, crestei-me; e como fôra semeado em mau terreno e não tinha raizes profundas, murchei, ou sequei.

— Mas a historia conta de escravos que chegaram até á purpura, disse eu quasi com ironia.

— A historia tambem aponta as oportunidades que permittiram a esses escravos chegarem á purpura, respondeu ele com tristeza. Nenhum homem crea a sua oportunidade. O mais que os grandes homens fazem é percebê-las, quando as oportunidades chegam. O Corso percebeu a sua. Eu tenho sonhado em ponto tão grande como o Corso. E eu saberia agarrar a oportunidade — se ela se me apresentasse. Mas não me veiu nunca. O espinheiro envolvente enleou-me, sufocou-me. E digo que você, Humf, conhece mais de mim do que qualquer outra creatura viva, exceto meu irmão.

— Quem é ele e onde está?

— Capitão do **Macedonia**, outro barco de caça ás fócas. Provavelmente iremos encontrá-lo nas costas do Japão. Seu nome é "Morte" Larsen.

— Morte Larsen! exclamei involuntariamente. E' igual ao senhor?

— Em nada. Um pedaço de animal sem nenhuma cabeça. Tem apenas a minha... a minha...

— Brutalidade, sugeri.

— Sim; obrigado pela palavra. Tem toda a minha brutalidade, mas mal lê e ainda peior escreve.

— E nunca filosofa sobre a vida, aposto!

— Nunca, disse Lobo Larsen num tom de indescritivel tristeza. E' mais feliz do que eu porque deixa a vida em paz. Vive muito ocupado em viver para que pense na vida. Meu erro foi ter aberto uns livros.

CAPITULO XI

A **Ghost** atingiu o extremo sul do arco que anda a descrever através do Pacifico e já está infletindo para alguma ilha deserta onde, segundo dizem, refrescará antes de tomar rumo ao sitio das fócas, nas costas do Japão. Os caçadores têm feito exercicios de tiro e mostram-se satisfeitos; seus pilotos preparam os botes, revestem de couro ensebado os remos para que não façam barulho nagua. Tudo em ordem feminina, como diz Leach.

O braço deste marinheiro já cicatrizou da ferida aberta por Mugridge, que vive em panico mortal, sem coragem de aventurar-se fóra da cozinha.

No castelo de prôa rompem rixas constantemente. Luiz informa-me que todos os mexericos entre os marinheiros acabam explodindo na popa — e que já houve espancamento sério — dois. Luiz receia pelo futuro de Johnson, que é remador no seu bote de caça. Johnson fala com muita liberdade e já se chocou duas vezes contra Lobo Larsen por causa da verdadeira pronuncia do seu nome. Tambem por causa disso se atracou com o contra-mestre a noite passada. Mas o grande péga esperado é com o capitão.

Luiz informou-me ainda a respeito de Morte Larsen, que esperam encontrar na costa japoneza. "Vai haver turumbamba", diz o rapaz profeticamente, "porque eles se detestam como bons lobos que são".

Morte Larsen está no comando do unico barco foqueiro a vapor, o **Macedonia**, que leva quatorze botes de caça. As demais escunas trazem seis. Luiz fala de canhões a bordo, de raides que o **Macedonia** faz no contrabando do opio, e outras piratarias. E sou forçado a acreditar em Luiz, porque nunca o pilhei em mentira e sei do conhecimento enciclopedico que possue da vida dos caçadores de fócas e respetivos barcos.

O que se dá na prôa e na cozinha dá-se tambem em todo o resto desta infernal escuna. Os homens vivem a bater-se ferozmente. Entre os caçadores espera-se a todo o momento um péga mortal entre Smoke e Henderson, cuja velha rixa está sempre acesa, embora Lobo Larsen diga que matará o sobrevivente se isso se der. Mas Larsen francamente declarou que não assume essa atitude movido de razões morais, mas sim porque necessita deles; não fosse isso e os caçadores poderiam devorar-se uns aos outros. Quer que se conservem bem comportados até o fim da estação de caça; depois disso, então, sim; ele mesmo lhes proporcionará uma festa regia, onde possam liquidar a faca as velhas duvidas, com liberdade aos sobreviventes de lançarem os vencidos ao mar e inventar historias que tudo justifiquem. Os proprios caçadores ficam atonitos deante de tamanha frieza. Facinorosos como são, temem todos a Lobo Larsen.

Mugridge anda abjeto de servilismo para comigo; mas continúo receioso e a manter-me em guarda. Existe a coragem do medo — uma estranha coisa que conheço muito bem —e dum momento para outro essa coragem póde predominar sobre o seu servilismo e fazê-lo atirar-se contra mim. Meu joelho está quasi bom, embora a espaços ainda me dôa, e o mal que Larsen fez ao meu braço tambem vai passando. Sinto-me, portanto, em ótimas condições. Meus musculos desenvolvem-se e ganham rijeza. Já minhas mãos fazem dó. Parecem fervidas. Tenho as unhas rotas, com excrecencias pela cuticula. Tambem sofro qualquer coisa no estomago, devido, creio, á má alimentação.

Noites atrás, muito me divertiu ver Larsen com a Biblia, num exemplar encontrado no fundo da canastra do contra-mestre morto. Interessei-me por aquilo — e Larsen leu-me um trecho do Eclesiastes. Parecia estar emitindo os proprios pensamentos; sua voz, ecoando profunda na cabina estreita, encantou-me e prendeu-me. Larsen não será um homem educado, mas sabe dar a expressão exata do que lê. Ouço-a ainda hoje — e ouvirei sempre aquela estranha voz vibrante...

"Tambem acumulei ouro e prata, e os tesouros dos reis e das provincias; e reuni cantores e cantoras, e orquestras de toda sorte.

E assim tornei-me grande, mais que quantos viviam em Jerusalem, e tambem tornei-me alto em sabedoria.

Mas a contemplação de toda aquela minha obra fez-me ver que tudo era vaidade e esteril inquietação de espirito.

Tudo acontece a todos e da mesma forma; para o justo e para o mau, para o virtuoso e para o pecador; para o que se sacrifica e para

o que não se sacrifica; para o que blasfema e para o que teme blasfemar.

Ha um mal em todas as coisas que se fazem debaixo do sol; até o coração do homem está cheio de mal — e loucos são os homens desde que nascem até que morrem.

Todos os vivos esperam, porque um cão vivo vale mais que um leão morto. E os vivos sabem que terão de morrer, enquanto os mortos nada sabem, nem gosarão nenhuma recompensa porque até a lembrança deles desaparece.

Amor, odio, inveja — tudo no homem perece — e nada subsiste de quanto se faz debaixo do sol".

— Aí está Humf, disse Larsen fechando o livro e erguendo para mim os olhos. O Pregador, que era rei de Israel, pensava como eu. Chamam-me pessimista... Não é este pessimismo ainda mais negro? "Tudo é vaidade e mortificação de espirito". "Nada de bom sob o sol". "Só ha uma coisa certa para o louco e para o sabio, para o corrupto e para o virtuoso, para o pecador e para o santo, e essa certeza é a morte".

O Pregador, entretanto, amava a vida, pois dizia: "Um cão vivo é melhor que um leão morto". Ele preferia a vaidade e a mortificação de espirito ao silencio eterno do tumulo. E eu tambem. Mover-se, como o homem se move, neste mundo, é sordido; mas não mover-se, ser como as rochas impassiveis na sua imobilidade, é peior. E' repugnante para a vida que existe em mim, e cuja essencia consiste no movimento, no poder do movimento e na consciencia do poder do movimento. A vida em si é má, mas a morte é peior.

— O senhor vence Omar em pessimismo, observei eu. Ele pelo menos, depois de passada a mocidade, aquietou-se, satisfeito, e fez do materialismo algo alegre.

— Quem é Omar? perguntou Larsen.

E eu não voltei ao trabalho nesse dia, nem no outro, nem no outro. Em suas leituras ao acaso, Larsen nunca se havia posto em contáto com Omar Rubaiyat, e, quando lho revelei, recebeu-o como a um tesouro.

Eu sabia quasi dois terços do livro de cór, e o resto com algum esforço pude recompôr. Durante horas conversamos ás vezes sobre um só verso. Larsen encontrava neles um fundo de amargor e rebeldia que me era imperceptivel. Eu recitava com certa vivacidade contente, que é natural em mim; ele retinha os versos e repetia-os depois, mas com que acento de inquietude e apaixonada revolta!

Seria curioso saber de que estancia mais gostara, e não me surpreendeu quando notou uma nascida num momento de irritabilidade do poeta, muito ao revés da complacente filosofia desse codigo de vida dos persas.

— Magnifico! gritou Larsen. Está aqui o tom certo. Insolencia! Ele não podia usar melhores palavras.

Em vão objetei e deneguei; Larsen esmagou-me com os seus argumentos.

— Não é da natureza da vida ser de outra maneira. A vida sempre se rebela deante da morte. Não pode evitá-lo. O Pregador diz que tudo na vida é vaidade e mortificação de espirito — um mal, portanto; mas a morte, a interrupção desta vaidade e mortificação de espirito, ele achou que era ainda mal maior. Através de todos os capitulos, ele se mostra amargo contra a unica coisa que nos vem a todos nós, os vivos. Tambem Omar Rubaiyat, tambem eu, tambem você — sim, tambem você rebelou-se contra a morte quando a viu no fio da faca do cozinheiro. Você tem medo de morrer; a vida que reside em você, que compõe você, não quer morrer. Já me falou por vezes no instinto da imortalidade. Eu falo do instinto da vida, que é viver, e que quando a morte se aproxima sufoca o tal instinto da imortalidade. O instinto da vida dominou em você o instinto da imortalidade (não póde negar), reafiava uma faca.

E continuou com medo dele. E tem medo de mim — não póde negar! Eu posso agarrar você pela garganta, assim — e sua mão avançou fazendo-me arregalar os olhos — e posso esguichar fóra a vida que ha dentro de você, assim e assim, e o seu instinto da imortalidade meterá o rabo entre as pernas e fugirá, para que fique só em campo o instinto da vida — e você lutará para defender a vida. Põe em ação todos os recursos para salvar a vida. Sua mão agarra-se ao meu braço — e para mim é como se uma borboleta houvesse pousado nele. Seu peito arqueja, a lingua pula fóra; a pele fica arrouxeada; os olhos exorbitantes. Viver! Viver! é o que todo você grita — e gritará para viver, agora, e depois e sempre. Está duvidando da sua imortalidade, amigo? Ah, ah!. Não está mais seguro dela. Não arrisca... Só tem certeza duma coisa — da vida, não? Ah! e tudo começa a escurecer. E' a escuridão da morte, da cessação da vida, da cessação do sentir e do mover-se que começa a envolvê-lo de todos os lados. Os olhos entram a fechar-se. Estão desvairados. Minha voz já sôa distante. Você já não póde distinguir meu rosto. E ainda luta contra as minhas garras. Bate-me com os pés. O corpo retorce-se, qual cobra. O peito oféga. Viver! Viver! Viver!...

Nada mais ouvi. A minha consciencia apagara-se em trevas á simples pintura da cena, e quando retornei a mim vi-me no chão, com Larsen ao lado, a fumar o seu charuto, olhando-

me pensativamente com aquela sua eterna curiosidade dos olhos.

— Está convencido? perguntou ele. Vamos, beba isto. Quero ainda propôr uma questão.

Ainda no chão sacudi a cabeça— que não, não!

— Os seus argumentos são excessivos, murmurei! com dificuldade, tal a dôr que sentia em minha garganta.

— Estará bom dentro duma hora, assegurou-me ele. E prometo que não farei mais nenhuma demonstração fisica. Levante-se, sente-se nesta cadeira.

E, brinquedo que me tornei daquele monstro, a discussão sobre Omar e o Pregador retomou o seu curso e prolongou-se por metade da noite.

CAPITULO XII

As ultimas vinte e quatro horas foram consagradas a um verdadeiro carnaval de brutalidade. De popa a prôa parece que um contagio empolgou a escuna. Não sei como começou, mas foi Larsen o causador de tudo. As relações entre os homens de bordo, tensas á força de rixas, rivalidades e picuinhas, andavam em tal estado de equilibrio instavel que sobre elas o fogo irrompeu como em macega resseca.

Mugridge é um espião que não cessa de tentar reentrar nas graças de Larsená custa de delações de toda ordem. Foi quem lhe levou a noticia dos resmungos de Johnson. Johnson havia comprado um oleado dos que estão á venda no "slop-chest" e achou-o de inferior qualidade. O "slop-chest" é uma especie de armarinho que as escunas de caça possuem, onde se encontram todos os artigos indispensaveis á equipagem. O que os marinheiros adquirem é descontado no ajuste de contas do fim da estação. Em vez de ordenados cada um recebe então um quantum por pele obtida pelo bote em que trabalhou.

Mas eu ignorava as queixas de Johnson, de modo que o que sucedeu me causou surpreza grande. Depois de terminada a limpeza da cabina havia travado uma discussão com Larsen a proposito de Hamlet, quando Johansen desceu pela escada seguido de Johnson, que tirou o barrete e veiu postar-se respeitosamente no meio da cabina, gingando o corpo ao modo dos marinheiros.

— Feche as portas e desça os estores, ordenou-me o capitão.

Emquanto cumpria a ordem, pude observar uma expressão ansiosa nos olhos de Johnson, sem de longe poder advinhar o motivo. Mas Johnson sabia o que estava para sobrevir e esperava-o corajosamente. Na sua atitude vi uma completa refutação do materialismo de Larsen. Johnson movia-se por ideas, por principios, pela verdade e pela sinceridade. Tinha razão — sabia que a tinha e tudo enfrentava sem medo. Morreria pelo direito, se necessario fosse; mas seria sincero para comsigo proprio. E isto retratava a vitoria do espirito sobre a carne, o indomavel e a grande moral da alma que não conhece restrições e ergue-se acima do tempo, do espaço e da materia, com a segurança e firmeza que só a imortalidade póde dar.

Mas voltemos ao caso. Notei aquela ansiedade refletida nos olhos de Johnson e tomei-a como esquerdice e embaraço de marujo em face do capitão. O contra-mestre ficou a alguma distancia. Larsen estava sentado numa cadeira de cabina e uns tres metros de distancia. Fez-se uma pausa depois que fechei as janelas e baixei os estores, pausa de um minuto. Larsen rompeu-a por fim.

— Yonson, começou ele.

— Meu nome é Johnson, senhor, corrigiu intrepidamente o marinheiro.

— Seja Johnson, com todos diabos! Sabe que mandei chama-lo?

— Sim e não, senhor, foi a lenta resposta do marinheiro. Meu trabalho está sendo feito na regra. O contra-mestre sabe disso e o senhor tambem. Não póde haver queixa contra mim.

— E' tudo? ciciou Larsen maciamente.

— Sei que existe algo contra mim, continuou Johnson com a mesma lentidão. Sei que o senhor não gosta de mim. O senhor...

— Continúe, ordenou Larsen. Não se intimide com os meus sentimentos.

— Não estou intimidado, retorquiu o marinheiro num leve tom de colera represa. O senhor não gosta de mim porque sou homem demais. Só isso.

— E' homem demais para a disciplina dum

navio; complete a frase que terá a minha aprovação, replicou Lobo Larsen.

— Sei inglês, senhor, e sei o que o senhor quer significar com isso, observou Johnson contendo-se.

Mas Larsen assumiu um ar de quem apaga todos os ressentimentos.

— Johnson, disse num tom de ponto final áquela introdução que nada tinha que ver com a materia da duvida, é verdade que não está satisfeito com os oleados que adquiriu?

— Não, não estou. Não prestam, senhor.

— E deu á lingua a esse respeito, não é?

— Eu digo o que penso, senhor, respondeu o marinheiro corajosamente, embora não esquecendo a cortezia do "senhor".

Nesse momento, ao voltar o rosto, vi que Johansen abria e fechava os punhos emquanto seus olhos denunciavam diabolica maldade. Notei ainda os restos da mancha negra que um murro de Johnson lhe pintara no rosto dias antes. E comecei a advinhar que algo terrivel estava proximo de explosão.

— Sabe o que acontece aos homens que dizem o que você disse do meu "slop-chest" e de mim? interpelou Larsen.

— Sei, senhor, respondeu Johnson.

— E que é? indagou Larsen, aguda e imperativamente.

— Olhe, Humf, disse-me Lobo Larsen, veja este pó animado, este agregado de materia que se move, respira e me desafia — e realmente se crê composto dalguma coisa nobre. Está convito de certas ficções humanas, como direito e honestidade, e quer sustentá-las em qualquer terreno. Que pensa dele, Humf?

— Penso que vale mais que o senhor, respondi impelido pelo desejo de chamar sobre mim parte da ira prestes a rebentar sobre a cabeça de Johnson. Suas ficções humanas fazem-no nobre e varonil. Já o senhor não passa dum ente vazio de ficções, de sonhos, de idéas. E' um pobre.

Larsen sacudiu a cabeça num movimento de prazer selvagem.

— Pura verdade, Humf, pura verdade. Não tenho ficções que me façam nobre e varonil. Mas um cão vivo vale mais que um leão morto, digo eu como o Pregador. Minha unica doutrina é a da eficiencia que me faz sobreviver. Esta parcela de fermento a que chamamos "Johnson", quando não fôr mais fermento e sim pó e cinza, não possuirá mais nobreza do que qualquer outro monticulo de pó ou cinza — e eu estarei ainda vivo e a urrar. Sabe o que vou fazer?

Fiz que não com a cabeça.

— Exercer a minha prerrogativa de urrar, mostrando como se comporta a nobreza. Olhe.

Larsen estava a tres metros de Johnson e sentado. Tres metros! E mesmo assim deu o bote, sem para isso pôr-se de pé. Deixou a cadeira do mesmo modo por que nela se sentara — dum játo, dum arremesso de animal selvagem, como o tigre — e como o tigre atravessou o espaço que o separava da vitima. Fez-se avalanche de furia, á qual Johnson inutilmente procurou escapar. O marinheiro ergueu um braço para proteger o estomago e outro para defender a cabeça; mas o punho de Lobo Larsen apanhou-o entre a cabeça e o estomago, num golpe que ressoou cavo. O ar contido nos pulmões de Johnson expluiu de játo pela boca, e de játo foi cortada pela expiração incoercivel, como dum homem a manejar machado. Johnson quasi foi ao chão; cambaleou no esforço de manter-se em equilibrio.

Não posso dar pormenores da horrivel cena que se seguiu. Muito revoltante. Inda agora fico doente se a recordo. Johnson lutou corajosamente, mas não era homem para enfrentar Lobo Larsen — e muito menos Lobo Larsen e o contra-mestre juntos. Horrivel, horrivel... Jamais eu imaginara que um sér humano pudesse aguentar tanto e conservar a vida, e lutar. E Johnson lutou. Não havia — e ele o sabia — não havia para ele um resquicio de esperança, mas a sua rija varonilidade não cessava de lutar na defesa.

Era muito para mim o espectaculo. Senti que perderia a razão se não corresse rumo ás escadas e escapasse para o tombadilho. Mas Larsen largou por um instante a vitima e num daqueles seus saltos de tigre veiu sobre mim, arremessando-me a um canto da cabina.

— O fenomeno da vida, Humf gritou-me. Fique e veja. Poderá obter alguns argumentos para a sua teoria da imortalidade da alma. Além disso, bem sabe que eu não posso ferir a alma de Johnson. Apenas estou demolindo a prisão material que a encerra.

Pareceram seculos os dez minutos que durou a cruel demolição.

Lobo Larsen e Johansen esmagavam o marinheiro com os punhos, furavam-no a ponta-pés, arrastavam-no por terra e apisoavam-no sem misericordia. A vitima estava céga, com os ouvidos e o nariz a esguicharem sangue, mas ainda se movia. E quando não poude erguer-se, os ponta-pés e amassamentos ainda continuaram.

— Devagar, Johansen, devagar! disse por fim Larsen.

Mas a féra dentro do contra-mestre estava no apogeu da ira, de modo que foi necessario Larsen arrancá-lo de cima da vitima com tal safanão que o fez ir dar de cabeça de encontro á parede. Caiu o contra-mestre por terra, atur-

dido, respirando com esforço, a piscar dum modo estupido.

— Abra as portas, Humf, foi-me ordenado.

Obedeci — e os dois brutos levantaram a vitima já sem sentidos e arrastaram-na como se fosse um saco de lixo até ao portaló. Depois lançaram-na para fóra no convés. O sangue a jorrar de Johnson escorreu em filetes para os pés do timoneiro, que era o Luiz, seu companheiro de bote de caça. Luiz continuou impassivel no governo da roda do leme, com os olhos firmes na bitacula.

Diversa foi a conduta de George Leach, o ex-moço da cabina, e nada nos poderia surpreender mais do que o procedimento que teve.

Subiu á popa e, sem haver recebido ordens para isso, arrastou Johnson para a prôa, onde começou a pensar as suas feridas o melhor que poude, por entre mansas palavras de conforto. Johnson já não estava reconhecivel. Perdera as feições humanas, naqueles poucos minutos de manipulação.

Mas a conduta de Leach... Emquanto eu punha em ordem a cabina cuidou ele do espancado. Findo o meu serviço, subi ao convés para um pouco de ar puro e relaxamento dos nervos superexcitados. Encontrei Larsen com o seu charuto na boca, a examinar a barqueta que a Ghost rebocava á popa e que por qualquer motivo havia sido içada. Subito a voz de Leach chegou aos meus ouvidos, tensa, aspera, fremente de colera incoercivel. Volteime e vi-o de pé a bombordo da cozinha. O rosto, contorcido; muito palido; olhos chamejantes; pulsos cerrados, erguidos acima da cabeça.

— Deus mande tua alma para o inferno, Lobo Larsen! começou ele. Sómente no inferno cabe um covarde, um assassino da tua laia, porco!

Fiquei assombrado. Vi iminente outra destruição, mas errei. Larsen não tinha na cabeça esse intento. Caminhou devagar para o castelo de prôa e com um cotovelo firmado a uma trave quedou-se a olhar curiosamete para o excitadissimo rapaz.

Leach insultou-o como jamais alguem o fizera. A marinhagem reuniu-se num grupo apavorado lá pela escotilha da prôa. Todos olhavam e ouviam, atonitos. Os caçadores tambem acorreram, e como o desabafo do moço continuasse, vi que seus rostos mostravam inquietação.

Tambem eles estavam apavorados, não com o que dizia o rapaz, mas com a sua inconcebivel audacia.

Parecia impossivel, absurdo, que uma creatura humana pudesse assim enfrentar Larsen de cara. Sinto-me empolgado de admiração pelo heroi; vi nele a invencibilidade da alma imortal pairando sobre a carne e seus terrores — tal os antigos profetas quando condenavam a iniquidade dos grandes.

E que condenação! Leach punha a nú a alma de Lobo Larsen, para o desprezo dos homens. Fazia chover sobre ele maldições de Deus — dum Deus medieval de excomunhão e ira. Vasou a escala inteira das denuncias, alçando-se a cimos que pareciam privilegio dos deuses — e cançado do esforço desceu de tom, insultando por fim sujamente, á maneira humana.

Sua ira era já loucura. Seus labios espumejavam e por varias vezes o borbotão que lhe vinha á boca não conseguia articular-se em palavras. E deante daquela explosão sublime, Lobo Larsen, sempre de cotovelo apoiado á madeira, não mostrava senão curiosidade. Aquele furibundo levante de fermento, aquela inconcebivel revolta da materia movente, interessava-o como objecto de estudo.

A cada momento eu esperava — e todos os mais esperavamos — vê-lo saltar de játo sobre o moço e destrui-lo. Não era essa, entretanto, a sua intenção. Não estava com veneta para isso. Seu charuto apagara-se e ele continuou no mesmo ponto, a olhar com a mesma impassibilidade, vencido pela curiosidade.

Leach chegara ao apogeu da colera impotente.

— Porco! Porco! Porco! repetiu a plenos pulmões. Porque não corre a matar-me, assassino? Vem! Nada receio! Ninguem aqui o impedirá! Mil vezes preferivel morrer e ficar fóra do teu alcance de que permanecer vivo em tuas mãos! Vem, covarde, vem matar-me! Mata-me! Mata-me! Mata-me!...

Foi nesse ponto que a alma louca de Mugridge fê-lo entrar em cena. Tinha estado a ouvir o sublime desabafo da porta da sua baiúca e agora vinha fingindo ter algo a lançar ao mar, mas na realidade para assistir de perto á chacina que advinhava iminente. Olhou com hipocrisia para a cara de Lobo Larsen, que não deu por ele. Depois dirigiu-se para Leach.

— Que linguagem! Está nojento isso, gritou.

A sanha impotente de Leach fez-se potente. Estava alí algo sobre que descarregar-se, e pela primeira vez, desde a cena da cozinha, Mugridge aparecia deante dele sem a faca. Um violentissimo soco lançou o cozinheiro por terra. Por tres vezes tentou o misero pôr-se de pé e por tres vezes o murro de Leach o achatou miseravelmente.

— Soccorro! Socorro! berrava ele. Tirem-me este homem daqui! Acudam-me!...

Os caçadores riram-se com alivio — a tragedia degenerava em farça. Os marinheiros aproximaram-se em tumulto, cheios de exclamações, para assistir de mais perto ao castigo do odiado cozinheiro. Até eu senti grande alegria. Confesso o meu prazer, o gosto que senti

daquela surra quasi tão terrivel como a que Mugridge conseguira para Johnson.

Mas a expressão do rosto de Lobo Larsen não variou. Nem siquer mudou ele de posição. Continuava a olhar, cheio de curiosidade. Em consequencia da sua certeza pragmatica, parecia estar a assistir a um jogo de vida e do movimento dos levedos, com esperança de descobrir alguma coisa nova. Talvez naquela explosão de desespero e loucura apanhasse um traço que lhe fugira até então, e que lhe esclarecesse muita coisa.

Que surra! Lembrava-me a que eu havia assistido momentos antes. O cozinheiro esforçou-se em vão para livrar-se do moço enfurïado. Tambem esforçou-se em vão para ganhar abrigo na cabina. Rolou na direção dela; tentou arrastar-se para dentro. Os murros e ponta-pés de Leach, porém, não lhe permitiam a fuga — e alí ficou, massa gemente sobre a qual golpes incessantes choviam sem piedade. Ninguem interveiu. Ninguem acudiu. Leach poderia tê-lo morto, se quizesse, mas já havendo dado escapula á onda de ira que o empolgara, largou por fim da vitima e retirou-se para a prôa.

Estas duas tragedias, entretanto, foram simples numeros do programma do dia. A' tarde Smoke e Hendersen atracaram-se a tiros e houve um estouro de caçadores no convés. Lobo Larsen atirou-se para lá de arremesso. O estrepido da luta nos atordoava os ouvidos pávidos. Estavam feridos os dois contendores e Larsen os castigava furiosamente por terem desobedecido ás suas ordens — estraçalhando-se antes de concluida a estação de caça. Findo o castigo, o capitão passou a cuidar dos ferimentos de ambos. Servi de ajudante. Larsen examinava e limpava com brutalidade os buracos de bala, e as vitimas tudo suportavam, sem outro alivio fóra o reconforto dum bom copo de whiskey.

A desordem desse dia chegou ao apogeu no primeiro quarto da noite, no castelo de prôa. Deram origem ao novo péga os cõmentarios a proposito do espancamento de Johnson — e a julgar pela barulheira que ouvi e pelo numero de feridos que contei no dia seguinte, metade da tripulação havia desancado muito seriamente a outra metade.

No segundo quarto ocorreu um péga entre Johansen e o esbelto caçador americano Latimer. A coisa veiu de uma observação de Latimer a respeito dos roncos do contra-mestre durante o sono, e embora Johansen fosse batido, conservou o pessoal acordado pelo resto da noite, pois após cada cochilo retomava a luta, isso longa série de vezes.

Quanto a mim, vi-me oprimido de horriveis pesadelos. Já o dia não passara de sonho horrivel. Brutalidade sucedera a brutalidade, e o aceso das paixões junto á crueldade fria haviam levado aqueles homens a engalfinharem-se, num furor de mutua destruição. Meus nervos ficaram em carne viva. Meu cerebro abalou-me. Toda a minha vida antes do naufragio eu a passara na ignorancia da animalidade bruta. Conheci a vida apenas em seus aspétos nobres. Se alguma vez tive contato com a brutalidade foi com o inteletual — o agudo sarcasmo de Charley Fuereseth, os epigramas crueis dos meus companheiros em Bibelot e as duras observações de certos professores durante a minha época de estudos.

Apenas isso. Mas que homens pudessem dar largas á ira assaltando outros, rasgando-lhes a carne e fazendo o sangue esguichar, constituia novidade para mim. Não fôra atôa que me apelidaram o "Sissy" Van Weiden, murmurava eu comigo mesmo de noite, ao despertar dum pesadelo para caír noutro. Realmente, parecia que a minha inocencia quanto ás realidades da vida havia sido completa. E com amargor ri-me de mim proprio, concordando que a filosofia da vida de Lobo Larsen era algo bem mais consentanea com as realidades do que a minha.

Quando me dei conta desta conclusão, apavorei-me. A continua brutalidade envolvente estava a perder-me. Estava a destruir-me a sedução da vida. Minha razão insistia em fazer-me crer que o espancamento de Mugridge não se justificava, mas minha alma regosijava-se com ele. E mesmo quando me sentia opresso pela enormidade do meu pecado — pois que pecado era — alguma coisa gargalhava dentro de mim, de louco deleite. Ia desaparecendo o Humfrey Van Weiden. Começava a nascer Humf, moço de cabina da escuna Ghost, com Lobo Larsen por chefe, Tomaz Mugridge e o resto por companheiros. Aquela malta brutal estava a recunhar-me a personalidade.

CAPITULO XIII

Durante tres dias fiz o meu serviço e mais o de Mugridge — e posso gabar-me de ter feito muito bem o serviço dele. Sei que mereci a aprovação de Lobo Larsen e vi contentes a todos os mais da escuna.

— A primeira comida limpa que ainda tivemos a bordo, disse-me Harrison na porta da cozinha, ao voltar do castelo de prôa com os pratos servidos. A boia de Tommy cheira a sebo rançoso — e sei que ele nunca mudou de camisa desde o embarque em Frisco.

— Tambem sei disso, concordei.

— Dorme com ela, aposto, acrescentou Harrison.

— E não perderá a aposta. Nunca tirou do corpo aquela imundicie.

Mas Larsen havia concedido a Mugridge apenas tres dias para convalecer da surra, e no quarto, dolorido e capenga, ainda meio cégo com o inchaço dos olhos, foi ele arrancado á cama para vir retomar o serviço. Bem que chorou e pediu misericordia, mas Larsen fez-se inflexivel.

— E trate de não mais nos servir porcarias, foi a recomendação. Nada de gordurosidades e sujeiras — e sempre de camisa limpa, se não quer dar um mergulho por cima da amurada.

Mugridge arrastou-se qual um trapo para a cozinha. Um balanço mais forte da escuna fe-lo cambalear. Tentou apoiar-se na barra protetora que circumda o fogão e errou — pousou na chapa quente. Um grito de dôr — e após o chiado da carne queimada senti no ar um cheiro a assado.

— Meu Deus, meu Deus, que fiz para merecer isto? chorava o misero, sentado na caixa de carvão, sacudindo no ar e assoprando a queimadura. Por que vem tudo contra mim? Doente, escangalhado, martirisado, eu, que passo a vida sem maltratar ninguem...

Lagrimas lhe escorriam pela face tumefáta, torcida pela dôr. Uma expressão selvagem brilhou em seus olhos.

— Odeio-o! Oh como o odeio!...

— De quem fala? perguntei; mas o pobre diabo voltara a chorar os seus infortunios. Menos dificil saber a quem Mugridge odiava do que a quem não odiava.

Eu fôra levado a admitir dentro dele um demonio que o impedia a odiar o mundo inteiro. Parecia-me mesmo, até, que odiava a si proprio — tão grotescamente e monstruosamente a vida o afeiçoara. E nesses momentos vinha-me a simpatia e o remorso de me haver rejubilado com as suas desgraças. A vida fôra cruel com ele. Pregara-lhe uma horrivel peça quando o fez daquela forma — e foi-lhe pregando outras pelo caminho. Que chanças possuia o coitado de ser outra coisa diversa do que era? E como em resposta a esse pensamento ouvi-o murmurar:

— Nunca tive uma isca de chança. Ninguem que me mandasse á escola, que me enchesse o estomago faminto, ou me limpasse o nariz sangrento quando não passava dum criança. Ninguem nuca fez nada, nada por mim...

— Paciencia, Mugridge, disse eu pondo-lhe a mão sobre o hombro. Consola-te. Tudo melhorará para o deante. Você ainda tem muitos anos de vida pela frente e ainda ha de poder viver como quer.

— Mentira! gritou o misero afastando de si minha mão. Mentira, você bem sabe. Não tenho futuro, sou feito de trapo e lixo. Tudo está bem para você, Humf, isso sim. Nasceu gentleman. Jamais conheceu a fome. Nunca soube o que é, em criança, deitar-se de estomago vazio, a retorcer-se como se tivesse um rato dentro. Eu não posso melhorar. Ainda que amanhã me visse presidente dos Estados Unidos, como poderia isso encher meu estomago por todo o tempo para trás em que ele esteve vazio?

Como? Diga! Nasci para padecer. Tenho padecido mais que qualquer outro homem. Tenho passado nos hospitaes metade da porca desta vida. Com febres em Aspinwall, em Havana, em New Orleans. O escorbuto quasi me matou, e apodreci seis mêses num hospital de Barbados. Variola em Honolulu, duas pernas quebradas em Shangai, pneumonia em Unalaska, tres costelas afundadas e tudo lá por dentro retorcido em Frisco. E aqui estou agora. Olhe para mim! Olhe para mim! Minhas costelas arrebentadas a ponté-pés. Breve estarei a vomitar sangue. Por que tudo isso me acontece a mim? Deus! Que mais? Como deve Deus odiar-me, para deixar que me metesse nesta escuna...

O seu desabafo contra o destino levou uma hora ou mais; ao cabo, o desgraçado pôs-se a trabalhar, resmungando e rosnando, sempre com a sua expressão de odio a todos no olhar. O seu diagnostico saíra exáto; vieram-lhe enjôos e vomitos de sangue — e grandes dores. Como ele dizia, Deus como que o detestava, pois que [illegible] melhorando e com as melhoras tornando-se ainda mais mau do que nunca.

Mais alguns dias se passaram antes que Johnson reaparecesse no convês e, com grande desanimo, reentrasse em serviço. Estava ainda doente. Por mais duma vez vi-o trepar com esforço pelo cordame, ou cochilar de canceira ao leme. Peior ainda — Johnson tinha a alma quebrada. Tornara-se duma humildade abjéta deante de Larsen e Johansen.

Já Leach mantinha-se indomavel. Andava pela escuna qual joven tigre solto, chispando abertamente fagulhas de odio contra Larsen e o contra-mestre.

— Eu ainda te curo, sueco de pé espalhado! ouvi-o dizer uma noite a Johansen no convés.

O contra-mestre praguejou contra ele no escuro, e um projetil arremessado foi bater na janela da cozinha. Mais injurias e gargalhadas sarcasticas. Quando tudo se acalmou, vim para fóra e pude ver na janela da cozinha uma pesada faca cravada dois centimetros na madeira. Instantes depois veiu o contra-mestre em busca da faca, que não achou, pois eu a havia arrancado para entregá-la ao dono no dia seguinte. Leach a recebeu com uma careta onde li mais agradecimento do que em todo um lindo discurso como os sabe fazer á gente da minha classe social.

Exceção unica a bordo, eu andava sem rixa á vista e de bem com todos da escuna. Os caçadores talvez apenas me tolerassem, embora nenhum mostrasse antipatia átiva. Já Smoke e Henderson, a convalecerem sob um toldo no convés, em redes, [illegible]guravam que eu valia mais que uma enfermeira de hospital, e que jamais se esqueceriam de mim, quando a viagem chegasse a termo e recebessem o seu dinheiro (como se eu necessitasse do seu pobre dinheiro, eu que podia compra-lo a todos, e mais a escuna vinte vezes!). Coubera-me a tarefa de cuidar deles, o que fiz sempre do melhor modo.

Lobo Larsen teve outro violento ataque de cefalagia que durou quarenta e oito horas. Deve ter sofrido muito, pois chamou-me á cabina e obedeceu ás minhas prescripções tal qual criança doente. Nada do que fiz, entretanto, conseguiu aliviá-lo. Por sugestão minha, deixou de beber e fumar. Impressionava-me o fáto de tão perfeita e poderosa creatura padecer de tal achaque.

— E' o dedo de Deus, garanto, assegurava-me Luiz. Começa o castigo e ele tem que esperar por muito mais ainda, até o fim da viagem. Ou então...

— Ou então...

— Ou então Deus não está fazendo o que deve, embora eu não possa dizer isto,

Engasgou-me quando observei que estava nas boas graças de todos de bordo. Mugridge continua a odiar-me — e descobriu para isso uma nova razão. Custei a descobri-la, mas descobri-a; porque nasci em melhor cama — porque sou nobre de nascimento, como ele diz.

— Dois mortos a menos, sussurrei para Luiz, quando vi Smoke e Henderson passeando em exercicio de convalescença pelo convés, lado a lado, muito camaradas.

Luiz varou-me com os seus olhos perspicazes e meneou a cabeça.

— A morte ronda por aqui sempre, asseguro-lhe. Estou sentindo-lhe a catinga, e tão claramente agora como percebo a vida da noite escura. Bem perto, bem perto...

— E quem vai primeiro?

— Não serei eu, garanto! respondeu ele numa risada. Sinto lá dentro dos meus ossos que no anno que vem estarei deante dos olhos de minha mãi — olhos cançados de olhar para o mar á espera dos cinco filhos que o mar lhe levou.

— Que esteve Luiz dizendo a você, Humf? perguntou-me Mugridge depois.

— Que espera retornar á sua casa e rever sua velha mãi, respondi diplomaticamente.

— Eu nunca tive mãi, foi o comentario do cozinheiro, pondo nos meus os seus olhos vazios de luz da esperança.

CAPITULO XIV

Eu jamais dera tento ao valor da mulher na vida do homem. Embora pouco mulherengo, nunca vivi longe do ambiente feminino. Minha mãi e minhas irmãs sempre moraram comigo — e eu vivia procurando escapar-me dellas. Incomodavam-me com os seus excessos de carinho, com as suas invasões periodicas aos meus aposentos, onde a minha especial desordem era transformada em ordem á moda delas — linda para os olhos, mas de terrivel confusão para mim. Nunca eu podia encontrar as minhas coisas depois que elas deixavam tudo arrumadinho em meu antro. Mas agora — mas agora, como não ardia eu por tê-las em redor de mim, e por ouvir-lhes o fru-fru das saias que tanto me aborrecia! Estou certo de que se tornar para casa, jamais me irritarei com a solicitude feminina.

Poderão animar-me da manhã á noite, e arrumar-me o antro cem vezes por dia, que nunca deixarei de dar graças aos céos de possuir mãi e irmãs.

Isto me levou a pensar nos meus companheiros. Onde as mãis daqueles vinte e tantos homens da **Ghost**? Parece-me anti-natural que vivam separados da mulher, e postos assim, como um rebanho de machos, a correr mundo sozinhos. Brutalidade e selvageria são as consequencias inevitaveis. Eles deveriam ter esposas, mãis, irmãs; e portanto devem ser susceptiveis de simpatia e ternura. Mas nenhum é casado. Por anos e anos nenhum teve contáto com uma mulher decente, e pois não sentiram a ação redentora que emana de tais criaturas. Vidas desequilibradas. A masculinidade bruta hipertrofiou-se. O lado espiritual da vida não poude desenvolver-se.

Constituem uma ordem de celibatarios que rosnam e se arreganham um para o outro e dia a dia mais calejados se fazem, nessa vida de arreganhos. Parece até impossivel que tenham tido mãis. Dão-me a idéa de semi-brutos — duma especie de animais semi-humanos, raça áparte, onde o sexo não existe. Como que chocados de ovos expostos ao sol, ao modo das tartarugas. Porisso, requintam-se mais e mais em brutalidade e maldade, para ao cabo desaparecerem tão vazios de amor como viveram.

Tomado por esta ordem de idéas, conversei com Johansen a noite passada — e foi a primeira vez que o fiz.

Soube que havia deixado a Suecia aos dezoito anos. Tem agora trinta e durante todo esse tempo nunca mais apareceu em casa.

Certa vez no Chile encontrou numa tasca um conterraneo, do qual ouviu que sua mãi ainda vivia.

— Deve andar bem velhinha hoje, disse ele pensativamente, com os olhos na bitacula e dando aviso com um olhar a Harrison, então no leme, de que estava governando um ponto fóra da rota.

— Quando lhe escreveu pela ultima vez?

Johansen fez o calculo em voz alta.

— Oitenta e um — não! Oitenta e dois? Não. Parece que em oitenta e tres. Sim, oitenta e tres. Faz dez anos. Escrevi dum porto de Madagascar. Eu estava no comercio, nesse tempo.

— Você sabe, continuou ele. Cada ano estou para voltar — e para que escrever, pois? Mas cada ano acontece qualquer coisa que me atrapalha. Mas agora sou contra-mestre e quando regressar a Frisco com uns quinhentos dolares no bolso tomarei um veleiro que dobre o cabo Horn rumo a Liverpool, o que me dará ainda algum dinheiro — e de lá seguirei para casa. E então a velhinha não trabalhará mais.

— Trabalha ainda, então? Que idade tem?

— Uns setenta, respondeu. E depois, com orgulho: Em nossa terra trabalhamos a vida inteira. E porisso vivemos vida longa. Eu hei de chegar aos cem.

Jamais me esquecerei desta conversa — a a unica que com ele tive. Talvez fossem essas palavras as ultimas que pronunciou na terra. Desci dali para a cabina e verifiquei que estava muito abafado. Noite de calmaria. A **Ghost**, já sem vento alisio nas velas, mal dava um nó por hora. Tomei o travesseiro e o lençol e subi ao convés.

Ao passar por entre Harrison e a bitacula notei que a escuna seguia tres pontos fóra da rota. Está dormindo o rapaz, pensei — e para livrá-lo das más consequencias possiveis dirigi-me a ele. Não estava adormecido, não. Tinha os olhos bem arregalados até. Perturbou-se quando lhe adverti do erro e mal poude responder-me.

— Que tem você, rapaz? perguntei. Doente?

Harrison meneou a cabeça, com um fundo suspiro.

— Concerta a rota, é o melhor, adverti-o então.

Harrison moveu a roda e pude ver que a agulha oscilava na direção NNE até firmar-se nela. E eu ia retomar meu caminho quando um rumor logo adeante chamou-me a atenção. U'a mão humana a pingar, agarrava-se á barra da amurada. Uma segunda mão fez-se visivel logo em seguida. Pús-me a olhar, fascinado. Que visitante vinha assim emergindo das trevas? Quer que fosse percebi que subira pela corda da barqueta. Vi aparecer uma cabeça com os cabelos escorridos de agua — e logo reconheci os olhos e o rosto de Lobo Larsen. Tinha a face direita sangrenta dalguma ferida mais acima.

O fantasma içou-se para dentro com esforço, aprumou-se e olhou ansioso para o timoneiro como a certificar-se da sua identidade e de que nada tinha a receiar dele. Larsen pingava da cabeça aos pés. Grugulejava a espaços. Ao dirigir-se para o meu lado instintivamente recuei — porque em seus olhos eu lia Morte.

— Onde está o contra-mestre, Humf? interpelou-me em voz baixa.

Fiz com a cabeça que não sabia.

— Johansen! chamou ele baixo. Johansen! E depois, para Harrison: Onde está ele?

O rapaz parecia ter recobrado seus espiritos, pois respondeu com firmeza: — Não sei, senhor. Vi-o ainda ha pouco passar em direção á prôa.

— O mesmo fiz eu, mas note que não reaparece pelo mesmo caminho. Pode explicar isto?

— E' que caíu nagua, então, senhor.

— Quer que o procure? perguntei ao capitão.

Larsen sacudiu a cabeça.

— Não o achará, Humf, mas procure. Ande. Não se preocupe com o travesseiro. Deixe-o aí mesmo.

Acompanhei-o rente aos calcanhares. Nada de anormal no convés.

— Esses malditos caçadores, disse Larsen. Preguiçosos demais para um quarto de guarda.

No extremo da prôa encontramos tres marinheiros adormecidos. Larsen revirou-os para lhes ver as caras. Faziam parte da guarda do convés e era de praxe deixá-los todos dormir, menos o oficial, o timoneiro e o gageiro.

— Quem é o gageiro? perguntou Larsen.

— Eu, senhor, respondeu com tremura na voz Holyoak, um dos marinheiros de alto mar. Cochilei um pouco, senhor, mas não cochilarei mais.

— Notou alguma coisa no convés?

— Nada, senhor. Eu. .

Larsen já estava adeante, rosnando de raiva e o marinheiro ficou a esfregar os olhos, surprezo de sair-se do embrulho com tão pouco.

— Quieto, quieto, agora, advertiu-me Larsen num sopro de voz, emquanto se dirigia ao castelo de prôa para descer.

Segui-o com o coração aos pulos. Imaginava tanto o que ia suceder como sabia o que tinha sucedido. Mas sangue havia sido derramado — e não era por veneta propria que Larsen caíra nagua e trazia um rasgãos no couro cabeludo. Além disso Johansen desaparecera.

Pela primeira vez eu descia a escada do castelo de prôa e jamais me esquecerei da impressão recebida quando encontrei-me em baixo. Vi dupla fileira de leitos onde doze homens acomodavam-se para comer, dormir e o mais da vida. Meu quarto em minha casa era muito grande, mas mesmo assim poderia conter meia duzia de comodos como aquele.

Cheirava a azedo e mofo, e á luz vacilante duma lampada pude ver por todos os lados botas de marujos, capotes de oleado, roupas de toda a classe. Os balanços da escuna faziam aquilo mover-se incessantemente. Aqui um par de botas dependuradas batia com regularidade contra a parede — e embora fosse tempo de mar calmo havia um ruido continuo de madeirame a ringir, janelas a bater e a voz cava do abismo sob o casco da escuna.

Os homens lá acomodados não se mexeram. Eram oito — com os dois de guarda em baixo — e o ar confinado tornara-se espesso de cheiros humanos, vapor de expiração, roncos e mais emanações sonicas do animal humano. Mas estariam dormindo? Todos? Era o que preocupava Larsen. Queria descobrir quais estavam dormindo e quais simulavam dormir, e ainda quais estiveram acordados pouco antes. E Larsen agiu para certificar-se do que queria dum modo que me lembrou certo conto de Boccacio.

Tomou a lampada donde estava e passou-ma. E iniciou a revista. Começou pelos primeiros leitos de bombordo. Num deles estava Oofty-Oofty, um esplendido marinheiro kanaka. Dormia de costas e respirava placido qual uma mulher, um braço sobre a cabeça e outro estendido sobre o lençol. Larsen tomou-lhe o pulso e contou as pulsações. Subito kanaka despertou tão serenamente como dormia. Não fez movimentos. Apenas os olhos foram-se abrindo. Arregalaram-se e fitaram-se em nossos rostos. Larsen levou o dedo aos labios em sinal de silencio e aqueles olhos fecharam-se de novo.

No leito imediato jazia Luiz, roliço na sua gordura suada, a dormir de fáto — a dormir

laboriosamente. Emquanto Larsen lhe tomava o pulso ele recurvou-se de modo a ficar por um momento apoiado apenas sobre os hombros e os calcanhares. Seus labios moveram-se, deixando escapar palavras enigmaticas.

— Um shelin vale vinte e cinco centavos; mas olho vivo com as moedas de tres pence, pois os publicanos sabem impingí-las como de seis.

Em seguida virou-se de lado e com um suspiro fundo murmurou:

— Seis pence são seis pence, um shilim é um sholim, mas um penny não sei...

Satisfeito com a honestidade daquele sono e do do kanaka, Lobo Larsen passou a outro leito, ou aos dois seguintes, onde dormiam George Leach e Johnson.

Mal o capitão curvou-se para tomar o pulso a Johnson, comigo ao lado sustendo a lampada, vi aparecer á beira do leito superior a cabeça de Leach, que espiou o que se passava no debaixo. Certo que advinhou a traça de Larsen, pois arrancou-me a lampada das mãos e apagou-a, deixando-nos na mais completa escuridão. Em seguida saltou de um bote para cima de Larsen.

Os primeiros rumores que ouvi foram de luta entre touro e lobo. De Larsen eu ouvia mugidos e de Leach, uivos de colera. Johnson deve ter vindo em seu auxilio logo a seguir; a sua abjeta humildade depois do espancamento não passava de atitude.

O terror empolgou-me ante aquela luta mortal nas trevas. Apoiei-me á escada, tremulo, incapaz dum movimento. Senti o velho enjôo de estomago que o espetaculo da brutalidade núa sempre me causava. Nada podia ver, mas ouvia. Ouvia o choque, o impeto dos golpes — sons balofos de carne contra carne. Os afegos. Curtos gritos de dôr subita...

Mais homens devem ter tomado parte na conjura para destruir o capitão e o imediato. Pelo estrepito percebi isso.

— Uma faca! gritou Leach. Deem-me uma faca!

— Na cabeça! gritou Johnson. Esmague-lhe a cabeça!

Depois do seu mugido de touro Larsen não emitiu nenhum outro som. Lutava pela vida em silencio, como féra já baleada. Desde o inicio da luta perdera o pé, e apesar da sua tremenda força parecia sentir-se sem esperanças.

A violencia com que lutavam chegava até a mim. Vi-me lançado de um tranco de encontro á parede e machuquei-me. Na confusão, meu esforço era para pôr-me a salvo sobre um leito superior.

— Todos aqui uivou Leach. Agarrei-o!

— A quem? perguntaram varias vozes — dos que estiveram realmente a dormir e despertaram sem saber do que se tratava.

— O raio do contra-mestre, foi a habil resposta de Leach.

Houve um espasmo de alegria — e imediatamente Larsen teve sete homens contra si. Luiz, creio, não fazia parte do bando. A arena tornou-se como a vespeira enfurecida pelo assalto dum ladrão.

— Que é isso aí? gritou lá de cima Latimer, muito cauto para descer áquele inferno de horrores que bramia na escuridão.

— Não ha uma faca? Ninguem tem uma faca? gritava Leach a espaços.

O numero dos assaltantes só trazia confusão. Atrapalhavam-se e assim favoreciam a Larsen, o qual não perdia golpe. E conseguia ir varando a massa inimiga, de rumo á escada. Embora imerso em escuridão absoluta, pude perceber o seu avanço pelos sons. Homem nehum, salvo um gigante, poderia ter feito o que Larsen fez. Passo a passo, á força de musculo, ia-se arrancando da massa que procurava retê-lo e firmando-se de pé. E poude afinal alcançar a escada.

A ultima parte observei bem. Latimer aparecera em cima com uma lanterna cuja luz inundou o antro. Lobo Larsen conseguiu subir, embora eu não o visse individualmente. Eu só via a massa, o cacho de homens agarrado a ele. Era como uma enorme aranha negra de inumeras pernas e braços, que ondeava os movimentos da escuna. E aos socões, aos vai-e-vens, foi essa aranha galgando os degraus da escada.

— Que é lá isso? repetiu Latimer.

Pude ver ao clarão da lanterna o seu rosto perplexo espiando para baixo.

— Larsen! murmurou alguem dentro da massa de corpos.

Latimer estendeu a mão livre para baixo. Uma outra agarrou-a com frenesi. Latimer puxou-a e os dois ultimos degraus foram vencidos.

A outra mão de Larsen apareceu então e agarrou-se ao rebordo da escotilha. A massa humana vacilou, foi-se despegando e caindo aos pedaços, á força de pontapés. O ultimo a destacar-se foi Leach, que rolou do topo da escada indo dar com a cabeça de encontro aos seus companheiros de aventura.

Lobo Larsen e a lanterna desapareceram — e a escuridão nos envolveu de novo.

CAPITULO XV

Um jorro de blasfemias e injurias brotou de sob a escada quando aqueles homens perceberam que a presa havia escapado.

— Façam luz! Tenho um dedo destroncado, disse um deles, Parson, typo forte e saturnino, timoneiro do bote de Standish no qual Harrison era remador.

— Ha fosforo debaixo das abitas, disse Leach sentando-se á beira da cama na qual eu me ocultara.

Apareceram fosforos afinal e a lampada foi acesa. A' sua incerta luz fumegante moveram-se aqueles homens de pernas núas, cada qual cuidando da sua machucadura. Oofty-Oofty estirou o polegar destroncado de Parson para repô-lo no lugar. Pude ver que os nós dos dedos do kanaka estavam rasgados até ao osso. Ele mostrava-os explicando com uma careta de belos dentes alvissimos, que fôra dum murro dado na boca de Larsen.

— Então foi você, miseravel negro? gritou furioso um tal Kelly, americano de ascendencia irlandesa que fazia a sua primeira viagem como remador do bote de Kerfoot.

E a cuspir sangue e pedaços de dentes, Kelly avançou para Oofty-Oofty.

— Eh lá! Acalmem-se! interveiu Leach, evidentemente o galo do castelo de prôa. Vamos lá, Kelly, deixe Oofty em paz. Como poderia elo saber no escuro que estava esmurrando a você?

Kelly acomodou-se, a resmungar, emquanto o kanaka mostrava a brancura dos dentes num sorriso agradecido. Era um belo animal, quasi feminino pelo bem feito do rosto, macieza sonhadora da voz, embora não passasse duma féra.

— Como conseguiu ele escapar? indagou Johnson, sentado á beira do leito, indicando em tudo desesperança e desanimo. Respirava ainda aos arquejos do tremendo esforço que fizera. Camisa completamente arrancada do corpo e um rasgão na face, donde o sangue fluia para o peito nú, descendo até o assoalho.

— Porque é um diabo, como vivo dizendo! foi a resposta de Leach que tinha lagrimas de desapontamento nos olhos.

— E ninguem me passou uma faca! Tanto, tanto que pedi! era o seu estribilho.

Mas receioso das consequencias nenhum daqueles homens lhe dava atenção.

— Como irá ele saber quem foi e quem não foi? lançou Kelly, correndo os olhos em torno. Só se um de nós trair.

— Saberá logo que nos encarar nos olhos, disse Parson. Um olhar em você será o bastante.

— Diga-lhe que um tranco do barco te arrancou fóra os dentes, propôs Luiz numa risada. Era Luiz o unico que não saíra da sua cama e pois não apresentava nenhum sinal de haver tomado parte no péga noturno.

— Nós diremos que julgavamos tratar-se do contra-mestre, sugeriu um. E outro: Eu sei o que devo dizer — direi que ouvi um tumulto e pulei da cama e apanhei um grande murro nos queixos, dado por não posso saber quem, e retribui ás cegas. — Tambem não sei quem o levou.

— Levei eu, disse Kelly mostrando no rosto as consequencias do murro.

Leach e Johnson mal tomavam parte na discussão e seus companheiros já os olhavam como criaturas perdidas sem remissão. O primeiro suportou por algum tempo aqueles agouros, depois explodiu:

— Vocês enjoam-me! Gazabas, um bando de gazabas é o que são. Se falassem menos e agissem mais, o bruto já estaria liquidado. Por que um de vocês, um só que fosse, não me passou a faca que tanto e tanto pedi? Enojam-me, sabem? Ficaram a dançar em torno de Larsen como se ele fosse matá-los a todos. Jamais o faria, ainda que pudesse. Não lhe conviria. Não tem por aqui onde reabastecer-se de homans e precisa de nós para o seu negocio. Quem iria á caça, digam-me? Só eu e Johnson é que temos de aguentar as consequencias — e, portanto, todos para a cama! Quero dormir.

— Muito, muito bem! disse Parson. Talvez nada aconteça, mas ouça o que digo: o inferno será um sorvete em comparação do que vai virar esta escuna daqui por deante.

Todo o tempo eu havia estado receioso pela minha propria sorte.

Que poderia acontecer-me se aqueles homens me descobrissem ali?

Impossivel safar-me das suas garras, como

Larsen. Subito, Latimer gritou meu nome lá de cima:

— Humf! O capitão está chamando.

— Não está cá, respondeu Parson.

— Estou sim, respondi pulando da cama e fazendo o que podia para conservar firmeza na voz.

Os marinheiros olharam-me consternados. Li medo em suas caras — medo e a maldade diabolica que o medo gera.

— Ja vou! gritei para Latimer.

— Não vai! interveiu Kelly interpondo-se entre mim e a escada. Miseravel espião! Hei de fechar essa bocca...

— Deixem-no ir, ordenou Leach.

— Nunca! foi a resposta irada de Kelly.

Leach, que não mudara de posição á beira da cama onde estava, repetiu: Deixem-no ir, estou dizendo, e sua voz ressoou metalica.

O irlandês vacilou e afastou-se da minha frente. Quando alcancei a escada, volvi os olhos para o circulo de faces brutais que me encaravam na semi-escuridão. Subita simpatia ganhou-me. Lembrei-me das palavras do cozinheiro. Como devia Deus odiá-los para os torturar assim?

— Nada vi e nada sei, creiam-se, disse-lhes eu com firmeza, e ouvi Leach afirmar: Responzabilizo-me por ele. Não gosta do bruto, é dos nossos.

Encontrei Larsen na sua cabina, rasgado e sangrento. Recebeu-me com um dos seus sorrisos enigmaticos.

— Chegue-se, doutor. Tudo está a favorecer uma extensa pratica cirurgica nesta viagem. Não sei o que teria sido a **Ghost** sem você — e se eu pudesse alimentar tão nobre sentimento, diria que me sinto profundamente grato.

Eu sabia lidar com a modesta botica de bordo, e emquanto a agua fervia no fogareiro da cabina, Larsen andava de cá para lá, rindo-se, caçoando e examinando as suas feridas e contusões com olho experiente. Eu jamais lhe havia visto o corpo nú e fiquei em suspenso. Nunca fôra meu fraco exaltar a carne — longe disso; mas o meu senso estetico não podia deixar de enlevar-se com a maravilha.

Confesso que me senti fascinado pelas linhas perfeitas do corpo de Larsen e pelo que posso chamar a sua terrivel belleza. Eu havia contemplado aqueles homens semi nús do castelo de prôa. Poderosos de musculatura, mas sempre com um ou outro defeito. Este, demasiadamente desenvolvido num ponto; aquele, com pernas compridas ou curtas demais; outros, de musculatura excessiva ou ossatura muito amostra. Só Oofty-Oofty apresentava linhas em conjunto perfeito, embora tocadas de certa feminilidade.

Mas Lobo Larsen era o homem-tipo, o Homem, quasi um deus de perfeição. Quando se movia ou erguia os braços, os poderosos musculos ondeavam sob a pela setinea. Esqueci-me de dizer que era de bronze só do pescoço acima. O resto, graças ao sangue escandinavo, tinha a alvura dum corpo de mulher. Lembro-me de que levantou o braço para apalpar uma bossa da cabeça — e que me extasiei deante de seu biceps vivo dentro da pele — o mesmo que por pouco não me expeliu a vida desta sua carcassa terrea. Mas não pude tirar os olhos deles. Fiquei extatico, parado, com um rolo de atadura a desenrolar-se para o chão.

Larsen percebeu meu enlevo.

— Deus o fez maravilhoso, murmurei.

— Sim? Já pensei nisso, respondeu ele. Mas nunca descobri por que.

— Proposito... sugeri.

— Utilidade, corrigiu Larsen. Este corpo foi feito para uso. Estes musculos foram feitos para agarrar, rasgar, destruir as coisas vivas que se interpõem entre mim e a vida. Mas já pensou nas outras coisas vivas? Tambem elas possuem musculos feitos para agarrar, destruir, rasgar — mas quando se interpõem entre mim e a vida eu agarro mais, rasgo mais, destruo mais. Proposito nada explica. Utilidade, sim.

— Não vejo beleza nisso, protestei.

— A vida é que não é bela, disse ele sorrindo — e no emtanto fui feito belo. Olhe para isto, e contraiu as pernas e os dedos dos pés, como que agarrando o assoalho da cabina. Nós, protuberancias e massas de musculos moveram-se como serpes sob a pele alva.

— Apalpe-me, ordenou.

Massas rijas como o ferro. Tambem observei que todo o seu corpo se retesara instintivamente; que os musculos como que se remodelavam, descendo para as ancas e costas e que seus dedos se engrifavam como garras. Até os olhos mudaram de expressão — tensos, em guarda, em prontidão para a luta.

— Estabilidade, equilibrio, disse ele relaxando-se de toda aquela tensão muscular e caindo em repouso. Pés que possam agarrar-se ao chão, pernas que sustenham firme o arcabouço — e braços e mãos e unhas e dentes prontos para matar e lutar pela vida. Proposito? Utilidade diz muito mais.

Não contestei. Eu havia visto o mecanismo da féra primitiva e impressionei-me como se houvesse visto as maquinas dum poderoso navio de guerra.

Atendendo á luta violentissima desenvolvida no castelo de prôa fiquei assombrado de verificar o leve dos seus ferimentos — e orgulho-me de os haver pensado com mestría. Com poucas excepções, não vi em seu corpo senão arranhaduras sem importancia. O golpe que levara ao cahir nagua rompera-lhe o couro cabeludo

por algumas polegadas. Pensei esse ferimento; lavei o rasgão e costurei os bordos. Tambem tinha a barriga de ambas as pernas bastante laceradas, como se mordida por terrivel buldoque. Alguem o havia agarrado alí com os dentes no começo da luta, disse-me ele, e ficara agarrado o tempo todo, até que no alto da escada poude sacudi-lo com um ponta-pé.

— Você não deixa de ser uma creatura preciosa, Humf, disse-me ele quando terminei meu serviço medico. Como sabe, estou sem contramestre. Dóra em deante você fará os quartos, receberá setenta dolares por mês e será chamado, de popa a prôa, o senhor Van Weinden.

— Eu... eu nada conheço de navegação, o senhor bem sabe, murmurei atonito.

— E nem é necessario.

— Eu em absoluto não procuro promoção, protestei ainda. Acho a vida muito precaria em minha presente situação. Não possuo experiencia. A mediocridade deve ter as suas compensações.

Larsen sorriu como se tudo estivesse definitivamente acertado.

— Não, não quero ser contra-mestre deste navio infernal! gritei desafiadoramente.

O rosto de Larsen endureceu; o fulgor impiedoso brilhou-lhe nos olhos — e dirigindo-se para o seu aposento limitou-se a dizer:

— Boa noite, senhor Van Weyden!

— Boa noite, senhor Larsen, respondi num murmurio.

CAPITULO XVI

Não posso dizer que a posição de contramestre trouxesse encanto maior do que a minha liberdade da cozinha. Não mais pratos a lavar, panelas... Isto tudo valia alguma coisa. Mas eu ignorava os mais simples deveres dum imediato de navio e ter-me-ia saído mal, se os marinheiros não me houvessem recebido com simpatia. Ignorava todo aquele jogo de cordame e velas que é tudo num barco, mas fuí ensinado — todos procuravam ensinar-me, especialmente Luiz, que era ótimo professor. Isso fez que eu tivesse poucos incomodos com os meus subordinados.

Já com os caçadores foi diferente. Familiares a fundo com o oceano, tomaram-me como brincadeira. E na realidade para mim mesmo era uma brincadeira, uma pilheria que um pobre homem a fazer a sua primeira viagem — e á força — pudesse desempenhar essa função tecnica; mas ser tomado como brincadeira pelos outros era muito differente. Mas não me queixei. Larsen, entretanto, exigiu a mais estrita etiqueta para comigo, mais do que a havia com o pobre Johansen, e á força de ameaças, rajadas de insultos e mesmo pégas fisicos, conseguiu meter os caçadores em linha. Eu era o senhor Van Weyden da popa á prôa, e só familiarmente Larsen me tratava ainda de Humf.

Não deixava de ser divertido. A's vezes o vento mudava durante uma refeição; ao sairmos da mesa Larsen me dizia: "Senhor Van Weyden, queira ter a bondade de virar o bordo". Eu sabia, acenava para o Luiz e indagava dele o que fazer.

Minutos depois, com a lição bem aprendida, dava minhas ordens. Lembro-me que em certa ocasião Lobo Larsen apareceu justamente quando eu começava a dar uma ordem dessas. Fumando o seu charuto, acompanhou muito a sério a manobra e depois ficou a passear pela popa.

— Humf, disse-me em dado momento. Perdão! Senhor Van Weyden, meus parabens. Creio que agora póde devolver para o tumulo as pernas do senhor seu pai. Já possue pernas proprias e sabe equilibrar-se nelas. Mais um pouco de pericia no trabalho das cordas e no manejo de velas, mais um pouco de pratica com o mau tempo, e ao fim da viagem poderá dirigir uma escuna costeira.

Foi durante esse periodo — da morte de Johansen á chegada aos campos de caça — que tive meus melhores momentos a bordo da Ghost.

Lobo Larsen tratava-me gentilmente, os marinheiros ajudavam-me e eu me via liberto do contáto desagradavel de Mugridge. E não devo ocultar que no correr do tempo comecei a sentir um certo orgulho de mim proprio. Era fantastica a minha situação — eu, um bicho de terra, transfeito em imediato duma escuna! Não obstante, tudo corria bem. Cheguei a gostar dos balanços da Ghost, que singrava de rumo para éste, pelos tropicos a dentro, em busca da ilha onde iria refrescar.

Minha felicidade, entretanto, era relativa.

Tratava-se apenas duma fase de menos miseria, interposta entre um passado de grandes miserias e um futuro de outras não menores. Porque a Ghost, no que diz respeito á tripulação, era na realidade um barco do inferno.

Nunca ha paz, senão por bem curtos momentos. Lobo Larsen não perdoava a tentativa de destruição da sua vida, e da manhã á noite, e ainda durante a noite, caprichava em tornar intoleravel o viver daquela gente.

Conhecia bem a psicologia do suplicio pequenino, e á força de coisinhas minimas mantinha a tripulação sobresaltada e na beira da loucura. Vi Harrison acordado do seu sono á noite para repôr no devido lugar uma brocha de pintor — e dois guardas tirados do sono cançado para fiscalizar-lhe o serviço. Coisas minimas, sim, mas que, multiplicadas ao infinito pela terrivel engenhosidade daquele cerebro, degeneravam em perfeito suplicio para os homens do castelo de prôa.

Um murmurio constante de queixas chegava-me aos ouvidos, e pequenas explosões se repetiam. Sobrevinham espancamentos, e havia sempre dois ou tres homens postos como enfermeiros dos que caíam vitimas da pesada mão de Larsen. Nova ação de conjunto tornara-se impossivel, porque a cabina e a timoneira haviam sido transformadas em arsenal de guerra. As duas vitimas prediletas eram Leach e Johnson; a profunda melancolia que boiava nos olhos deste ultimo cortava-me o coração.

Com Leach tudo mudava. Era muito mais pugnaz e, dominado pela furia do odio, não tinha tempo para sofrer. Em seus labios havia-se fixado um ritus permanente de arreganho, e á simples vista de Larsen explodia em horriveis ameaças, creio que inconscientemente. Vi-o seguir Larsen com olhos de féra para com o domador, a rugir e a trincar os dentes.

Certa vez, no convés, dia claro, toquei-lhe no hombro antes de dar-lhe uma ordem. O salto que deu, o rosnido e as feições decompostas que lhe vi, quando se voltou para mim! E' que me havia confundido com Lobo Larsen.

Ambos, ele e Johnson, teriam matado o seu cruel senhor se uma boa oportunidade se apresentasse — mas não se apresentava nenhuma. Larsen era precavido e eles estavam desarmados. Corpo a corpo, sem armas, nada poderiam contra o bufalo humano. Por vezes Larsen atracou-se com Leach, que se defendia á moda do gato selvagem, a unhadas e dentadas, e aos saltos, até caír inconsciente sobre as tabuas do convés. Mas mesmo assim jamais rejeitava novo péga. O demonio que morava dentro dele declarara guerra de morte ao demonio que habitava o corpo de Lobo Larsen. Bastava que se cruzassem no tombadilho para que nova luta fosse travada. Cheguei a ver Leach lançar-se contra Larsen sem aviso, nem provocação. Doutra feita, atirou-lhe de longe a sua pesada faca de marinheiro, errando-lhe a garganta por polegadas. E de outra, ainda, estando a remendar cabos na verga da mezena, deixou caír a faca de serviço de setenta pés de altura. O alvo era Larsen, que vinha subindo a escada; errou, e a faca entrou por duas polegadas na madeira dura. Tambem um dia conseguiu apossar-se dum fuzil na timoneira — e ia voar com ele para o convés quando foi detido e desarmado por Kerfoot.

Perguntei a Larsen por que não acabava com aquilo duma vez. Ele riu-se, alegre. Gosava um demoniaco encanto em manter escravo aquele animal feroz.

— Uma sensação estranha, isto de ter uma vida rebelde nas mãos, explicou-me ele. O homem é por natureza jogador, e a vida maxima parada que póde jogar. Maior o azar, maior a sensação. Por que havia de privar-se do prazer de excitar a alma de Leach até ao furor do desespero? E assim fazendo dou-lhe uma compensação. O prazer é mutuo. Leach está a viver mais intensamente do que nenhum homem antes dele — embora não saiba disso. Vivendo vida de rei. Porque tem o que os outros não têm — um objectivo, algo a fazer e que tem de ser feito, uma finalidade absorvente que lhe é necessario attingir: o seu desejo de matar-me. A sua esperança de matar-me — quanto não vale isso? Realmente, Humf, ele está a viver violentamente, com uma intensidade que poucos conhecem. Certas vezes chego a ter-lhe inveja, quando o sinto no apice da paixão.

— Oh, mas isto é covardia, exclamei. O senhor tem superioridade em armas.

— De nós dois, você e eu, qual o mais covarde? interpelou-me ele a sério. Se a situação é desagradavel, você pactuando com ela constrange a sua consciencia. Se fosse realmente sincero comsigo proprio, teria de juntar-se a Leach e a Johnson. Mas tem medo, tem medo! Quer viver! A vida que ha em você quer viver a todo o transe, e você vive ignominiosamente, mentindo a si proprio, traíndo os seus ideais, pecando contra os pequeninos codigos que respeita e, se houvesse inferno, preparando-se para lá meter um dia a alma. Bah! Eu desempenho a parte mais nobre. Não péco, porque reajo de pronto de acordo com a vida que se defende dentro de mim. Sou sincero com a minha alma — e você não.

Havia aguilhões naquelas palavras. Talvez, realmente, eu estivesse representando a parte da covardia, e quanto mais penso nisso mais me convenço de que o meu dever no caso era aliar-me a Johnson e Leach na luta contra Larsen. Eu sentia ressurgir em mim a conscien-

cia terrivel de meus antepassados puritanos, a impelir-me para ações tragicas e sancionando até o homicidio como a réta moral no caso. A humanidade ganharia com esse crime, a vida tornar-se-ia mais bela e suave.

Ponderei isso por longo tempo e nas minhas insonias passei em revista a procissão dos fátos e hipoteses. Cheguei a conversar com Leach e Johnson durante as horas de guarda, quando Larsen estava em baixo. Ambos já haviam perdido toda a esperança — Johnson, por motivo do seu natural melancolico e descoroçoado, e Leach porque fôra batido na luta e sentia-se exausto. Este segurou-me a mão apaixonadamente e disse:

— Sinto que é leal, senhor Van Weyden. Mas fique onde está e feche bem a boca. Nada, nada diga. Somos, eu e Johnson, dois homens mortos — o senhor, não obstante, nos poderá valer de algo num mau momento.

No dia seguinte a ilha de Wainwright apontou a sotavento e Lobo Larsen abriu a boca para uma profecia, isso depois de haver tido um péga muito sério com Leach e Johnson.

— Leach, disse ele, sabe você que dum momento para outro vou matá-lo, não sabe?

Um rosnido de lobo foi a resposta.

— E você, Johnson, vai ficar tão cançado da vida antes que eu me dê por satisfeito, que acabará lançando-se ao mar. Receba o aviso.

— Isto é uma sugestão, acrescentou Larsen num aparte dirigido a mim. Aposto um mês de salario que ele vai lançar-se ao mar.

Eu alimentava a esperança de que as duas vitimas aproveitariam a primeira oportunidade para fugir, emquanto a escuna tomasse agua naquela ilha; mas Larsen escolhera muito bem o lugar adequado para a sua profecia. A Ghost fundeara meia milha além da linha de arrebentação duma praia solitaria, onde desembocava uma garganta de rochas a pique, impossiveis de serem escaladas. E alí, sob a sua direta fiscalização — Larsen desembarcara para por si mesmo dirigir o serviço — Leach e Johnson tiveram de encher os barris dagua e rolá-los pela praia. Impossivel a fuga.

Harrison e Kelly, todavia, fizeram uma tentativa.| Equipavam um bote encarregado de ir da escuna á praia e vice-versa, carregando de cada vez um barril dagua. Pouco antes do jantar, ao partirem da escuna com o barril vazio, esses dois marinheiros modificaram a rota e tomaram para a esquerda, com a idéa de circumdar o promontorio proximo, interposto entre elles e a liberdade. Além ficavam as graciosas aldeias dos colonos japonezes e risonhos vales de cultura. Uma vez afastados da escuna poderiam desafiar Lobo Larsen.

Pouco antes eu havia notado que Smoke e Henderson estavam postados no convés, como de prontidão para qualquer coisa, e só agora percebia o porque. Logo que o bote se afastou correram aos fuzis e abriram fogo contra os desertores. Foi uma impiedosa exibição de boa pontaria. Os primeiros tiros picaram a agua lado a lado do bote; mas eles foram concertando a mira, e mais e mais proximo do alvo iam caindo os projetis.

— Agora veja como acerto no remo de Kelly, disse Smoke dormindo na pontaria.

Eu estava com o oculo de alcance apontado, e pude ver a pá do remo espatifar-se. Henderson fez o mesmo com o remo de Harrison. O bote balançou sem governo. Seus tripulantes experimentaram remar com os destroços, e breve tiveram tambem esses destroços arrancados das mãos a bala. Kelly destacou uma taboa do fundo do bote e tentou remar. Nada conseguiu. Renderam-se, então, deixando que o bote flutuasse ao sabor das ondas até ser rebocado para bordo da escuna.

A' tarde levantamos ferro e seguimos viagem. Nada tinhamos pela frente senão tres ou quatro mêses de caça ás focas. As perspetivas eram realmente tragicas, e eu retomei meu serviço de coração constrangido. Uma sombra funeraria como que envolvera a escuna. Larsen fôra para a cama com um dos seus terriveis ataques de cefalalgia. Harrison voltou silenciosamente para o leme, desfeito e exausto, como se mal suportasse o peso da sua carne. O resto da tripulação mostrava-se triste e calada. Vi Kelly sentado na escotilha de prôa, com a cabeça entre os joelhos, numa inenarravel atitude de desespero. Johnson, deitado no extremo do castelo de prôa, tinha os olhos sobre a espuma fervilhante da quilha. Acudiume á mente a profecia de Lobo Larsen. A sugestão já estava a atuar. Procurei arrancá-lo daquele estado de animo e chamei-o; mas Johnson com um sorriso recusou-se a obedecer-me.

Em certo momento Leach achegou-se a mim.

— Quero pedir-lhe um favor, senhor Van Weyden, disse ele. Se tiver a sorte de regressar a S. Francisco, poderá procurar Matt Mac Carthy? E' meu pai. Reside no Morro, atrás da padaria Mayfair, onde conduz uma oficina de concertos que toda a gente conhece. Diga-lhe que vivi só para arrepender-me dos desgostos que lhe dei — e diga-lhe ainda, por mim: "Deus o abençôe".

Procurei consolá-lo.

— Todos nós havemos de regressar a São Francisco, Leach, e você me acompanhará na visita a Matt Mac Carthy.

— Gostaria de acreditar em suas palavras, senhor Van Weyden, respondeu o misero apertando minha mão. Mas Lobo Larsen dará cabo

de mim, estou certo. Tudo quanto espero é que o faça o mais depressa possivel.

Quando Leach me deixou fiquei a pensar e a sentir do mesmo modo. Se aquilo tinha de acontecer, que acontecesse quanto antes. O desespero geral havia-me ganho a mim tambem. Novos horrores, e os peiores, pareciam inevitaveis; e emquanto eu passeava pelo convés refletindo naquilo, me veiu com toda a nitidez um grande horror pelas repulsivas idéas de Lobo Larsen. Que pretendia? Onde a grandeza da vida, que permitte tal destruição de almas? Coisa sordida afinal, a tal vida, e quanto mais depressa terminasse, melhor. E tambem eu debrucei-me na amurada, com os olhos alongados para o mar, certo de que, mais cedo ou mais tarde, tudo estaria imerso, fundo, fundo, na fria imensidão verde — no esquecimento...

CAPITULO XVII

Parece estranho, mas apesar de todas as previsões nada de extraordinario aconteceu na Ghost até este momento. Bem a noroeste, nas costas do Japão, alcançamos o ponto de ajuntamento das fócas. Vindas ninguem sabe de que ponto daquele Pacifico sem fim, migram anualmente para o norte, rumo ás pedranceiras do mar de Bering. E tambem para o norte seguimos, destruindo-as, lançando as carcassas aos tubarões e salgando as peles que iriam mais tarde abrigar os hombros alvos das nossas damas.

Era matança desenfreada, e tudo para regalo da mulher. Nenhum homem se utilisava da carne ou gordura das fócas. Após um bom dia de matança, o convés enchia-se de péles sangrentas e carcassas, tornando-se escorregadio de gordura e sangue, com os esgotos a verterem constantemente enxurro vermelho. Mastros, cordames, corrimão, tudo avermelhava. Os homens adstritos á tarefa, quais açougueiros nús, borrados de sangue, trabalhavam sem descanço com as suas facas de abrir e escorchar as lindas criaturas brutalmente mortas.

O meu serviço consistia em conferir as péles logo que entravam a bordo, trazidas pelos botes, e fiscalizar em seguida a limpeza do barco. Não era trabalho agradavel. Meu estomago e minha alma sentiam-se tomados de engulho e revolta; não obstante, aquela ocupação me fazia bem. Desenvolvia a pequena capacidade de mando com que eu nascera, determinando um enrijamento de nervos muito precioso para o "sissy" Van Weyden.

Uma coisa eu começava a perceber — que nunca mais poderia voltar a ser o mesmo homem de outróra. Comquanto a minha esperança e fé na vida humana sobrevivessem ao horroroso criticismo de Lobo Larsen, era inegavel que ele me fizera mudar em muitas coisas menores. Abrira-me ás escancaras o mundo das realidades, do qual eu realmente nada conhecia e sempre me afastara. Aprendi a encarar a vida de perto, tal como é, núa e crúa; aprendi a reconhecer, por exemplo, que ha no mundo uma coisa chamada "fáto"; aprendi a destacar-me do mundo das idéas e a dar valor ao concreto da existencia.

Nesses campos de caça, conheci Lobo Larsen melhor do que nunca. Quando o tempo estava bom e nós chegavamos ao meio dum bando de fócas, todos os homens saíam em seus botes e eu ficava só com ele — e com Mugridge, que não entrava em conta. Mas não era para folga. Os seis botes deixavam a escuna, abrindo-se em forma de leque com vinte milhas de distancia a separar os dois das extremidades. Vogavam em linha réta até que o mau tempo sobreviesse ou a noite os forçasse a retornar. Tinhamos, então, nós que ficavamos na escuna, de levá-la a sotavento rumo do bote da extrema, de modo que os demais pudessem alcançá-la com facilidade em caso de borrasca.

Não é tarefa leve para dois homens apenas, sobretudo quando o vento enrija, manejar uma escuna como a Ghost, deitando ou recolhendo velas para atender aos botes afastados; isso obrigou-me a aprender depressa.

Tambem com relativa facilidade aprendi a governar. Já não foi tão facil adquirir a pratica de trepar pelo cordame acima para certas manobras indispensaveis. Isso custou-me seu pouco, mas aprendi-o tambem — e depressa — porque andava tomado da ansia de reabilitar-me aos olhos de Lobo Larsen e de provar o meu direito á vida. E tempo veiu em que até prazer eu sentia em marinhar pelos mastareus e lá do alto inspecionar com a luneta o trabalho dos botes distantes.

Relembro um belo dia em que os botes saíram cedo. Os sinais e tiros dos caçadores foram-se apagando com a distancia e até de todo se perderem ao longe. Soprava uma fraca brisa de éste, que morreu quando manobravamos para meter a escuna a sotavento do bote da extrema. Um por um — eu estava no topo do mastro e vi — lá desaparecerem os seis botes na curvatura da terra, em perseguição das fócas distantes. A Ghost ficou parada, a balouçar-se na agua calma, e Lobo Larsen entrou-se de apreensões. Não lhe agradava o barometro baixo e o aspéto do céo a léste. Seus olhos não se despegavam do horizonte.

— Se o temporal vem deste lado e nos leva o barlavento, haverá esta noite leitos vagos no castelo de pròa, disse ele.

Pelas onze horas o mar tornou-se como de vidro, e ao meio dia já o calor se fizera insuportavel. Nenhuma frescura no ar parado. Calor abafadiço, opressivo, que me lembrava o que os velhos da California chamam "ar de terremoto". Sentiamo-nos como envoltos num ambiente de presagios funebres, com pressentimentos de algo terrivel. Lentamente o céo a léste foi-se cobrindo de nuvens, que vieram pairar sobre nossas cabeças como átras montanhas das regiões infernais. Tão claramente viamos no céo barrocadas, gargantas e precipicios, com grandes sombras projectadas, que inconcientemente olhavamos para a linha de arrebentação onde o mar se esmoi contra a terra. Mas ainda não havia vento.

— Não é furacão, disse Lobo Larsen, mas a velha Mãe-Natureza vai erguer-se nas patas e uivar a sua furia imensa — e teremos de pular, Humf, para recolher metade dos nossos botes. Vamos, tóca a abrir as velas da mezena.

— Como, se a tempestade está a caír e somos cá dois só? Disse eu com um tom de surpresa na voz.

— Sim, temos de aproveitar o começo da tempestade para nos aproximar dos botes antes que as velas sejam estraçalhadas. Depois disso ninguem pode prever o que acontecerá. Os mastros aguentarão — e nós dois teremos que fazer o mesmo, haja o que houver.

Mas a calmaria continuava. Engulimos o jantar depressa, inquietos pela sorte daqueles dezoito homens espalhados pelo mar — para além da linha do horizonte, com toda aquela massa de nuvens negras prestes a lhes desabar em cima. Lobo Larsen não parecia impressionado, embora eu lhe notasse um tique nervoso nas narinas e uma anormal brusqueza de movimentos. Seu rosto estava severo, com as linhas endurecidas, mas nos olhos — dum azul muito claro naquele dia — brilhava uma estranha luz cintilante. Surpreendeu-me vê-lo tão alerta, e alegre dum modo feroz — a alegria duma luta titanica a desencadear-se, que o punha exaltado como se a maré da vida o viesse tomar de roldão num lance supremo.

Em certo momento gargalhou com sarcasmo e desafiou a borrasca em avanço. Vejo-o ainda e vê-lo-ei sempre, qual o pigmeu das Mil e Uma Noites, a enfrentar um monstruoso genio. Lobo Larsen desafiava o destino sem sombra de medo.

Depois dirigiu-se para a cozinha.

— Quando acabar o seu serviço preciso de você no convés. Esteja alerta ao primeiro chamado, disse a Mugridge. E voltando-se para mim, que o olhava fáscinado:

— Humf, isto vale mais do que o whiskey — e é onde o seu Omar Kaiyan falha. Creio que ele só viveu meia vida.

O céo a léste escurecia cada vez mais. Do outro lado o sol breve nos desapareceu da vista. Era pelas duas horas da tarde, e um crepusculo funerio, coado através de luzes de purpura, havia descido sobre nós. O vulto de Lobo Larsen brilhava dentro daquela morte da luz. Seu rosto aparecia-me num halo. Estavamos imersos numa quietude extra-terrena, emquanto em redor de nós se amontoavam prenuncios da tormenta a sobrevir. Sentia-me como se fosse desmaiar e tive de agarrar-me á amurada.

Precisamente nesse instante perpassou um sopro quasi imperceptivel. Vinha de léste e, como um fraco murmurio, sumiu-se. A lona bamba das velas nem sequer estremeceu — mas senti um leve frescor nas faces.

— Cooky! gritou Lobo Larsen.

Mugridge apareceu com a sua triste cara lanhada e o capitão ordenou-lhe uma manobra, concluindo: E se não fizer tudo muito direito, será a ultima da sua vida, entende? E para mim: Senhor Van Weyden, trate de correr aquela vela grande. Depois corra á mezena e desdobre-a o mais rapido que puder — quanto mais ligeiro andar mais facil será a manobra. E se o cozinheiro molear o corpo, esmurre-o na cara.

Compreendi que era um cumprimento de Lobo Larsen dar-me essa ordem sem nenhuma ameaça. Estavamos de pròa para noroeste e sua intenção devia ser virar de bordo ao primeiro sopro do vento que já dera aviso.

— Vamos ter brisa á ilharga, explicou-me ele, e a avaliar pelos ultimos tiros os botes devem estar a sul.

Disse e foi ter ao leme, emquanto eu me atirava á manobra com a bujarrona. Um outro sopro de ar frio perpassou, que fez a lona bamba bolear fracamente.

— Graças a Deus não vem ela de golpe, senhor Van Weyden, murmurou Mugridge.

Tambem rejubilei-me com isso, porque já

havia aprendido o bastante para saber que horrivel desastre nos esperaria se a borrasca nos pegasse com todas as velas soltas. Breve aqueles sopros de ar amiudaram-se e fizeram-se continuos — brisas; as velas bojaram e a Ghost moveu-se; Lobo Larsen deu á roda do leme e começamos a saír dalí. As brisas afinal fizeram-se vento e esse vento começou a dar de rijo pela popa. As bujarronas estremeciam esticadas. Eu nada via do que se passava longe de mim, apesar de perceber o movimento da escuna quando a pressão do vento passou para a bujarrona e a vela grande. Achava-me ainda ocupado na manobra quando a Ghost saltou para sudoéste num impeto brusco. Sem tomar folego, e com o coração a bater como martelo de forja, tal havia sido o meu esforço, pulei para a vela do mastareu e, antes que o vento enrijasse, completei, ajudado por Mugridge, a manobra. Fui então para a pôpa receber ordens.

Lobo Larsen aprovou de cabeça o meu trabalho e passou-me a roda do leme. O vento recrescia rapido, fazendo cada vez mais crespo o mar. Por toda uma hora governei com dificuldades crescentes. Eu não tinha pratica de governar numa situação daquelas.

— Suba agora á verga e espie pela luneta onde estão os botes. Fizemos já pelo menos dez nós, e estamos neste momento singrando a doze ou treze. Esta velha amiga sabe correr.

Trepei ás vergas de prôa, cerca de setenta pés acima da coberta, e com a luneta explorei o mar que se abria ante meus olhos. Compreendi a necessidade da rapidez. De fáto, se queríamos salvar alguns dos nossos homens não havia tempo a perder. Não vi sinal deles. Naquela imensidão de mar já furiosamente revolto, parecia impossivel que tão frageis botes pudessem ainda estar flutuando.

Era-me impossivel calcular a força do vento visto estarmos correndo com ele a favor; mas alí da verga alta olhei para a Ghost como se estivesse fóra dela — e vi sua forma nitidamente desenhada no mar espumejante, a abrir caminho como um ser vivo. A's vezes a escuna erguia-se sobre uma grande onda, mergulhando nagua a amurada de estibordo, com o convés inundado até ás escotilhas. Nesses momentos eu sentia-me arrastado no ar como na ponta dum pendulo invertido, cuja amplitude de oscilação alcançasse setenta pés ou mais. Numa das vezes, deixei-me empolgar pelo terror e agarrei-me de pés e mãos como quem se agarra á vida, não podendo atentar a outra coisa senão ao trecho do mar furioso sobre que dançava a escuna.

Mas voltei logo a mim — e dei-me todo á procura daqueles homens perdidos no mar congesto. Durante uma hora não consegui ver um bote siquer. Por fim, em certo pontō onde ocasional reflexo de sol fez rebrilhar a agua, percebi um pontinho negro que uma onda ergueu e logo a seguir tragou de novo. Esperei com paciencia que voltasse — e de novo vi emergir aquele pontinho negro. Era inutil gritar, comuniquei a noticia a Lobo Larsen por meio dum gesto. Ele mudou de rumo, e breve pude confirmar com outro gesto a minha primeira indicação.

O pontinho negro foi crescendo — e seu crescimento me deu conta da rapidez da nossa corrida. Lobo Larsen fez-me sinal para que descesse, e quando me viu ao seu lado passou-me a roda do leme com instruções sobre o que fazer.

— Deixe que o inferno inteiro arrebente em torno de nós; não faça caso. Olhe o seu serviço. Não largue o leme e conserve o cozinheiro ao pé da mezena.

Procurei alcançar a prôa sem escolher lado, porque tanto de barlavento como de sotavento as amuradas mergulhavam na agua com a mesma frequencia. Depois de explicar a Mugridge como agir, pude alcançar a prôa e ver um bote já bem perto. Vinha de quilha ao vento, arrastando o mastro e a vela pela agua, como a servir de ancora. Seus tres tripulantes estavam a esvasiá-la com baldes. A cada vagalhão desaparecia da minha vista — e eu ficava ansiosamente aguardando-lhe o retorno. E o bote de subito reaparecia na crista de nova onda, com a prôa apontando para o céo e toda a quilha á mostra, molhada e negra. Mal eu recebia a rapida impressão visual dos tres homens baldeando freneticamente a agua invasora e já o bote virava e caía na abertura hiante, de prôa para baixo, quasi em vertical. Era um verdadeiro milagre cada um daqueles rapidos reaparecimentos.

A Ghost de subito mudou de rota — e veiu-me, como um choque, a idéa de que Lobo Larsen estava desistindo do salvamento por tê-lo como impossivel. Depois percebi que era manobra para receber o bote e pús-me de prontidão no convés. Houve como um relaxar dos musculos da escuna, uma momentanea perda da tensão, mas com aceleração da velocidade.

A Ghost virava, e quando ficou em angulo réto com a furia do mar, a força toda do vento, que até alí viera sobre nós, fez-se sentir contra — e com toda a minha ignorancia recebi-o de cara. Senti o mar erguer-se diante de mim qual muralha, e meus pulmões ficaram cheios de ar que eu não podia expelir. E emquanto eu sufocava e a Ghost adernava por um instante, batida pela rajada, vi enorme vagalhão erguer-se bem acima da minha cabeça. Retive o folego. A onda passou por sobre a escuna de modo que pude vê-la de baixo. Um raio de sol coou-se na lamina em voluta, fazendo-me

guardar nos olhos uma visão de verde translucido, com brancuras de espuma atrás.

Depois toda aquela aboboda desceu, desmoronou num pandemonio ás soltas. Senti-me esmoido por um choque estonteante, que me apanhava de todos os lados. Minhas mãos escaparam-se do apoio a que estavam agarradas e vi-me solto dentro da massa liquida. Pelo cerebro me passou o pensamento de que era aquilo a horrivel coisa chamada — homem varrido para o mar. Meu corpo vogou aos boléus dum ponto para outro, subindo e descendo, e quando não pude mais reter o folego respirei, em vez de ar, agua marinha. Apesar de tudo, uma idéa não me largava: "Tenho de manter a bujarrona a barlavento". Eu não sentia medo da morte. Não duvidava que me saíria daquilo de qualquer forma. E emquanto a idéia de obedecer ás ordens de Lobo Larsen me retesava assim as ultimas forças vitais, parecia-me vê-lo ao leme, tambem imerso dentro da massa liquida, contrapondo a sua vontade invencivel, num desafio, á vontade dos elementos em furia.

Fui arrastado com violencia para o que me pareceu a amurada; respirei — era ar, de novo ar! Procurei erguer-me, mas dei com a cabeça num obstaculo e fui lançado ao chão. Por um capricho das aguas eu fôra levado ao extremo da prôa, e no trajeto passara sobre o corpo de Mugridge, que rosnava enrodilhado sobre si mesmo. Mas — mas eu precisava manter-me na manobra da bujarrona!

Quando emergi no convés pareceu-me chegado o fim de tudo. De todos os lados um estraçalhar de velas e um horrivel espedaçar-se de madeira e ferro. A **Ghost** estava sendo feita em cacos. A vela grande e a mezena, vazias de vento pela manobra e sem ninguem para as colher, estavam rebentando em tiras. Pontas de cordas, como serpentes loucas, e fitas de lona rasgada sacudiam-se furiosamente no ar, aos assobios, e no meio daquele horror estalavam, espedaçavam-se, uivavam a carangueja e o traquete.

A percha caíu quasi sobre mim, e isso instigou-me á ação. Talvez nem tudo estivesse perdido. Lembrei-me da advertencia de Larsen. Ele avisara-me que não me impressionasse de ver o inferno solto — e eu estava a ver isso. Mas onde estaria Larsen? Lá — estava lá, a lidar com a vela grande, estirando-a com os seus poderosos musculos. A popa da escuna erguia-se nesse momento para o céo e o seu corpo de gigante recortava-se em silheta contra uma onda branca que se erguia ao longe. Tudo isso, e mais — todo um mundo caotico de destroços — em quinze segundos eu vi, ouvi e considerei.

Sem deter-me para verificar onde andava o bote, corri para o meu posto na bujarrona. A pobre vela aflava louca, chicoteando o mastro, a encher-se e esvasiar-se parcialmente com estouros secos. Mas apesar disso, á força de musculos, fui pondo-a em ordem. Fiz o que me foi possivel. Estirei as cordas até ter as mãos em sangue — e emquanto as estirava a vela abria-se ao meio, num uivo como de gargalhada demoniaca.

Continuei na luta, e cada avanço que conquistava era mantido. Subito, um sacão de vento veiu ajudar-me — e avancei largo na tarefa. Lobo Larsen, ao meu lado, tambem pôs a mão á corda.

— Amarre! gritou-me. E depois disso feito: Siga-me.

Ao acompanhá-lo fui notando que apesar do desastre uma certa recomposição era possivel. A **Ghost** havia virado de bordo e estava ainda firme. Embora as outras velas já não existissem, a bujarrona de barlavento e a vela grande, a penderem desenfunadas, ainda se sustentavam.

Olhei na direção onde devia estar o bote, emquanto Lobo Larsen desembaraçava os turcos para recebê-lo. Vi-o logo sobre o dorso de enorme vaga, a uns vinte pés de distancia. Nada mais restava senão dar-lhe cabo e içá-lo. Mas isto não foi facil como o estou dizendo.

Estavam nesse bote Kerfoot, Oofty-Oofty e Kelly. Depois dalgumas tentativas falhas, porque o movimento de subida e descida do bote não corcordava com os balouços da escuna, pude passar o moitão ao kanaka, emquanto Larsen fazia o mesmo a Kerfoot, um na popa, outro na prôa.

Os cabos foram presos ao bote, e sem demora os tres homens marinharam para dentro da escuna. Depois foi o bote içado e posto de borco na coberta. Vi o sangue correr da mão de Kerfoot, que tinha um dedo reduzido a papa: mesmo assim não demonstrou sofrimento e com a mão sã nos ajudou a amarrar o bote em seu lugar.

— Prepare-se para manobrar com essa bujarrona, você, Oofty! ordenou Larsen logo que concluimos a lida com o bote. Kelly vá cuidar da vela grande e Kerfoot veja o que é feito do cozinheiro. Senhor Van Weyden, suba de novo á verga e córte o que o atrapalhar.

Disse e foi para a popa aos saltos, como um tigre, tomar conta do governo. Emquanto eu marinhava pelas adriças a **Ghost** virou vagarosamente a sotavento. Agora, quando descia mos a um abismo cavado entre duas vagas e a agua nos varria, nenhuma vela a ser arrancada. E a meio caminho das vergas, de tal forma achatado contra o cordame pela força do vento que até o caír se me tornava impossivel, e com a **Ghost** quasi deitada de flanco, olhei não mais para baixo, mas horizontal-

mente — que era como estava em relação a mim o convés da escuna.

Mas só vi o ponto onde devia estar o convés, pois que o mesmo fôra inundado por um turbilhão dagua. Fóra dessa agua emergiam os mastros — e era tudo. A Ghost estava submersa. Quando de novo emergiu e libertou-se da excessiva pressão lateral, repôs-se no prumo, como um dorso de baleia que aparece á superficie.

E então sulcou furiosamente através daquele mar selvagem, emquanto lá na verga, pendurado qual um inséto, eu continuava a minha busca dos outros botes. Meia hora depois avistei o segundo, voltado de borco, com a quilha para o ar; a ele agarravam-se com desespero Jack Horner, o gordo Luiz e Johonson. Desta vez fiquei onde estava, e Larsen conseguiu virar de bordo sem ser varrido pela agua. E corremos na direção dos naufragos. Os cabos foram lançados e os tres homens içaram-se para bordo como macacos. O bote bateu de encontro á escuna e escangalhou-se; mesmo assim foi salvo, porque poderia ser recomposto.

Mais uma vez a Ghost rompeu seu caminho dentro da tempestade, ou furou seu caminho, pois que se submergiu por tanto tempo que não esperei vê-la emergir. A propria roda do leme, situada em ponto muito mais alto que o meio do navio, foi coberta por sucessivos vagalhões. Nesses momentos eu me sentia estranhamente só com Deus, a olhar com ele aquele cáos provocado pela sua ira. Depois a roda aparecia de novo, conjuntamente com os hombros largos do terrivel timoneiro, de mãos aferradas ás malaguetas, a manter a escuna na rota prescrita pela sua vontade de aço. Lobo Larsen emergiu como um deus terrestre, inatingivel pela tormenta; sacudia a agua que o empapava, sempre firme no governo do seu barco para o destino que ele mesmo escolhera. Oh, a maravilha que era aquilo! A maravilha que é o homem! Como tão debeis criaturas podem viver e respirar e agir, e meter para a frente tão frageis engenhos de madeira e lona, contra todas as furias dos elementos desencadeados!

Como das outras vezes, a Ghost veiu a tona depois da longa imersão no abismo, ergueu-se e arremessou-se contra o furor envolvente.

Eram cinco horas e meia; logo depois, quando o dia se apagava em pavido crepusculo, avistei o terceiro bote. Estava tambem emborcado e sem sinal dos tripulantes. Larsen repetiu sua manobra, parando, virando de bordo e avançando de rumo a ele. Desta feita errou o alvo por uns quarenta pés, e passou, deixando o bote ao largo.

— Numero quatro! gritou Oofty-Oofty, cujos olhos vivos leram-lhe o numero num fugaz momento em que as letras se tornaram visiveis.

Era o bote de Hendersen, no qual se haviam perdido Holyoak, William e dois marinheiros de alto mar. Mas salvara-se o bote, e Larsen fez um violento esforço para rehavê-lo. Horner e Kerfoot em vão protestaram contra aquilo.

— Por Deus, nunca hei de ser roubado dum bote por nenhuma tempestade que sopre do inferno! berrou Larsen — e sua voz soou-nos flebil como se viesse duma distancia imensa.

— Senhor Van Weyden! gritou-me ele — e dentro do tumulo caótico ouvi-o como se ouve um murmurio. Fique na bujarrona com Johnson e Oofty. Os outros que passem a lidar na vela grande. E alerta, todos, ou os levarei em bloco para o inferno. Entenderam?

E quando ele deu á roda para virar novamente a Ghost, nada mais nos restava a fazer senão obedecê-lo e trabalhar do melhor modo para escapar ao novo perigo em que seu capricho nos metera. Compreendi a extensão desse perigo quando me achei novamente dentro dos vagalhões acavalados, lutando furiosamente pela vida debaixo do mastro de mezena, a cujas cordas me agarrara. Mas meus dedos soltaram-se e fui arremessado para a amurada, rumo ao mar. Algo me deteve no caminho, Mão poderosa agarrara-me, e depois que a Ghost se equilibrou vim a saber que havia sido a mão de Johnson. Salvara-me a vida, Johnson. Vi-o ansioso, a relancear os olhos em torno, e notei que Kelly, que pouco antes do mergulho tinha vindo para a prôa, não era mais encontrado. Sumira-se.

Daquela vez, tendo perdido o salto e não se achando a escuna na mesma posição das outras, Larsen foi obrigado a fazer manobra diversa. Correndo adiante do vento com tudo a estibordo, ele virou de brusco.

— Grande! exclamou Johonson quando vencemos o passo critico — e vi que se referia não a Lobo Larsen mas sim á escuna.

Estava já tão escuro que não havia distinguir sinal de bote; mas dentro do infernal turbilhão Larsen deixou-se guiar pelo instinto infallivel — e a Ghost caiu certa sobre ele. Foi içado afinal.

Seguiram-se mais duas horas de trabalho durissimo, durante as quais todos nós — dois caçadores, tres marinheiros, Lobo Larsen e eu — rizámos primeiro uma, depois a outra bujarrona, e por fim a vela grande. Trabalhando com tão pouco pano, o convés ficou relativamente livre de agua, e a Ghost brincou sobre as ondas qual fragmento de cortiça.

Eu estava com os dedos em carne viva desde o começo, e durante a manobra de rizar trabalhei chorando lagrimas de dôr. Finda a tarefa atirei-me ao chão, exausto.

Entrementes Mugridge, como um rato entanguido, foi arrastado de dentro do castelo de prôa onde se havia oculto. Ao chegar á cozinha viu com espanto que não havia mais cozinha. Tinha sido arrancada e varrida para o mar.

Na cabina encontrei toda a tripulação reunida, inclusivé os marinheiros, e emquanto preparavamos o café no pequeno fogão lá existente, bebemos whiskey e roemos bolachas. Nunca, em toda a minha vida, tive rêfeição mais agradavel. Nunca o café quente me soube tão bem. A Ghost balançava tanto, para a frente, para trás e dos lados, que era impossivel manter-nos de pé, e os proprios marinheiros de alto mar tinham de agarrar-se aos corrimãos. Por varias vezes fomos arremessados em monte contra as paredes.

— Para o inferno, agora! ouvi Lobo Larsen exclamar depois que bebemos e comemos. Nada a fazer na coberta. Se qualquer coisa avançasse para nos esmagar, não poderiamos siquer fugir com o corpo. Recolham-se todos e toca a dormir.

Os marinheiros deslisaram para a prôa, arrumando as luzes pelo caminho, e os dois caçadores deitaram-se alí mesmo na cabina. Lobo Larsen e eu fomos pensar o dedo esmagado de Kerfoot e que teve de ser amputado. Mugridge, que todo o tempo estivera a fazer café e a manter o fogo aceso, queixou-se de que tinha pelo menos duas costelas quebradas, tal a dor que sentia no corpo. O nosso exame mostrou que de fáto quebrara tres, mas o seu caso foi deixado para o dia seguinte. Eu nada sabia de costelas e tinha de estudar o caso nos livros.

— Acho que não valeu a pena salvar um bote quebrado em troca da vida de Kelly, disse eu a Lobo Larsen.

— Que valia Kelly? foi a sua resposta — e deu-me boa noite.

Depois de tudo quanto havia passado, e a sofrer como estava com os meus dedos feridos, julguei que me fosse impossivel dormir. Mas meus olhos fecharam-se logo que minha cabeça se ageitou ao travesseiro; vencido pela exaustão, dormi a noite toda, emquanto a Ghost lá seguia, boiando sem direcção ao sabor da tempestade.

CAPITULO XVIII

No dia seguinte, emquanto a tempestadde seguia o seu curso, eu e Larsen aplicámos a nossa cirurgia nas costelas de Mugridge. Mas a borrasca passou e Larsen fez a escuna cruzar a zona por ela castigada, ao mesmo tempo que eram reparados os botes e concertadas as velas. Encontrámos varias outras escunas foqueiras, tambem vitimas do temporal. Andavam em procura de botes perdidos, acontecendo recolherem umas naufragos pertencentes a outras. O grosso dessa frota de caça bordejava a oéste da Ghost, de modo que para lá se haviam dirigido alguns dos nossos botes como ao refugio mais proximo.

Duma escuna de nome Cisco recolhemos dois, com toda a tripulação salva — e, para regalo de Lobo Larsen e tristeza minha, Smoke, Wilson e George Leach foram encontrados na San Diego. Ao cabo de cinco dias estavamos com toda a tripulação reunida, exceção feita de quatro homens apenas — Handersen, Holyoak, Williams e Kelly — e de novo nos puzémos á caça das fócas.

Iamos perseguindo-as a norte e breve tivemos de enfrentar perigosos nevoeiros. Durante dias seguidos, os botes eram arriados e logo depois suspensos, ficando nós a bordo a fazer soar as buzinas de aviso e a troar com intervalos de quinze minutos o canhão. Outras vezes, os botes perdiam-se no nevoeiro e eram recolhidos por outras escunas, para as quais ficavam a trabalhar até serem reclamados. Mas Lobo Larsen, como era de prever, não fazia assim. Estando com falta de um bote, recolheu o primeiro que encontrou e compeliu os homens a ficarem trabalhando para ele, apesar de haver cruzado com a escuna á qual esse bote pertencia. Lembro-me como forçou os prisioneiros a calarem-se, quando a escuna se achegou e pediu informação.

Mugridge, tão estranha e pertinazmente agarrado á vida, breve retornou ao serviço habitual da cozinha e cabina. Johnson e Leach eram provocados e maltratados como sempre, e continuavam certos de ser mortos logo que a estação de caça chegasse ao fim. Os demais viviam vida miseravel, sempre tratados como cachorros pelo desapiedado senhor. Quanto a

Lobo Larsen e a mim, iamos bem, embora eu não pudesse libertar-me da idéia de que a minha boa conduta no caso seria matar o tirano. Mas Larsen facinava-me, fóra de conta e medida, além de que eu o temia imensamente. Impossivel imaginá-lo morto. Havia nele, ou emanava dele, uma perpetua mocidade que não póde ser descrita. Eu sómente podia imaginá-lo vivo, sempre dominador, a lutar e a destruir, sobrevivendo a todos e a tudo.

Um divertimento seu, quando estavamos em meio dum rebanho de fócas e o mar se mostrava muito agitado para permitir a descida dos botes, era saír á caça com dois remadores e um piloto. Bom atirador, trazia sempre muitas péles, com espanto dos caçadores, que julgavam a coisa impossivel. Trazer a vida nas mãos e lutar por ela contra todos os azares, parecia a Lobo Larsen tão simples como respirar pelas narinas.

Eu ia progredindo na arte do marinheiro, e por um belo dia — coisa rara em tal latitude — tive a satisfação de dirigir sozinho a Ghost e içar os botes. Como Lobo Larsen estivesse recolhido com uma das suas tremendas dores de cabeça, fiquei no leme da manhã á tarde, fazendo todas as manobras sem nenhuma sugestão sua.

Temporais ainda tivemos alguns, de longe em longe, pois estavamos em má zona, e pelo meio de junho assaltou-nos um tufão que muito veiu influenciar no meu destino. Fomos apanhados em cheio, pois estavamos bem no centro dessa tempestade circular; Larsen procurou escapar-se rumando para sul, primeiro com as bujarronas e depois com os mastros nús. Jamais imaginei mar mais bravio. O que eu havia visto até aquela época não passava de lago em comparação; a amplitude entre as vagas devia ser de meia milha de crista a crista, e elas se soerguiam acima do topo dos nossos mastros. Tão formidavel, que o proprio Lobo Larsen não se atreveu a tomar rumo, embora soubesse estar sendo levado para o sul, fóra da querencia das fócas.

Deviamos estar já na rota dos vapores que cortam o Pacifico, quando o furacão amainou — e com surpresa geral dos caçadores encontramo-nos novamente entre as fócas. Era outro bando, especie de retaguarda do primeiro, um fáto dos mais raros. A ordem "Botes ao mar" foi dada, o bum-bum das carabinas ressoou e a chacina proseguiu sem treguas.

Foi por essas alturas que Leach veiu ter comigo, num momento em que eu terminava a conferencia das péles do ultimo bote recolhido.

— Póde dizer-me, senhor Van Weyden, a que distancia estamos da costa e qual a posição de Yokohama?

Meu coração pulou contente, pois advinhei o que ele tinha em mira. Dei-lhe os informes pedidos.

— Oéste-nordéste, quinhentas milhas adiante.

— Obrigado, senhor, agradeceu-me ele singelamente — e retirou-se, mergulhando na escuridão.

Na manhã seguinte, démos por falta do bote numero 3, bem como de Johonson e Leach. Tambem encontramos sabotados todos os botes restantes.

Lobo Larsen explodiu em colera. Abriu velas e rumou para oéste-nordéste com dois caçadores permanentemente nas gaveas, a devassarem o oceano com as lunetas emquanto no convés ele media passos nervosamente. Larsen conhecia os meus sentimentos para com os fugitivos e porisso não me mandou inspeccionar a imensidão, como de costume.

O vento estava bom, embora veneteiro, de modo que procurar aquele pequeno bote na imensidade oceanica valia por procurar agulha em paiol. Mas a Ghost foi posta a voar, de geito a interpôr-se entre os fugitivos e a terra. Feito isso, ficou a cruzar no ponto por onde devia passar a bote.

Na manhã do terceiro dia, pouco antes das oito, um grito da gavea informou-nos de bote á vista. Todos os marinheiros correram para a amurada. Soprava [illegible] fresca de leste, com promessa de mais vento para breve; e ao longe aparecia e desaparecia, na prata movediça das chapadas de sol, um ponto negro — o bote...

Dirigimo-nos para ele á toda. Meu coração fez-se como de chumbo. Eu sentia-me mal por antecipação, ao ver a luz do triunfo nos olhos de Lobo Larsen. Tive impetos de lançar-me contra ele. Foi tal o enervamento que me tomou á idéia das violencias que iam desencadear-se contra Leach e Johonson, que a minha razão esteve a pique de sossobrar.

Lembro-me de ter voado ao porão e de ter voltado de carabina em punho. Nisto ouvi um grito do gageiro:

— Ha cinco homens no bote!

Apoiei-me ao rebordo da amurada, tremulo de nervoso, emquanto a observação da gavea era verificada pelos demais. Meus joelhos cederam ao peso do corpo, e caí, atordoado, quando me dei conta do que estivera a pique de fazer. Foi um alivio quando guardei a arma e retornei ao convés.

Ninguem havia notado a minha ausencia. O bote mostrava-se bastante perto para que pudessemos ver que era maior do que os usuais botes foqueiros e de estilo diverso. Ao aproximar-nos arriou a vela e deitou o mastro; os remos foram recolhidos e os ocupantes ficaram a espera de que os recolhessemos.

Smoke, que havia descido para o convés e

estava a meu lado, esboçou um sorriso intencional. Mirei-o interrogativamente.

— Vamos ter embrulhada, disse ele. Não está vendo qualquer coisa rente á maçaroca da vela, á proa? Que eu nunca mais acerte bala em fóca se não é uma mulher!

Olhei atentamente e convenci-me do que ele dizia. Exclamações de outros marinheiros acentuavam o fáto. O bote continha cinco criaturas, uma das quais era realmente mulher. Ficamos todos grandemente curiosos, com exceção de Lobo Larsen, que desapontara por não ser aquele o bote que a sua maldade tanto desejava apanhar.

Arriamos a bujarrona, demos ao vento pano adequado e a escuna parou. O bote poude, com algumas remadas, chegar-se ao nosso costado — e tive nesse momento a visão clara da mulher. Estava envolvida num impermeavel que a defendia do frio fino da manhã; nada mais pude ver senão um pedaço do seu rosto emoldurado pela massa de cabelos castanhos, escapos duma gorra de marinheiro. Olhos grandes, escuros, cheios de brilho; a boca, suave; o rosto, oval, avermelhado pelo sol e pelo aspero vento salino.

Pareceu-me uma criatura do outro mundo, e senti por ela o fascinio do viandante a morrer de fome que defronta um pedaço de pão. Já se passara muito tempo sem que eu visse vulto de mulher. Mulher! Uma mulher! murmurava dentro de mim o meu espanto — e com isso esqueci-me das minhas funções de contramestre e puz-me a ajudar o lançamento daquele punhado de criaturas. Quando um dos marinheiros a ergueu no ar para os braços estendidos de Larsen, ela correu os olhos por sobre nós e sorriu, divertida e meiga, como só a mulher sabe sorrir. Tanto tempo fazia do ultimo sorriso feminino por mim visto que já me esquecera da existencia de tal coisa no mundo.

— Senhor Van Weyden!

A voz de Lobo Larsen chamou-me á realidade.

— Faça o obsequio de conduzir esta senhora e providenciar para que nada lhe falte. Leve-a á cabina de estibordo e ponha o cozinheiro ás suas ordens. Tambem cuide do seu rosto. Está bastante queimado.

Disse e voltou-se bruscamente para os demais recem-chegados, aos quais passou a interrogar. O bote tinha sido arrastado fóra da sua rota — o que fôra "uma pouca vergonha" com Yokohama tão perto, disse um.

Senti-me estranhamente timido ao lado daquela mulher que eu ia levando para a pôpa. E desageitado. Era como se pela primeira vez estivesse compreendendo que delicada e fragil criatura é a companheira do homem. Quando lhe tomei o braço para sustê-la na descida da escada, fiquei surpreso da sua pequenez e macieza. Era de fáto uma mulher delicadamente esguia, com algo de etereo — e tive medo de que o seu braço se partisse ao contáto da minha mão rude. Conto isso para que todos conheçam as minhas sensações ao primeiro encontro feminino depois da longa privação — e em especial para que saibam do meu encontro com Maud Brewster.

— Não se incomode por minha causa, protestou ela quando a fiz sentar-se na poltrona de Lobo Larsen, que arrastei para a sua cabina. Os homens do bote estavam esperando encontrar terra a qualquer momento, esta manhã. Creio que esta escuna estará no porto á noite, não é?

A sua tão singela confiança no futuro espantou-me. Como poderia explicar-lhe a verdadeira situação, e tudo contar do homem terrivel que sulcava os mares qual o Destino, e o mais que eu levara mêses para apreender? Informei-a, entretanto, com sinceridade.

— Se tivessemos outro capitão eu lhe responderia que sim, que estariamos em Yokohama amanhã. Mas o nosso chefe é um homem especial, differente de todos os mais. Porisso prepare-se para tudo, compreende? Para tudo...

— Eu... eu confesso que não o entendo, disse ela hesitante e com mais perturbações nos olhos do que medo. Não é praxe do mar que os naufragos recebam sempre consideração? Tão pouco é o de que precisamos, a terra está tão perto!...

— Sinceramente não sei o que dizer, comecei, esforçando-me por tranquilizá-la e ao mesmo tempo pondo-a de sobreaviso. Minha idéa é prepará-la para o peior, caso o peior venha a suceder. Esse homem — esse nosso capitão é um demonio, uma besta-féra toda caprichos. Ninguem póde prever o que irá fazer numa dada situação.

E como me fosse exaltando, ela interrompeu-me:

— Oh, percebo, sim! — e sua voz denotou quebreira de espirito, como se o pensar a cançasse.

Nada mais quiz ela saber, nem fiz novas observações, limitando-me a cumprir as ordens de Lobo Larsen no sentido de lhe proporcionar conforto fisico. Agi qual boa dona de casa e preparei um leniente para a sua péle queimada. Tambem invadi os dominios privados de Larsen em busca duma garrafa de vinho do Porto, que sabia lá existir, e ordenei a Mugridge que fosse arrumar a cabina vaga.

O vento ia refrescando e a Ghost aumentava de balanço; quando a cabina ficou pronta

senti que a escuna ia a voar sobre a superficie das aguas. Eu já me havia esquecido completamente do caso de Leach e Johnson. Subito, como um raio, um grito da gavea fez-me estremecer: "Bote á vista!" Era a voz de Smoke. Ergui os olhos para a mulher. Permanecia largada sobre a poltrona, de olhos fechados, exausta. Como não ouvira o grito da gavea, deliberei impedir que ela presenciasse a scena de brutalidade que se seguiria á captura dos desertores. Estava exausta. Muito bem. Dormiria durante a tragedia.

Ordens vivas no convés. Um tropel. Estalejar de rizes — e a escuna mudou de rumo com todo o vento nas velas. Essa manobra fez que a poltrona escorregasse do lugar onde estava; pulei ainda a tempo de impedir que a recolhida viesse ao chão.

Seus olhos estavam em excesso pesados de sono para mostrar mais que um vislumbre de surpresa inconsciente; quando os entreabriu, olhou-me; cambaleou e tartamudeou quando a levei para a sua cabina. Lá Mugridge riu-me na cara maliciosamente ao receber ordem para retirar-se — e vingou-se espalhando entre os caçadores que eu estava me revelando uma excelente camareira.

A mulher apoiou-se em mim pesadamente e quasi adormeceu no trajéto entre a poltrona e a sua cama na cabina. Nela caiu com alivio Sorriu vagamente e adormeceu de pronto, com a cabeça apoiada no travesseiro que eu tomára da cama de Lobo Larsen.

CAPITULO XIX

Ao voltar ao convés vi a escuna a todo o pano e com a tripulação inteira reunida para assistir á tragedia iminente.

Soaram quatro badaladas. Luiz veiu á popa render o timoneiro. Havia humidade no ar e notei que ele vinha de impermeavel.

— Que iremos ter? perguntei-lhe.

— Estou cheirando a temporal proximo, coisa de nada, com uma chuvinha para nos molhar as velas. Não tem importancia.

— Que pena terem sido avistados! exclamei quando, a um corcovo da **Ghost**, o bote se fez bem visivel.

Luiz deu uma volta na roda e disse:

— Eles jamais poderiam alcançar terra, senhor.

— Acha isso?

— Sim. Não vê este vento?

Nesse instante uma rajada curta colheu a escuna, obrigando o timoneiro a dar á roda de brusco.

— Não ha bote que aguente o mar com o tempo que vai vir e é uma felicidade que aqueles dois sejam recolhidos.

Lobo Larsen chegou até a popa, vindo de onde estivera a interrogar aos recem-salvados. A vivacidade felina dos seus passos acentuara-se, e seus olhos luziam de alerteza.

— Tres graixeiros e um maquinista, foi o que me disseram, mas nós os transformaremos em marinheiros ou remadores. E a mulher?

Não sei por que, mas senti como um golpe de faca ante aquele seu referir-se á mulher. Limitei-me a encolher os hombros á guisa de resposta.

Larsen deu aos labios uma expressão indizivel.

— Qual o seu nome? perguntou.

— Não sei. Está a dormir. Muito cançada. De que navio era o bote?

— Da **Cidade de Tokio**, da carreira de São Francisco e Yokohama. Desarvorado pelo temporal. Um caco velho, que se abriu de alto a baixo. Estiveram quatro dias á mercê das ondas. Mas quem ela é, afinal? Solteira, casada ou viuva? E Larsen encarou-me com ar de duvida, como se eu tudo soubesse.

— [illegible] querendo perguntar-lhe se iria levá-los para Yokohama.

— Vai, que?

— [illegible] que vai fazer de Leach e Johnson.

Larsen meneou a cabeça.

— Ainda não sei, Humf. Com o acrescimo de tripulação que hoje tivemos estou com mais gente do que preciso.

— E eles estão com todas as possibilidades de fuga cortadas, atrevi-me a dizer. Por que não os recebe a bordo com bondade? Bem sabe que se fizeram o que fizeram é que foram obrigados a isso.

— Por mim?

— Está claro, respondi com firmeza. Previno-o, senhor, de que crescerá grandemente

em mim o desejo de o matar, caso se exceda na tortura desses homens.

— Bravos! exclamou Lobo Larsen. Você me enche de orgulho, Humf! Encontrou afinal as proprias pernas. Já virou homem! Era um fraco porque passava a vida no fôfo e no mole; mas vai-se desenvolvendo lindamente. Gosto disso.

Sua voz e expressão haviam mudado. Tornaram-se graves.

— Acredita em promessas? perguntou-me de chofre. Acha que são coisas sagradas?

— Sem duvida, respondi.

— Pois façamos um acordo, continuou ele com a méstria dum ator consumado. Se eu prometer não tocar em Leach e Johnson promete-me em troca não procurar matar-me? Não que tenha medo dalguma coisa, você bem sabe, apressou-se em accrescentar.

Eu mal podia crer no que os meus ouvidos estavam ouvindo.

— Está fechado o negocio? perguntou ele com impaciencia.

— Está fechado, respondi.

A sua mão estendeu-se para a minha — e ao apertá-la lealmente pareceu-me ver em seus olhos o brilho duma ironia diabolica.

Depois atravessamos a pôpa, rumo a sotavento. O bote estava perto e em desesperada situação. Johnson pilotava e Leach baldeava agua. Passamos a um metro dele e Larsen mandou que Luiz desviasse a rota levemente. Com o movimento das aguas, provocado pela manobra, o bote perdeu o equilibrio, e logo depois, ao sermos erguidos por uma onda enorme, precipitou-se para o abismo aberto, como que caído.

Nesse instante Leach e Johonson olharam para os seus antigos companheiros alinhados a meia nau pela amurada. Não houve nenhuma saudação. Estavam já considerados como mortos, e entre esses mortos e os vivos interpunha-se o mundo que separa os mortos dos vivos.

Logo depois o bote foi erguido pela onda e a escuna desceu na depressão aberta. Johnson olhou para mim, que estava ao lado de Lobo Larsen, e observei que tinha as feições convulsas pelo esforço tremendo. Acenei-lhe com a mão e o misero correspondeu, mas com perceptivel desanimo. Era como se despedisse de mim. Não fiz o mesmo para Leach porque o vi com os olhos presos em Larsen, sempre a mostrar o seu eterno rictus de odio incoercivel.

Mas o jogo das ondas continuava e o bote foi arremessado contra a escuna. Sua vela enchera-se de vento e impelira-o com violencia que parecia o fim de tudo. Uma crista branca espumejou por sobre ele, como um borrifo de neve. Mas o bote sobrenadou — e vi de novo Leach baldeando a agua e Johnson firme no leme, sempre com a mesma expressão de angustia.

Lobo Larsen latiu uma risada cortante e foi para o outro lado da pôpa. Esperei-o ver dar ordem para virar a escuna, mas a Ghost proseguiu na sua rota anterior. Luiz ao leme permanecia imperturbavel. Um grupo de marinheiros á prôa voltava para nós o rosto. Estavam ansiosos. A Ghost afastou-se. O bote foi diminuindo de tamanho e breve tornou-se um ponto negro na imensidão. Em todo aquele mar não havia para os dois desgraçados outro refugio senão a escuna cada vez mais distante. Subito, ressoou Larsen em comando, e a escuna mudou de rumo.

Fez-se de volta umas duas milhas, contra o vento. O vulto do bote começou a crescer. Esses botes foqueiros não são feitos para navegar contra o vento e sim a favor; limitam-se a até manter-se em posição favoravel para uma corrida até á escuna quando se faz necessario. E Leach e Johnson, sem outro refugio naquela imensidão além da Ghost, vinham vindo para ela a todo o pano. Era trabalho duro no muito mar que havia. Dum momento para outro poderiam ser tragados pelas ondas furiosas. Inumeras vezes vimos o bote mergulhar nos vales formados entre duas vagas, para ser novamente erguido numa crista.

Johnson era um magnifico marinheiro, tanto de navio como de bote. Ao cabo de hora e meia colocou-se de novo junto á escuna.

— Mudaram então de idéia? ouvi Larsen dizer, meio para si proprio, meio para os que estavam proximos. Querem voltar para a escuna? Muito bem. Havemos de ver isso.

— Firme aí com o leme! ordenou a Oofty, o kanaka, que naquele momento substituia Luiz no governo.

Outras ordens se sucederam. Quando a escuna virou de bordo duas velas foram ageitadas para receber o bom vento. E estavamos já de frente a ele, ganhando impeto, quando Johnson manobrou para evitar o perigo. Larsen riu-se de novo, fazendo sinal ao bote para que seguisse a escuna. Estava clara a sua intenção de brincar com os dois homens. Vi que sua idéia era dar-lhes uma lição, embora perigosa, porque a manobra da Ghost punha o bote em iminente perigo de ser emborcado.

Johnson rapidamente virou de bordo e correu na esteira da escuna. Não havia outra coisa a fazer. A morte o rodeava de todos os lados e mais um minuto, uma daquelas vagas enguliria a fragil embarcação.

— O medo da morte está no coração deles, murmurou Luiz ao meu ouvido, quando me dirigi á prôa para ordenar manobra.

— Oh, ele virará de bordo daqui a pouco e os recolherá, respondi com alegria, certo que estava disso.

Luiz encarou-me com incredulidade.

— Calcula isso — perguntou.

— Certamente. Não pensa tambem assim?

— Não penso nada. Só penso na minha péle, foi a sua resposta. Vivo assombrado. O raio daquele whiskey que tomei em São Francisco meteu-me numa bela embaralhada — e mais bela ainda é a que a mulher que lá está a ré, vai crear aqui. Oh, eu conheço o capitão...

— Que quer dizer com isso?

— Que quero dizer? Que pergunta! Não conhece Lobo Larsen, então?

— Se houver encrenca grossa quer você ajudar-me? perguntei impulsivamente, visto como Luiz acabava de dar forma aos meus receios intimos.

— Ajudar? Eu só ajudo a este gordo Luiz seu criado. Nada, nada. Mas digo-lhe que as coisas estão apenas no começo.

— Nunca o julguei tão covarde, Luiz! exclamei com sarcasmo.

Ele retribuiu a observação com um sorriso de piedade ironica e respondeu:

— Se nunca levantei um dedo a favor daqueles pobres idiotas — e apontou para o bote — pensa que vou arriscar a ter a cabeça quebrada por causa duma mulher que vi hoje pela primeira vez?

Voltei-lhe as costas e fui para a pôpa.

— Melhor arriar aquela vela, senhor Van Weyden, ordenou-me logo depois o capitão.

Senti-me aliviado, pelo menos no referente aos dois desertores. Era evidente que Larsen não queria levar a escuna para muito longe do bote. Cheio de esperança fiz executar a manobra — e nenhuma foi executada de modo tão vivo e alegre. Esse ardor dos marinheiros foi notado por Lobo Larsen, que sorriu enigmaticamente.

O bote estava a umas duas milhas da escuna quando paramos e ficamos á espera. Todos os olhos acompanhavam a sua aproximação, inclusive os de Larsen, sendo este o unico a mostrar calma no momento. Os olhos fixos de Luiz denunciavam perturbação. O bote aproximou-se mais e mais, esforçando-se por irromper através do imenso verde movediço, erguendo-se e descaindo por sobre os montes e vales formados pelos vagalhões, aparecendo e desaparecendo a espaços. Parecia impossivel que ainda permanecesse em fluctuação. Um batega dagua caiu das nuvens e logo nos tirou o bote do campo de visão.

— Firme! gritou Larsen pulando para a roda do leme, á qual deu uma guinada. E de novo a Ghost saltou na feição do vento, velocissima. E por mais duas horas Johnson e Leach nos seguiram ao longe.

Ao cabo desse tempo viramos e paramos, e tornamos a virar e a correr, tendo sempre na esteira aquela mancha branca de vela a lutar contra os elementos e a maldade humana; arrancos levavam-na para o céo, e correspondentes empuxões a chamavam para os abismos. Estava o bote a quarto de milha quando o perdemos de vista, escondido por pesada nuvem. E não mais emergiu. Logo depois o vento varreu a nuvem e nenhum sinal do bote veiu reanimar-nos as esperanças. Num dado momento julguei, de relance, ver na crista dum vagalhão a sua quilha — e foi só. Johnson e Leach já não faziam parte dos vivos.

A marinhagem permaneceu agrupada a meia nau. Nenhum homem desceu, nenhum falou — nem sequer olhares foram trocados. Pareciam aturdidos, aqueles homens tão duros — como se estivessem pela primeira vez a refletir sobre o significado da tragedia occorrida. Lobo Larsen, entretanto, não lhes deu tempo de pensar muito. Meteu a Ghost na sua rota rumo á zona das fócas, do lado oposto a Yokoahma. Os homens, porém, não mostravam nenhuma vivacidade nas manobras. De má vontade, proferiam blasfemias, e suas feições endurecidas deixavam ver claro a morte que lhes ia na alma.

Já com os caçadores a reação foi diferente. O terrivel Smoke contava uma historia — e todos desceram do convés rindo ás gargalhadas.

Quando passei a sotavento da cozinha, a caminho da ré, achegou-se a mim o maquinista que fôra salvo com a mulher. Tinha as faces lividas e os labios tremulos.

— Senhor, diga-me, por Deus, que especie de escuna é esta?

— Julgue por si mesmo pelo que viu, respondi quasi com brutalidade, tanto a dôr e o medo me amarfanhavam o coração.

Logo depois cruzei-me com Lobo Larsen.

— E a sua promessa? perguntei-lhe.

— Minha idéia nunca foi tomá-los á bordo quando prometi aquilo, disse ele. E cumpri-a. Não puz minha mão neles.

— Longe disso... acrescentou depois, sorrindo.

Nada repliquei. Estava incapaz de falar, com o cerebro atordoado pela tragedia. Precisava dalgum tempo para tê-lo de novo a funcionar normalmente. Aquela mulher que ainda dormia na cabina era uma responsabilidade que eu tinha de considerar — e o unico pensamento que me veiu foi de que nada devia fazer ás tontas, se é que desejava ser-lhe util dalgum modo.

CAPITULO XX

O resto do dia passou-se sem novidades. O aguaceiro que nos ameaçou abortara. O maquinista e os tres graixeiros recolhidos tiveram uma acalorada discussão com Lobo Larsen, recebendo em seguida roupas de marinheiro e ordem de se ocupar de tais e tais serviços. Bem que protestaram, mas não em tom exaltado. O que já haviam visto naquela escuna puzera-lhes o medo naalma, tirando-lhes todas as veleidades de resistencia.

Miss Brewester — soubemos do seu nome pelo maquinista — continuava a dormir. Durante a cela, pedi aos caçadores que baixassem o tom de voz afim de não incommodá-la, e só na manhã seguinte a vimos reaparecer. Quís que o almoço lhe fosse servido á parte, mas o capitão opôs-se. Quem era ela para merecer tal? disse ele.

Mas a presença da moça á mesa teve o seu quê de divertido. Os caçadores quedaram-se silenciosos como ostras. Unicamente Smoke e Horner não se intimidaram, e além de lhe lançarem olhares furtivos, metiam-se na conversa. Os outros naufragos ferraram os olhos no prato e mastigaram com regularidade e precisão, apreensivos todos e com movimentos de orelhas em ritmo com o movimento das mandibulas.

Lobo Larsen pouco disse no começo, limitando-se a responder ás perguntas da moça. Não por timidez. Longe disso. Aquela mulher representava para ele um tipo novo, diferente de quantas conhecera até então e isso espicaçava-lhe a curiosidade. Ele a estudava com tal atenção que os seus olhos raro se despegavam dela, e quando o faziam era apenas para seguir-lhe o movimento das mãos.

Tambem eu a estudava, apesar de estar a meu cargo a conversação — e sentia-me levemente confuso. Sua atitude não podia ser mais perfeita, reçumando inabalavel confiança em si. Mas Larsen não se intimidava diante da mulher, como não se intimidava diante das tempestades ou da luta.

— Quando chegaremos a Yokohama? perguntou-lhe a moça, encarando-o firme nos olhos.

Estava afinal proposta a grande pergunta. As mandibulas dos quatro homens pararam de mover-se, com todos os olhos presos aos pratos, á espera da resposta-sentença.

— Daqui a quatro mêses, talvez tres, se a estação de caça terminar mais cedo, respondeu Larsen.

Mis Brewster reteve a respiração e balbuciou:

— Julguei que... Deram-me a entender que Yokohama ficava a apenas um dia de viagem. Acho que isto... e interrompeu a frase para correr os olhos pela assistencia. Acho que isto não é direito, concluiu.

— E' uma questão que a senhora liquidaria aqui com o senhor Van Weyden, respondeu Larsen apontando-me com a cabeça de modo malicioso. O senhor Van Weyden é o que podemos chamar uma autoridade em materia de coisas como o direito, a justiça, etc. Eu não passo dum marinheiro que vê tudo por prismas diferentes. E' possivel que seja azar seu ter de ficar retida aqui na Ghost; mas para nôs é sorte.

Larsen olhou-me sorridente. Os olhos da moça baixaram-se por um momento, para logo se erguerem firmissimos — e fitaram-me com ar de desafio. Li neles uma interpelação muda. "E' então justo isso?" Mas eu havia deliberado tomar posição de neutro e nada respondi.

— Que pensa, senhor? insistiu ela.

—Que é um caso dificil, sobretudo se a senhora tem necessidade de estar em certo destino nestes proximos mêses. Mas já me disse que viajava para o Japão a beneficio da saude, e nesse caso posso assegurar-lhe que estará muito bem nesta escuna.

Seus olhos faiscaram de indignação e desta vez tive de baixar os meus, sentindo o sangue da vergonha queimar-me as faces. Foi covardia da minha parte, mas que fazer?

— O senhor Van Weyden fala com muita autoridade, observou lobo Larsen sempre a sorrir.

A moça, já dona de si, esperou o seguimento.

— Não que ele já seja o que pode vir a ser, mas tem melhorado muito, continuou Larsen. A senhora devia tê-lo visto quando aqui chegou. O mais lamentavel ser humano que se possa conceber, não é verdade, Kerfoot?

Interpelado assim de chofre, o caçador espantou-se a ponto de deixar cair no chão a faca — mas respondeu que sim num grunhido.

— Desenvolveu-se, descascando batatas na cozinha e lavando pratos, não é Kerfoot?

Novo grunhido comprobatorio do caçador.

— Reparte nele agora. Não está ainda o que se pode chamar um homem, mas já possue musculos, coisa que desconhecia ao entrar na Ghost. Tambem possue pernas sobre as quaes equilibra-se. No começo era incapaz de suster-se sobre as proprias pernas.

Os caçadores expremeram risadas gostosas, mas a moça olhou-me com tanta simpatia que me senti mais do que recompensado das perversidades de Lobo Larsen. Tanto tempo já que não sentia no coração um bafejo de simpatia humana que me tornei naquele momento o escravo daquela mulher. Apesar disso irritei-me com Larsen. Estava a desafiar a minha varonilidade, e ainda as pernas que se gabava de ter creado.

— Aprendi, sim, a equilibrar-me sobre minhas proprias pernas, repliquei, e tenho agora de aprender a pisar sobre os outros.

Larsen olhou-me com insolencia.

— Quer dizer que a sua educação ainda não está completa, observou ele secamente; e voltando-se para a moça: Somos muito hospitaleiros na Ghost. Tudo fazemos para que os hosp les se sintam em casa — o senhor Van Weyden sabe disso.

— Tudo, inclusivé descascar batatas e lavar pratos — não falando em torcimentos de pescoço, por méra camaradagem já se sabe, retorqui.

— Por favor, não se impressione com o que diz o senhor Van Weyden, suplicou Larsen com cara comica de ansiedade. Note, Mis Brewster, que ele trás punhal á cinta, coisa um tanto fóra de proposito para um oficial de marinha. Embora muito cavalheiro, o senhor Van Weyden é ás vezes — como direi? um tanto brigão, sim, brigão e tenho de tomar as minhas medidas. Muito razoavel e leal nos momentos de calma — e como está calmo agora, não negará que me ameaçou hontem de morte.

Senti-me sufocado de indignação e meus olhos revelaram isso. Larsen estava chamando sobre mim a curiosidade de todos.

— Reparem nele, continuou. Mal pode dominar-se. E' que não está acostumado á presença de damas. Vejo que terei de armar-me antes de subir com ele á coberta.

E sacudindo tristemente a cabeça:

— Mau, muito mau isso! e os caçadores romperam na gargalhada.

Essas manifestações de alacridade daqueles homens rudes, ressoando no espaço confinado, produziram um efeito barbaro. Um ambiente selvagem, e pela primeira vez, olhando para a moça estranha, compreendi quão incongruente era a sua presença ali — e a minha tambem. Eu conhecia aqueles homens e sua mentalidade — e era um deles, vivendo a mesma vida de caçador, comendo o que comiam, pensando o que pensavam. Nada de estranho para mim em tudo aquilo — naquelas roupas grosseiras, nas faces rudes, no riso selvagem, nas paredes oscilantes da cabina, nas lampadas a balouçarem.

Ao passar manteiga no pão, aconteceu-me dar tento aos meus dedos. Tinha-os grosseiros, inchados, com as unhas debruadas de graixa negra. A barba crescia-me grossa nas faces e no pescoço; a manga do meu casaco estava rasgada e a camisa sem o botão de cima. O punhal referido por Lobo Larsen pendia da minha cinta. Era natural que essa arma estivesse onde estava, mas refleti que deveria parecer muito chocante para os olhos daquela moça — a arma e tudo mais.

Mas Miss Brewster havia adivinhado toda a perversidade contida nas observações de Larsen e continuou a favorecer-me com os seus olhares de simpatia. Todavia notei em seus olhos um certo espanto. O tom pilherico de Larsen tornava a situação ainda mais embaraçosa para ela.

— Eu poderei ser transportada para algum navio que cruze com este, sugeriu a moça num dado momento.

— Não cruzaremos com barco algum, exceto escunas de fócas, advertiu Larsen.

— Estou sem roupas, sem nada, objetou ela. O senhor talvez possa compreender que não sou homem nem estou afeita á vida errante que todos levam neste barco.

— Quanto antes acostumar-se a esta vida melhor, respondeu Larsen. Arranjar-lhe-ei fazenda, aguuha e linha. Não lhe será dificil fazer um ou dois vestidos .

A expressão da moça mostrou que não entendia de costura.

— Suponho, ajuntou Larsen, que está acostumada, como acontecia ao senhor Van Weyden, a ter quem lhe faça tudo. Mas acredito que se fizer qualquer coisa com as suas proprias mãos não as quebrará. A proposito, qual o seu meio de vida, Miss?

A moça olhou-me com espanto.

— Não quero ofendê-la, creia. As criaturas comem, e portanto devem ter um meio de vida — isto é, de comer. Estes homens cá matam fócas. Vivem disso. Tambem para isso navego eu nesta escuna. O senhor Van Weyden ganha a sua ração auxiliando-me. E a senhora, que faz?

Miss Brewster encolheu os hombros.

— Suponho que alguem me sustentou até agora, disse ela rindo-se e procurando corajosamente entrar no espirito da pergunta de Larsen; mas vi que o seu terror crescia ao por os olhos no capitão.

— Alguem arruma a sua cama?

— Eu mesma tenho feito isso, respondeu a moça.

— Muitas vezes?

A moça calou-se, confusa.

— Sabe o que nos Estados Unidos fazem aos homens que como a senhora não trabalham para viver?

— Sou muito ignorante, respondeu ela. Que é que fazem a esses homens?

— Metem-nos na cadeia. O crime, no caso, chama-se vagabundagem. Se eu fosse Van Weyden, que gosta de instruir-se em questões sociaes e de direito, me animaria a perguntar á senhora por que razão vive, quando nada faz para merecer a vida.

— Mas como o capitão não é o senhor Van Weyden, creio que não precisarei responder, não é assim?

A perturbação da moça doeu-me nalma. Era preciso mudar o rumo á conversa.

— Já ganhou algum dolar com o seu proprio esforço? perguntou Larsen, insistindo no assunto.

— Sim, respondeu a moça vagarosamente. Lembro-me que meu pai me deu um dolar certo dia, quando menina, em paga de ficar quietinha durante cinco minutos.

Larsen sorriu com indulgencia.

— Mas isso faz muito tempo, continuou a moça, e seria absurdo pedir a uma menina de nove anos que ganhasse a sua vida. Agora, porém, ganho mil e oitocentos dolares por ano.

Todos os olhares voltaram-se para ela. Uma mulher vencer tanto dinheiro causava assombro. O proprio Larsen não disfarçou a sua admiração.

— Salario ou serviço de tarefa?

— Mil e oitocentos, calculou ele. Cento e cincoenta por mês. Muito bem, Miss. Na Ghost tudo é grande. Considere-se vencendo esse ordenado emquanto permanecer aqui. Esqueci-me de perguntar qual a natureza do serviço. Que ferramentas usa e que materiais?

— Papel e tinta, sorriu ela. Sou datilografa.

Um clarão passou pelo meu cerebro.

— A senhora é Maud Brewster, disse eu lentamente como se estivesse a acusá-la de um crime.

Seus olhos ergueram-se curiosos para os meus. "Como sabe"?

Foi a vez de Larsen mostrar-se surpreso. Para ele nada significava tal nome e senti-me orgulhoso de que para mim significasse algo. Era uma superioridade sobre Larsen — a primeira.

— Lembro-me de haver feito a critica duma pequena sua obra... comecei a dizer negligentemente — e ela interrompeu-me:

— O senhor! o senhor é... e seus olhos abriram-se largo. Humfrey Van Weyden, concluiu ela com um suspiro de alivio. Oh, tenho tanto prazer!... Lembro-me desse trabalho, excelente trabalho!

— Nada disso, protestei com modestia, mas todos os meus confrades em critica deram-me razão. Não é certo que Lang incluiu o seu "Kiss Endured" entre os quatro maiores sonetos femininos da lingua ingleza?

— Mas o senhor chamou-me a Mrs. Meynel da America.

— E não é verdade?

— Não, nunca. Isso chocou-me.

— Só podemos medir o desconhecido com o conhecido, repliquei no meu mais fino estilo academico. Como critico eu tinha de classificar Miss Brewster. Mas já ela agora está dando medida a si propria. Sete dos seus pequenos volumes eu os tenho na estante; e ha ainda dois maiores, de ensaios, que em nada desmerecem dos versos. Não se passará muito tempo sem que apareça uma grande desconhecida na Inglaterra á qual os criticos chamem — a Miss Baud Brewster inglesa.

— Está sendo muito generoso comigo, murmurou ela — e o convencional do seu tom e das suas palavras relembrou-me e fez-me saudades do outro lado do mundo onde eu vivera.

— E estou diante de Miss Maud Brewster! observei com solenidade enfatica.

— E o senhor é Humfrey Van Weyden! replicou a moça no mesmo tom.

Que estranho tudo isto! Mal chego a admiti-lo. Iremos ter talvez da sua pena alguma novela maritima selvaticamente romantica?

— Não; não estou reunindo material artistico, fique certa, foi a minha resposta. Não tenho aptidão para o romance.

— Diga-me: por que motivo sempre viveu enterrado na California? perguntou-me ela depois. Não foi nada amavel da sua parte. Nós, de Léste, conhecemos muito da sua pessôa.

Agradeci com a cabeça o elogio.

— Quasi nos encontramos certa vez em Philadelphia, quando foi da sua conferencia sobre Browning, creio. Mas meu trem atrazou-se e perdi-a. E a conversa foi por aí além, fazendo-nos esquecer por completo o lugar onde estavamos. Lobo Larsen, posto de lado, guardou silencio. Os caçadores deixaram a mesa e dirigiram-se para o convés, emquanto eu e Maud proseguiamos na conversa. Larsen ficou. Quando dei pela sua presença vi que escutava atentamente aquela troca de impressões sobre um mundo que lhe era estranho.

Detive-me. O presente com todos os seus perigos e ansias fez-se vivo em meu espirito — e esmagou-me. O mesmo sucedeu a Miss Brewster, a avaliar pelo fulgor que lhe vi nos olhos, quando atentou no capitão.

Larsen ergueu-se, rindo-se esquerdamente. Riso metalico.

— Oh, não se incomodem por minha causa, disse fazendo com a mão um gesto depreciatorio de si proprio. Não sou nada. Continuem...

Mas o gosto de conversar morrera em nós ambos — e tambem nos erguemos da mesa, a sorrir constrangidos.

CAPITULO XXI

O desapontamento de Lobo Larsen, de ver-se ignorado por Maud Brewster e por mim na palestra á mesa, devia externar-se de qualquer modo — e calhou ser Mugridge a vitima. Mugridge não havia mudado de sistema, nem de camisa, apesar de ter prometido isso. Mas sua camisa desmentia suas palavras, do mesmo modo que a sujeira da cozinha.

— Eu o avisei, senhor Cooky, disse-lhe Lobo Larsen, e agora tem que levar uma lição.

Ao ouvir essa ameaça, a cara encardida do londrino empalideceu debaixo da camada de fuligem que a recobria, e quando Larsen gritou por uma corda e dois homens, o miseravel fugiu da cozinha como louco, para correr pelo convés com a tripulação toda no seu encalço. Pouca coisa lhe seria tão desagradavel como um banho de mar á força, e justamente no ponto em que vinha de despejar a sordida agua suja e o lixo do seu chiqueiro. A Ghost estava bordejando a tres milhas por hora e, pois, quasi parada num mar grandemente calmo. Mas Mugridge não queria saber daquele banho sui-generis, em que seria rebocado na ponta duma corda; a agua estava gelada e ele não tinha constituição para suportar o frio.

Como de regra, caçadores e marinheiros acudiram pressurosos para gosar o espetaculo — e Mugridge debateu-se furiosamente, resistindo. Sua agilidade redobrou. Corria, pulava e saltava qual um gato. Cercado na fuga para a pôpa, galgou o této das cabinas e correu para ré. Mas os perseguidores foram-lhe empós — e ele enganou-os com uma volta subita, passou sobre a cozinha e saltou de novo para o convés. E correu, com o caçador Harrison nos calcanhares. Subito Mugridge atracou-se á bujarrona, a uma de cujas cordas trepou, ficando suspenso no ar; de lá recebeu Harrison com um pontapé no estomago, que o fez caír no convés, a gemer.

Palmas e gritaria dos caçadores saudaram a façanha, emquanto o cozinheiro, driblando os perseguidores mais proximos, corria veloz para ré. E depois diretamente para a popa até ao extremo da amurada. Tamanho era o impeto de sua força que ao passar junto á roda do leme escorregou e projectou-se de encontro a Nilson, que estava governando. O timoneiro rolou por terra e lá ficou caído.

Parson tomou o leme e a perseguição prosseguiu. O convés virou pista de corrida, muitas vezes volteada, com Mugridge doente de medo e os marinheiros cada vez mais empenhados no péga. Subito Mugridge precipitou-se para o porão da prôa, onde esbarrondou um grupo de tres homens; emergiu do bolo qual uma enguia, e com a boca em sangue e a suja camisa em tiras, subiu de novo ao convés e correu para o mastro mestre, trepando por ele acima até ao topo.

Seis homens marinharam ás vergas, onde ficaram á espera da caça, emquanto dois, Oofty-Oofty e Black (piloto do bote de Latimer) continuavam a trepar pelos estais á força de braços.

Era grande o perigo, pois, na altura de cem pés e seguros apenas pelas mãos, não ficaram de bom geito para resistir aos coices de Mugridge. E este os atirava ferozes — até que o canaca, a sustentar-se com uma das mãos, conseguiu segurar-lhe a perna com a outra. Black fez o mesmo e lá em cima formaram os tres um curioso bolo movediço, que lutava, que escorregava, quasi caía e que acabou caindo nos braços dos que haviam ficado na verga, á espera.

Estava terminada a batalha aerea, e a debater-se, com a boca sangrenta, foi o misero baixado ao convés. Lobo Larsen deu uma laçada na ponta da corda e passou-lha pelas axilas — e depois, agua! Quarenta... cincoenta... sessenta pés de corda foram corridos, até que Larsen deu ordem de alto; Oofty, então, fixou a corda com tres voltas numa abita. E lá ficou nagua o cozinheiro, na ponta do cabo esticado...

Espetaculo triste. Embora ele não pudesse afogar-se por ser gato de nove folegos, sofria entretanto todas as agonias da morte. A Ghost singrava mui lentamente; quando a popa se erguia sobre uma vaga, o pobre diabo era tambem erguido á tona, tendo ensejo de respirar: mas quando a popa afundava e a prôa subia, a corda bambeava e lá mergulhava ele de novo.

O espetaculo fez-me esquecer Miss Maud, e foi com sobressalto que a vi passar de leve ao meu lado, pela primeira vez surgindo na coberta. Um silencio mortal se fez á sua chegada.

— Que alegria é esta? indagou a moça.

— Pergunte-o ao capitão, respondi com simulada frieza, embora por dentro eu estivesse a ferver ao pensamento de que ela iria presenciar tamanha brutalidade. Miss Maud seguiu meu conselho, e ia-se voltando em procura de Larsen quando deu com Oofty-Oofty a segurar a ponta da corda.

— Está pescando? perguntou-lhe, curiosa.

O canaca não respondeu; tinha os olhos atentamente fixos num ponto do mar. Subito, arregalou-os.

— Tubarão, senhor! gritou para Lobo Larsen.

— Icem-no, depressa! Todos á corda! ordenou este, vindo tambem dum pulo ao cabo.

Mugridge ouvira o grito do canaca e pusera-se a urrar dentro dagua. Vi nesse instante um lombo negro de peixe cortando o mar rumo ao misero, com mais velocidade que o içamento. Havia tantos probabilidades de que o tubarão o apanhasse com de que nós o içassemos primeiro; tudo dependia de instantes. Quando Mugridge ficou quasi a prumo em relação a nós, a popa da escuna mergulhou na rampa duma vaga e a corda afrouxou, favorecendo assim ao esqualo. O seu lombo negro desapareceu — e apareceu uma barriga branca. E' que num movimento rapido voltara-se para atacar. Com presteza equivalente Larsen agiu. Deu um sacão violento á corda e o corpo de Mugridge destacou-se da agua. Vimos acontecer o mesmo a uma parte do corpo do tubarão. O pobre Mugridge encolheu as pernas. O tubarão dera o bote, parecendo apenas lhe esfrolar os pés. Um grito lancinante soou — e Mugridge veiu até nós como um peixe apanhado á linha. Foi transbordado por sobre a amurada e achatou-se no chão qual gemente posta de carne.

Um riacho de sangue esguichava dele. O pé direito faltava. Fôra amputado pelo tornozelo. Olhei para Miss Brewster. Tinha o rosto livido e os olhos arregalados de terror. Mas olhava, não para Mugridge e sim para Lobo Larsen. Ele o percebeu e disse com um dos seus sorrisos cortantes:

— Comedia humana, Miss Brewster. Um pouco mais rude do que o que está acostumada a ver — mas comedia. O tubarão não entrava no programma. Ele...

Larsen interrompeu-se. Mugridge, que erguera a cabeça e ouvira tudo, arrastou-se pelo chão e veiu cravar-lhe os dentes na perna. Larsen abaixou-se friamente e apertou com a tenaz dos dedos as maxilas do desgraçado, fazendo-as abrirem-se.

— Como ia dizendo, continuou como se nada houvesse acontecido, o tubarão não entrava no programma. Foi uma intervenção da... poderia dizer da Providencia?

Miss Brewster não deu signal de ter ouvido, apesar da expressão do seu rosto mudar-se para a de supremo horror — e fez movimento para recolher-se. Nisto cambaleaou e instintivamente estendeu-me a mão. Segurei-a a tempo e levei-a apoiada ao meu braço até sua cabina. Previ que fosse perder os sentidos; mas não; conseguira dominar-se.

— Queira preparar o torniquete, senhor Van Weyden, ordenou Larsen, de longe

Hesitei. Os labios da moça moveram-se, e sem palavras ela me disse que fosse em socorro do desgraçado. Subito a voz lhe voltou e poude murmurar: Vá! e eu não pude negar-me a obedecê-la.

Eu já me tornara um habil cirurgião, de modo que, após duas ou tres recomendações, Larsen me deixou só com o mutilado. Ia ele agora vingar-se do esqualo.

Um forte anzol iscado com um naco de carne salgada foi descido ao mar, e no momento em que eu fechava aquelas veias e arterias rotas, o causador da mutilação era içado para bordo. Não o vi, mas os dois ajudantes que Larsen me dera não resistiram á curiosidade; primeiro um, depois o outro, ambos foram espiar o monstro já pendurado ao maçame. Tinha dezoito pés de comprimento. Suas mandibulas estavam escancaradas, ou foram escancaradas á força de cunhas; depois meteram-lhe de través dentro da boca uma estaca com ambas as pontas afiadas — e tiraram as cunhas e o anzol. Por fim foi lançado ao mar, para que morresse de fome e dôr — morte menos adequada áquelle bruto do que ao homem ideiador do castigo.

CAPITULO XXII

Eu já sabia do que se tratava quando Miss Brewster veiu a mim. Por dez minutos tinha estado a observá-la na sua convcersa com o maquinista, e agora, com gesto que pedia silencio, levei-a para onde ninguem nos pudesse ouvir. Miss Maud tinha o rosto palido e grave; seus olhos grandes pareciam-me ainda maiores e olhavam-me com grande penetração. Senti-me timido e apreensivo, porque ela vinha auscultar a alma de Humfrey Van Weyden e Humfrey Van Weyden não tinha muito do que orgulhar-se quanto á sua alma, desde que pusera pé na Ghost.

Fomos até ao extremo da popa e lá, voltando-se, Miss Maud encarou-me. Olhei em torno, a ver se alguem nos seguia.

— Que ha? perguntei-lhe com brandura que não fez mudar a expressão determinada do seu rosto.

— Posso admittir, começou ela, que a tragedia desta manhã veiu em parte por acidente; mas conversei com o seuhor Haskins e por elle soube que no dia em que fomos salvos, e ao tempo em que eu descançava na cabina, dois homens foram forçados a perecer... Foram assassinados. E' verdade?

Ela enfrentava-me acusadoramente, como se fosse eu o culpado, ou pelo menos um cumplice.

— E' verdade, sim, respondi. Dois homens foram assassinados nesse dia.

— E permitiu o senhor isso? uivou ela.

— Não tinha meios de o impedir, por mais que me revoltasse o crime.

— Mas procurou impedir? e aí punha especial enfase no "procurou" — enfase de suplica. Oh, não procurou! disse com decepção, adivinhando a minha resposta. Por que? Por que não procurou?

— Lembre-se, Miss Brewster, que é ainda novata neste barco para saber que leis nele imperam. A senhora trás consigo belas concepções de humanidade, de hombridade, de conduta e mais coisas — que aqui nada valem. Méros preconceitos. E' esta a conclusão a que cheguei, creia-me.

Miss Brewster meneou a cabeça, incredula.

— Que me aconselharia a fazer? perguntei. Tomar uma faca, um revolver e matar esse homem?

— Oh, isso não!! disse ela recuando.

— Então, quê? Matar-me?

— O senhor está falando em termos puramente materialisticos, objetou a moça. Ha uma coisa chamada coragem moral, ou força moral, que nunca deixa de produzir efeito.

— Ah! exclamei sorrindo. Aconselha-me então a não matá-lo ou a não matar-me e sim a deixar que ele me matasse? E tomando-lhe as mãos antes que ela respondesse: Coragem moral de nada vale neste inferno flutuante. George Leach, uma das vitimas, possuia coragem moral em grau altissimo. O mesmo com o outro — Johnson. Mas essa coragem moral não só não lhes valeu de nada, como ainda os destruiu. Dar-se-ia o mesmo comigo, se eu pusesse em ação a pouca que possuo. Deve compreender, Miss, e compreender claramente e a fundo, que esse homem é um puro monstro. Não tem consciencia. Nada lhe é sagrado, e nada o horroriza. Foi devido a isso, e ao seu capricho, que aqui fiquei detido, e é graças a um capricho que ainda não me matou. Nada posso fazer porque sou seu escravo — como a senhora é hoje sua escrava. E somos escravos porque ambos queremos viver e nenhum de nós pode lutar contra o monstro.

Miss Brewster esperou que eu continuasse.

— Que me resta fazer? Represento o lado fraco, e silenciosamente sofro a minha ignominia — como a senhora sofrerá a sua. E é o que temos a fazer, se queremos viver. Mas a luta nem sempre é ganha pelo forte. Já que não temos força para lutar contra esse homem, havemos que dissimular para vencer pela astucia. Se quiser aceitar o meu conselho, faça isso. Sei que a minha posição é falsa e perigosa — e a sua, peior ainda. Temos que unir-nos sem dar a entender essa aliança. Não poderei manifestar-me abertamente ao seu lado, e seja quais forem as indignidades que chovam sobre mim, a senhora deve mostrar-se indiferente. Nada de provocar esse homem, nem de opôr obstaculos á sua vontade. Caras sorridentes, gestos amistosos — é a nossa politica, por mais que nos custe.

Miss Brewster correu a mão pela testa, dizendo:

— Ainda não percebo...

— Mas precisa fazer o que estou indicando, repliquei com energia, pois vi que o olhar de Larsen, a meia nau, onde estava a passear com Latimer, se voltara para nós. Faça o que digo e breve compreenderá que tenho razão.

— Como proceder então? perguntou, vendo a minha expressão ansiosa.

— Não use da sua coragem moral, respondi rapidamente. Não desperte a animosidade do monstro. Seja-lhe agradavel, discuta literatura e arte... ele gosta disso. Encontrará um ouvinte interessado e nada ignorante. E por amor de si propria evite assistir ás brutalidades que ocorrerem nesta escuna. Desse modo poderá representar melhor o seu papel.

— Quer dizer que devo mentir por palavras e átos... disse ela ainda rebelde.

O capitão largara Latimer e vinha do nosso lado.

— Por favor, compreenda-me, conclui depressa. Todo o seu conhecimento da natureza humana de nada vale aqui. Tem que aprender mais. Eu já aprendi e já sei que com a sua coragem moral manifestada apenas com os olhos poderá influir nestes homens. Mas não procure fazê-lo com Lobo Larsen. E' indomavel. Ele... Sempre me sinto orgulhoso de o ter descoberto — continuei, já disfarçando, porque Larsen estava perto. Os editores tinham medo dele. Mas eu o adivinhei e vi meu juizo vencedor quando ocorreu o successo magnifico da sua "Forge".

— E era um poema ligeiro, feito para jornal, replicou Miss Brewster espertamente.

— Sim; foi de fáto publicado em jornal pela primeira vez, respondi no mesmo tom, mas não porque os editores de magazines o tivesse recusado.

— Estamos a falar de Harris, disse eu a Lobo Larsen quando o vimos diante de nós.

— Oh, sim, exclamou ele. Lembro-me de "Forge". Rico de sentimento e de fé nas illusões humanas. Por falar nisso, senhor Van Weyden, acho bom dar uma olhadela no cozinheiro. Está agitado.

Foi como ele me despediu dali, pois que Mugridge estava a dormir profundamente sob a ação da morfina.

Não me apressei a tornar ao convés; quando o fiz tive o prazer de ver Miss Brewster em animada conversa com Larsen. Estava a seguir o meu conselho, finalmente.

CAPITULO XXIII

Bons ventos, muito regulares, levaram com rapidez a escuna para o norte, onde estavam as fócas. Encontramo-las no paralelo quarenta e quatro, em mar batido de temporais e sempre neblinoso. Durante dias foi impossivel ver o sol e fazer observações; só quando a espaços o vento varria a nevoa é que conseguiamos assinalar a nova posição.

A caça tornara-se perigosa; os botes logo que arriados perdiam-se na bruma gris, e ás vezes só muito tarde surgiam junto á escuna, de brusco, tal como algas que emergem. Wainwright, o caçador que Larsen havia tomado á força conjuntamente com os demais tripulantes do bote perdido, aproveitou-se do nevoeiro para escapar. Sumiu-se para sempre com os seus companheiros, e mais tarde viemos a saber que de escuna em escuna haviam conseguido alcançar salvamento.

Era tambem isso que eu estava decidido a fazer; mas nunca se me calhava oportunidade. Na tarefa de imediato de navio era-me impossivel saír em botes, e a despeito de quanto astuciosamente fiz nesse sentido, Larsen jamais mo permitiu. Se eu o houvesse conseguido, certo que levaria tambem Miss Maud. Mas, como iam as coisas, a situação se tornava dia a dia mais séria. Eu procurava não pensar nisso — e não podia pensar noutro assunto.

No meu tempo havia lido muitos romances de mar, onde aparecem mulheres solitarias a bordo, lançadas ao meio de matilhas de machos. Mas só agora compreendia o verdadeiro significado dessa situação, tão explorada pelos escritores. E eu estava a enfrentar uma dessas situações. E para mais avivá-la acontecia ser essa mulher Maud Brewster, que já me encantara com as suas obras e agora me encantava com a sua pessoa.

Era Miss Brewster um ser etéro, ondulante como ramo de salgueiro, leve, de movimentos todo graças. Não me parecia que andasse — antes deslisava bem diversamente do comum dos mortais. Sua extrema leveza fazia-a move-

se com a graça da pluma, ou como certas aves de asas silenciosas.

Lembrava uma porcelana de Dresde, de fragilidade infinita. Quando lhe tomei o braço para conduzí-la á cabina, no dia da chegada, tinha a impressão de vê-la fazer-se em pedaços a um simples choque. Jamais conheci espirito em mais perfeita harmonia com o corpo. Falar dos seus versos como faziam os criticos era falar do seu corpo. Corpo que parecia emanação da alma, com os mesmos atributos, e ligados á vida pelas mais finas cadeias. Miss Brewster parecia imaterial.

Que contraste com Lobo Larsen! O que havia num, não havia noutro. Um era o que o outro não era. Observando-os a passear pelo convés, certa manhã, refleti que significavam extremos da escala humana. Ele, a selvageria no apogeu; ela, um requinte de civilização. E' verdade que Larsen possuia inteligencia altissima, mas aplicada exclusivamente no desenvolver os instintos selvagens — o que o fazia ainda mais perigoso. Possuia musculatura maravilhosa; robustissimo, e entretanto leve no passo. A jangal e a solidão desertica denunciavam-se no seu andar de felino, firme, sereno, segurissimo. Perfeito tigre, perfeito animal de presa e de guerra. A luz penetrante dos seus olhos era a mesma que eu havia observado nas panteras de jaula e nas aves de rapina.

Mas naquele dia vi que fôra ela quem havia posto termo ao passeio pelo convés. Chegaram junto até onde eu estava, á entrada do portaló, e imediatamente percebi que, embora disfarçasse, Maud estava bastante perturbada. Fez-me uma observação qualquer, insignificante, olhando para mim e rindo-se ao de leve; depois vi seus olhos voltarem-se para Larsen, como que fascinados — e baixarem-se rapidos, de novo assaltados pelo terror.

A causa do terror residia nos olhos de Larsen. De ordinario cinzentos, frios e duros, estavam agora quentes, macios e dourados — e cheios de brilho que dançavam, dando uma estranha irradiação ao seu rosto. Olhos que dominavam, que arrastavam, que não enganariam mulher nenhuma e muito menos aquela. O terror de Moss Brewster invariu-me e naquele momento de medo — o mais terrivel que um homem possa experimentar — compreendi até que extensão ela me era cara. A revelação de que eu a amava veiu agravar o meu terror, e com ambas essas emoções nalma o sangue borbulhou-me no corpo de revolta. Foi assim que, dominado por um poder acima do meu controle, vi-me a encarar Larsen com inaudita firmeza nos olhos. Ele, entretanto, recompos-se. Algido e duro, despediu-se de chofre e afastou-se.

— Estou com medo, murmurou a moça num arrepio. Estou com tanto medo...

Tambem eu estava empolgado pelo medo, e como descobrira o que Miss Maud já significava para mim, senti um turbilhão na cabeça; não obstante pude responder com calma:

— Tudo acabará bem, Miss Brewster. Tenha confiança e fé.

Ela respondeu-me com um sorriso grato, que me fez pular o coração, e desceu para a cabina.

Por largo tempo ali fiquei onde ela me deixou. Tinha necessidade de ajustar-me por dentro, de refletir no que se operara em mim e considerar os novos rumos que se me abriam. Minha filosofia da vida sempre admitira a vida do amor, mais cedo ou mais tarde; mas nunca me havia preparado para recebê-lo.

E o amor viera! Maud... Minha memoria recordava aquele volume, com o seu nome, sobre a minha mesa de trabalho; e revi um por um os outros livros seus que tinha na estante. Maud Brewster! Humfrey Van Weyden, o "peixe de sangue frio", o "monstro sem emoção", "o demonio analitico", como lhe chamara Fureseth, apaixonado, afinal! E minha memoria relembrou então uma curta nota biografica do meu "Who's Who": "Nascida em Cambridge, vinte e sete anos". E murmurei comigo: Vinte e sete anos e ainda livre?" Mas como poderia eu saber se Maud era ainda livre? E a garra do ciume empolgou-me. Ciume, sim — e isso mostrava o meu amor. Eu amava Maud Brewster...

Eu, Humfrey Van Weyden, amava uma mulher! E de novo a duvida assaltou-me. Não que eu tivesse medo do amor, ou fugisse dele. Ao contrario. Idealista em alto grau, minha filosofia sempre reconhecera o amor como o maximo deste mundo, o alvo, a mira, o vertice de tudo, o apogeu da euforia a que a vida póde alçar-se. Mas agora que ele viera eu mal podia crer. Parecia impossivel que eu fosse tão afortunado. Muito grande aquilo, para ser verdade. Os versos de Symons vieram-me ao pensamento:

"Errei todos estes anos num mar de mu-
[lheres á tua procura.

Depois cessei de interrogar-me. Decidi que aquela coisa maxima que a vida dá me viera a mim. Fureseth tinha razão; eu havia sido um anormal, um monstro sem emoções, uma criatura livresca, só capaz de descobrir encanto nas emoções do espirito. Apesar de conviver sempre entre mulheres, unicamente pelo lado estetico eu as encarava. Chegara a considerar-me um condenado a jamais ter o que via em redor de mim. E agora tinha tudo! Sem aviso, improvisamente, o amor chegara!

Num estado dalma perfeitamente de extase, puz-me a andar pelo convés, redizendo os belos versos de Mrs Browning:

"Vivi entre visões em vez de viver entre
[criaturas; entre
visões de homens e mulheres vivi, não entre
homens e mulheres — e achei-os gentis
[companheiros, e nunca
imaginei que houvesse musica mais suave
[que a que deles me vinha."

Entretanto agora musica infinitamente mais suave me fazia cégo para tudo mais que me rodeava. A voz aspera de Lobo Larsen veiu tirar-me daquele sonho.

— Que diabo está fazendo aí? gritara elo.

Eu me havia perdido na prôa, onde os marinheiros se ocupavam com a pintura da escuna, — e quando dei por mim estava quasi a derrubar uma lata de tinta.

— Sonambulismo? Insolação? latiu Larsen.

— Indigestão, respondi — e continuei o meu asseio como se nada houvesse.

CAPITULO XXIV

Entre as mais vivas lembranças da minha vida estão os acontecimentos sucedidos na Ghost durante as quarenta horas que sucederam á descoberta do meu amor. Eu, que vivera toda a vida em lugares calmos, e que aos trinta e cinco anos me vi metido na mais irracional aventura imaginavel, nunca passei um periodo de quarenta horas tão agitado. E com certo orgulho reconheço que não me comportei mal.

Começou o movimento ao meio dia. Larsen declarou aos caçadores que dalí por diante teriam suas refeições no porão, coisa inconcebivel nas escunas de caça, onde os caçadores se equiparam a oficiais. Larsen não deu razões, mas o seu motivo era bastante claro. Horner e Smoke haviam-se mostrado galantes para com Miss Brewster — galanteria grotesca em si e inofensiva para ela, mas desagradavel para o capitão.

A ordem foi recebida em silencio, apesar dos outros caçadores olharem significativamente para os dois causadores da medida. Horner, sempre calmo, não deu sinal de protesto; mas a Smoke o sangue subiu á cara e foi logo abrindo a boca para falar. Larsen, que o observava, fulminou-o com o olhar de aço — e Smoke enguliu o que ia dizer.

— Tem algo a alegar? interpelou Larsen agressivamente.

Smoke não aceitou o desafio.

— A proposito do que? replicou ele, com tanta inocencia que o capitão desmontou, ao passo que os outros sorriam.

— Nada, contraveiu Larsen. Julguei que estivesse com vontade de registrar no lombo mais um pontapé.

— Por que? disse ainda o imperturbavel Smoke.

Os seus companheiros riram-se então á larga. Naquele momento Larsen poderia tê-lo matado, e não duvido que corresse sangue, se Miss Maud não estivesse. E foi ainda a sua presença que levou Smoke a agir daquele modo, pois era muito esperto para incorrer na ira de Lobo Larsen. Todavia, eu ainda receiava que uma luta ocorresse, quando um grito do timoneiro veiu salvar a situação.

— Fumaça ao longe!

— Em que direção? quís saber Larsen.

— A' ré, senhor.

— Ha de ser algum navio russo, sugeriu Latimer.

Essas palavras causaram ansiedade entre os caçadores. Navio russo só podia significar uma coisa — cruzador. Embora os caçadores não estivessem bem ao par da posição da escuna, sabiam que ela andava em zona proíbida.

Todos os olhos concentraram-se no capitão, que era um impenitente invasor de zonas.

— Estamos a seguro, garantiu ele numa risada. Você não vai desta vez para as minas de sal, Smoke. Aposto dez contra um que é o Macedonia.

Ninguem topou a aposta e ele proseguiu:

— E tambem aposto vinte contra um que vamos ter encrenca.

— Muito obrigado, disse Latimer. Sei muito bem que nunca houve encontro entre o senhor e o seu irmão sem brigaria grossa. Nisso tambem jogo vinte contra um.

Uma risada geral recebeu as palavras do caçador, e Larsen tambem riu-se. O jantar correu sem incidentes, mas fui tratado de maneira abominavel o tempo inteiro; Larsen ridicularizou-me ao extremo, enchendo meu coração de colera represa. Contive-me, entretanto, sobretudo por amor a Miss Brewster, da qual recebi como recompensa um olhar com estas palavras: "Coragem, amigo!"

Deixamos a mesa para subir ao convés, por-

que um navio á vista era sempre bem recebido na monotonia do mar sobre que flutuavamos; o fáto de ser o Macedonia, isto é, o navio de Morte Larsen, recrescia o nosso interesse. A brisa aspera da vespera já não soprava, de modo que foi possivel arriarem-se os botes para a caçada habitual. Tinhamos navegado o dia todo dentro dum bando sem fim de fócas. Estavamos bem no meio dele agora.

A fumaça do Macedonia aparecera longe, muitas leguas á ré, mas já se mostrava bem mais perto quando descemos os botes e estes se espalharam a rumo norte. De vez em quando, viamos uma vela baixar, ouviamos o rebôo dos tiros e em seguida a vela erguia-se outra vez. As fócas eram inumeras e o vento amainava; tudo favorecia a caçada. Quando a escuna largou, afim de tomar posição perto do ultimo bote a sotavento, atravessamos um trecho de mar forrado de fócas adormecidas. Espalhavam-se ao redor da escuna, mais gordas que as encontradas antes, ás duas, ás tres, aos grupos, estiradas á tona em soneira profunda, como cães preguiçosos. Sobre a fumaça que se aproximava o vulto do navio assumia formas definitivas. Era o Macedonia. Li-lhe o nome através do oculo de alcance, quando passou a uma milha a estibordo da Ghost. Lobo Larsen acompanhava-o com olhar selvagem e Maud mostrava-se curiosa.

— Onde a encrenca que o senhor previu, capitão? perguntou ela alegremente.

Larsen volveu para a moça um olhar e teve um breve sorriso.

— Que espera a senhora? Que eles nos ataquem e nos cortem a garganta?

— Qualquer coisa semelhante confessou Maud. Navios foqueiros constituem algo tão estranho para mim que espero tudo.

Larsen fez com a cabeça gesto de assentimento.

— Tem razão, tem razão. O seu erro, Miss, é não ter esperado pelo peior.

— Que? inqueriu a moça com ingenua surpresa. Poderá haver coisa peior do que garganta cortada?

— Ha. Ter a bolsa cortada, respondeu Larsen. O mundo está organizado de maneira que a capacidade de vida do homem se mede pelo dinheiro que ele possue.

— Quem rouba minha bolsa, rouba lixo, citou Maud.

— Quem rouba minha bolsa, rouba meu direito á vida, contraveiu Larsen, porque rouba ao mesmo tempo meu pão, meu této, minha cama e desse modo me põe a vida em perigo. Não ha muita distribuição gratuita de sopa pelo mundo, a senhora sabe, e quando um homem nada tem dentro da bolsa, em regra morre miseravelmente.

— Mas não vejo que aquele navio tenha qualquer pretensão a repeito da sua bolsa, capitão.

— Ha de ver isso no momento proprio, observou Larsen fatidicamente.

Não tivemos muito que esperar. Num dado momento, o Macedonia começou a descer os seus botes, bem dentro da zona dos nossos, que ficaram assim separados das fócas. Eram quatorze botes contra cinco (faltava-nos o sexto, no qual fugira Wainright) e o Macedonia soltou-os a partir de sotavento do nosso ultimo, atravessando-os em linha até ao nosso derradeiro de barlavento. Estava perdida a caçada; as fócas acumulavam-se adiante da linha dos botes inimigos, que as ia varrendo para longe.

Os nossos botes proseguiram na caçada, mas adstritos á zona que a linha inimiga limitava; depois fizeram-se de velas para a Ghost.

O vento caíra completamente; o mar mostrava-se cada vez mais calmo, o que, ligado á grande abundancia de fócas, creara um momento excepcional para excelente colheita.

Em toda uma estação nunca surgem mais de uma ou duas oportunidades como aquela. E perdera-se... Foram chegando os nossos botes. Remadores e pilotos reentravam na escuna, espumejantes de ira, com a sensação de terem sido roubados. Os botes foram içados por entre blasfemias e maldições que, se tivessem efeito meteriam Morte Larsen no inferno por toda a eternidade. "Morte e danação por uma duzia de eternidades", rosnou Luiz piscando os olhos para mim, ao sentar-se para um descanço, depois de içado o seu bote.

— Ouça-os, disse Larsen, e veja que não é dificil conhecer o que ha de supremo em suas almas. Fé? Amor? Altos ideais? O Bem, o Belo, a Verdade?

— O sentimento iináto do direito foi neles violado, advertiu Maud Brewster entrando na conversa.

Estava ela de pé a pouca distancia de nós, com uma das mãos apoiada ás adriças mestras e com o corpo a ondular etéreamente ao balouço do barco. Maud não erguera o tom de voz e, no emtanto, esta me soou com um toque de sino.

Como me era doce aos ouvidos! Eu quasi não ousava volver para ela os olhos, com medo de denunciar os meus sentimentos. Maud trazia na cabeça uma boina de rapaz, e o cabelo de sol punha-lhe uma aureola no rosto. Positivamente enfeitiçadora, e, apesar disso, suavemente espiritual. Todo o meu antigo maravilhamento pela vida voltou á vista daquela esplendida encarnação da vida — e senti que grosseira e errada era a gelida concepção da vida de Lobo Larsen.

— Sentimentalistas, continuou Larsen, sentimentalistas, como o senhor Van Weyden. Esses homens estão vomitando blasfemias por que foram frustados em alguma coisa. Só por isso. Em que coisa? No desejo de boa mesa em terra, boa cama, comodidades que o salario lhes dá — e mulheres, e bebida e a orgia das bestialidades que tão fielmente exprime o que ha de melhor dentro deles, suas mais altas aspirações, seus ideais. Eis tudo. A exibição que fazem dos seus sentimentos não é espetaculo edificante; apenas mostra quão fundos foram feridos na bolsa, por que meter-lhes a mão na bolsa é meter-lhes a mão na alma.

— Mas o senhor não está agindo como quem foi lesado na bolsa, observou Miss Brewster a sorrir.

— Então é que minha bolsa e minha alma foram igualmente atingidas. Ao preço corrente das péles hoje no mercado de Londres, o **Macedonia** deu á **Ghost** um prejuizo de uns mil e quinhentos dolares.

— Mas não estou calmo; pareço. Seria capaz de torcer o pescoço ao homem que me roubou. Sim, conheço-o, e esse homem é meu irmão. Mais sentimento! Bah!

Sua expressão demudou-se, e sua voz fez-se menos aspera e mais sincera quando disse:

— Devem ser felizes os sentimentalistas, no sonhar e achar coisas boas na vida. E porque acham as coisas boas, sentem-se bons. E vocês, digam-me lá: acham-me bom?

— Bom para ser visto com os olhos — dum certo modo, declarei eu.

— Ha no capitão todo o poder para realizar o bem, accrescentou Maud.

— Ora aí está! volveu ele para a moça, já com acento colerico. As suas palavras são para mim vasias de sentido. Não ha nada claro, nitido, definido no pensamento que expressam. Vocês não podem tomar esse pensamento nas mãos e pesá-lo. Méro sentimento, algo baseado na ilusão e nunca um real produto da intelligencia.

Sua voz foi-se abrandando de novo e assumindo um tom confidencial.

— A's vezes apanho-me a desejar ser tambem cégo quanto ás realidades asperas da vida e só conhecedor das suas ilusões. São falsas essas ilusões; falsissimas e contrarias á razão; mas diante delas minha razão cochicha-me — enganadoramente — que sonhar e viver na ilusão dá maiores deleites. E o deleite, afinal de contas, é a recompensa da vida. Sem deleites nada vale a vida. Trabalhar e viver sem recompensa, sem paga, é peior do que a morte. Quem se deleita pela vida a dentro vive mais — e vossos sonhos e irrealidades perturbam-vos menos do que a mim me perturbam os fátos.

E Larsen meneava a cabeça, ponderando.

— Frequentemente duvido do valor da razão. Sonhos devem ser mais substanciais, mais gratos ao nosso imo. Os deleites emotivos superam os deleites inteletuais; além disso, a gente paga o deleite inteletual com o tédio, a tristeza azul. Já o deleite da emoção trás apenas o cansaço dos sentidos, que o descanço cura. Eu os invejo, sim.

Larsen deteve-se bruscamente e seus labios moveram-se num sorriso ironico ao acrescentar:

— E' o meu cerebro que os inveja, notem bem — nunca o meu coração. Minha razão produz essa inveja. Vem do inteléto. Vivo qual um homem que não bebe e tem em torno de si bebedos felizes. Elle não póde fazer o mesmo.

— Ou como um homem cheio de sabedoria que olha para ignorantes e anseia por ser um deles, sugeri sorrindo.

— Exatamente, concordou Larsen. Vocês são dois abençoados ignorantes. Não jogam com fátos, fátos, fátos, como eu. Não possuem fátos na carteira.

— E no emtanto é rica a nossa carteira; gastamos dela mais que o senhor, replicou Maud.

— E mais livremente, porque nada lhes custa.

— E' que sacamos sobre o futuro — sobre a eternidade, lembrou a moça.

— Se realmente o fazem ou julgam fazê-lo, é tudo um. Vocês despendem o que não possuem, e recebem mais, em troca do que despendem sem o possuir, do que eu despendendo o que ganhei com tanto esforço.

— Por que então não muda de sistema monetario? perguntou Maud inquisitivamente.

Larsen olhou para ela de relance, com um fulgor de esperança nos olhos; depois concluiu, pesaroso:

— Muito tarde. Quereria fazer, mas já não posso. Minha carteira está muito rechelada com a moeda dos fátos e eu muito afeito a esse dinheiro. Não poderia nunca trocá-lo por outro qualquer.

Parou de falar. Seus olhos afastaram-se de Maud e perderam-se na imensidão do mar placido. A velha melancolia de sua alma empolgara-o mais uma vez. Lobo Larsen tinha-se alçado por esforço do raciocinio ao azul do tédio, e dentro dalgumas horas o diabo que morava dentro dele o agitaria de novo. Lembrei-me de Charley Furseth e vi que a tristeza daquele homem era o castigo que todo materialista impenitente paga na vida.

CAPITULO XXV

— Esteve no convés, senhor Van Weyden? perguntou-me Lobo Larsen ao almoço da manhã seguinte. Como vai o tempo?

— O'timo, respondi, volvendo os olhos para o sol que entrava pela porta. Boa brisa de oéste, com promessa de aumento — se é que a predição de Luiz vale alguma coisa.

Larsen mostrou-se satisfeito.

— Algum sinal de nevoeiro?

— Ao norte alguns, e a noroéste.

Seu rosto exprimiu satisfação ainda maior.

— E o Macedonia?

— Perdido de vista, respondi — e juraria que sua face enublou-se com a nova, o que não pude compreender.

Logo depois tive a explicação, ao ressoar lá na gávea novo grito de "Fumaça!". O rosto de Larsen iluminou-se.

— O'timo! exclamou ele, erguendo-se da mesa e dirigindo-se ao convés — e de lá á timoneira onde os caçadores estavam comendo o primeiro almoço do exilio — do exilio da cabina.

Maud e eu mal tocamos nos pratos. Olhavamos um para o outro em silenciosa ansiedade, de ouvidos atentos á voz de Lobo Larsen, a qual penetrava na cabina através das tabuas. Falava ele á tripulação, e falou longamente, sendo no fim saudado com estrepitosos vivas. As paredes da cabina, entretanto, não nos deixavam distinguir o que dizia. Apenas percebemos que eram palavras de calar fundo o animo dos caçadores, tais as manifestações de alacridade.

Pelo movimento no convés vi que começara a manobra do arriamento dos botes. Maud foi comigo para lá. Deixei-a num ponto da popa donde pudesse tudo observar sem incomodo. O enthusiasmo dos marinheiros dizia de como tinham recebido os projétos de Larsen. Os caçadores atropelavam-se no convés com as suas espingardas de caça e caixas de munição — e ainda carabinas, o que não era usual. Não se caçam fócas com rifles de muito alcance, pois que as atingidas submergem-se antes que o bote as possa colher. Naquele dia, entretanto, cada caçador levava um rifle e muitos cartuchos. E arreganhavam risos de satisfação olhando para a fumaça que vinha de oéste — o Macedonia ainda.

Os cinco botes desceram ao mar, onde se abriram em leque, rumo norte, tal qual no dia anterior. Pús-me a observar o espetaculo sem que visse nele nada de anormal. Os botes arriavam as velas, tiroteavam as fócas e de velas novamente erguidas iam-se á apanha dos corpos. Tatica de sempre. Mas o Macedonia repetiu a manobra de vespera, fechando o mar, interpondo os seus quatorze botes entre os nossos cinco e as fócas. Quando ficamos completamente encurralados o Macedonia seguiu para noroéste, que era a sua rota.

— Que ha? perguntei a Lobo Larsen, sentindo-me incapaz de por mais tempo conter a minha curiosidade.

— Não se preocupe com o que ha, respondeu-me bruscamente; não levará mil anos para sabê-lo — e emquanto isso reze para termos bom vento. E depois duns segundos: Vou dar a esse meu irmão uma dose do remedio que ele costumar dar aos outros. Vou fazer a barragem dos seus botes, não por um dia, mas por toda a estação — se tivermos sorte.

— E em caso inverso? perguntei.

— Não pense nisso. Precisamos ter sorte; do contrario estará tudo acabado.

Larsen tinha as mãos na roda do leme e governava com extrema atenção. Deixei-o e fui ter á enfermaria; dois doentes lá — Nilsen e Mugridge. Nilsen estava contente porque ia indo bem, mas Mugridge não saíia do seu acabrunhamento mortal. Senti-me tocado pela sua desgraça. Como se agarrava á vida! Aqueles anos de brutalidade tinham-lhe reduzido o corpo a um molambo e no emtanto a centelha da vida fulgurava como sempre.

— Com um pé artificial — e hoje os fazem excelentes — você poderá conservar-se numa cozinha de bordo por toda a vida, observei-lhe em tom confortador.

Mas a sua resposta foi solenemente séria.

— Nunca poderei ser feliz em minha vida antes de ver esse cão do inferno morto e bem morto. Ele não póde viver tanto como eu. Não tem direito de viver. Como diz a palavra de Deus, "Morrerá", e eu direi amem e ansiarei para que seja o mais breve.

Quando retornei ao convés, Lobo Larsen governava com uma das mãos e com outra segurava o oculo de alcance para estudo da posição

dos botes em relação ao Macedonia. A unica mudança que observei na disposição dos nossos botes era que tirava todo o partido do vento e haviam-se posto de prôa para noroéste. Não pude perceber o alcance da manobra porque o mar livre estava cortado por cinco botes do Macedonia, tambem com vento á feição, divergindo para oéste e afastando-se dos demais Nossos botes estavam usando velas e remos. Até os caçadores remavam, e desse modo aproximavam-se rapidamente dos inimigos.

A fumaça do Macedonia tinha-se diluido a ponto de formar apenas uma mancha clara no horizonte. Nada podiamos ver do navio. Quanto á Ghost, que estivera bordejando preguiçosa até áquele momento, punha-se agora em marcha. Singramos para a nossa linha de botes.

— Arreie a bujarrona, senhor Van Weyden, ordenou Larsen, e fique de prontidão para outra manobra.

Corri para a ré e fiz a manobra, emquanto deslisavamos a uns cem pés dum bote a sotavento. Os seus tres tripulantes lançaram-nos olhares desconfiados. Conheciam a fama de Lobo Larsen. O caçador desse bote, um solido escandinavo, trazia o rifle atravessado sobre os joelhos. Quando o bote ficou á frente da nossa popa, Lobo Larsen sandou os tres homens e gritou-lhes:

— Venham para bordo jogar um bocado!

— "Jogar", entre os foqueiros, equivale a conversar ,contar historias, e constitue um dos prazeres da monotona vida do mar.

A Ghost parou e virou, dando-me tempo de concluir a minha manobra e ir dar uma demão na que se fazia na vela grande.

— Fique no convés, Miss Brewster, disse Lobo Larsen ao dirigir-se para a prôa afim de receber os hospedes. E o senhor tambem, senhor Van Weyden.

O bote do Macedonia arriara a vela e vogava ao longo do nosso costado. O caçador de barba loura, perfeito rei do mar, galgou a amurada e surgiu no convés. Mas incerto, com a desconfiança nos olhos. Era um gigante de rosto translucido, metido dentro duma floresta de cabelos de ouro. Seus olhos mostraram alivio quando me viu e certificou-se de que estavamos ali dois homens apenas, e então relanceou-os sobre os seus companheiros, que se aproximavam. Dominava Lobo Larsen em altura. Um Golias. Devia medir seis pés e oito ou nove polegadas, e mais tarde soube-lhe do peso — 240 libras. E nada de gordura. Ossos e musculos rijos, apenas.

O sentimento de apreensão refletiu-se de novo em seus olhos ao chegarmos ao topo da escada, quando Larsen o convidou para descer. Mas serenou logo, medindo e comparando ao seu o tamanho do capitão da Ghost. Desceu á cabina. Os demais companheiros de bote dirigiram-se para o castelo de prôa.

Passou-se algum tempo. Subito, estrugiu na cabina o fragor duma lucta entre leão e leopardo; o leão fazia o barulho; o leopardo era Larsen.

— Veja como é sagrada a hospitalidade desta gente, disse eu com amargura para Maud.

Ela meneou a cabeça, e vi em sua face a expressão daquele mesmo mal que eu sentia ante os espetaculos da brutalidade durante os meus primeiros tempos na Ghost.

— Não será melhor que vá para a cabina e lá fique emquanto durar isto? sugeri.

Maud fez que não; não senti medo e sim dó — tristeza, horror ante a feroz animalidade do homem.

— A senhora compreende, disse eu preparando-lhe o espirito, que qualquer partido que eu neste caso tome será á força — e calculado para o nosso beneficio, para o salvamento da sua vida e da minha.

— Compreendo, respondeu-me ela em voz fraca e distante, com os olhos a dizerem-me que realmente compreendia.

O rumor da luta lá embaixo breve esmoreceu, e Lobo Larsen emergiu sozinho no convés. Estava afogueado, embora sem nenhum outro sinal de luta.

— Mande aqueles dois homens para aqui, ordenou-me ele.

Obedeci, e instantes depois os companheiros do gigante defrontaram Larsen.

— Icem o bote em que vieram, disse-lhes ele. O caçador resolveu ficar algum tempo a bordo e não quer que o bote se estrague a bater no casco da escuna.

Houve uma pausa. Os homens não compreendiam.

— Icem o bote, ordenou de novo Lobo Larsen, agora em tom mais seco, e acrescentou com brandura, a disfarçar a ameaça: Quem sabe si não terão de navegar comigo por algum tempo? E como os homens se movessem vagarosamente, ainda incertos e atonitos: E depressa! Morte Larsen os tange mais lepidos, não é assim?

Os dois marinheiros fizeram-se lepidos e o bote foi içado sem demora, emquanto eu era mandado a abrir a bujarrona, com Larsen no leme. A Ghost punha-se rumo ao segundo bote inimigo.

De passagem prestei atenção á posição dos botes no mar. O terceiro do Macedonia estava sendo atacado por dois dos nossos, e o quarto, pelos nossos tres restantes. O quinto bote do Macedonia déra volta e vinha tomar parte na

defesa do que lhe ficava mais proximo. A batalha ia no apogeu e os rifles pipocavam com regularidade; mas o mar muito movediço naquele momento impedia a precisão dos tiros. Viamos balas ricochetear de onda em onda.

O bote que a nossa escuna perseguia havia virado em angulo réto e rumava á frente do vento, para fugir ou ir em socorro dos companheiros.

A minha ocupação com as velas impedia-me de acompanhar a contento o que se passava; mas aconteceu-me estar na popa quando Larsen ordenou aos dois marinheiros recem-apanhados que fossem para o castelo de prôa. Para lá se dirigiram eles, de má cara. Em seguida Larsen ordenou a Miss Brewster que descesse, e sorriu ao ver o horror que seus olhos manifestavam.

— Nada verá de horrivel lá embaixo, disse ele. Apenas um homem amarrado. Podem chover balas aqui e não quero vê-la atingida, bem sabe disso.

Mal acabara de falar e uma bala passou assobiando muito perto da sua cabeça.

— Está vendo? disse Larsen para Maud; e virando-se para mim: Senhor Van Weyden, quer fazer o favor de tomar o governo?

Maud Brewster descera uns degráos do portaló e parou, ficando com a cabeça exposta emquanto Larsen metia cartuchos num rifle. Pedi á moça com os olhos que descesse; ela sorriume e disse:

— Somos fracas criaturas de terra, sem pernas, como diz o capitão, mas poderemos mostrar-lhe que possuimos tanta coragem como ele.

Larsen volveu á moça um olhar de admiração.

— Gostei da palavra, Miss! gritou. Livros, cerebro e bravura. Está no ponto para esposa dum pirata; havemos de pensar nisso mais tarde — e sorriu ao ver uma bala cravar-se na parede da cabina.

Percebi o relampago que iluminou os olhos de Larsen e o terror que empolgava Maud. E apressei-me em dizer:

— Somos mais bravos. Eu pelo menos sinto-me mais bravo do que o proprio capitão Larsen.

Por minha vez recebi o olhar rapido de Larsen, interrogativo, como se eu estivesse a ironizar com ele. Dei uma volta á roda do leme para contrabalanço duma inclinação da Ghost, emquanto Larsen ficava á espera de que eu concluisse o meu pensamento.

— O senhor poderá observar aqui um leve tremor, disse eu apontando para os meus joelhos. A carne em si é medrosa e eu no intimo tenho medo porque não quero morrer. Mas o meu espirito domina a carne medrosa. Sinto-me e sou mais do que bravo. Sou corajoso. Já a sua carne não tem medo, capitão, e porisso o senhor não tem medo. Nada lhe custa enfrentar o perigo, e até sente prazer nisso. Gosa com isso. Lobo Larsen não terá medo, mas ha de concordar que a bravura é minha.

— Tem razão, reconheceu ele imediatamente. Jamais refleti nisso. Mas será verdadeira a reciproca? Se é mais corajoso do que eu, serei eu mais covarde do que o senhor Van Weyden?

Rimo-nos em face daquele absurdo logico, e ele desceu ao convés, onde ficou de rifle sobre a amurada. As balas que receberamos tinham vindo de uma milha distante, e agora estavamos a meia milha dos que nos tinham atirado. Larsen fez pontaria e desfechou tres tiros. O primeiro deu com a bala a cincoenta pés a barlavento do bote; o segundo, a metade dessa distancia; e o terceiro apanhou o piloto.

— Aposto que isto basta, disse Larsen aprumando-se. Poupo ao caçador; o remador com certeza não sabe pilotar e nesse caso o caçador não poderá pilotar e atirar ao mesmo tempo.

Seu raciocinio estava certo, pois o caçador pulou á ré para tomar conta do governo — e cessaram os tiros. O caçador conseguira meter o bote em fuga rapida, mas nós corremos-lhe ao encalço, ganhando terreno com facilidade. Larsen mantinha-se atento, de rifle em punho. Por duas vezes vi o caçador tomar a carabina e hesitar. Alcançamo-los.

— Olá, aí vocês! gritou Lobo Larsen. Alto! e lançou um rôlo de cabo que caiu dentro do bote, quasi derrubando um dos homens. Mas o remador não obedeceu. Olhou para o caçador á espera de ordens. Este hesitava, de carabina entre os joelhos. Se largasse do remo para atirar, o bote viraria, colidindo com a escuna. Além disso, percebia muito bem o rifle nas mãos de Larsen e já tivera a prova da sua boa pontaria.

— Amarre, ordenou Larsen calmamente ao remador.

O remador obedeceu e amarrou o cabo á prôa.

— Agora recolha a vela, ordenou Larsen emquanto o cabo era puxado, isso sem nunca deixar o rifle, nem sequer ao jogar o rôlo de cabo, o que fez com uma das mãos apenas. Depois do bote amarrado na popa e na prôa, e quando os dois homens se preparavam para subir á Ghost, o caçador estendeu a mão para a carabina, como para guardá-la.

— Largue isso! gritou-lhe Larsen — a ele largou-a como se a arma lhe fosse queimar as mãos.

Uma vez a bordo, tiveram de içar o proprio bote e por ordem de Larsen conduziram o piloto baleado para dentro do castelo de prôa,

— Se os nossos botes fizerem tanto como nós dois, teremos em breve aqui toda a gente do Macedonia, disse Larsen, dirigindo-se a mim.

— O homem que o senhor atirou está apenas ferido, espero... balbuciou Maud.

— Sim, no hombro, disse Larsen. Nada de grave. O senhor Van Weyden o porá são em tres ou quatro semanas. Mas não fará o mesmo áqueles lá, continuou, apontando o terceiro bote do Macedonia, para o qual se dirigia a nossa escuna.

E' serviço de Horner e Smoke. Disse-lhes que queria gente viva, não cadaveres; mas o prazer de atirar e acertar é incoercivel depois que a gente aprende a dar tiros. Não experimentou isso nunca, senhor Van Weyden?

Respondi de cabeça e fiquei-me a observar o resultado daquela lucta. Havia sido na realidade sangrenta, e já os nossos atacantes tinham corrido a auxiliar os companheiros proximos. O bote inimigo, vazio, flutuava ao léo, com a vela solta a drapejar ao vento. Um caçador e um remador jaziam inertes no fundo, e o piloto, de bruços na borda, tinha os braços caídos para a agua. Sua cabeça rolava, ora para um, ora para outro ldo.

— Não olhe, Miss Maud! Por favor não olhe, supliquei — e tive o prazer de vê-la aceitar o meu conselho.

— Prôa para o centro do grupo! foi a nova ordem de Larsen, e ao aproximarmo-nos os tiros cessaram. A luta chegara ao fim. Os dois botes restantes haviam sido capturados pelos nossos cinco, e agora esperavam, todos juntos, a chegada da escuna.

— Olhem lá! gritei involuntariamente apontando para o horizonte. A mancha de fumaça crescera e o vulto do Macedonia começava a emergir.

— Sim, já sei, tenho estado a observar, respondeu Lobo Larsen com toda a calma. Depois mediu a distancia e calculou a força do vento que lhe batia no rosto. Havemos de ver, acrescentou ele, mas pode acreditar que esse meu abençoado irmão já percebeu a nossa manha e vem em nossa direção. Olhe, olhe lá!...

A mancha de fumaça cresceu de vulto e enovelou-se negra.

— Eu ganharei a partida, haja o que houver, caro irmão! uivou Larsen numa gargalhada. E feliz poderá você considerar-se, se me limitar a pôr em cacos essa velha escuna a vapor...

Quando chegamos junto aos botes, movimentaram-se eles numa aparente confusão. Foram içados ao mesmo tempo por ambos os bordos. Assim que os prisioneiros transpunham a amurada era conduzidos pelos nossos caçadores ao castelo de prôa, emquanto os marinheiros davam arrumação aos botes. A escuna pôs-se a vogar novamente a todo pano.

Havia necessidade de rapidez. O Macedonia, a fumegar o fumo negro do carvão, vinha sobre nós, e abandonando os botes que ainda lhe sobravam modificou a rota afim de nos tomar a dianteira. Não corria firme contra nós, mas em paralela para ganhar a frente. A rota dos dois barcos convergia num angulo com o vertice do lado do nevoeiro. Só lá o Macedonia poderia alcançar-nos, e a esperança da Ghost era atingir aquele ponto antes de ser alcançada.

Lobo Larsen ia no governo, com os olhos brilhantes, a piscarem conforme as ocorrencias da luta. Ora estudava o mar a barlavento, ora observara o barco inimigo — e sobrevinham ordens para apertar esta vela, ou afrouxar aquela, de modo a conseguir o maximo de velocidade. Todas as divergencias e rivalidades de bordo estavam esquecidas, e fiquei surpreso de ver o ardor com que homens, que ha tanto vinham sofrendo todas as brutalidades de Lobo Larsen, pulavam contentes no cumprimento das suas ordens. Lembrei-me do pobre Johnson, e lamentei que não estivesse alí — ele que tanto se deliciava com as proesas da Ghost...

— Tomem as carabinas, vocês aí! gritou Larsen para os caçadores — e imediatamente cinco homens alinharam-se na amurada de sotavento, de rifles em punho.

— O Macedonia estava agora a milha apenas, com o fumo negro a borbotar da chaminé em angulo réto, tal a furia da carreira. Dezesete nós, devia ser a sua marcha, emquanto a Ghost não fazia mais que nove. Mas o banco de nevoeiro estava já perto.

Nisto um rôlo de fumo branco envolveu-se na coberta do Macedonia; logo a seguir ouvimos uma detonação — e vimos abrir-se um rombo na lona da nossa vela mestra. Atiravam contra nós com um dos pequenos canhões que, era sabido, o Macedonia costumava trazer a bordo. Os nossos homens aglomerados a meia nau agitaram no ar os gorros por entre vivas ironicos. Outro novelo de fumo branco; outra denotação mais perto. A bala caíu no mar a vinte pés da popa.

Mas não veiu de lá nenhum tiro de carabina, visto como todos os seus caçadores estavam longe, nos botes, ou alí, prisioneiros da Ghost. A' proximidade de meia milha soou terceiro tiro, que furou novamente a nossa vela mestra. Nesse momento atingimos a zona do nevoeiro, no qual mergulhamos.

A transição foi flagrante. Momentos atrás vogavamos em pleno sol, com o céo claro sobre as nossas cabeças, com o mar a espraiar-se por todo o circulo do horizonte e com um navio inimigo á vista, a despejar-nos balas. E agora, como num passe de magica, nada de sol, nem

de céo. Nenhum campo de visão aberto aos nossos olhos. Os proprios topos dos nossos mastros não os podiamos ver. Envolvera-nos de todos os lados a neblina gris. A lã das nossas roupas, bem como os nossos cabelos, ficaram agrupados de pequeninas gotas dagua. O cordame empapou-se, e gotas pingavam das enxarcias. Senti uma bem estranha sensação, e assim como os rumores do navio batiam nas ondas e voltavam devolvidos pelo nevoeiro, assim tambem nossos pensamentos iam e vinham sem se renovarem. A nossa mente como que se fechava sobre si, impossibilitada da contemplação dum mundo que sumira dos nossos olhos. Parecia impossivel que houvesse algo para além do imenso sudario gris. Sonho, talvez, ou memoria de passados sonhos.

Impressionante, estranhamente impresionante. Olhei para Maud e vi-a no mesmo estado de espirito. Só Lobo Larsen não mudara com a mudança de ambiente; continuava na roda, a manobrar o barco; compreendi que estava em calculos da velocidade do Macedonia em relação á nossa.

— Vá para a prôa e meta as velas a sotavento, mas sem barulho, ordenou-me em voz baixa. As velas do mastaréu primeiro. Ponha homens em todas as velas. Suprima todo barulho, até das polias. Nada de falas, silencio completo.

Depois que as manobras se fizeram, a senha de "tudo a sotavento" passou por mim e correu a marinhagem inteira, de homem a homem; e a Ghost virou de bordo sem o menor rumor. O pouco que não pudemos evitar ressoou cavo no tumulo em que se transformara a escuna.

Logo adiante o nevoeiro esvaiu-se de brusco, e vimo-nos de novo em pleno sol, com o mar visivel até á fimbria do horizonte. Mas nada de Macedonia. Nem vestigio da sua fumaça.

Lobo Larsen imediatamente meteu a escuna pela fimbria do nevoeiro. Sua intenção era obvia. Ele havia penetrado no nevoeiro a barlavento do inimigo e emquanto este, na perseguição, se metera ás cégas pelo mesmo rumo, a Ghost saltava fóra do abrigo para penetrar no nevoeiro novamente, mas a sotavento. Conseguido isso, apanhá-la lá seria o mesmo que descobrir agulha em palheiro.

A Ghost não correu muito; mudando de rumo, reentrou no nevoeiro — e nesse instante eu juraria ter visto um vulto negro a emergir de barlavento. Olhei para Lobo Larsen. Ele tambem vira esse vulto — do Macedonia, que chegara tarde. Estavamos salvos.

— O Macedonia não póde continuar, disse ele. Tem que voltar para recolher o resto dos botes. Ponha um homem na roda, senhor Van Weyden, e conserve este curso por emquanto; tambem é conveniente cuidar dos gageiros, pois não vamos dormir esta noite. Ah, eu daria quinhentos dolares para estar cinco minutos no Macedonia, a ouvir as blasfemias do meu irmão!...

— E agora, senhor Van Weyden, acrescentou logo em seguida, depois que foi substituido no leme, cuidemos dos nossos hospedes. Mande que lhes sirvam bastante whiskey, aos caçadores e aos marinheiros. Tenho a certeza de que amanhã estarão todos caçando para Lobo Larsen com tanto prazer como caçavam para Morte Larsen.

— Mas não receia que escapem como Wainwright escapou? indaguei.

O capitão sorriu astutamente.

— Não, emquanto os meus caçadores não derem á lingua. Estou pagando-lhes um dolar por péle de todas as conseguidas por meio dos novos caçadores. Pelo menos hoje o entusiasmo deles foi devido a isto. Oh, não me escapará nenhum, se os meus não derem á lingua. E agora vá o senhor para a enfermaria. Deve haver muita gente nova á sua espera.

CAPITULO XXVI

Larsen foi presidir á distribuição do whiskey. Nunca vi beber-se assim! Nada do comedido whiskey com soda que eu conhecia nos clubes — mas whiskey á vontade, á larga, em copazios, em malgas e canecas, ou bebido nas proprias garrafas em quantidade que nunca imaginei possiveis. Todos beberam, inclusive os feridos, e Oofty-Oofty, que me ajudava na enfermagem. Apenas Luiz soube ser moderado, a despeito de acompanhar os outros em todas as mais extravagancias.

A escuna fez-se teatro duma saturnal. Em altas vozes aqueles homens comentavam os feitos do dia, perdendo-se no infinito dos detalhes; tornavam-se afetuosos em excesso, com grandes caídos de amizade pelos adversarios de horas antes. Vencidos e vencedores confraternizavam abraçados, jurando amizade eterna. Depois choravam sobre as miserias passadas e sobre as futuras, a padecerem ainda sob o dominio de Lobo Larsen. E vieram á tona horriveis historias da sua brutalidade.

Era um estranho e apavorante quadro, aquele. O reduzido espaço atravancado de leitos, o assoalho e as paredes em perpetua oscilação, a luz escassa, as sombras movediças a alongarem-se ou encurtarem-se, o ar pesado de fumo e odores humanos, as faces congestas daquelas criaturas que não eram bem homens... Semihomens, talvez. Lembro-se de Oofty-Oofty, a segurar uma ponta de atadura e a atender á scena, com os seus olhos de veludo brilhantes como os da corça — e eu sabia que demonio morava dentro dele, e como seus átos desmentiam toda a doçura, toda a ternura quasi feminina das feições e de toda a sua pessoa. Lembro-me tambem do rosto infantil de Harrison — outróra bondoso, agora denunciando um demonio — convulsionado pela paixão quando revelava aos hospedes, á força, que inferno flutuante era a escuna.

Lobo Larsen mantinha-se sempre o mesmo Lobo Larsen, escravisador e atormentador de homens, replica masculina da Circe da fabula com o seu bando de porcos-brutos sofredores que só se revoltavam quando sob a ação do alcool e mesmo assim em segredo. E seria eu tambem um dos porcos da Circe masculina? pús-me a pensar. E Maud Brewster? Nunca! A esse pensamento meus dentes rangeram de colera, a ponto de chamar a atenção do homem que eu tratava e de Oofty-Oofty. Eu me sentia possuido de repentina força. O amor transformava-me num gigante. Nada mais temia. Havia de vencer apesar de tudo, apesar de Lobo Larsen e dos meus trinta e cinco annos livrescos. E tudo acabaria bem. Eu faria tudo acabar bem. E desse modo exaltado, renascido pelo sentimento da força nova, voltei as costas áquele inferno ululante e subi ao convés, em busca de ar puro.

A timoneira, onde estavam dois caçadores feridos, era uma repetição do castelo de prôa, com a diferença que Lobo Larsen não se fazia o fóco de todas as maldições. E foi com grande alivio que me dirigi para a ré, de rumo á cabina. Mas o jantar estava posto, com Larsen e Maud á minha espera.

No meio duma tripulação que em peso procurava embriagar-se a fundo, Larsen nada bebia. Nem uma gota sequer. Não ousava fazer isso, tendo somente a mim e ao Luiz ás ordens — e Luiz ocupado no governo. Vogavamos dentro do nevoeiro, sem uma luz nos mastros. O fáto de Larsen ter prodigalizado tanta bebida aos seus homens era coisa que me surpreendia, mas ele evidentemente conhecia a alma daquelas criaturas e o melhor metodo de transformar em cordialidade um contáto começado com sangue.

Sua victoria sobre Morte Larsen parecia ter exercido um profundo efeito em seu espirito. No dia anterior estivera a raciocinar sob a ação do "desespero azul", e eu esperei por uma das costumadas explosões que seguiam a esse estado dalma. Nada ocorreu, entretanto; Larsen achava-se em esplendidas condições. E é possivel que o feliz sucesso que teve na luta com os botes do Macedonia impedisse aquela natural reação. Seja como fôr, o "blue" havia desaparecido e o demonio não se mostrara. Assim ponderei eu, mas tão pouco o conhecia ainda, que talvez naquele mesmo momento estivesse planejando uma violençia peior do que quantas eu já presenciara.

Mas mostrava-se em esplendidas condições quando penetrei na cabina. Já não tinha dores de cabeça de semanas áquela parte; os olhos

estavam claros como o céo; sua tez bronzeada dizia duma saude perfeita; a vida circulava em suas velas numa torrente magnifica. Emquanto estivera esperando por mim, empenhou-se em animada discussão com Miss Brewster. A tentação foi o tema, e pelo pedaço que alcancei percebi que Larsen sustentava que a tentação só era tentação quando o homem, seduzido por ela, caía.

— Porque veja, dizia ele, o homem cai em tentação por causa do desejo. Deseja muitas coisas. Pode desejar fugir á dôr ou gosar o prazer. Mas o que quer que faça, fá-lo sempre movido do desejo.

— Mas no caso em que deseje duas coisas opostas, cada qual tornando impossivel a outra? interpelou Maud.

— Precisamente o ponto a que eu estava chegando, disse Larsen.

— Entre esses dois desejos é onde a alma do homem se manifesta, continuou a moça. Se é uma alma generosa, desejará e realizará a ação boa — e o contrario, se má é a alma. E' a alma que decide.

— Bobagem e contrasento! replicou Larsen em tom impaciente. Só o desejo decide. Aqui está, por exemplo, um homem que quer embebedar-se. E tambem não quer embebedar-se. Que faz ele? Como age? Torna-se um joguete, torna-se o escravo do seu desejo e entre os dois obedece ao mais forte. Eis tudo. Sua alma nada tem que ver com isso. Como póde ele ser tentado a beber e a recusar-se a beber? Si o desejo de permanecer abstemio prevalece, então é que esse é o desejo mais forte. A tentação não toma parte nisso, a não ser que... que seja tentado a conversar-se abstemio, concluiu, ganho por um novo pensamento subito. Depois riu-se. Ah, ah, senhor Van Weyden, que pensa disto?

— Que os dois estão errados, respondi. A alma do homem não passa do conjunto dos seus desejos. Errados ambos, pois. O senhor apoia-se no desejo como coisa independente da alma e Miss Brewster apoia-se na alma liberta de desejos — e são uma e a mesma coisa. Não obstante Miss Brewster está certa quando sustenta que tentação só o é quando o homem cede ou é vencido. O fogo cresce com o abano do leque. Assim tambem o desejo. Sofre os efeitos do abano como o vento, isto é, da vista da coisa desejada ou pela descrição tentadora ou da compreensão da coisa desejada. Nisso reside a tentação. A tentação tanto póde tentar para o bem como para o mal.

Senti-me orgulhoso de mim proprio ao tomar assento á mesa. Minhas palavras haviam sido decisivas; pelo menos puzeram termo ao debate.

Lobo Larsen, entretanto, parecia mais verboso do que nunca, como se, cheio demais de energias novas, procurasse dar-lhes expansão. Logo depois abriu um debate sobre o amor e, como era natural, defendeu o ponto de vista materialistico. Já Maud sustentava o ponto de vista contrario. Quanto a mim, quasi não tomei parte na discussão.

Larsen esteve brilhante; o mesmo aconteceu com Maud Brewster, e por algum tempo perdi o fio da argumentação para estudar a fisionomia da argumentadora. Estava sua face naquele momento extremamente viva. Seu espirito esgrimia com grande agudeza e com prazer igual ao de Lobo Larsen. Em certo ponto ele citou uma replica de Isolda a Tintagel, que dizia:

"Bendita sou mais que todas as mulheres que aqui se encontram, porque o meu pecado vai além do pecado de todas as mulheres e a minha transgressão é perfeita".

Como havia ele procurado pessimismo em Omar Kayrian, procurava agora em Swinburne triumpho, exaltação. E tomando uma obra desse poeta leu-lhe maravilhosamente os versos que naquele momento expressavam os seus sentimentos. Foi quando a cabeça de Luiz apareceu á porta, sussurando:

— Cuidado! O nevoeiro diluiu-se e temos uma luz de vapor á vista.

Larsen foi para o convés dum salto tão rapido que quando lá chegamos — e saíramos logo atrás dele — já havia corrido o toldo da timoneira sobre os bebedos e seguia em direção á escotilha do castelo de prôa para fechá-la. O nevoeiro, ainda denso, ia-se elevando, e com fechar o céo estrelado tornava inda mais escura a noite. Bem á nossa frente pude ver luzes — uma vermelha, outra branca, e ainda ouvi o arfar de maquinas. Era sem duvida nenhuma o Macedonia.

Lobo Larsen voltou á popa e ficou junto a mim, a observar em silencio o movimento das luzes.

— Sorte nossa que esse navio não traga holofote, disse ele.

— E se eu gritasse e désse aviso murmurei-lhe a meia voz.

— Tudo chegaria ao fim, foi sua resposta — mas pensou no que lhe aconteceria logo após ao grito?

E demonstrou-me o que faria agarrando-me a garganta com as suas terriveis manoplas. Largou-me depois e ficamos ambos a acompanhar as luzes do vapor.

— Gosto muito da senhora para magoá-la de qualquer geito, respondeu Larsen com uma ternura na voz que me fez estremecr. Mas não o faço, que o senhor Van Weyden pagaria com a vida.

— Pois nesse caso ela tem minha permissão para gritar, declarei em tom de desafio,

— Duvido que a senhora se anime a sacrificar um tão alto colega em letras, disse Larsen com ironia.

Nada mais nos dissemos e quando as luzes desapareceram voltamos á cabina para terminar o jantar. Larsen continuou com citações poeticas e Maud disse a "Impenitencia ultima" de Dowson, e disse-o com tal beleza que me pús a observar as reações de Lobo Larsen. Senti-me agitado pelo olhar fascinador que ele teve para Maud. Estava quasi fóra de si. Num movimento inconsciente, seus labios iam articulando as palavras que ela pronunciava.

"E seus olhos seriam a minha luz quando o sol atrás de mim desapareça, e os trinos da sua voz seriam os ultimos sons a ressoar em meus ouvidos".

— Ha violinos em sua voz, murmurou Larsen de brusco, com os olhos inundados de luz dourada.

Tive impetos de gritar de alegria ao ver o controle de si propria que Maud demonstrava. Terminou a poesia sem vacilação e depois trouxe a conversa para sendas menos perigosas. E durante todo aquele tempo fiquei em meio extase, com o rumor dos bebedos lá fóra chegando-me aos ouvidos em sons inarticulados, com o homem que tanto receiava na minha frente e com a mulher que eu amava a mostrar as mil seduções do seu espirito. A mesa continuava posta; o sucessor de Mugridge fôra evidentemente juntar-se aos demais no castelo de prôa.

Se alguma vez Lobo Larsen atingiu o vertice da vida foi naquele momento. A espaços eu esquecia meus proprios pensamentos para seguir os dele — e seguia-os com enlevo, dominado pela sua grande inteligencia avivada pela paixão — a paixão da revolta que ele pregava. Era inevitavel que o Lucifer de Milton viesse á baila, e a agudeza com que Lobo Larsen analisou e pintou o caráter de Lucifer foi uma nova revelação do seu genio.

— Lucifer pugnava por uma causa perdida e não se temia dos raios de Deus, disse ele. Projectado ao inferno, não se deu por vencido. Levou um terço da legião dos anjos e incitou o homem a rebelar-se contra Deus, conquistando para si proprio e para o inferno a maior parte de todas as gerações humanas. Por que foi ele arrojado do céo? Por ser menos corajoso que Deus? menos orgulhoso? como de si mesmo dizia, mas Lucifer era um espirito livre. Obedecer valia por sufocar-se. E preferiu o sofrimento livre a toda a felicidade da servidão. Não queria servir a Deus. Não queria servir a nada ou a ninguem. Não era uma figura de prôa. Andava com as suas proprias pernas. Uma individualidade.

— O primeiro anarquista, disse Maud sorrindo e erguendo-se para recolher.

— Então é grande ser anarquista! exclamou Larsen que tambem se erguera e se detivera em frente á moça, a dizer os versos de Milton.

"Pelo menos aqui seremos livres; o Todo Poderoso não arquitetou isto por vontade propria e poderemos reinar aqui com segurança. Reinar é coisa que justifica uma ambição; reinar, mesmo no inferno. Quero reinar no inferno antes que servir o céo".

Era o grito de desafio dum espirito forte. O camarote ressoava da sua voz e Larsen permanecia alí, oscilando o corpo ao sabor dos balanços da escuna, a face bronzeada a reluzir, a cabeça erecta e dominadora, os olhos dourados e masculinos — intensamente meigos, a fulgirem sobre Maud, parada á porta.

De novo tomava expressão o inominavel terror que eu já lhe vira nos olhos, e foi quasi num sopro que ele disse:

— Lucifer é Lobo Larsen.

A porta fechou-se e Maud desapareceu. O capitão ficou de olhar parado por todo um minuto; depois voltou a si como de um sonho e disse-me:

— Vou render Luiz no governo; á meia noite chamarei ao senhor Van Weyden para me render a mim. Recolha-se e descance.

Lobo Larsen calçou as luvas, pôs o gorro na cabeça e subiu o portaló emquanto eu tomava rumo da minha cabina. Por qualquer misteriosa advertencia, porém, não me despi; deitei-me vestido. Durante algum tempo ouvi o vozerio da maruja ebria e, ainda no enlevo que o amor pusera em mim, adormeci.

Ignoro o que me despertou; mas quando dei acôrdo encontrava-me fóra da cama, de olhos arregalados, com a alma a vibrar ao pressentimento dum grande perigo, como se fôra avisado por mil trombetas. Atirei-me á porta, saí — e vi Maud, a minha Maud a debater-se nos braços possantes de Lobo Larsen. Vi-a a estorcer-se em vão, e a afundar a cabeça no seu peito para escapar-lhe ao beijo. Ver esse quadro e arrojar-me contra Larsen foi uma coisa só.

Atirei-lhe um soco á face. Golpe inutil. Larsen rugiu qual féra e bateu-me de lado com a mão. Um simples tabefe de mau geito; mas era tal o poder dos seus musculos que fui arrojado para longe, como lançado por catapulta. Fui bater de encontro a uma cabina, quebrando as tabuas da porta com o impacto do meu corpo. Ergui-me com esforço, arranquei-me das lascas de madeira, insensivel a ferimentos e contusões. Só tinha consciencia da minha incoercivel raiva. Creio tambem que gritei, ao arrancar a faca para lançar-me contra ele pela segunda vez.

Mas algo havia sucedido. Quando cheguei de faca erguida, Larsen e Maud já estavam separados. A estranheza do caso susteve-me por iustantes o braço. Maud estava apoiada á pare-

de, como estarrecida, e Larsen vacilava com a mão esquerda a comprimir os olhos e a direita a tactear em redor. Vi-o bater de encontro á parede, e seu corpo exprimir alivio á sensação desse contacto com um ponto solido.

Mas o sangue já me havia subido ao cerebro. Via tudo vermelho e todos os males que aquele homem me fez sofrer, e todas as humilhações padecidas e ainda todo o mal que causara aos outros fulguravam dentro desse vermelho. Tive o quadro integral da enormidade monstruosa que representava a vida de Lobo Larsen. E atirei-me contra ele, e cravei-lhe a faca na espadua. Vi logo que só feriria musculos, com a ponta da faca detida pelo osso da clavicula. E arranquei-a para novo golpe em parte mais vital. Mas Maud correra para mim:

— Não! Não faça isso!

Entreparei por um momento — um momento só; de novo ergui a faca e Larsen teria certamente perdido a vida nas minhas mãos, se Maud não se interpusesse. Seus braços enlaçavam-me, seus cabelos varriam-me o rosto. E como eu lhe resistisse, olhou-me corajosamente nos olhos.

— Por mim! Por mim! suplicou.

— E' por você mesma, Maud, que preciso matá-lo, gritei, tentando escapar ao seu enlace.

— Cale-se! exclamou ela energica, pondo um dedo sobre os meus labios.

Apesar da minha exaltação homicida aquele toque me soube a inenarravel caricia. "Por mim! Por mim!" repetiu ela e desarmou-me com palavras que me iriam desarmar sempre pelo futuro em fóra.

Recuei, separei-me de seus braços e repús a faca na bainha.

Olhei para Lobo Larsen. Estava na mesma posição, apertando as temporas e de olhos cerrados. Parecia um aleijado cégo. Todo o seu corpo, tão poderoso, como que se quebrava, vencido.

— Van Weyden! chamou-me em voz cava e com uma nota de pavor. Onde está Van Weyden?

Olhei para Maud. Nada me disse, mas acenou-me com a cabeça que fosse.

— Aqui estou, respondi achegando-me a Larsen. Que ha?

— Ajude-me a alcançar uma cadeira, disse ele no mesmo tom cavo e timido. Sou um perdido — um doente, Humf, murmurou quando o levei a uma poltrona.

Sua cabeça descaiu sobre a mesa, mergulhada nas mãos. A espaços a agitava com desespero. Pude ver que grossas bagas de suor brotavam-lhe da testa.

— Sou um homem doente, muito doente, repetia de quando em quando

— De que se trata? perguntei, com a mão apoiada em seu hombro.

Larsen sacudiu a cabeça num movimento irritado e por algum tempo conservou-se em silencio. Maud olhava para ele com espanto e medo. Não podiamos imaginar o que lhe sucedera.

— Humf, disse Larsen por fim. Preciso ir para a cama. Dê-me a mão. Estarei bom dentro em pouco. Uma daquelas dores de cabeça do inferno. Eu tinha medo disto. Estava com pressentimento. Não, sei o que estou a falar. Ajude-me a ir para a cama.

Na cama voltou a mergulhar a cabeça entre as mãos e a cerrar os olhos, sempre a dizer consigo:

— Sou um doente, muito doente.

Maud olhou-me interrogativamente quando reapareci fóra.

— Aconteceu-lhe algo; o que, não sei. Está quebrado e tomado de pavor pela primeira vez na vida, suponho. Ficou assim antes de receber o meu golpe, que o feriu muito de leve. Não percebeu você como foi?

— Nada percebi. E' um misterio. Subitamente largou-me e cambaleou. Mas que havemos de fazer?

— Espere-me aqui, foi a minha resposta — e corri para a timoneira. Luiz estava no leme.

— Pode ir deitar-se, ordenei, tomando-lhe a roda.

Luiz desceu e assim fiquei só na coberta. Fiz então, o mais em silencio que pude, varias manobras de velas e fui ter com Maud. Pús um dedo nos labios em gesto de silencio e entrei no quarto de Lobo Larsen. Encontrei-o na mesma posição, a menear a cabeça dum lado para outro.

— Posso ajudá-lo nalguma coisa? perguntei.

Larsen nada respondeu. Repeti a pergunta.

— Não, não; estou bem. Deixe-me só.

Ao saír do quarto voltei-me e vi que a sua cabeça retomava o vai-e-vem de angustia. Maud esperava-me com toda a paciencia, e foi com alegria que observei a nobre atitude de digna [illegible] fletida em seus olhos calmos e gloriosos. Calmos e firmes eram os seus olhos, como calmo e firme era o seu espirito.

— Confia em mim para uma viagem de seiscentas milhas? perguntei-lhe.

— Pensa então em... e sem concluir a frase vi que adivinhara o meu pensamento.

— Sim, penso. Não ha outro recurso além daquele bote. Vista-se sem demora — roupa grossa de lã, e reuna o que quizer levar. Mas depressa! disse-lhe quando a vi já a correr para a sua cabina.

A dispensa ficava perto; fui lá recolher provisões á luz duma vela. Dei preferencia ao que

era de lata e quando terminei o serviço as mãos de Maud receberam lá em cima o sortimento escolhido.

Trabalhamos em silencio e com febril atividade no carreio de toda a nossa pilhagem para o fundo do bote; Maud cançou-se depressa e teve de sentar-se para uns instantes de repouso. Não foi bastante; deitou-se de costas no convés, com os braços estirados em abandono. Por vê-lo fazer á minha irmã eu sabia que era aquele o melhor meio de descançar. Armas não seriam demais; fui ao camarote de Larsen em busca do seu revolver e da sua carabina. Faleilhe. Não me respondeu a despeito de ter ainda a cabeça a oscillar.

— Adeus, Lucifer! foi como em sussurro dele me despedi ao transpôr a porta da cabina.

E agora tinha de obter munição, coisa facil a despeito de ser preciso descer o portaló e tirá-la do deposito dos caçadores, em baixo.

E toca a arriar o bote. Não era tarefa simples para um homem só.

Soltei as sirgas, dei á polia de prôa e depois á de popa; fiz o bote afastar-se da amurada; em seguida arriei um moitão e depois outro. O bote ficou a alguns pés acima dagua, oscilando contra o costado da escuna. Verifiquei as velas e mais material — e a bagagem. Agua doce era ingrediente dos mais necessarios e reuni a que pude, tomada dos outros botes. Ficamos assim com bastante agua, que tambem nos servia de lastro.

Emquanto Maud me ia passando as provisões e eu as arrumava no bote, um marinheiro apareceu no convés. Estacou junto á amurada de barlavento (nós estavamos do lado oposto). Depois deu uns passos por alí, mas sempre daquele lado. Imobilizei-me no bote e Maud fez o mesmo na coberta. Nossos corações pulavam dentro do peito. Por fim o marinheiro espreguiçou-se e recolheu-se ao castelo de prôa.

Em poucos minutos mais terminavamos os preparativos da fuga; em seguida fiz o bote tocar a agua. Ao ajudar Maud a transpor a amurada, a custo retive uma louca confissão de amor. Humfrey Van Weyden estava em paroxismos de amor ao contacto daquela criatura e suas forças multiplicavam-se maravilhosamente. Nada lembrava o Van Weyden que um dia embarcara no **Martinez**, de volta da casa de Fureseth.

Desci até ao bote e só então a larguei. Dei folga aos moitões e pulei. Embora nunca houvesse remado, mergulhei nagua os remos e consegui que o bote se afastasse da escuna infernal.

Depois tratei de navegar a vela. Tinha visto de longe as manobras dos marinheiros, mas entre ver e fazer vai alguma distancia. O que eles realisavam em dois minutos tomava-me vinte; mesmo assim, consegui meter a vela e o bote largou.

— Lá fica o Japão! disse eu apontando. Bem á nossa frente.

— Humfrey Van Weyden, que homem de coragem o senhor é!

— Não. A corajosa é Maud Brewster, repliquei.

Em seguida volvemos a cabeça, movidos pelo mesmo impulso de ver a **Ghost** pela ultima vez. O casco raso balouçava sobre as ondas; o seu velame aparecia negro dentro da noite; a roda do leme, amarrada, gemi quando a pá do leme guinava. Depois os sons e o vulto da escuna foram-se apagando com a distancia e ficamos sozinhos na imensidão negra do mar.

CAPITULO XXVII

O dia rompeu, cinzento e gelido. O bote tinha as velas cheias e a bussola indicava rumo do Japão. Embora espessamente enluvado, eu tinha os dedos já insensiveis de frio, e doloridos de horas e horas passadas a agarrar o remo do governo. Tambem meus pés me doiam da morderura da geada e porisso eu esperava com ansia o sol.

Diante de mim, no fundo do bote, estava Maud. Mas felizmente bem abrigada, no conchego duma espessa ruma de cobertores; o de cima fôra corrido á sua cabeça para abrigá-la do relento, só me deixando ver a fórma e um pouco de cabelo cravejado de minusculos diamantes liquidos.

Contemplei-lhe o vulto longamente, demorando o olhar no unico pedacinho dela então visivel — o unico pedacinho visivel do que me era a coisa mais preciosa do mundo. Tão insistente foi o meu olhar que Maud mexeu-se sob as cobertas, descobriu o rosto e olhou-me com um sorriso ainda cheio de sono.

— Bom dia, senhor Van Weyden! saudou ela. Já avistou terra?

— Inda não, mas vamos caminhando para terra a seis milhas por hora.

Maud fez um muxoxo de desapontamento.

— O que equivale, continuei, a cento e quarenta e quatro milhas por dia.

Seus rosto fulgurou.

E para onde caminhamos?

— Temos a Siberia daquele lado, respondi, apontando para oéste. E mais a sudoéste temos o Japão, a umas seiscentas milhas. Se este vento permanecer, faremos a caminhada em cinco

— E se sobrevêm tempestades? Aguentará o bote?

Maud tinha um modo de olhar que exigia a verdade plena. Foi assim que me olhou nesse momento.

— Só não aguentará em caso de temporal violentissimo.

— E se vier temporal violentissimo?

Fiz com a cabeça que não era provavel. "E podemos ainda ser recolhidos por alguma escuna de caça. Andam muitas por estes mares".

— Oh você está enregelado! ela gritou. Olhe, está tremendo de frio. Não negue, está sim. E eu aqui quentinha, qual uma torrada...

— Não vejo o que adiantaria se você tambem estivesse enregelada.

— Mas hei de ficar quando me puser tambem no governo, porque tambem quero aprender a governar o bote, entende?

Maud sentou-se para fazer a sua simplificada toalete. Sacudiu a cabeça fazendo os cabelos caírem sobre a face e os hombros. Queridos, aqueles [illegible]! Vieram-me impetos de beijá-los, de penteá-los com os meus dedos, de afundar neles o meu rosto. E tanto me enlevaram que esqueci da minha obrigação e o bote deu um guinado. Romantico que eu era, apesar da minha natureza analitica, não havia compreendido as caracteristicas fisicas do amor. O amor entre homem e mulher, sempre tive como coisa sublimada e toda espiritual, ligação de duas almas. A ligação da carne não entrava em linha de conta no meu cosmos do amor. Mas estava ali aprendendo que a alma se expressa através da carne; compreendi que a vista, o contacto, o olor dos cabelos do objeto amado eram emanações do espirito tanto como o brilho dos olhos e as confissões que brotam dos labios. Sim, porque puro espirito é categoria incognoscivel, coisa a ser imaginada apenas, já que não tem meios de revelar-se.

Olhei e olhei para os cabelos de Maud, e amei-os, e com eles aprendi mais de amor do que com todos os poetas que havia lido. Ela os lançou para trás num movimento brusco, e seu rosto emergiu sorridente.

— Por que todas as mulheres não usam cabelos soltos? perguntei. Seria tão lindo!

— Porque embaraçam terrivelmente, meu caro, respondeu Maud sorrindo; e depois, mudando de tom: Oh, não é que perdi os meus preciosos grampos?

Descuidei-me do bote. Deixei que a minha vela perdesse vento, tal o prazer que sentia em acompanhar a pesquisa daqueles grampos no cáos de cobertas e colchas. Senti-me alegre de vê-la tão feminina, pois todos os traços da feminilidade pura sempre me enlevavam.

Eu a havia colocado muito alto, afastando-a muito longe do plano humano e, pois, muito longe de mim. Fizera de Maud um ser divino e inatingivel.

Vê-la agora assim, tão mulher — com os

seus movimentos bruscos de cabeça ao dar com a cabeleira para trás, verdadeira gata em procura duns grampos, enlevou-me. Era mulher, pois não; um ser da minha especie, humanissima — e a deliciosa intimidade da especie tornava-se então possivel entre mim e ela, tanto quanto a reverencia que por ela eu já sentia.

Maud afinal encontrou os grampos, e mostrou grande alegria; pude de novo dar tento ao bote. Tratei de experimentar geitos de fixar o remo do leme, de modo que o barco pudesse vogar sozinho quando o vento se conservasse regular. E consegui-o.

— Vamos agora ao almoço, propús, mas antes disso você deve envergar roupas mais grossas. O ar está muito gelado.

Tirei do nosso estoque de roupas uma pesada camisa de baeta tão grossa que nem chuva poderia atravessá-la, e quando Maud a envergou troquei a boina que ela trazia á cabeça por um forte gorro de marinheiro, bastante largo para abrigar toda a sua cabeleira. O efeito foi ótimo. Tudo ficava bem para Maud. Nada podia prejudicar o ovalado do seu rosto, nem as suas finamente desenhadas sobrancelhas, nem os seus grandes olhos luminosos e calmos — gloriosamente calmos.

Um sopro de vento mais forte apanhou o bote sobre uma crista de onda e fê-lo, na guinada, beber aí um balde de mar. Eu, que estava a abrir uma lata de lingua em conserva, saltei para a vela e corrigi a tempo o deslise. O bote retomou logo a sua marcha e pude voltar ao almoço.

— Apesar de não entender de nautica, disse Maud, parece-me que tudo vai bem.

— O meu arranjo do leme serve só com certos ventos, expliquei-lhe. Com vento de popa, ou de quarto, terei de tomar nas mãos o governo.

— Não entendo nada destas tecnicas, disse ela, mas não concordo com isso. Tenho tambem de ficar ao leme e espero receber depois do almoço a primeira lição. Faremos ambos o serviço aos quartos, como nos navios.

— Não sei como possa ensinar, visto que tambem estou aprendendo. E' a primeira vez que governo um bote destes.

— Nesse caso aprenderemos juntos, e como já praticou quasi uma noite inteira, tem de ensinar-me o que já sabe. Agora, almoço. Meu Deus! apetite o mar dá...

Findo o almoço começou a lição e, boa aluna que era, Maud aprendeu tudo depressa. Mas fingindo-se cansada devolveu-me logo o remo, vindo desdobrar a cama que eu havia dobrado. Arrumou-a e disse-me:

— Agora, meu senhor, para a cama! E tem de dormir até á hora do jantar. E' do regulamento da **Ghost**.

E tanto insistiu que cedi. Entreguei-lhe o leme e experimentei um prazer sensual ao deitar-me na cama feito por suas mãos. A calma e o dominio de si propria que Maud mostrava pareciam ter-se passado para as cobertas — e fiquei num estado de meio sonho, a evocar a sua face ovalada, os seus olhos castanhos e todas as finuras do seu todo — até que adormeci.

Olhei para o relogio. Uma, já. Havia dormido sete horas a fio! E Maud governara o bote todo esse tempo! Quando lhe tomei o remo das mãos tive de abrir-lhe os dedos, tão rigidos estavam. Mas a sua reserva de energias esgotara-se. Foi preciso friccionar-lhe as mãos e os braços e ainda levá-la á cama.

— Estou tão cansada!... murmurou descaindo a cabeça. Reergueu-a em seguida, numa reação. "E não ralhe comigo, não diga nada", intimou-me.

— Espero que meu rosto não denuncie zanga, respondi eu a sério, e pois asseguro que não estou zangado.

— Seu rosto me conta que o senhor está sentido.

— E' então um rosto honesto que não trái ao [illegible] real comsigo mesma, nem comigo. Como poderei ter confiança em si agora?

Maud pareceu arrependida.

— Muito bem; prometo daqui por diante comportar-me melhor, disse em tom de criança travessa que se desculpa. Prometto...

— Promete obedecer como o marinheiro obedece ao capitão?

— Sim. O que fiz foi imprudencia, confesso.

— Vai prometer tambem outra coisa — não tratar-me com ceremonia, não dizer faça o favor. Isso me destroi a autoridade.

Ela sorriu pela ultima vez e a sua cabeça afundou no travesseiro. Deixei o leme para vir ageitar-lhe as cobertas e puxar uma ponta sobre seu rosto. Ah, Maud não era forte e tinhamos seiscentas milhas a vencer naquele mar — isso no caso de não sobrevirem acidentes e dificuldades. Naqueles mares os temporais eram comuns e violentissimos. Eu, entretanto, não sentia medo e para sugestionar-me repetia amiude que tudo tinha de acabar bem.

A' tarde o vento refrescou, agitando muito o mar e forçando o bote. Cancei-me no governo. Horas depois surgiu no horizonte uma fumaça — cruzador russo, ou o **Macedonia** em procura ainda da **Ghost**?

Ao escurecer tivemos mar grosso, com vento aumentado. Recolhi a vela como me pareceu melhor e como aprendera de ver e ouvir aos caçadores. Era o meio de resistir ás ondas fortes.

— E agora? indagou Maud alegremente,

quando viu a manobra terminada e eu a descalçar as luvas para o jantar.

— Agora não estamos mais navegando para o Japão, respondi. Vamos indo para suéste, com marcha de duas milhas por hora.

— Ou vinte e quatro milhas diarias, se não houver mudança, calculou ela.

— E somente cento e quarenta milhas em seis dias, se o mar continuar assim, concluí.

— Mas não continuará, disse ela esperançosa. Mudará logo, vai ver.

— O mar é traiçoeiro!

— Mas o vento? Ouvi você falar com tanta eloquencia sobre os bons ventos alisios...

— Foi erro meu não ter trazido o cronometro e o sextante de Lobo Larsen, sugeri arrependido. Navegar assim como estamos fazendo é perigosissimo. Com as variações que o curso do bote sofre é impossivel fixar a posição certa. O erro pode ser imenso.

Mas logo voltei atrás do meu momentaneo desanimo, e prometi não reincidir. A seu pedido deixei-a a fazer o seu quarto no leme até meia noite — eram nove horas — mas dessa vez deixei-a bem envolvida em cobertores antes de deitar-me.

Tive um sono sobresaltado. O bote subia e descia incessantemente e a neblina espessara-se. Inda assim não foi noite má, comparada com as que passaramos na Ghost e com outras que teriamos de passar naquele mesmo bote. As tabuas daquela casquinha de noz tinham a espessura de menos duma polegada. Menos duma polegada de madeira entre nossas vidas e o abismo...

Apesar de tudo, eu não sentia medo. Não receiava a morte que tanto apavorava Mugridge e tambem Lobo Larsen. A entrada de Maud na minha vida transformara-me. Afinal — pensei comigo — amar inda vale mais do que ser amado, pois que nos torna tão preciosa a vida a ponto de não querermos a morte. Esqueciame da minha propria vida por amor duma outra, e no emtanto nunca desejei viver com tal ardor como naquele momento — como naquele momento em que eu dava infimo valor á vida. E' que nunca a minha vida se tornara tão preciosa, conclui comigo — e depois disso, até que o sono me levasse, fiquei a devassar no escuro o vulto de Maud, envolta em cobertas, atenta ao mar espumejante e pronta para chamar-me dum momento para outro.

CAPITULO XXVIII

Escuso-me de contar todos os nossos padecimentos no fragil bote da Ghost durante os muitos dias em que derivamos ás tontas sobre o mar imenso. Aquele vento que nos desnorteou manteve-se por vinte e quatro horas; depois caiu e á noite tivemos brisas de sudoéste. Isso obrigou-me a tomar rota nessa direção. Podia tomá-la para sul-sudoéste, mas os ares calidos do sul assustavam-me.

Em tres horas — era meia noite, lembro-me bem e fazia um escuro absoluto — o vento de sudoéste foi crescendo até obrigar-me a lançar a ancora de mar.

Ao romper do dia estavamos em perigo de ser tragados pelos vagalhões. Espuma e borrifos caíam no bote em tal quantidade que eu tive de manter-me no baldeio sem cessar. Tudo ficou encharcado, exceto Maud — isto é, o corpo de Maud, bem envolvido em impermeaveis, porque seu rosto e mãos eram constantemente lavados. Ela revezou-se comigo no baldear agua e agiu corajosamente. Tudo é relativo. Não era mar realmente grosso, mas, dada a fragilidade do nosso barco, valia aquele ventinho por tremenda tempestade.

Calmos e retesos em nossas energias, com o vento a castigar-nos o rosto, lutamos o dia inteiro. A noite sobreveiu, mas não houve dormir. Novo dia rompeu e o tempo não mudou. Maud mal podia comsigo de exaustão. Não estava encharcada; sim anestisiada pelo frio — e receei que não aguentasse a tortura durante a noite. E o dia que se seguiu apresentou-se frio como o da vespera, de céo encoberto e o mesmo vento.

Eu não dormia já por quarenta e oito horas. Molhado até á medula dos ossos, sentia-me mais morto que vivo. O corpo, exausto da luta e quebrado pelo frio enregelante; os musculos, a doerem-me horrorosamente — e eu forçado a usá-los. E, peior que tudo, levados para longe do Japão. Iamos no rumo do mar de Bering.

E viviamos ainda! E á tarde o vento aumentou ainda mais!

O bote varou uma crista de onda que nos pôs com um palmo dagua dentro. Tive de es-

vasiá-lo com a furia do desespero. Mais uma onda como aquela e seria o fim. Consegui, porém, baldear toda a agua, e fui forçado a abrir o impermeavel de Maud para com ele resguardar o bote — o que nos valeu bastante.

A situação de Maud era lamentavel. Agachada no fundo do bote, com os labios violaceos e a face livida, mostrava em tudo o seu martirio. Seus olhos, entretanto, tinham a calma energia de sempre; Maud animava-me com o olhar e ainda com palavras.

O mais agudo da tempestade acorreu á noite, apesar de inepercebido para mim, que dormi na popa, vencido pela exaustão. Na manhã do quarto dia o vento amainou até fazer-se brisa suave; tambem serenou o mar e o céo mostrou-se azul, com um lindo sol. Sol abençoado! Como nos banhamos em seus raios, sentindo-nos revivificados como os insetos que depois da chuva nele se reconfortam! Voltamos de novo a sorrir, no optimismo dos primeiros momentos. Mas na realidade a nossa situação nunca fôra tão má, porque estavamos ainda mais longe do Japão do que ao deixar a Ghost. Tinhamos sido arrastados para nordéste.

Havia fócas em redor, o que nos trouxe a esperança de avistamos alguma escuna foqueira. De fato vimos o velame de uma no horizonte remoto; breve desapareceu, porém, e ficamos sozinhos naquele amplo circulo de mar.

Vieram dias de nevoeiro durante os quais o espirito de Maud se recolhia sem que uma palavra alegre lhe acudisse á boca. Vieram dias serenos em que flutuavamos na imensidade deserta do oceano, opressos pela grandiosidade ambiente; dias de nevada, em que nada podia conservar-nos aquecidos; dias de chuva insistente, em que enchiamos os nossos reservatorios com o gotejar da vela.

Meu amor crescia. Maud era tão rica em facetas que eu a classificava de proteica; mas só o dizia cá comigo. Embora a declaração do meu amor me bailasse constantemente na ponta da lingua, eu sentia que o momento não era oportuno. Se não houvesse outra razão, por falta de tempo. Minha situação era delicada por muitos motivos e eu tinha de agir de acordo — e soube conter-me de modo que nem por palavras, nem por sinais revelei nunca á minha amada o que me ia por dentro. Eramos apenas como dois camaradas ligados pelo mesmo infortunio.

Uma coisa surpreendia-me nela: a ausencia de timidez e medo. O mar terrivel, o fragil do bote, as tempestades, os padecimentos, o estranho da nossa situação — tudo que teria aterrorizado uma mulher robusta — não mostrava fazer impressão no espirito daquela debil criatura que só conhecera da vida os requintes, e era toda fogo, orvalho, bruma, espirito sublimado, ternura e feminilidade. Ou talvez esteja eu errado. Seria timida e timorata — mas possuia coragem. Era de carne e herdeira de todas as sensibilidades da carne, mas era tambem, e acima de tudo, espirito, essa etérea essencia da vida — e espirito sereno como os seus olhos.

Sobrevieram dias e noites de temporal em que o oceano nos ameaçava com a sua ululante brancura espumosa, e o vento castigava o bote com bofetadas de Titan. E prosseguiamos na nossa voga desgovernada, sempre tangidos para nordéste. Foi num desses dias de tempestade que volvi os olhos cançados para sotavento — não em procura dalguma coisa, mas em mudo apelo ás potencias furibundas que nos torturavam. E não pude crer no que vi. O estado da exaustão em que me achava fez-me duvidar dos meus sentidos. Quís verificar meus olhos e olhei para Maud, a ver se a via como sempre. Sim, meus olhos não desvairavam — viam certo e justo, e olhei de novo a barlavento e vi... E vi um promontorio negro e desnudo, com o mar a desfazer-se-lhe ao pé, em espuma.

— Maud! exclamei.

Ela ergueu a cabeça; olhou e disse: Não pode ser o Alaska!

— Infelizmente não. Sabe nadar, Maud?

Respondeu com sinal negativo.

— Nem eu tão pouco, Maud. De modo que não podemos alcançar a terra a nado, e sim metendo o bote nalguma enseada onde possamos tomar pé. E temos de fazer isso já, já.

Eu falava com uma confiança que ela sabia falsa; percebi isso pelo olhar firme com que me disse:

— Ainda não lhe agradeci tudo quanto fez por mim, mas... e hesitou quanto á melhor palavra para dizer a sua gratidão.

— Que mais? gritei quasi brutalmente, porque me irritava vê-la agradecer-me.

— Você poderá ajudar-me.

— A pôr-se em dia com os seus deveres antes de morrer, não? Absolutamente não. Ninguem vai aqui morrer. Desembarcaremos nesse promontorio e estaremos a salvo antes do fim do dia.

Falei alto e firme, embora não acreditasse numa palavra do que dizia. Mas não era medo que me levava a agir assim. Não sentia medo apesar da minha quasi certeza de encontrar a morte naquele tormentoso passo, onde o mar se quebrava de encontro aos recifes. Era impossivel içar a vela e evitar o promontorio. O vento emborcaria o bote imediatamente. Eu não tinha medo de enfrentar a minha propria morte ali adiante, a algumas centenas de metros a sotavento; mas apavorava-me a idéa da morte de Maud. Minha maldita imaginação via-a esmagada contra os rochedos e isso me horro-

rizava. E forcei-me a admitir que teriamos facilidade de desembarque — não que eu cresse nisso, mas porque preferia crer.

Recuei depois, em face da possibilidade dessa horrivel morte e por um momento entretive a idéia feroz de agarrá-la nos braços e lançar-me com ela ao abismo. Por fim resolvi esperar até ao ultimo momento; agarrá-la-ia então nos braços e atirar-me-ia ao mar confessando pela primeira vez o meu grande amor.

Instintivamente nos achegamos um do outro no fundo do bote. Senti sua mão enluvada tocar a minha, e assim, sem palavra, aguardamos o fim de tudo. Não estavamos longe da linha de arrebentação — e pús-me a esperar o imprevisto. O imprevisto seria que alguma corrente marinha nos impelisse para o outro lado do promontorio. Se alcançassemos aquele lado, as hipoteses de salvamento seriam mais numerosas.

— Vamos passar de largo, gritei num tom de confiança que não me iludia a mim, nem a Maud. E uma imprecação irreverente escapou-me dos labios pela primeira vez na vida.

— Queira desculpar-me, Maud, disse logo.

— A sua sinceridade acaba de convencer-ne, declarou ela com um sorriso apagado. Sei agora que vamos passar de largo.

Eu havia avistado na distancia uma terra qualquer, para além do promontorio, e mais e mais lhe ia eu apreendendo a conformação. Evidentemente uma enseada. Continuamos a ser impelidos pelo vento e ouvimos um rumor remoto e continuo. Mais adiante a enseada apresentou-se-nos nitida aos olhos: uma meia-lua de areia branca, sobre a qual iam morrer as ondas — e coberta de focas. O rumor continuo que ouviramos provinha delas.

— Uma foqueira! exclamei. Estamos agora realmente salvos. Ha de haver cruzadores e postos de guarda para protegê-las contra os caçadores. Fatalmente existe uma estação de guarda na costa.

Mas a arrebentação das ondas era forte e eu tive de concordar que ainda havia perigo; caso, porém, os deuses nos fossem favoraveis, poderiamos ser levados para um ponto mais distante, onde me parecia possivel o desembarque sem siquer molharmos os pés.

E os deuses mostraram-se favoraveis. Fomos levados para um ponto onde não havia fócas. A quilha do bote bateu na areia dura. Saltei fóra e estendi a mão a Maud, que pulou tambem — mas quando os meus dedos abandonaram os seus ela agarrou-se de subito ao meu braço. Cambaleei como bebedo. Era surpreendente o efeito da cessação do balouço marinho. Tinhamos estado tanto tempo sobre a rede das ondas que a terra firme nos desorientava. A cada instante esperavamos que o solo se movesse ou afundasse, e as muralhas rochosas regirassem ou adernassem como um navio — e aprontavamo-nos para contrariar esses movimentos; eles não vinham e isso perturbava o nosso equilibrio.

— Tenho que sentar-me, disse Maud com um sorriso nervoso acompanhado dum gesto tonto — e sentou-se na areia.

Pús o bote a seguro e vim juntar-me a ela. E foi desse modo que pusemos pé na ilha Endeavor — ambos a enjoar da terra, como um bicho de terra enjôa no mar.

CAPITULO XXIX

— Estupido que sou! gritei furioso, depois que descarreguei o bote e levei o que nele trouxera para o ponto escolhido para o nosso acampamento. Havia lenha seca por alí e a vista duma lata de café furtada á cozinha da Ghost sugerira-me a idéia de acender fogo.

— Estupido, idiota que sou, repeti.

Maud chamou-me á ordem com o seu gracioso "Tut, tut!" de carinhosa reprovação e indagou a causa que me fazia exclamar assim.

— Não ha fosforos, respondi. Esqueci me dos fosforos — e agora, nada de café quente, sopa, chá, tudo! Super idiota!...

— Robinson não fazia fogo fricionando dois pauzinhos? lembrou ela.

— Sim, mas li a historia de dezenas de naufragos sabidos em Robinson que inutilmente tentaram fazer o mesmo. Lembro-me de Winters, um jornalista especializado em coisas do Alaska e da Siberia, que encontrei certa vez em Bibelot. Contou-me que não conseguiu fazer fogo assim, por mais que se esforçasse. "Os indios dos mares do sul, e os malaios podem fazer fogo com dois pauzinhos, concluiu ele, mas isso é coisa acima das forças do homem branco".

— Que importa? Passamos sem fogo até

agora e continuaremos assim, advertiu Maud alegremente.

— Mas pense no café! gritei furioso, com os olhos na lata do excelente pó que eu trouxera da provisão particular de Lobo Larsen. E com tanta lenha ótima...

Nunca desejei tão ardentemente tomar café, a minha bebida predileta e tambem uma das fraquezas de Maud, como o soube mais tarde. Além disso estavamos havia tanto tempo no regimen da alimentação gelada que nos sentiamos gelados por dentro. Qualquer coisa quente nos seria precioso. Entretanto, parei com as minhas lamurias para fazer com a vela do bote a tenda de Maud.

Pareceu-me a principio muito facil, pois tinha os remos, o mastro, a lona e muitas cordas. Mas faltava-me pratica; cada detalhe tinha de ser uma tentativa, de modo que o resto do dia se foi nesse trabalho. Não saiu obra decente; vi isso á noite, quando choveu e a tenda ficou alagada, forçando Maud a ir para o bote.

Na manhã seguinte completei, ou corrigi a obra com um valado de escoamento aberto em torno da tenda. Nem assim. Uma lufada de vento forte arrancou-me aquilo dali, e mudou tudo, em pandarecos, para uns trinta pés além. Maud riu-se ao ver a minha expressão de desanimo. Para consolo propús-lhe:

— Logo que o vento amaine vou explorar a ilha. Ha de haver nela aguma estação de guarda em contacto de longe em longe com navios. Os governos protegem estes ninhos de fócas, sei disso. Mas tenho de arrumar a tenda outra vez; você não pode ficar ao relento.

— Muito melhor irmos juntos, observou ela.

— Não. Você deve e precisa ficar. Já padeceu muito e é milagre ter sobrevivido a tudo. Além disso não é agradavel navegar de bote com um tempo destes assim chuvoso. Precisa repousar, Maud. Fique.

Os olhos da moça humideceram ao replicar em tom suplice:

— Preferia ir. Poderei ajudá-lo nalguma coisa — um pouquinho. Prefiro isso, porque... E se alguma coisa lhe acontece e fico largada aqui sozinha?

— Nada acontecerá; tomarei todo o cuidado, respondi. E não irei tão longe que não possa estar de volta antes da noite. Muito melhor assim. Fique e descance — durma um bom sono reparador.

Maud fitou-me nos olhos com firmeza e suavidade. Suplicava.

— Por favor deixe-me ir. Não posso ficar só.

Insisti na recusa e ela a fitar-me com aqueles olhos. Hesitei — e a luz da alegria começou a brilhar em seus olhos. Depois disso foi-me impossivel dizer outro não.

O vento amainou á tarde, de modo que tudo preparamos para a partida na manhã seguinte. Manhã que rompeu incerta, porém calma. Levantei-me aos primeiros albores e preparei tudo.

— Estupido! Imbecil! Idiota! gritei em dado momento de modo a despertar Maud — mas essas objurgatorias tinham uma expressão alegre muito diversas das da vespera. A cabeça de Maud logo emergiu de dentro da vela que lhe servia de cobertor.

— Que mais esqueceu? indagou, ainda bocejante, mas curiosa.

— Café! gritei. Que pensa duma chicara de café? café quente? a ferver?

— Meu Deus, como é cruel! exclamou ela. Já me resignara a passar sem ele e agora o senhor vem de novo tentar-me com essa sugestão vã.

— Olhe aqui! foi a minha resposta.

Juntei gravetos e farelos bem estorricados até formar um montinho; depois arranquei uma pagina da minha carteira e da caixa de munições tirei um cartucho. Abri-o e despejei a polvora sobre a folha de papel, ageitando a isca em torno. E percuti a espoleta com uma pedra de ponta, de modo que a faisca désse na polvora. E o fogo fez-se!

Maud bateu palmas de alegria.

— O novo Prometeu, pai do fogo! gritou ela.

Mas eu estava muito entretido com o meu foguinho para dar tento á alegria de Maud. A debil flama tinha de ser bem alimentada para crescer e viver longamente. E alimentei com o maximo carinho aquele fogo lindo, até tê-lo transformado em fogueira duradoura. E o resto? Utensilios de cozinha? Havia as latas e o balde de esgotar o bote. Com aquilo teriamos elementos para formar uma perfeita cozinha.

Fervi agua e Maud fez o café — o mais delicioso café que já tomei na vida. Minha contribuição para o almoço foi carne enlatada, com bolachas e agua. Valeu por grande sucesso aquele primeiro "breakfast", e sentados junto ao fogo prolongamo-lo por muito tempo, bebericando o café e discutindo a nossa situação.

Minha certeza de encontrar por perto um posto de guarda aos ninhos de fócas aumentava, porque lera e ouvira dizer que as "nurseries" do mar de Bering eram de ha muito protegidas pelos governos. Mas Maud desenvolveu uma teoria que suavisasse o meu desapontamento caso desapontamento sobreviesse — de ser aquela "nursery" desconhecida dos homens. Ela estava alegre e a rir-se do grave da nossa situação.

— Se sua teoria for a certa, Maud, então teremos de nos preparar para transcorrer todo

o inverno aqui. Alimento teremos nas fócas, e como elas deixam a "nursery" pelo outono, havemos desde já de ir armazenando provisões de carne e gordura. Vamos ter muito que fazer, se a ilha fôr de fáto desabitada.

A teoria de Maud saíu certa. Navegamos no bote ao longe da costa em procura de novas enseadas, com ocasionais desembarques aqui e acolá, sem descobrir vestigios humanos. Mas verificamos que não foramos os primeiros a aparecer na ilha. Breve topamos destroços dum bote foqueiro, que já se enterrara em grande parte na areia e apresentava todos os sinais duma longa vida de abandono ao léo. Dentro encontrei uma espingarda e uma faca no ultimo gráu de enferrujamento.

— Ficou o bote, foram-se os homens, exclamei alegre — mas logo senti uma pontada no coração dando com ossadas perto. Não quís que Maud as visse e tratei de afastar-me dalí, seguindo com o bote para noroéste da ilha. Na costa sul não existiam praias. Prosseguimos. Ao meio dia estava dada a volta á ilha inteira. Avaliei-lhe o perimetro em vinte e cinco milhas, com largura variavel entre duas e cinco milhas. Quanto a fócas, deveriam andar por alí umas duzentas mil. A ilha atingia a sua elevação culminante a sudoéste e vinha em declive até o mar, a noroéste. Com exceção da nossa pequena enseada, as outras praias subiam em rampa suave por meia milha mais ou menos, até dar no que poderiamos chamar prados rochosos, onde havia, a espaços, manchas de musgos e outras hervas rasteiras. Alí nasciam as foquinhas do ano, sob as vistas das focas mãis, por sua vez guardadas pelos velhos machos.

A ilha Endeavor não merece que se diga dela mais que isto. Humida e encharcada, onde não era de aspero chão pedregoso, batido de ventos rudes e com o ar continuamente tomado pelo unisono da grita de duzentos mil anfibios, era um sitio melancolico para a imaginação humana. Maud, que me preparava o espirito para todos os desapontamentos, e que tinha estado viva e alegre o dia inteiro, sentiu-se tomada de desalento quando de novo desembarcamos na nossa enseada. Procurou ocultar-me o seu desanimo; não obstante, quando eu preparava a fogueira para nova refeição ouvi-lhe os soluços dentro da barraca.

Chegara a minha vez de mostrar-me alegre e confiante, papel que desempenhei com tanta eloquencia, que logo vi voltar aos seus lindos olhos a luz da coragem. Maud chegou a cantar antes de recolher-se. Com maravilhosa voz de artista requintada fez-me caír em extase ao lado da fogueira crepitante. Fui deitar-me no bote e por longo tempo fiquei desperto, a olhar para as estrelas, que apareciam, afinal, depois de muito tempo de céo encoberto. Ponderei a situação. Responsabilidade daquele vulto era coisa inedita na minha vida. Lobo Larsen tinha razão. Eu vivera a mór parte da minha vida sobre as pernas de meu pai. Meus advogados e agentes faziam tudo por mim. Responsabilidade nenhuma, de coisa nenhuma, me coubera até ao momento do meu embarque no Martinez.

A Ghost ensinara-me tudo. Ensinara-me a arcar com responsabilidades. E agora, pela primeira vez eu arcava com a responsabilidade da conservação da vida duma terceira pessoa. E que responsabilidade! Tratava-se da vida duma criatura que se me tornara a mais preciosa de todas.

CAPITULO XXX

Não era injustificado chamar áquela ilha Endeavor — esforço. Por duas semanas nos esforçamos seriamente na construcção duma cabana. Maud insistia em ajudar-me e eu tinha impetos de chorar sobre as suas pobres mãos doloridas. Mas como aquilo me inchava de orgulho! Havia algo de heroico na criatura crescida no conforto suave da civilização e que agora tudo suportava, e trabalhava rijo como a mais rude mulher do campo. Maud carregou muitas vezes pedras que empreguei na construcção da cabana e isso a despeito das minhas intimações em contrario. Mais tarde fez-se mais cordata, limitando-se aos trabalhos leves da cozinha e correlatos.

As paredes da cabana foram-se erguendo sem dificuldades, mas o problema do této aborreceu-me. Como cobri-la? Com os remos poderia ter os caibros de suporte, mas o resto — a coberta? Musgo não servia. Com as outras hervas existentes, a mesma coisa. A vela nos era necessaria no bote. Lembrei-me que Winters usara péles de elefantes marinhos na cobertura da sua cabana...

— Não temos elefantes marinhos, mas temos focas, sugeriu Maud.

No dia seguinte começamos a caçada. Eu não sabia atirar, mas aprendi. Gastei trinta cartuchos para matar tres fócas, e vi que tinha de aperfeiçoar-me no tiro; do contrario ficaria logo sem munições.

Tambem eu já havia gasto oito cartuchos para acender fogo antes de adotar o sistema de conservar as brasas sob a cinza — de tudo resultando que não me sobravam mais de cem cartuchos.

— Tenho que caçar focas a marreta, anunciei depois de verificada a minha pessima pontaria.

— Elas são tão lindas! objetou Maud. Não posso suportar essa idéa. Parece-me tão diretamente brutal, tão mais cruel do que abatê-las a tiro...

— Mas o této tem que fazer-se. O inverno não tarda, respondi nervoso. Precisamos salvar nossas vidas, Maud. Além disso acho que elas sofrem menos quando mortas a pau do que quando atiradas.

Mas Maud não se conformava.

— Bem, se você prefere ficar sem této...

— Mas que havemos, ou que hei de fazer, diga-me? indagou ela confusa.

— Juntar lenha e preparar o jantar, respondi sério.

Maud meneou a cabeça.

— Acho perigoso que vá atacar as fócas sozinho, disse ela, e como eu negasse isso, acrescentou: Sei, sei que sou uma fraca mulher, mas minha assistencia pode ser util dum momento para outro.

— E... e a crueldade da matança a pau? sugeri.

— E' lá com você. Provavelmente gritarei de horror. Olharei para o outro lado.

— O perigo é muito sério, disse eu, sorrindo.

— Saberei governar-me, olhando ou desviando os olhos quando fôr preciso, concluiu ela com imponencia.

Resultado: Maud acompanhou-me na batida ás fócas na manhã seguinte. Fomos de barco á enseada proxima e logo nos vimos rodeados de anfibios, a fazerem tal barulho que para nos comunicarmos um com outro tinhamos de gritar.

— Sei que os caçadores as matam a pau, disse eu procurando animar-me e olhando para um alentado macho que nos enfrentava a uns trinta pés dalí. Mas a questão é saber de que modo eles batem nelas.

— Melhor juntarmos essa herva "tundra" e fazermos um této vegetal, voltou a dizer Maud, que estava tão indecisa como eu, ou tão amedrontada. E tinhamos razão, porque as bocas abertas das fócas proximas mostravam dentuças de cães.

— Sempre julguei que elas tivessem medo e fugissem do homem, adverti. E, momentos depois, refletindo melhor: Como posso saber se elas têm ou não medo? Quem sabe se ao penetrarmos na praia não fugirão todas?

Eu hesitava.

— Já ouvi a historia dum homem que invadiu a "nursery" dum bando de gansos — e eles o mataram, relembrou Maud.

— Os gansos mataram o homem?

— Sim, os gansos. Contou-me isso meu irmão, quando eu era menina.

— Mas eu sei, sei, sei que os homens matam focas a pau! insisti para encorajar-me.

— E eu sei que com a tundra seca poderemos ter um ótimo této, contraveiu Maud.

Mas eu não poderia mostrar-me covarde diante dela e resolvi-me.

— Quero vêr isso, exclamei embicando o bote para a praia.

Saltei em terra e avancei de marreta erguida contra um macho de dentes ámostra. Na minha esplendida ignorancia nunca tinha sonhado que o varapau usado para o ataque ás fócas deve medir de cinco a seis pés de comprimento. Duas femeas que ladeavam aquele macho afastaram-se e o alentado anfibio ergueu-se sobre as natatorias. Havia entre nós a distancia duns doze pés. Avancei firme, certo de que o monstro iria abalar.

A seis pés de distancia acudiu-me um pensamento: E se não abalasse? Nesse caso eu o atacaria, foi a resposta do meu raciocinio. No meu modo esquecera-me de que estava alí para matar aquele macho e não para faze-lo fugir. Seus olhos flamejavam; sua boca abrira-se mais; seus dentes luziam crueis. Sem nenhum vexame confesso que fui eu quem fraqueou e fugiu — fazendo que o macho me perseguisse a correr desageitadamente. E sabia correr, o malandro. Estava já nos meus calcanhares quando alcancei o bote e saltei para dentro, apanhando logo o remo. O animal agarrou-o pela pá entre os dentes e moeu a madeira. Em seguida mergulhou por baixo do bote, cuja quilha sacudiu com violencia.

— Meus Deus! exclamou Maud aturdida. Fujamos daqui!

Retesei-me, porém, nas minhas energias.

— Mas eu posso fazer o que outros homens fazem. Se matam focas a cacete, poderei matá-las tambem. Mas creio que tenho de evitar os machos. Experimentarei de novo.

— Por favor, não experimente mais! pediu a moça.

— E pelo amor de Deus não me peça mais por favor! gritei com uma ponta de colera.

Maud calou-se, fazendo-me sentir que eu a havia magoado.

— Perdoe-me, disse eu logo — ou antes, gritei de modo que pudesse ser ouvido naquele fragor infernal. Se quer, poderemos ir embora, mas por mim preferia ficar.

— E agora não diga que isto aconteceu porque trouxe uma mulher comsigo, murmurou ela sorrindo dum modo que me mostrou não guardar nenhum ressentimento do meu impeto.

Remei para uns duzentos pés dalí afim de recobrar a calma; depois de serenados os nervos fiz-me de volta á praia.

— Muito cuidado agora! gritou-me Maud.

Fiz que sim com a cabeça e ataquei de novo as focas, entrando pelo harem mais a geito. Tudo correu bem e pude afinal desferir um golpe na cabeça duma femea isolada. Mas errei a pontaria. A foca roncou e deu de fugir. Avancei e desferi novo golpe, que a apanhou pela espadua.

— Cuidado!! gritava Maud.

Subito, vejo o sultão daquele harem avançar para mim — e novamente tive de fugir para o bote, furiosamente perseguido. Dessa feita Maud não insistiu para que eu désse fim á tentativa. Apenas sugeriu:

— Parece-me que o melhor será evitar os harens e atacar alguma bastante afastada das outras. Li qualquer coisa a respeito num livro do dr. Jordan, suponho. Os caçadores chamam a essas focas novas "holluschickies", ou coisa que o valha. São ainda inofensivas.

— Oh, parece-me que o instinto da luta está a raiar em você, Maud! observei sorrindo.

Ela corou levemente e disse:

— Admito que não me seduz a idéia de ser vencida — mas continúa a horrorizar-me a idéia de matar tão lindas criaturas.

— Lindas! esclamei com ironia. Nada vi de lindo no aspéto feroz do monstro que me perseguiu.

— Faltava a necessaria perspectiva, observou Maud brincalhonamente. Se não o visse tão de perto...

— Tudo por falta dum cacete mais comprido, adverti, mas tenho agora uma bom, este pedaço de remo.

— Lembro-me ter ouvido ao capitão Larsen, disse Maud, que os caçadores assaltam as colonias de focas e as levam por diante em pequenos bandos, para longe da praia — e só então as matam.

— E', mas não pretendo fazer isso, objetei indeciso.

— E ha as "holluschickies", advertiu Maud. O dr. Jordan diz que vivem separadas das adultas, e emquanto permanecem adstritas a certas zonas não são molestadas pelas focas grandes dos harens.

— Lá está uma! exclamei para uma "holluschicky" que viera ter ao mar. Vamos observá-la e ver para onde se dirige.

A foquinha logo tomou rumo á praia e entrou por um trecho que ficava entre dois harens — e por esse espaço deserto seguiu para o interior da enseada.

— Lá vai ela !exclamei saltando do bote para seguí-la — embora o meu coração me pulasse dentro do peito á perspectiva de atravessar por entre dois harens de focas adultas...

— Amarre o bote antes, gritou Maud, que saltara para o meu lado.

Olhei para o seu rosto com espanto e vi-a sacudir a cabeça, resoluta.

— Irei comsigo, e irei tambem armada de cacete.

— Voltemos então para a nossa enseada, murmurei em tom resignado. Faremos o této com a tundra seca...

— Não serve; o senhor bem sabe que a tundra não dá této. Vamos! Seguirei na frente!

Tive de resignar-me, mas o meu coração encheu-se de orgulho daquela mulher. Armei-a com o remo quebrado e tomei o outro para mim. E nervosamente pusemo-nos em marcha, a caminho da zona das "holluschickyes", por entre os dois harens do caminho. Logo adiante Maud desferiu um grito de horror. Era uma foca que fizera um movimento em sua direção, arreganhando os dentes. Tambem eu varias vezes tive de apressar o passo por motivo identico. Mas afóra essas curiosidades e alguns rosnidos, não houve outras manifestações hostis. Tratava-se dum bando que não tinha nenhuma experiencia da maldade dos homens e pois não dava tento, ou não adivinhava os nossos propositos.

Ao chegarmos ao meio do bando o barulho tornou-se ensurdecedor. Era de tontear. Entreparei e sorri para Maud, que ainda estava debaixo da impressão de medo. Ela achegou-se a mim e gritou-me ao ouvido:

— Estou terrivelmente apavorada!

Já eu não sentia medo nenhum. O comportamento das focas elevara-me os espiritos. Mas Maud tremia.

— Tenho e não tenho medo, dizia ela batendo os dentes. E' a carne miseravel que treme, só a carne.

— Está certo, está certo, disse-lhe eu á guisa de conforto, passando-lhe o braço á cintura em gesto protetor.

Nunca me esquecerei de como naquele momento me tornei conscio da minha masculinidade. Sentia-me homem, protetor dos fracos, macho lutador. E mais que tudo sentia-me o protetor unico da minha amada. Maud apoiou-se em mim, leve e fragil qual lirio humano — e quando o seu tremor desapareceu vi-me como

invadido duma força imensa. Estava capaz de fazer frente ao mais forte macho do rebanho. Viesse aquele mesmo que me atacara e eu o esperaria sem recuar um passo.

— Estou bem agora, murmurou Maud com um olhar de gratidão. Podemos avançar.

Encheu-me de orgulho ver que a minha força a tinha contaminado. O vigor da raça parecia esferver em mim — um super-civilizado, que revivia os velhos tempos em que seus ancestrais se atracavam com as féras na jangal.

A um quarto de milha, terra a dentro, alcançamos o campo das "holluschickyes" — imenso rebanho de jovens focas a viverem no descontacto das velhas até que por sua vez se fizessem adultas.

Tudo correu bem. Gritando, fazendo no ar largos gestos com o remo e até pisando as mais lerdas, consegui separar um lote de foquinhas afim de tangê-las para ponto conveniente. Sempre que alguma tentava escapar na direção do oceano eu a fazia voltar ao bando á força — Maud ajudou-me muito nesse trabalho. Apesar disso notei que sempre que uma se atrazava, mostrando cansaço, Maud a deixava escapar; mas se em vez disso vinha com arreganhos ou ares belicosos, a moça dava-lhe de rijo com o pedaço de remo.

— Meu Deus! Como isto é interessante! exclamou ela, entreparando para breve descanço. Creio que vou sentar-me um pouco.

Levei por diante o meu lote de focas (uma duzia liquida, pois muitas escaparam) até cem jardas para o interior — e quando Maud alcançou-me já a matança estava terminada. Tinhamos agora de tirar as peles e atravessar de novo a passagem entre os dois harens. Por ali passamos duas vezes a carregar as péles, que eram bastante pesadas. Acomodamo-las no bote e pusemo-nos a vogar.

— Parece uma volta para casa, disse Maud quando abiquei na nossa enseada.

— E a mim me parece que sempre andei nesta vida, adverti eu. O mundo civilisado e o mundo dos livros sabem-me agora a coisas vagas, a memoria de sonhos antigos. Somos caçadores velhos; temos vivido a caçar e a lutar toda a nossa existencia. E você sempre tomou parte na minha vida, Maud, porque você...

Quís dizer: porque você sempre foi minha mulher, minha companheira, mas não me saiu isso. Saíu apenas:

— ... suporta muito bem esta vida.

Maud, entretanto, percebeu o desvio e:

— Não era isso o que ia dizendo, parece-me...

— Sim. Eu disse e queria dizer que a Mrs. Meynel americana sabia muito bem viver a vida selvagem.

— Oh... foi o que saíu da boca de Maud — uma interjeição onde o desapontamento vibrava bem claro.

Mas aquelas palavras "minha mulher, minha companheira" continuaram ressoando em meu cerebro pelo resto do dia — e por muitos dias após. Não tanto, porém, como naquela noite, emquanto a via amontoando musgo sobre as brasas e assoprando o fogo para a refeição noturna.

CAPITULO XXXI

— Não cheirará bem, disse eu, mas nos livrará da chuva e da neve.

Estavamos completando o arranjo do této de péles.

— Feio, desageitado, mas serve aos nossos propositos, acrescentei, ansioso por um elogio de Maud. E o elogio não tardou. Maud bateu palmas de alegria.

— Apenas muito escuro aqui dentro, observou logo depois, encolhendo os hombros como quando alguem se refere ao frio.

— Você bem que poderia ter-me sugerido a abertura duma janela, Maud. Fiz a cabana para você e só a você competia dar instruções.

— Mas eu nunca sei o que é preciso, meu caro. Além disso, poderemos abrir uma brecha na parede a qualquer tempo.

— Lá isso é. Não havia pensado, respondi. Mas lembrou-se de encomendar as vidraças? Tenho aqui o telefone duma casa — Red 4451. Basta dizer o tamanho e a qualidade dos vidros que prefere.

— Isso quer dizer que... começou Maud.

— Que nada de janela, conclui.

Eu construíra uma cabana tosca, de má aparencia, que em terra civilizada só poderia servir para abrigo de porcos; mas para quem como nós havia padecido o desconforto e a mi-

seria de dias e dias de bote aberto, estava ótima. Depois de cuidar do aquecimento, que obtive por meio de toscas lampadas alimentadas com gordura de foca, tratei de acumular provisão de carne para o inverno. Era trabalho simples; saíamos de manhã no bote e antes da tarde voltavamos com ele cheio. O resto do tempo empregava-o na construção duma segunda cabana, emquanto Maud derretia a gordura das focas e preparava-lhes a carne para o fumeiro.

A segunda cabana foi mais facil de erguer; fi-la junto á primeira para economia de uma parede. Não obstante constituiu trabalho pesado, que nos tomou bastante tempo. A noite, quando deixávamos o serviço, era largar na cama o corpo cançado que o sono sobrevinha incontinente. Maud animava-me, dizendo que jamais se sentira tão bem de saúde, o que tambem comigo era verdade. Sua força, porém, era a força de um lirio, e eu receiava vê-la fraquear dum momento para outro. Muitas vezes a sua exaustão ia a ponto de forçá-la áquele modo de repouso — estirada de costas na areia, com os braços estendidos. Passava algum tempo assim, até que subitamente, dum salto, retornava á tarefa interrompida. Constituia para mim um misterio a fonte donde Maud tirava tanta força vital.

— Penso no descanço forçado do inverno proximo, era a sua resposta ás minhas censuras. Havemos então de gritar por alguma coisa a fazer.

Na noite em que a terminei acendi um fogareiro na segunda cabana. Foi isso logo após uma terrivel tempestade; as praias das outras enseadas reboavam ainda ao fragor da ressaca, e mesmo na nossa, tão bem protegida, o mar quebrava-se com inaudita furia. Nenhuma montanha na ilha nos resguardava do furor do vento, que silvava infrene sobre as nossas cabanas, fazendo-me receiar desastre. O této de péles, esticado como couro de tambor, fazia, apesar disso, barrigas, á pressão dos ventos, e numerosas fendas abriram-se nas paredes mal calafetadas com musgo. Mas a gordura da foca queimava bem e nos mantinha em bôas condições de temperatura.

Foi uma noite agradavel, aquela. Nossos espiritos haviam readquirido a calma, e não só estavamos resignados á longa reclusão do inverno como ainda preparados para ela. As focas poderiam partir para as suas misteriosas migrações sem que nos fizessem falta; os temporais, igualmente, não nos causavam medo. Não só tinhamos a certeza de nos manter em seco e bem abrigados, como possuiamos os mais macios colchões que possam ser feitos de musgo. Fôra, os colchões, uma idéia de Maud, que com suas proprias mãos juntou todo o recheio necessario. Pela primeira vez, depois da minha partida de São Francisco, iria eu dormir em colchão macio — e colchão unico, visto como feito pelas mãos da minha amada.

Quando Maud se levantou para recolher-se á cabana, disse-me com aquele seu modo todo especial:

— Alguma coisa está para acontecer — está acontecendo. Sinto isso. Algo está vindo para cá. Vem vindo. Não sei o que possa ser; mas está vindo.

— Coisa bôa ou má? perguntei.

— Ignoro. Mas qualquer coisa vem vindo de qualquer parte, e apontou na direção do mar.

— Lá só ha praia, disse eu sorrindo, e acho melhor estar já aqui do que estar chegando, por uma noite destas. Com medo, Maud?

Seus olhos voltaram-se corajosamente para os meus.

— E sente-se bem, Maud?

— Como nunca, foi a sua resposta.

Trocamos ainda algumas palavras, até que:

— Bôa noite, Maud, disse eu.

— Bôa noite, Humfrey, respondeu ela.

Aquilo de chamarmo-nos pelos nomes de batismo viera naturalmente, sem nenhuma premeditação ou calculo. Naquele instante eu poderia tê-la enlaçado em meus braços — e certo que o teria feito se estivessemos em nosso antigo mundo. Alí tudo mudava — e não fomos além. Mas fiquei na minha cabana a exultar comigo mesmo, na certeza de que um liame tacito já existia entre nós — um liame que não existia antes — semanas antes.

CAPITULO XXXII

Levantei-me no dia seguinte opresso por misteriosa sensação. Faltava qualquer coisa. Ao saír para fóra, logo depois, verifiquei o que me estava faltando — vento. Eu deitara-me naquele estado de tensão nervosa caracteristica de quem sofre a continuidade dum choque, ou dum som — e havia despertado ainda tenso, com os nervos armados para a continuação da luta com um inimigo que já desaparecera.

Essa primeira noite passada sob um této depois de tantos mêses, gosei-a intensamente; deixei-me ficar sob as cobertas bem secas e púsme a analisar o efeito produzido em mim pela volupia de estar sobre um colchão feito pela minha amada. Quando me vesti e abri a porta, pude verificar pelo movimento das ondas na praia quão havia sido a furia do mar durante a noite. O sol já brilhava glorioso. Eu tinha dormido á larga, e sentia-me todo energias, ansioso por ganhar o tempo perdido, como o convem a um habitante da ilha Endeavor.

Mal púsé pé fóra da cabana, estaquei. Na praia, bem diante de mim, a uns cincoenta pés, erguia-se o vulto negro dum barco desarvorado. Mastros e vergas, emaranhados de cordas e lonas de velas rotas jaziam caídos. Esfreguei os olhos. Sim! Estava lá a cozinha tão minha conhecida — aquela popa, a cabina baixa... Era a Ghost!

Que passe de magica a tinha trazido para alí — para alí, justamente para alí? Que azar dos azares fôra esse? Olhei para trás com desespero nalma — lá estava a muralha de rochas inaccessiveis. Encurralados! Não tinhamos onde escapar! Pensei em Maud, ainda a dormir na sua cabana; recordei o seu doce "Bôa noite, Humfrey"; o meu "minha mulher, minha companheira" que ainda me ressoava remoto no cerebro — e ressoava agora em tom lugubre. Em seguida fez-se a noite dentro de mim.

Tudo coisa de segundos, ou fração de segundo, mas não posso dizer quanto tempo se passou antes que eu voltasse ao controle das minhas faculdades. Lá estava a Ghost encalhada na areia, desarvorada — o inferno... Algo tinha de ser feito.

Impressionou-me logo não observar nenhum movimento a bordo. Exaustos por toda uma noite de luta contra o furor dos elementos, com certeza estavam os homens vencidos pelo sono, foi a minha primeira idéia. A segunda foi que eu e Maud poderiamos anda nos salvar. Se tomassemos o bote e fugissemos antes que alguem a bordo despertasse? Fui acordá-la — e minha mão já estava na tranca da porta quando me representei em espirito a pequenez da ilha. Impossivel ocultar-nos ali. Só nos restava um caminho — o oceano imenso. Pensei nas nossas cabanas tão acolhedoras, na nossa provisão de carne, na gordura das focas, no musgo, na lenha e vi que era impossivel sobrevivermos no mar gelido e sempre sacudido de temporais.

Fiquei hesitante, parado á porta da cabana de Maud. O pensamento selvagem de entrar e matá-la ainda no sono fulgurou-me no espirito. Em seguida, outro pensamento: por que não penetrar a bordo da Ghost? Toda a equipagem estaria a dormir e eu sabia o caminho do camarote de Lobo Larsen. Matá-lo em pleno sono! Matá-lo! Depois... depois veriamos. Morto Larsen, tudo se arranjava e qualquer situação que sobreviesse não podia ser peior que a atual.

Minha faca estava na cintura. Voltei á cabana em busca do rifle, verifiquei a carga e dirigi-me para a escuna. Com alguma difficuldade, e molhando-me até ao peito, consegui meter-me a bordo. A escotilha de prôa estava aberta. Parei á escuta da respiração dos homens. Nada. Quasi deixei escapar uma exclamação: E se a Ghost estivesse abandonada? Púsme á escuta com mais atenção. Nenhum rumor humano. Desci com prudencia a escada. Boiava no ar o cheiro de mofo caracteristico dos comodos abandonados. Por toda a parte, lixo — roupas velhas, botas velhas, oleados velhos, trapos, todo o lixo do castelo de prôa que surge no fim duma longa viagem.

Foi abandonada á pressa, conclui subindo ao convés. A esperança renascia dentro de mim e eu já observava tudo com calma. Notei que os botes haviam desaparecido. Na timoneira, o mesmo que no castelo de prôa. Os caçadores tinham empacotado a bagagem com igual precipitação. A Ghost fôra abandonada. Era agora minha e de Maud! Pensei logo na despensa, com a idéia de levar alguma novidade para o nosso almoço.

A reação contra o panico e a sensação de que

já não era necessario agir como eu havia premeditado, fizeram-me lépido qual um rapaz. Subi aos dois degraus a escada, sem outra caisa no cerebro fóra o plano de surpreender Maud com um imprevisto almoço pronto. Quando me aproximei da cozinha ,nova alegria diante de todo aquele aparelhamento de panelas e mais utensilios caseiros. Corri para a popa e... Lobo Larsen! No impeto da corrida em que eu vinha, detido pela surpresa do encontro, cambaleei uns passos antes de imobilizar-me. Estava Lobo Larsen de pé no portaló, apenas com a cabeça e os hombros visiveis para mim. E olhava-me. Não fez nenhum movimento. Ficou calmamente a olhar-me.

Meu corpo tremia inteiro. Senti logo aquele horrivel enjôo de estomago de outróra e apoiei-me a qualquer coisa para conservar-me de pé. Minha boca secou como palha, impossibilitando-me o falar. E Larsen não tirava de mim os olhos. Nada disse — nem eu. Havia qualquer coisa de horrivel no seu silencio e na sua imobilidade. Todo o meu pavor antigo voltou, desta vez agravado cem vezes. E ficamos assim os dois, a olhar um para o outro, mudos.

Eu sentia a necessidade de agir e no entanto a minha velha fraqueza me dominava e me punha á espera da sua iniciativa. Subito, compreendi que minha situação naquelo momento era a mesma de quando estarrecera diante da enorme fóca de dentes arreganhados; a minha intenção de atacá-la havia sido paralisada pelo medo e por fim transformara-se em ansia de fuga. E, como naquella ocasião, compreendi afinal que era a mim que cumpria agir.

Armei o gatilho dos dois canos da minha espingarda e apontei.

E se Larsen fizesse um movimento, certo que o atiraria. Mas não fez. Continuou a olhar-me como antes. E emquanto eu enfrentava com a arma em pontaria, pude observar como tinha as feições desfeitas. Estava como se um longo sofrimento o houvesse destruido. As faces fundas, todos os traços cansados; seus olhos, sobretudo, pareciam ter soffrido alguma seria alteração; estavam mudados, fisicamente e na expressão.

Tudo isto apreendi num relance, com o cerebro a esfervilhar de mil pensamentos; todavia não pude dar ao gatilho. Baixei a espingarda e afastei-me para um canto da cabina afim de permitir relaxamento aos nervos. Logo depois fiz pontaria novamente Tinha-me resolvido. Era impossivel errar o tiro, por peior atirador que fosse. Apesar dessa segurança, entretanto, não consegui disparar.

— Então? perguntou Larsen com impaciencia.

Lutei em vão para forçar meus dedos no gatilho, como em vão lutei para dizer algo.

— Por que não atira? indagou ele.

Pigarrei para limpar a garganta.

— Humf, disse Larsen com lentidão, você não atira porque não pode atirar. Não é medo. E' impotencia. A sua moralidade convencional fez-me mais forte que os seus instintos. Não passa dum escravo das idéas assentes na terra onde viveu e dos livros que leu. O codigo dessa terra foi embutido no seu cerebro desde a meninice, e a despeito da sua filosofia e do que eu ensinei nesta Ghost, esse codigo não o deixará matar a um homem desarmado que não resiste.

— Estou vendo isso, exclamei afinal.

— E você sabe que eu mataria um homem desarmado tão calmamente como fumo um charuto, continuou Larsen. Conhece-me como sou; sabe o que valho, medido pelas medidas morais correntes. Pode chamar-me cascavel, tigre, esquilo, monstro, Caliban, e considerar-me tal — e, no emtanto, boneco de pano que você é! nunca será capaz de matar-me como mataria a uma serpente ou a um tigre, só porque tenho mãos e pés e um corpo da mesma forma que o comum dos homens! Bah! Esperei que aprendesse melhor as minhas lições, Humf.

Larsen ergueu-se donde estava e dirigiu-se para mim.

— Abaixe essa arma. Quero fazer algumas perguntas. Ainda não tive tempo de dar uma vista d'olhos na escuna. Em que ponto estamos? Por que está a Ghost aqui? Por que está você assim molhado? E Maud, onde anda ela? Perdão — Miss Brewster — ou já posso dizer Mrs. Van Weyden?

Eu havia recuado, quasi a chorar de odio da minha impotencia para matar aquele homem, mas não fui estupido a ponto de baixar a espingarda. Esperei, desesperançadamente, que ele rompesse as hostilidades — e nesse caso então certo que o atiraria.

— Esta é a ilha Endeavor, respondi á primeira das suas perguntas.

— Nunca ouvi falar nela, observou ele.

— Pelo menos foi o nome que nós lhe demos, disse eu corrigindo-me.

— Nós, quem?

— Miss Brewster e eu. A Ghost está encalhada na praia, como pode ver.

— Ha focas por aqui. Elas acordaram-me com os seus latidos — e só porisso não estou dormindo ainda. Ouvi-as quando cá cheguei, á noite. Foi o aviso que tive de estar numa costa. E' uma "nursery" de focas, a coisa que vim procurando toda a minha vida. Graças a meu irmão acabo de dar sobre um tesouro. Em que posição fica?

— Não tenho a menor ideia, respondi. Mas o senhor poderá saber aproximadamente. Quais as ultimas observações de bordo?

Larsen sorriu um sorriso inescrutavel e nada respondeu.

— Então, e os marinheiros onde andam? indaguei. Como acontece estar aqui sózinho?

Esperei como resposta o mesmo silencio e surpreendi-me da prontidão com que Lobo Larsen tudo revelou.

— Meu irmão aprisionou-me por quarenta e oito horas, e não por culpa minha. Abordou-me durante a noite, quando eu estava apenas com um homem de guarda. Os caçadores voltaram-se contra mim. Morte Larsen ofereceu-lhes maiores vantagens. Ouvi-o a fazer a proposta, bem na minha frente. A tripulação virou-me as costas, como era natural. Saíram todos e deixaram-me sózinho. Morte Larsen teve a sua revanche. Um negocio de familia, afinal de contas.

— Mas como a Ghost perdeu os mastros? perguntei.

— Examine os estáis, disse Larsen apontando para o mastro de mezena proximo, ou para o lugar onde fôra o mastro de mezena.

— Cortados a faca! exclamei surpreso.

— Não completamente. Examine bem. Foi um belo serviço.

Examinei melhor e vi que os estáis haviam sido cortados apenas em parte, de modo que a um sacão mais forte de vento o mastro viesse abaixo.

— Cooky fez isso, explicou Larsen sorrindo. Tenho a certeza de que foi ele. Vingou-se muito bem, não ha duvida.

— O'timo para Mugridge, observei eu.

— Foi o que pensei quando tudo veiu abaixo.

— Mas que fazia o senhor emquanto tudo isto se passava?

— Fiz o que pude — mas podia muito pouco, com todas as circumstancias voltadas contra mim.

Tornei a examinar o trabalho de Mugridge, e ainda estava nisso quando ouvi Larsen murmurar:

— Vou sentar-me aqui, para um pouco de sol.

Havia uma leve sugestão de fraqueza na sua voz, mas muito leve — e tão estranho me pareceu isso que volvi rapido os olhos para o gigante. Sua mão apalpava nervosamente as faces, como a limpá-las de imaginarias teias de aranha. Parecia-me cada vez mais diferente do Lobo Larsen que eu conhecera no apogeu da força.

— Como vão as suas dores de cabeça? perguntei.

— Ainda me torturam, e parece que vem vindo uma.

Larsen foi aos poucos escorregando donde estava até estirar-se ao comprido no convés. Em seguida voltou-se de lado e repousou a cabeça num dos braços, pondo o outro a resguardar os olhos da luz do sol. Fiquei a olhá-lo, cheio de espanto.

— Chegou a sua vez, Humf, murmurou ele.

— Não compreendo o que quer dizer, menti eu, pois compreendia tudo muito bem.

— Nada, acrescentou Larsen, como se estivesse caindo em modorra. Você apanhou-me como queria, é isso.

— Não, absolutamente, não! protestei. Eu queria vê-lo mas era a mil milhas longe desta praia.

Larsen riu-se, e daí por diante nada mais disse, nem fez nenhum movimento quando passei por ele de rumo á cabina. Ergui o alçapão da despensa e por alguns instantes sondei o escuro interno. Hesitei em descer. Poderia ser vitima da astucia do capitão, que me apanharia lá como rato em ratoeira. Voltei atrás e espiei de novo o inimigo. Estava na mesma posição de sempre. Voltei á cabina e desci á despensa, tendo a precaução de deixar trancada a porta da cabina. Inutil, isso. Voltei com a minha braçada de provisões sem que nada ocorresse.

Uma espiada em Larsen mostrou-me que não se mexera do lugar.

Tive uma idéia luminosa: tomar os revolveres do seu camarote. Eram, verifiquei-o logo, as unicas armas existentes a bordo. Para maior segurança, dei nova busca, chegando a tirar da cozinha até as facas de mesa. Depois lembrei-me do punhal que Larsen trazia sempre á cintura e aproximei-me dele para verificar se lá estava. Falei-lhe, a principio em tom natural, depois gritando. Larsen não se moveu. Aproximei-me mais e tirei-lhe o punhal. Respirei. Estava ele completamente incapacitado de atacar-me á distancia. Restavam-lhe apenas as mãos de gorila, mas delas eu saberia conservar-me sempre á distancia.

Enchi varias vasilhas com a minha pilhagem, tomei alguma louça da copa e fiz-me de volta á praia, deixando Larsen a tomar sol.

Maud ainda dormia. Assoprei as cinzas e febrilmente preparei o almoço. Ia a terminá-lo quando ouvi seus movimentos dentro da cabana. Maud arrumava-se, e assim que o café entrou em fervura o seu vulto surgiu á porta.

— Não está direito isso, foi a sua saudação. Anda a invadir as minhas atribuições.

Lembre-se que a parte da cozinha me pertence...

— E' só por esta vez, Maud, justifiquei-me.

— Bem; do contrario ficarei a imaginar que não está contente com a cozinheira.

Para regalo meu ela não se voltou para a praia onde estava a Ghost, e assim pude prolongar a brincadeira. Mas quando Maud viu café em chicaras de porcelana, e batatas fritas, e geléa de morango sobre bolachas, olhou para mim com os mais arregalados olhos que ainda vi — e depois voltou-os para o mar.

— Humfrey! exclamou atonita.

O inenarravel terror antigo tomara-a toda.

— Ele?!... indagou tremula.

Fiz que sim de cabeça.

CAPITULO XXXIII

Esperamos todo o dia que Lobo Larsen descesse em terra — e foram horas de intoleravel ansiedade. A cada momento punhamos os olhos na Ghost, certos de vê-lo surgir. Mas não surgia. Não se mostrou na amurada uma vez só.

— Talvez esteja ainda com a dôr de cabeça, sugeri. Deixei-o na popa e lá ficará a noite inteira. Estou com vontade de ir espiá-lo.

Maud olhou-me com ar reprovativo.

— Não haverá perigo, observei em tom de segurança. Levarei os meus revolveres; você bem sabe que não ha mais nenhuma arma a bordo.

— Não ha os braços, os musculos daquele monstro, as suas terriveis mãos? Oh, Humfrey, tendo-lhe um medo horrivel! Não vá, não vá...

E Maud agarrou-me as mãos, fazendo-me acelerar o pulso. Meu coração certo que se me mostrou nos olhos naquele momento. A minha amada companheira! O sol, o orvalho da minha varonilidade penetrando-a cada vez mais fundo e fortalecendo-se com a sua seiva! E meu braço foi-se erguendo para enlaçá-la, como no dia das fócas; mas reconsiderei a tempo e contive-me.

— Não arriscarei nada, repliquei. Apenas espiarei de longe.

Maud premiu-me a mão com mais força e deixou-me ir. A bordo notei que Larsen já não estava onde eu o deixara. Havia descido, evidentemente.

Voltei, e aquela noite passamos em guarda, ora vigilando eu, ora Maud, porque era imprevisivel o que Larsen poderia fazer.

No segundo dia passamos á espera do que desse e viesse, e tambem o terceiro. Larsen igualmente não deu sinal de si.

— Está com a dôr de cabeça, aventou Maud no quarto dia. Talvez muito doente, talvez morto...

— Ou morrendo, accrescentou depois de alguns instantes, como eu nada sugerisse.

— Melhor assim, Maud.

— Melhor assim? Terrivel se o fosse. Eu não poderia nunca perdoar-me o deixar morrer perto de mim uma criatura humana, sem amparo no ultimo momento. Temos de fazer qualquer coisa, Humfrey.

Calei-me, a pensar na sua solicitude por aquele monstro, ela que pouco antes não queria nem que eu me aproximasse da escuna. Maud era muito subtil para não compreender o que me passava pela cabeça — e foi direita ao ponto.

— Você precisa ir a bordo, Humfrey, e ver o que ha, disse ela. E se quer rir-se de mim, tem meu consentimento e meu perdão.

Ergui-me obediente e encaminhei-me para a escuna.

— Cuidado! gritou Maud de Longe.

Acenei-lhe com a mão de cima do castelo de prôa e pulei para o convés. Fui direito á cabina e gritei de certa distancia. Lobo Larsen respondeu debaixo. Dirigi-me a ele, mas de revolver engatilhado. Durante toda a nossa conversação mantive-o assim, sem que ele, entretanto, notasse essa atitude. Larsen pareceu-me o mesmo — abatido, lugubre. Poucas palavras trocamos. Não perguntei porque motivo não descera á praia, nem ele inquiriu da minha presença ali. Sua cabeça melhorara, foi tudo quanto me disse.

Maud recebeu essa nova com alivio evidente, e a vista de fumaça na chaminé da cozinha acabou de sossegá-la. No outro dia, e ainda no subsequente, vimos a mesma fumaça na cozinha e por vezes avistamos Larsen á popa. Não fez elc menção nenhuma de descer em terra. Nós

continuamos a passar as noites de atalaia, sempre receiosos daguma insidia.

Assim decorreu toda uma semana. Nossa preocupação exclusiva era Lobo Larsen. A presença ali daquele homem nos impedia de pensar noutra coisa.

Lá pelo fim da semana a fumaça deixou de aparecer e Larsen não mais mostrou-se á popa. A inquieta solicitude de Maud voltou, apesar de, timidamente ou orgulhosamente, evitar pedir que eu fosse vê-lo. Tudo bem considerado, como poderia eu levar a mal essa solicitude? Era o sublime do altruismo da mulher. Além disso, eu mesmo me sentia incommodado á lembrança daquele homem a morrer sozinho, com dois semelhantes tão proximos. Larsen tinha razão. O codigo da gente do meu tipo era mais forte que os instintos. O fato dele possuir pés, mãos e corpo igual ao meu, estabelecia para mim deveres que eu não conseguia illudir.

Não esperei que Maud me mandasse para lá. Notando a nossa falta de leite condensado e geleias, annunciei que iria a bordo buscar uma provisão. Mas Maud estremeceu — chegou mesmo a observar que não eram coisas indispensaveis para nós. E assim como de outra vez havia acompanhado a curva do meu silencio, seguia ela agora o fio das minhas palavras, certa de que eu não tencionava ir á Ghost por causa daquilo apenas, e sim para sossegá-la da inquietação que lhe lia nos olhos.

Descalcei as botas ao chegar ao castelo de prôa e caminhei sem ruido até á popa. Alcancei a cabina. Deserta. A porta da camara de Larsen estava fechada. Pensei a principio em bater; depois lembrei-me da razão ostensiva da minha visita e dirigi-me para a despensa. Ergui o alçapão sem ruido. E no meio de tantas provisões separei á vontade o que quís.

Quando ia saíndo ouvi rumor na camara de Lobo Larsen. Agachei-me á escuta. A porta da cabina onde me achava moveu-se e o vulto de Larsen mostrou-se aos meus olhos no momento em que me entrincheirava atrás da mesa, de revolver engatilhado. Jamais vi desespero tão profundo como o estampado em suas feições. Qual mulher em dores, o homem terrivelmente forte torcia as mãos e gemia. Depois correu os dedos pelos olhos, naquele seu gesto de afastar teias de aranha.

— Deus! Deus! exclamou — e seus punhos fechados ergueram-se para o céo como a acentuar o desespero que vibrava na palavra.

Era horrivel. Eu tremia todo, com arrepios a percorrerem-me a espinha e suor a gotejar da testa. Nada mais aterrorizante neste mundo que o espetáculo dum homem forte que cái.

Mas Lobo Larsen breve readquiriu o controle de si proprio num impressionante esforço de vontade. Vi que era esforço supremo. Seu arcabouço estremecera na luta. Deu-me a sensação dum homem á beira da quéda. Sua face lutava para readquirir o equilibrio, retorcendo-se num ageitamento. Uma vez mais estorcegou as mãos e rugiu. Respirou fundo, soluçou. E voltou a si. Era de novo o velho Lobo Larsen, embora sugerindo um pouco de fraqueza e indecisão. Não se demorou ali. Fez-se de volta para a escada — e notei que tambem o seu andar não tinha a firmeza de outróra.

Comecei a apavorar-me. O alçapão ficava diretamente na sua passagem e se ele o visse aberto descobrir-me-ia sem demora. E descobrir-me-ia agachado, como um ladrão que se insinua em casa alheia. Ergui-me então desafiadoramente e enfrentei-o. Larsen não deu sinal de ver-me, nem notou o alçapão aberto. Caminhou para ele como se estivesse fechado, e já com um pé no buraco ia caíndo quando o seu instinto o fez dar para a frente um daqueles famosos saltos de tigre. Veiu caír de peito bem sobre as minhas provisões.

A expressão que lhe vi no rosto foi de compreensão integral de tudo. Mas antes que eu pudesse adivinhar o que ele havia compreendido, Larsen fechou a tampa do alçapão, supondo-me lá dentro. Estava cégo, mais cégo que um morcego! Pús-me a observá-lo, retendo o folego afim de não ser percebido ali. Larsen dirigiu-se á sua camara e apalpou a porta para alcançar o trinco. Aproveitei a chança e fugi da cabina. Larsen reapareceu com uma pesada poltrona, que colocou sobre a tambe do alçapão; não contente, arrastou para lá varios outros moveis. Em seguida tomou as provisões, que eu pilhara e sobre as quais ele caíra de peito, e pô-las sobre a mesa. Quando saíu dali de rumo á escada, voltei para a cabina.

Larsen ficou no topo da escada, com os braços em repouso num rebordo. Sua atitude era a de um homem que olhasse para a frente ao longe da escuna, ou que contemplasse fixamente alguma coisa, pois não piscava. Eu me pusera a pequena distancia, sentindo-me qual fantasma invisivel. Aproximei-me. Agitei minha mão diante dos seus olhos, sem nenhum efeito; mas quando a sombra lhe passava pela retina vi que recebia qualquer impressão. Sua face tornava-se mais tensa, como no esforço de identificar o que era aquilo. Pressentia algo movel por ali, sem conseguir apreender o que fosse. E moveu vagarosamente a cabeça para a frente e para trás sob a sombra, e voltou-a á direita e á esquerda, ora na parte batida de sol, ora na sem sol, comparando as duas sensações, na ansia de adivinhar o que era.

A mim tambem me preocupava saber como podia ter ele a sensação, cégo como se achava, duma coisa tão intangivel como a sombra. Se apenas os globulos oculares estivessem afetados

e os nervos opticos ainda não de todo destruídos, a explicação seria simples. Em caso contrario, então era que a sensibilidade da péle estava tentando substituir a visão destruida. Ou tratava-se de um sexto sentido?

Abandonando a tentativa de localizar a sombra, Larsen atravessou o convés com firmeza e rapidez que me surpreenderam, embora sempre com aquela ponta de imprecisão que eu já lhe notara. Estava realmente cégo.

Como nota comica da tragedia, descobriu as minhas botas no castelo de prôa e levou-as para a cozinha. Vi-o acender fogo e dar começo ao preparo da comida. Voltei então á cabina, tomei as provisões furtadas e fui contar tudo a Maud — de meias, como estava.

CAPITULO XXXIV

— Foi pena que a Ghost perdesse os mastros, do contrario poderiamos navegar nela. Não acha que sim, Humfrey?

Púsme de pé, excitado.

— E' o que eu queria saber, Maud, respondi medindo passos de lá para cá.

Os olhos dela brilhavam de esperança. Maud tinha tanta confiança em mim! E essa confiança aumentava-me a força. Lembrei-me da frase de Michelet: "A mulher é para o homem como foi a terra para o seu filho lendario: quando caía, bastava beijá-la para sentir-se forte outra vez". Só então percebi o valor dessas palavras, e isso porque estava a vivê-las. Maud era tudo para mim, e pois uma fonte perene de força e coragem. Bastava-me pensar nela, ou olhar para ela, para sentir-me forte outra vez.

— Pode sim, pode sim, comecei a repetir em voz alta. O que um homem faz eu posso fazer — e até o que nenhum homem fez eu posso fazer.

— Que, Humfrey? exclamou ela. Que é que póde fazer?

— Podemos fazer, repeti corrigindo-me. Podemos arrumar na escuna um novo mastro e partir.

— Humfrey!

E eu senti-me orgulhoso da idéia como se já fosse uma realização.

— Mas como é isso possivel?

— Ignoro-o, respondi. Só sei que sou capaz de fazê-lo, sim, sim, sim.

E sorri para Maud cheio de orgulho — com tanto orgulho que ela baixou os olhos e guardou silencio por alguns instantes.

— Mas... e o capitão Larsen? advertiu depois.

— Está cégo e inofensivo, respondi, afastando-o das minhas cogitações como se fosse uma palha.

— Mas aquelas terriveis mãos? Você mesmo contou-me do pulo que deu sobre o alçapão da despensa.

— Mas não disse como saltei tambem e dele me desviei, respondi alegremente.

— E perdeu as botas...

— As coitadas não puderam escapar porque não tinham os meus pés dentro.

Rimo-nos ambos e em seguida pusemo-nos a trabalhar a sério, formando planos sobre o melhor meio de erguer na Ghost mastros novos.

Eu lembrava-me vagamente da fisica aprendida em meus dias escolares, mas a minha estadia no mar tinha-me ensinado muita coisa util agora. Devo entretanto dizer que quando voltei á escuna para examinar mais de perto o problema, desanimei. Por onde começar? A tarefa se simplificaria grandemente se tivesse ficado de pé um só mastro que fosse; serviria de ponto de apoio para o levantamento dos demais. Mas haviam tombado todos. Eu conhecia a teoria da alavanca — mas onde o ponto de apoio, o fulcro?

Havia o mastro mestre, com quinze polegadas de diametro na base e do peso aí dumas tres mil libras. Havia depois o mastro de mezena, de maior diametro e dumas quinhentas libras de peso a mais. Por qual deles começar? Maud quedou-se-me ao lado em silencio, emquanto em meu cerebro evolvia a mecanica do que os marinheiros chamam tesoura. Embora seja coisa velha para o mundo, tive de inventá-la de novo na ilha Endeavor. Amarrando duas vigas em forma de V poderia obter, a certa altura do convés, um ponto de apoio para o erguimento dos mastros.

Maud sentiu que eu estava na pista duma solução e seus olhos luziram de contentamento.

— Que vae fazer, Humfrey? perguntou-me.

— Concertar aquilo! respondi apontando para a escuna em pandarecos.

Oh, como me foi grata aos ouvidos a energia segura daquela decisão! "Concertar aquilo!" Se era possivel tal frase na boca do Humfrey Van Weyden de um ano atrás!

Devia haver algo melodramatico na minha enfase, pois Maud sorriu. O seu senso de humor era agudo e em tudo ela sentia logo o ponto falso. Foi o que lhe deu tanta finura ao lavor literario, fazendo-a conhecida em todos os países civilizados. A critica séria, com senso de humor e poder de expressão, impressiona os ouvidos do mundo. Instinto artistico das proporções.

— Estou certa de que já li isso em livros — a possibilidade disso — observou ela com voz de animação.

Mas tambem eu era dotado do senso artistico das proporções e caí — vim abaixo da posição a que me alçara, de dominador da materia, e fiz-me humilde.

Maud apertou-me a mão dizendo: Perdoa-me, Humfrey!

— Não é caso, retorqui. Fez-me até bem a sua leve ironia, Maud. Confesso que sou bastante livresco, e tenho ainda muito do rapaz de universidade. Mas o que me cumpre fazer é positivamente concertar aquilo. Venha comigo. Vamos começar.

— "Quando o lobo do mar desemaranha o cordame com a faca nos dentes..." citou Maud — um verso não sei de quem — e pelo resto da tarde fizemos mil planos brincalhões sobre a tarefa em vista.

A parte de Maud no serviço consistia em manter o bote em posição, emquanto eu desemaranhava as cordas que, como algas, pendiam pelo costado da escuna, mergulhando-se no mar. Tive de desatar, desenlear, cortar — desembaraçar, em suma, aquele infinito cordame como a costureira desembaraça uma maçaroca de linha. Isso custou-me muito esforço e pôs-me molhado da cabeça aos pés.

Tambem tive de cortar a lona das velas que por estar molhada deu-me trabalho duplo. Mas antes de caír a noite pude ver toda a maçaróca desembaraçada e estendida na areia para secar. Cansamo-nos bastante. Em compensação o serviço rendeu.

No dia seguinte, sempre ajudado por Maud, subi á Ghost para desembaraçar a base dos mastros. Estavamos nisso quando o rumor que faziamos chamou a atenção de Lobo Larsen.

— Olá, aí em cima! gritou ele.

O som da sua voz vez Maud achegar-se a mim — e agarrada ao meu braços ficou durante todo o curso do dialogo.

— Olá, aí em baixo! respondi. Bom dia, amigo!

— Que está fazendo? perguntou Larsen. Esburacando o meu navio para metê-lo ao fundo?

— Justamente o oposto. Estou concertando-o.

— Que é que está concertando? perguntou ele com surpresa.

— Os mastros. Vou reerguer os mastros, respondi como se aquilo fosse a coisa mais simples do mundo.

— Vejo que está agora realmente sobre as proprias pernas, Humf, disse Larsen — e guardou silencio por algum tempo. Depois:

— Mas, Humf, você não póde fazer isso.

— Como não, se já estou fazendo, redarguí.

— Este navio é meu, minha propriedade particular. Eu o proíbo disso.

— Não poderá proíbir, repliquei. O amigo esquece que já não é o pedação de fermento que engulia os pedacinhos? Já foi, em tempos, um fermentão capaz de engulir a mim, como tantas vezes disse; mas tudo mudou e eu agora é que posso engulir Larsen. O fermento que Lobo Larsen é, embolorou, perdeu a força.

Larsen teve uma risada desagradavel e disse: "Vejo que está a jogar contra a mim a minha filosofia, mas não me avalie menos do que valho, Humf. Fique avisado.

— Avisado? Oh! Virou então, agora, filantropista? foi a minha replica. Mas isso de avisar-me para o meu bem, confesso, Lobo Larsen, que é muita fraqueza...

Ele pareceu não perceber o sarcasmo e disse:

— Suponha que eu feche agora a escotilha. Não me enganará, então, como me enganou com a tampa da despensa.

— Lobo Iarsen, respondi com severidade, bem sabe que sou incapaz de meter uma bala na cabeça dum homem desarmado e doente. Já teve a prova disso. Mas agora dou-lhe a minha palavra de que o atirarei sem vacilação, se fizer o menor áto de hostilidades contra mim. Se dá um passo para fechar a escotilha, juro que o atiro daqui onde estou. Experimente.

— Não obstante, proíbo-o de tocar em meu navio. Proíbo, está ouvindo?

— Mas, homem de Deus! Que historia de "meu" navio é essa? Admite então a força moral do possessivo, em vez de admitir sómente a força fisica, como outróra? Lobo Larsen jamais atendeu a direitos morais nas suas relações com os outros — só considerava o direito da força. E como concebe que Humf não faça agora o mesmo?

Eu me havia encaminhado para a entrada da escotilha de modo a poder guardar os seus movimentos. A falta de expressão daquele rosto, devida aos olhos largamente abertos, era apavorante.

— E ninguem aqui para me prestar obediencia, rosnou ele, nem mesmo o antigo Humf.

O rosnido sarcastico estava apenas na voz; o rosto mantinha-se na mesma inexpressão.

— Como passa, Miss Brewster? disse ele depois duma pausa.

Admirei-me daquilo, porque Maud não havia feito o menor rumor, apavorada como ficara desde o primeiro momento. Seria que algum resto de visão se salvara na sua cegueira? estava-lhe voltando a visão?

— Muito bem, capitão Larsen, respondeu Maud. E o senhor? Como passa? Como percebeu minha presença aqui?

— Ouvi a sua respiração. Escute. Vê como Humf está melhorando?

— Não sei, capitão, respondeu Maud sorrindo para mim. Eu sempre o conheci como ele é.

— Queria que o tivesse visto nos começos...

— Tomei Lobo Larsen em doses fortes, foi o que me fez mudar, repliquei.

Larsen insistiu na sua ameaça.

— Mais uma vez o aviso, Humf, que o melhor é deixar as coisas como estão.

— Mas não quer salvar-se daqui, como nós? perguntei com ar incredulo.

— Não, foi sua resposta. Quero morrer aqui.

— Sua alma, sua palma. Mas nós não pensamos assim, está entendendo? — e calmamente recomecei a minha tarefa interrompida.

CAPITULO XXXV

No dia seguinte ficaram livres os buracos de encaixe dos mastros e comecei o trabalho de ageitá-los. Um deles tinha mais de trinta pés de comprido e o outro, quasi trinta; eu ia aproveitá-los para a tesoura de suspensão. Serviço pesadissimo. Meti uma corda no guindaste e comecei a içar o primeiro. Maud ajudava-me na roda do guindaste.

Fiquei surpreso da facilidade com que tão pesada madeira subia. Era um guindaste ótimo, de muito rendimento. Quando o topo do mastro chegou ao nivel do convés, tudo parou, num empate de forças.

— Eu devia ter previsto isto, murmurei com impaciencia. Temos de recomeçar.

— Por que não amarra a corda no meio do mastro? sugeriu Maud.

— E' o que deveria ter feito, concordei, descontente comigo mesmo.

Fiz o mastro descer de novo até á agua e atei a corda a um terço do comprimento, a partir da base — e dentro duma hora, contando os descanços, icei o madeiro ao maximo que o guindaste dava. Oito pés da base do mastro ficaram acima da amurada. E o resto? Senteime para ponderar o problema. Subito, dei um salto. Eureka!

— Está tudo resolvido, gritei. A corda deve ficar no centro da gravidade. Aprendi isso e vai servir-me muito para o diante.

O mastro foi de novo descido á agua afim de receber a corda no ponto conveniente. Erguemol-lo de novo, mas ainda errado. Subio com a ponta para cima, como antes havia subido com a base para cima. Maud fez cara de desespero; mas soceguei-a dizendo que estava tudo ótimo.

Expliquei-lhe como devia fazer — como devia afrouxar a corda quando eu désse ordem, e continuei na tentativa. Lentamente o mastro foi arrumado de modo a equilibrar-se em angulo réto com a amurada, e então, com surpresa, descobri não ser necessario que Maud afrouxasse a corda; o contrario, sim, era preciso.

Expliquei-lhe como devia proceder, e que estivesse pronta para afrouxar o cabo quando eu dissesse; segurei o mastro e procurei com um balanço fazê-lo passar sobre a amurada. Quando julguei oportuno o momento, dei-lhe ordem de afrouxar o cabo — mas em vez de entrar, o mastro lá se foi para a agua novamente. Tivemos de içá-lo de novo, para uma nova tentativa, já agora com um terceiro plano. Lembrei-me dos moitões e fui procurar um.

Emquanto estava a colocá-lo, Lobo Larsen reappareceu em scena. Não trocamos outras palavras senão bom dia! e embora ele nada pudesse ver, sentou-se ali por perto, afim de seguir pelos sons o nosso trabalho.

Dando novas instruções a Maud para afrouxar a corda quando eu fizesse sinal, continuei o içamento. Aos poucos o mastro chegou á posição necessaria, em angulo réto com a amurada. Ageitado o aparelho de espera, girei o guidaste e lentamente consegui meter o mastro dentro do convés.

Consultei o relogio: dose horas. Minhas costas doiam; a fome era grande e todo o resultado daquele imenso trabalho não passava da mudança de lugar dum pedaço de madeira. Pela primeira vez avaliei justo a extensão da empresa a que eu me propusera. Tinha de ir aprendendo e fazendo.

Voltamos ao trabalho mais tarde, depois de

bem restaurados por uma excelente refeição, e agimos com muito mais eficiencia.

Em menos duma hora meti no convés o segundo mastro e pude dar começo á armação da tesoura. Amarrei o topo dos dois mastros e no ponto de junção coloquei a roldana, mais os moitões, e estava pronto o rude aparelho de içar. Para que não escorregasse na madeira do assoalho, tive de segurar os pés de tesoura com cunhas de madeira pregadas ao chão. O guindaste em seguida a poria a prumo.

O crepusculo vinha caíndo quando dei por terminados os trabalhos do dia. Lobo Larsen, que por ali ficara sentado a tarde inteira sem proferir palavra, dirigiu-se á cozinha afim de preparar a ceia. Eu sentia-me com terrivel dor nas costas, mas com justificado orgulho contemplava o meu trabalho. Estava ansioso qual uma criança para içar qualquer coisa na minha rude machina de içar.

— Pena ser tão tarde, murmurei. Estou ardendo por ver como ela trabalha.

— Não seja tão guloso, Humfrey, caçoou. Lembre-se de que está cançado de mal poder manter-se em pé. Amanhã prosseguiremos.

— E você? Cançada tambem? Olhe que trabalhou de rijo! Sinto-me tão orgulhoso de você, Maud...

— Não tanto como eu de você, Humfrey, e tenho razões para isso, murmurou ela olhando-me nos olhos com uma expressão muito sua mas que eu desconhecia, na qual um brilho estranho lhe dançava nas pupilas; e isso pôs-me em doce estado de enlevo. Em seguida Maud baixou os olhos, para logo depois ergue-los, sorridente como de costume.

— Se nossos amigos pudessem ver-nos! murmurou. Olhe em que estado estamos! Já se deteve um momento para ver como estamos, Humfrey?

— Sim, sim, respondi, admirado da subita mudança de expressão e de assunto. Já muitas vezes me detive para observar isso.

— Obrigado pela curiosidade, exclamou ela. E que lhe pareço?

— Um espantalho, Maud! respondi. Essas saias rotas... Olhe só aqui este rasgão de tres pontas. E essa blusa! Não é preciso ser um Sherlock para adivinhar que andou a cozinhar foca em fogão ao relento. E esse gorro, Maud! E dizer que tal conjunto se chama: a mulher que escreveu o "A Kiss Endured"...

Maud fez uma reverencia.

— Tudo para vós, senhor...

Durante os cinco minutos de conversa nesse tom de brinquedo, senti atrás dele algo sério e apreensivo, que só poderia relacionar-se á luz fugaz que tinha visto nos olhos de Maud. Que significava tal luz? Seria que nossos olhos começam já a falar uma linguagem diferente da articulada? Que poderia significar aquela expressão — aquela luz dançante e tremula, aqueles infinitos nadas que a palavra não consegue descrever? Meus olhos já haviam falado diversas vezes essa linguagem nova — e, como culpados que eram, eu os forcei ao silencio. Isso ocorrera varias vezes. Mas teria Maud entendido essa linguagem? Seria uma replica, a luz tremula e dançante que lhe vi nos olhos? Eu não era perito na linguagem do olhar. Não passava de Humfrey Van Weyden, um homem ainda ingenuo que amava. E amar, e esperar, e conseguir ser amado constituia para mim algo de glorioso. Nisso vim pensando ao saír da escuna, de rumo ao nosso acampamento.

— E' um desastre que depois do dia tão trabalhoso não possamos ter uma noite continua de sono, queixei-me durante o jantar.

— Mas será que ainda correremos perigo? Um homem cégo, Humfrey.

— Não podemos ter nele a menor confiança, adverti, e muito menos agora que está cégo. O provavel é que a cegueira o faça ainda mais perverso. Amanhã, porém, já sei o que fazer. Lançar uma ancora leve, de modo que a escuna possa ficar mais longe da praia. Desse modo, quando voltarmos do serviço em nosso bote, o senhor Larsen ficará lá prisioneiro. Esta vai ser a ultima noite em que faremos guarda.

Levantamo-nos muito cedo no dia seguinte e já haviamos terminado o break-fast quando o sol rompeu.

— Olha lá Humfrey! ouvi Maud exclamar com desespero.

Olhei para ela. Estava voltada para a **Ghost.** Voltei-me tambem e nada percebi de anormal.

— A nossa tesoura! exclamou Maud com voz tremula.

Eu não me lembrava mais da tesoura. Olhei de novo e vi que a tesoura havia desaparecido.

— Se ele... comecei, mas Maud tapou-me a boca e disse: Ergueremos outras, Humfrey.

— Sim, Maud, a minha ameaça nada significa; bem sabe que não mato uma mosca, disse eu num sorriso triste. E o peior é que Larsen sabe que sou assim. Você tem razão. Se ele desfez a nossa tesoura, nada mais nos resta senão armar outra. E ficarei lá de guarda. Se Larsen interferir de novo...

— Mas não posso ficar sozinha nesta praia á noite, Humfrey! Que bom se ele vivesse amigamente comnosco e quisesse ajudar-nos! Poderiamos viver a bordo os tres muito confortavelmente.

— Havemos de fazer assim, assegurei com ferocidade, ainda irritado no fundo da alma pela destruição da nossa tesoura. Isto é, eu e você iremos viver a bordo, com ou sem o assentimento de Lobo Larsen.

— Que infantilidade dele, fazer tal coisa! acrescentei logo depois, e que tolice minha, irritar-me!

Mas meu coração revoltou-se novamente quando subi á escuna e vi a destruição que Larsen operara. A tesoura havia desaparecido. Tudo mais fôra destruido e espalhado pelo convés. As cordas estavam picadas. Tive um palpite — o guindaste. Corri a ele: não funcionava mais! Eu e Maud olhamo-nos consternados. Procurei os mastros e vergas e velas. Tudo desaparecido...

Vi lagrimas nos olhos de Maud e creio que por minha causa. Eu tambem me senti quasi a chorar. Em que déra o nosso maravilhoso projecto de fazer a **Ghost** navegar novamente! A destruição de Larsen fôra perfeita. Sentei-me junto á escotilha, de queixo nas mãos, numa tristeza sem fim.

— Merece, não ha duvida. Ele merece a morte, murmurei, mas não sou bastante duro para fazer-me seu carrasco...

Maud veiu para meu lado e correu os dedos finos pelos meus cabelos, como se amimasse uma criança.

— Tudo acabará bem, disse ela. Paciencia Humfrey, paciencia.

Lembrei-me de Michelet; inclinei para o seu regaço a minha cabeça — e senti-me forte de novo. Aquela abençoada criatura me era uma inesgotavel fonte de força. Que importava o desastre? Uma pequena demora, nada mais. A maré não havia arrastado os mastros dalí e não havia vento. Eu poderei remediar tudo — e aproveitaria a lição. Se Larsen não tivesse feito aquilo tão no começo, seria ainda peior. Talvez destruisse irremediavelmente toda a nossa obra, depois de a termos completado.

— La vem vindo! murmurou Maud.

Olhei. Larsen caminhava lentamente a bombordo.

— Finja que não dá por ele, sussurrei para Maud. Larsen vem vêr como recebemos o seu trabalho de destruição. Não lhe daremos o gosto de gosar o nosso desapontamento. Tire os sapatos — assim. Leve-os na mão.

E entramos a jogar a cabra-céga com o terrivel cégo. Quando vinha por um lado, passavamos para o outro — e divertiamo-nos de vê-lo perseguir-nos em vão.

Mas ele devia ter percebido a nossa presença a bordo, porque nos saudou com um bom dia! ficando parado, á espera de resposta.

— Oh, eu sei que vocês estão a bordo, disse por fim, ficando tambem dessa vez á escuta.

Sua atitude fez-me lembrar uma coruja que depois de desferir um grito lugubre fica atenta á agitação que sua voz causa nos animaizinhos assustados. Mas nós não mostramos nenhuma agitação; não demos sinal de nossa presença e sómente nos movemos quando ele se moveu. E desse modo ficamos no convés, de mãos dadas, como duas crianças que se escondem dum papão terrivel, até que Lobo Larsen, aborrecido, se recolhesse ao seu camarote. Por fim, com os olhos dançantes de alegria e a abafar o riso, fomos calçar nossos sapatos para a retirada. Que importava o mal que ele nos tinha feito? Com os olhos em Maud, dentro do bote, eu era todo amor, e graças a esse amor não me faltariam forças para a vitoria.

CAPITULO XXXVI

Durante dois dias eu e Maud exploramos inutilmente o mar por perto, em procura dos mastros perdidos. Só no terceiro os achamos, a todos eles e tambem á tesoura; estavam num ponto perigoso a sudoéste, onde a ressaca rugia brava. Deu-nos grande trabalho o removê-los dalí, mas já no primeiro dia de luta pudemos rebocar para a enseada o mastro grande. Fizemo-lo á força de remos, pois que reinava absoluta calmaria.

Com outro dia de trabalho arriscado e exaustivo conseguimos rebocar os outros dois. Faltava o resto; ligamos tudo como jangada e num esforço inaudito tratamos de rebocar esse resto no terceiro dia. O vento voltara a soprar, de modo que esperei fazer a manobra á força de vela; mas logo caíu, e foi necessario mover aquilo a remo, com lentidão de lesma. E com que esforço! Afundar o remo nagua, deitar sobre ele todo o peso do corpo e ver a carga apenas mover-se, como segura pelo mar...

A noite sobreveiu, e por azar trouxe um vento que não sómente impediu a marcha para a frente como ainda nos começou a arrastar para longe. A pobre Maud, que dava sempre o maximo do seu esforço, teve de deitar-se á popa para descanço, de tal modo exausta se viu. Minhas mãos inchadas chegaram a não poder mais

com os remos. Todos os musculos me doiam, e apesar de bem alimentado ao almoço estava quasi a desmaiar de fome.

Recolhi por fim os remos e curvei-me para o cabo que ligava o bote á jangada de material. A mão de Maud deteve-me.

— Que vai fazer? perguntou com voz cançada.

— Desatar a corda, respondi dando começo a isso.

Mas os seus dedos impediram-mo.

— Por favor, não! pediu.

— Inutil, respondi. A noite está aí e o vento bate contra nós. Inutil todo o esforço.

Mas reflita, Humfrey. Se não pudermos arrumar a Ghost teremos de ficar para sempre nesta ilha deserta. Se ninguem a descobriu até hoje é provavel que a não descubram jamais.

— Você esquece o bote velho que encontramos na praia, repliquei.

— Era um bote de caçadores de focas; bem sabe que se eles tivessem conseguido escapar daqui com vida teriam voltado para pilhar as focas da "nursery". Mas não puderam voltar...

Fiquei indeciso.

— Além disso, acrescentou Maud, a idéia de aparelhar a Ghost foi sua, e quero vê-lo vencedor.

Agora eu podia resistir, pois que Maud pusera a questão em termos de lisonja pessoal. A generosidade compelia-me a resistir.

— Antes passarmos a vida toda nesta illha do que morrermos neste bote, hoje, amanhã ou depois. Não estamos preparados para arrostar o oceano. Não trouxemos provisões, nem sequer cobertas. Você não sobreviveria, se passasse aqui uma noite ao relento. Conheço a sua resistencia, Maud. Olhe, já está tiritando.

— E' nervoso só, justificou-se ela. E' medo de que você solte a jangada. Oh, não Humfrey! Não desanime! Insista um pouco mais!

E não pude contrariá-la por mais tempo; ficamos no bote e passamos a noite a tiritar enregelados. De vez em quando nos vinha um acesso de sono, mas não havia dormir — o frio não nos deixava. Como podia Maud suportar aquilo? Chegara a tal ponto de entanguimento que eu tinha, com as poucas forças que me sobravam, de friccionar-lhe as mãos e os pés, afim de restabelecer a circulação. Mesmo nesse estado, continuava a insistir para que eu não abandonasse a jangada de material. Alí pelas tres da madrugada teve uma caimbra de frio, e por mais que eu a friccionasse ficou entorpecida. Tive medo. Coloquei os remos na forquilha e obriguei-a a remar, a despeito do exaurimento em que se achava. Era o remedio. Afinal rompeu o dia — e tivemos por algum tempo de procurar, na distancia, a situação da nossa ilha. Vimo-la lá muito ao longe, no horizonte, qual manchinha negra, a umas quinze milhas. Explorei o mar em torno com os oculos de alcance.

— Estamos com o vento a favor, Maud, gritei com voz tão rouca que a mim mesmo me soou estranha.

Ela quís responder. Não poude. Seus labios estavam roxos de frio, e os olhos lá no fundo — mas que heroica me pareceu! Que imensamente corajosa!

Pús-me de novo a esfregar-lhe as mãos e mover-lhe os braços como em ginastica, até que ela pudesse fazer isso por si mesma. Em seguida forcei-a a ficar de pé — e teria caído ao erguer-se, se eu a não segurasse. Depois forcei-a a andar de lá para cá no bote, para desentorpecer as pernas, e finalmente obriguei-a a dar saltos.

— Que valente você é, Maud! exclamei ao ver que a vida lhe voltava ao rosto. Sabe que é absolutamente heroica?

— Nunca fui assim, Humfrey, respondeu ela. Só depois que nos conhecemos. Quem me fez heroica foi você.

— E comigo deu-se o mesmo, Maud. Você me fez o que sou...

Ela olhou-me de novo com aqueles olhos onde dançava a luz tremula que dizia mundos. Por uns instantes só. Em seguida sorriu.

— E' a situação que nos impõe isto, corrigiu-se, procurando contradizer com palavras a linguagem dos olhos.

O vento continuou a soprar na direcção da ilha, de modo que lá pelas tres da tarde passamos o promotorio a sudoéste. Que fome! Literalmente morriamos de fome e sêde. Tinhamos os labios rachados, de tão secos, e nem siquer podiamos humedecê-los com saliva; a lingua se nos secara tambem. Mas o vento foi caíndo, e á entrada da noite tive de voltar aos remos. A marcha foi tão vagarosa que só ás duas da madrugada o bote abicou na praia. Saltei em terra. Maud não podia suster-se de pé e eu estava sem forças para carregá-la. Tentei fazê-lo, entretanto, e vimos ao chão os dois. Descancei uns momentos; em seguida, com as mãos sob as suas axilas, puxei-a até á cabana.

O dia seguinte foi de repouso. Dormimos até de tarde, ou pelo menos dormi eu; quando acordei vi Maud a preparar o jantar. A sua faculdade de recuperação de energia era prodigiosa.

— Já contei que eu estava de viagem ao Japão a bem da saúde, disse ela depois do jantar, quando estavamos a preguiçar diante do fogo. Não me sentia forte — nem nunca fui muito forte. Os medicos receitaram-se viagens de mar — e escolhi a mais comprida — Japão.

— Quando havia de imaginar o que estava escolhendo, Maud! exclamei sorrindo.

— Mas a experiencia fez de mim uma criatura diversa da que fui; tornou-me muito mais forte e, ao que espero, muito melhor. Conheço mais a vida e portanto posso compreendê-la mais a fundo.

Em seguida começamos a ponderar sobre a cegueira de Lobo Larsen. Era inexplicavel. Coco prova da gravidade do caso, lembrei a sua declaração de que iria morrer na escuna. Quando um homem como aquele, forte, fortissimo, amigo da vida, aceita a morte, é claro que está movido por algo mais do que a simples cegueira. Havia ainda as terriveis dores de cabeça, e concordamos que deviam acarretar um enfraquecimento do cerebro, e que durante os ataques talvez Larsen sofresse mais do que era possivel conceber.

Notei, durante a conversa, que a simpatia de Maud pára com Lobo Larsen mais e mais se acentuava — e tive de compreender como era suavemente feminina tal simpatia. E eu não interpretava erroneamente os seus sentimentos. Maud concordava em agirmos com grande argucia para nosso salvamento, embora esfriasse um tanto á sugestão de que eu poderia ser compelido a matar Lobo Larsen.

Pela manhã seguinte, almoçamos cedo e retomamos o trabalho. Encontrei no porão de prôa uma ancora pequena, que com algum esforço arrastei até ao convés, e de lá passei para o bote, com o cuidado de bem amarrar na escuna a ponta da corda — e fui de bote lançar a ancora ao mar, no ponto conveniente. Não havia vento; a maré estava alta e a escuna fluctuava. Pensei em estirar a corda com o guindaste afim de aproximar o barco da ancora; o guindaste não funccionou; tive de fazer essa operação a musculo. Mas a ancora era pequena demais para suster a escuna — o que me obrigou a deitar á agua a ancora de estibordo. Em seguida fui-me ao guindaste. Era forçoso concertá-lo.

Tres dias ocupei-me nisso, sem nada conhecer de mecanica; passei todo esse tempo a fazer o que a um maquinista qualquer tomaria tres horas. Para começar, houve necessidade de ir aprendendo o uso das ferramentas, uma por uma. Mas venci. Ao cabo desses tres dias, o guindaste poude funccionar de novo, embora nunca mais désse o rendimento antigo.

Em meio dia, icei para bordo os mastros, a tesoura e mais acessorios, como da primeira vez, E para segurança dormi na coberta. Tinha de defender o meu trabalho. Maud recusou-se a ficar só em terra e veiu dormir no castelo de prôa. Lobo Larsen apareceu a fiscalisar o serviço; sentou-se junto a nós, ficando a "ver-me" concertar o guindaste e a conversar sobre assuntos diversos. Não fez nenhuma referencia a destruição do meu primeiro trabalho; tambem não insistiu na sua ordem para que abandonassemos a escuna.

A' noite fui despertado por passos no convés. Estava cheio de estrelas o céo e á luz delas divisei o vulto enorme de Larsen que se aproximava. Pulei de sob as cobertas e, sem sapatos, esgueirei-me sem ruido atrás dele. Vinha armado duma faca tirada da caixa de ferramentas, com intenção evidente de cortar a corda que amarrava as pernas da minha tesoura. Tateou-a, percebeu que não estava bem esticada. Esticou, então, porque só assim poderia cortá-la de um só golpe.

— No seu caso eu não faria isso, disse-lhe eu com toda a frieza.

Larsen ouviu o ruido do revolver a engatilhar-se.

— Olá, Humf! exclamou ele. Eu sabia que você estava aqui — que esteve aqui todo o tempo. Você não me engana os ouvidos, não.

— Mentira. Lobo Larsen mente, afirmei com a mesma calma gelida. Mas não importa; ando ansioso por uma justificativa que me permita matá-lo. Vá. Continue. Corte a corda.

— Você tem sorte, Humf, respondeu ele rindo-se.

— Vamos, continúe. Corte a corda, repeti ameaçadoramente.

— Não. Prefiro desapontá-lo, privando-o da justificativa que tanto deseja, foi a replica de Larsen que, sorrindo, afastou-se dalí.

— Temos que agir, Humfrey, observou Maud na manhã seguinte, quando lhe contei o acontecido. Se o capitão continúa com liberdade de movimentos poderá ainda fazer-nos muito mal. Poderá afundar a escuna, ou incendiá-la. Por que não metê-lo a ferros?

— Como? exclamei com desespero. Não me atrevo a chegar ao alcance dos seus braços — e Larsen sabe que sem uma justificativa jamais o matarei a tiro.

— Deve haver algum geito, insistiu Maud. Deixe-me pensar...

— Sim! Ha um... exclamei logo depois, agarrando um varapau de abater focas. Isto não o matará, apenas o fará perder os sentidos — e antes que volte a si o terei amarrado.

Maud sacudiu a cabeça.

— Não, não. Deve haver um meio menos brutal. Reflitamos.

Mas não houve necessidade de refletir. O problema resolveu-se logo depois por si mesmo. Estava eu ocupado em içar a bordo o mastro de traquete e Maud governava o guindaste. Se esse aparelho estivesse na devida fórma, não haveria dificuldade nenhuma na operação, mas como funcionasse mal, eu era obrigado a somar com a dela a força dos meus musculos, o que

me cançava, impondo amiudados descanços. Ao cabo de uma hora, e com o trabalho ainda em meio, paramos ambos. Lobo Larsen aparecera no convés.

Notei imediatamente algo de estranho em seus modos. A indecisão, a fraqueza dos movimentos acentuava-se cada vez mais. Tinha a marcha incerta. No começo da popa entreparou e correu os dedos pelo rosto, naquele gesto de limpá-lo de imaginarias teias de aranha. E subitamente vacilou, estendendo os braços como em procura de apoio. Firmou-se de novo, deu mais uns passos e por fim desabou no assoalho.

— Ataque! Está com o ataque! murmurei para Maud.

Corremos para ele. Larsen parecia inconciente e respirava com grande esforço. Maud ergueu-lhe a cabeça e pediu-me que trouxesse do camarote um travesseiro. Assim fiz e trouxe tambem umas cobertas. Tomei-lhe o pulso. Normal. O caso intrigou-me.

— E se fôr fingimento, Maud? Se fôr embuste?

Ela sacudiu a cabeça em gesto de censura. Nesse momento o punho de Larsen, que eu segurava, escapou-se da minha mão — e senti-me agarrado por tenazes de aço. O terror arrancou-me um grito inarticulado. O rosto de Larsen revelava o apogeu da malignidade triunfante, e seu braço inexorável ia-me constringindo num amplexo de serpente.

Prendera-me de modo que eu não podia fazer nenhum movimento com os braços, e levou uma das mãos á minha garganta. Senti nesse instante o pavor da morte. Vitima da minha propria estupidez! Por que me arriscara tanto, a ponto de pôr-me ao alcance daqueles braços terriveis? Percebi o contacto de outras mãos na minha garganta; eram as de Maud, que tentava abrir os dedos do gigante. Nada conseguiu, e soltou então um grito lancinante. Recebi-o fundo em minha alma, qual punhalada. Gritos assim eu só ouvira durante o naufragio do **Martinez.**

Meu rosto estava comprimido contra o peito de Larsen, de modo que eu nada podia vêr. Mas ouvi Maud afastar-se a correr pelo convés. Tudo transcorria com rapidez infinita. Eu ainda não perdera os sentidos. Ouvi de novo os passos de Maud. Voltava a correr. Subito, senti que Larsen se remexia debaixo de mim. O folego abandonava os seus pulmões e os musculos do seu peito como que cediam ao meu peso. Sua garganta grugulejou rouca. A mão constristora abriu-se. Respirei. Seus dedos tentaram apertar-me de novo, mas apesar dum tremendo esforço de vontade Larsen esmorecia. Começava a perder os sentidos.

Os passos de Maud já se faziam ouvir bem perto quando a mão de Larsen descaiu da minha garganta, frouxa. Rolei para longe — livre, ofegante, a piscar, para a luz do sol. Meus olhos procuraram Maud. Lá estava ela, muito palida, porém firme. O varapau de abater focas que trazia consigo veiu por terra. Uma infinita alegria me encheu a alma. Na realidade era ela a minha mulher, a minha companheira, a que lutava comigo e por mim, como lutou outróra a companheira do homem das cavernas. Renascera em Maud a mulher primitiva; ela esquecera a cultura e mostrara a tempera rija que as maciezas da civilização não tinham conseguido quebrantar.

— Minha cara mulher! gritei erguendo-me — e caímos nos braços um do outro, a chorar convulsivamente num amplexo violento. Meus olhos deslumbraram-se com a sua luxuriante cabeleira castanha, em rebrilhos ao sol como a mais preciosa das joias. E docemente beijei-lhe os cabelos macios.

Mas voltei logo a mim. Afinal de contas ela não passava duma mulher que depois de afastado o perigo chorava nos braços do seu protetor ou do seu protegido. Fosse eu seu pai ou irmão, e não teria agido de outro modo. Senti, entretanto, que ainda não chegara o momento proprio para declarar o meu amor. Beijei-lhe de novo os cabelos e desfiz o abraço.

— Foi um novo ataque, disse eu. Uma congestão cerebral como a que o pôs cégo. Começou fingindo e...

Maud já estava novamente arrumando o travesseiro sob a cabeça de Larsen.

— Não! disse eu. Não ainda! Agora que o temos vencido havemos de conservá-lo assim. Dóra em diante passaremos a morar no seu camarote e vai ele para a timoneira.

Disse e fiz. Arrastei Larsen até á escada. Maud trouxe-me uma corda que lhe corri em laçado sob as axilas — e fiz o corpo inerte de Lobo Larsen descer até ao fundo. Lá o rolei para um beliche comum de marinheiro.

Mas não foi tudo. Fui buscar ao seu camarote as fortissimas algemas que usava para meter a ferros os seus homens e algemei-o de pés e mãos. E respirei. Pela primeira vez depois de tantos dias respirei livremente. Senti-me leve, como se me houvessem tirado das costas um peso imenso. Tambem senti que eu e Maud nos aproximaramos ainda mais — como nunca

CAPITULO XXXVII

Fizemos imediatamente a nossa mudança para a **Ghost**, onde ocupamos as nossas velhas cabinas. Tambem passamos a cozinhar a bordo. O aprisionamento de Lobo Larsen ocorrera muito a proposito, visto como o veranico da estação ia no fim e a época das tempestades já se denunciava.

Tinhamos bastante conforto ali. A tesoura, apesar de grosseira, dava um ar de atividade e movimento á escuna. Mas com Larsen algemado as incertezas quanto á nossa salvação haviam desaparecido. Aquele segundo ataque fôra seguido de profunda quéda de forças. Larsen ficava o tempo todo deitado sobre o lado esquerdo, a estorcegar-se. Maud verificou isso á tarde, quando tentou fazê-lo receber algum alimento. Larsen mostrava sinais de vida cerebral, mas não respondeu ás perguntas. Deitado do lado esquerdo estava evidentemente sob a tortura das dores. Com um inquieto mover de cabeça libertou o ouvido esquerdo da pressão do travesseiro e respondeu por fim a uma das perguntas de Maud. Ela correu para onde eu estava. Chamou-me. Fui para lá. Comprimi o travesseiro sobre o ouvido esquerdo do doente e perguntei-lhe se me ouvia. Não deu sinal de nada. Removi o travesseiro e repeti a pergunta —e elle então respondeu.

— Sabe que está surdo do ouvido esquerdo?

— Sim, foi a sua resposta em voz forte. Mas ha peior. Todo o meu lado direito está inerte, como que adormecido. Não posso mover braço, nem perna.

— Fingindo outra vez, hein?

Larsen meneou a cabeça, e na sua boca dura desenhou-se o mais estranho e retorcido rictus. Horrivel, pois que só metade dos musculos faciais tomava parte nele.

— Aquela foi a ultima façanha do lobo, disse ele. Estou paralitico. Nunca mais me erguerei daqui. Oh, só do outro lado, acrescentou, como que adivinhando a minha suspeita ao vê-lo fazer um movimento com a perna esquerda.

— Foi um azar, Humf continuou ele. Eu gostaria de dar cabo de você antes que isto me sucedesse. Contei demais com o que ainda me restava de vida.

— Mas por que queria matar-me? indaguei com horror e curiosidade.

O sorriso retorcido reapareceu em sua boca.

— Apenas para demonstrar a mim mesmo que estava vivo e em ação, e me conservar o mais forte pedaço de fermento até o fim. Mas morrer desta maneira...

Larsen tentou sacudir os hombros num gesto que completasse o seu pensamento, mas só o hombro esquerdo obedeceu. Como o sorriso, foi um gesto a meio, retorcido.

— Mas a que atribue isso? perguntei. Qual a séde do seu mal?

— O cerebro. Foram as malditas dores de cabeça que me trouxeram tudo.

— Dores de cabeça são sintomas, objetei.

Larsen assentiu e continuou: Nada explico. Nunca fiquei doente em toda a minha vida. Ha qualquer coisa torta em meu cerebro. Um cancro, um tumor, qualquer coisa assim, que me devora e destroi. Vai atacando os centros nervosos e comendo-os, pedacinho por pedacinho, celula a celula.

— E os centros motores tambem, ajuntei.

— Parece que sim; e em consequencia tenho de jazer aqui em estádo consciente, mentalmente livre, sabendo que as cordas que me ligam á vida vão se rompendo aos poucos. Não posso enxergar; o ouvido e o tacto principiam a morrer — e continúo vivo, ativo e... impotente.

— O corpo está morrendo; só a alma subsiste, observei eu.

— Asneira! redarguiu Larsen. Significa apenas que o ataque cerebral poupou os mais altos centros psiquicos. Posso lembrar-me, posso pensar e raciocinar. Emquanto isto durar, viverei. Alma! concluiu, acentuando esta palavra co mum riso de escarneo. Alma, nada...

[illegible] ao nosso trabalho, oprimidos por aquele quadro tão terrivelmente sinistro. O inexoravel duma retribuição como que [illegible]ava. Nossos pensamentos fizeram se profundos e solenes, e inconscientemete passamos a conversar em tom baixo.

— Humf, pode tirar estas algemas, disse Larsen á noite quando fomos vê-lo. Não corre perigo de mais nada. Estou paralitico. Só tenho a esperar as dores da imobilidade.

E Lobo sorriu o seu sorriso de esgar, tão pavoroso que Maud foi compelida a voltar o rosto, cheia de horror.

— Sabe que o seu sorriso está contorcido?

disse eu, para que Maud fosse poupada de o ver novamente.

— Nesse caso não sorrirei mais, respondeu Larsen com calma. Ignorava-o Minha face direita adormeceu hoje. Sim, tive prenuncios de sa morte parcial nestes tres ultimos dias. Todo o lado direito vai adormecer. Sinto a morte, ora aqui, ora alí, ora na mão, ora no pé.

— Com que então meu sorriso está torto? disse ele alguns momentos depois. Bem. Daqui em diante sorrirei por dentro — com a minha alma, se me faz favor — minha alma! Saiba que neste momento estou sorrindo.

E durante varios minutos ficou imovel, a dar-se áquele grotesco divertimento.

O homem que havia em Larsen não mudara. Sempre o terrivel, o indomavel Lobo Larsen, mas agora aprisionado dentro duma carne que morria. Aquela mesma carne gloriosa e esplendida de tempos atrás o emparedava na imobilidade, segregando-o do mundo que lhe fôra um perpetuo tumulto de ação. Nunca mais conjugaria o verbo "fazer" em qualquer modo ou tempo que fosse. "Ser" era o verbo que lhe restava — ser, mas sem movimento; querer, sem execução; pensar e raciocinar e estar vivo por dentro como sempre — mas morto por fôra, na carne.

E apesar disso, logo que lhe tiramos as algemas, custou-nos aceitar a sua condição. Algo em nós se revoltava. Ele ainda era para nós uma força, e não sabiamos de que seria capaz se a vida interna rompesse a prisão da carne e seus musculos pudessem de novo agir. Como a dura experiencia nos pusera neste estado de espirito, volvemos ao trabalho cheios de inquietação.

Eu havia resolvido o problema decorrente da insuficiencia dà minha tesoura. Por meio dum moitão icei o mastro de traquete até á amurada e depois o fiz descer á coberta; em seguida, por meio da tesoura, meti a bordo a verga principal, que tinha o comprimento necessario para a suspensão do mastro. Por meio dum segundo moitão, que ajustei á tesoura, consegui pôr o mastro em posição vertical.

Dois dias levei nesse trabalho e só na manhã do terceiro pude começar o desbaste da base do traquete, afim de que penetrasse no encaixe — e nisso mostrei-me desageitadissimo. Serrei, sortei, desbastei a enxó a madeira empapada dagua, a qual ficou com aparencia de roida por algum rato gigantesco. Não serviu.

— Vai saír certo, vai saír certo, eu gritava radiante.

— Conhece o "test" do certo, concebido pelo Dr. Jordan? perguntou Maud.

Fiz com a cabeça que não, emquanto ia tirando uns cavacos que se me meteram pela camisa a dentro.

— "Podemos fazê-lo operar? Podemos confiar nossa vida a ele?" Eis o "test".

— E é o seu "test" favorito, Maud, adverti.

— Quando eu desfiz o meu velho Panteon e expulsei dele Napoleão, Cesar e o resto, erigi um novo, e o primeiro heroi nele instalado foi o Dr. Jordan, disse ela gravemente.

— Um heroi moderno.

— E justamente por isso muito maior que os velhos, acrescentou. Os herois da idade antiga não podem comparar-se aos nossos.

Concordei de cabeça. Eramos afins em nossas idéias, sobretudo no conceito geral da vida.

— Como criticos que somos, andamos muito emparelhados, exclamei sorrindo.

— E como concertadores de navio tambem, replicou Maud no mesmo tom.

Mas havia pouco rir naqueles dias, não só por causa do nosso pesadissimo trabalho como ainda por motivo da morte lenta de Lobo Larsen.

Sobreviera-lhe nova congestão e perdera a voz, ou começou a perdê-la. Só intermitentemente ainda falava. Como ele mesmo dizia, as cordas da sua voz estavam como os titulos da bolsa, ora em alta, ora em baixa. Quando em alta, ele falava tão bem como outróra, apesar de em tom mais pesado e vagaroso. Subito a fala o abandonava, ás vezes no meio duma frase — e tinhamos de esperar horas pelo restabelecimento da ligação. Larsen queixava-se de grandes dores de cabeça, e durante um dos intervalos de melhoria combinamos um sistema de conversa por meio de sinais para quando perdesse completamente a palavra. Um aperto de mão significaria "sim", dois apertos, "não". Foi boa previdencia, porque naquela mesma tarde a sua voz morreu de vez. Desde então só responderia ás nossas perguntas assim — ou garatujava com a mão esquerda numa folha de papel o que queria dizer.

O inverno afinal entrou, e rigoroso. Temporal sucedia a temporal, com muita chuva, neve e granizo. As focas partiram todas para a sua anual migração rumo sul; a "nursery" ficou praticamente deserta. Mas o nosso trabalho não foi interrompido. Apesar dos rigores do tempo ficavamos na coberta o dia inteiro, trabalhando sem cessar.

Depois de bem firmado o mastro de traquete com o arranjo do cordame, restava a colocação das velas — e tantas coisas mais... Quanto trabalho! As velas tinham de ser refeitas, e na costura da lona muito trabalhou Maud. A lona era dura e grossa e tinha de ser cosida com uma grande agulha triangular, que logo deixou as suas lindas mãos calosas e feridas. Nem porisso desistiu da tarefa, que acumulava com a da cozinha. E ainda cuidava do nosso doente.

— Nada de superstições, disse eu uma sexta-feira. Este mastro tem que ficar de pé hoje.

E o segundo mastro foi erguido.

Maud bateu palmas quando o trabalho terminou, gritando:

— Está firme, está ótimo! Podemos confiar nossas vidas a ele! E afinal de contas não foi tão dificil. Mas custa-me a acreditar que o suspendemos da agua, que o volteamos no ar, que o levantamos a prumo, que o encaixamos... Trabalho titanico!

— E os titans inventam muita coisa, comecei alegremente, mas interrompi-me para farejar o ar. Olhei para a lanterna: não estava fumegando. Farejei o ar de novo.

— Alguma coisa está queimando! disse Maud fazendo o mesmo.

Pulamos a um tempo para a escada. Vinham saíndo rolos de fumo pelo portaló da timoneira.

— O Lobo não morreu ainda, murmurei comigo mesmo emquanto descia por dentro da fumaça.

Encontrei-a tão espessa no acanhado compartimento que tive de tactear como um cégo — e a funda impressão que Lobo Larsen deixara cunhada em meu ser fazia-me receiar que dum momento para outro o monstro resurgisse e viesse agarrar-me a garganta outra vez.

Hesitei, com impetos de tornar ao convés; mas a imagem de Maud interpôs-se entre mim e essa fraqueza — e prosegui.

Sentia-me já meio asfixiado quando alcancei o beliche de Lobo Larsen. Extendi a mão em sua procura. Estava deitado na posição de sempre. Tacteei por baixo e por cima das cobertas. Não havia calor, nem outro sinal de fogo. Aquela fumaça, entretanto tinha uma origem. Perdi momentaneamente a cabeça e precipitei-me para o porão. Um choque violento de encontro a uma trave fez-me voltar a mim e raciocinar que um aleijado, um paralitico só poderia deitar fogo a algo que estivesse junto de si.

Voltei para o beliche de Lobo Larsen. Maud lá estava.

— Suba já ao convés, Maud! ordenei peremptoriamente.

— Mas, Humfrey... começou ela a protestar com a voz rouca.

— Por favor, Maud, suba! gritei-lhe autoritario.

Ela obedeceu e retirou-se. Ao vê-la sumir-se calculei que poderia não encontrar a escada de sahida e corri para guiá-la. Não a vi de pronto e parei á espera, no começo da escada. Nisto chegou-me aos ouvidos seu apelo:

— Humfrey, estou perdida !

Atirei-me na direção da voz e encontrei-a tacteando as paredes á ré. Agarrei-a e levei-a dalí. Estava apenas estonteada pela fumaceira. Ficou deitada no convés e desci de novo.

A origem da fumaça devia estar perto de Lobo Larsen e pois dirigi-me diretamente para o seu beliche. Quando de novo lhe apalpei a cama, senti calor. Compreendi tudo. Com os ultimos movimentos que lhe restavam ele ateara fogo ao colchão. A palha humida, acesa por baixo e sem ar suficiente para alimento da chama, fizera-a arder lentamente e com todo aquele fumo. Quando saquei o colchão para fóra do beliche ele esfarelou-se todo e chamas tnormes romperam incontinente. Removi a palha solta e abafei a já acesa, sufocando desse modo o começo de incendio. Depois voei para o convés em busca de ar.

Alguns baldes dagua foram o bastante para completar o serviço, e dez minutos depois, quando a fumaça se esvaiu toda, deixei que Maud descesse novamente. Lobo Larsen, que perdera os sentidos, foi voltando a si. Pediu, passado uns momentos, papel e lapis.

— "Por favor não me interrompam", escreveu ele. "Estou sorrindo". Sou ainda um bocado de fermento".

— Muito me alegra vêr que é um fermento já no fim, foi a minha resposta escrita.

— "Obrigado", escreveu ele ainda, num ultimo assomo de orgulho; "mas pense, Humf, que ainda raciocino com mais clareza que outróra. Nada me perturba. A concentração é perfeita. Sou eu mesmo mais do que nunca".

Era como mensagem vinda da noite do tumulo, porque o corpo daquele homem transformara-se em seu proprio mausoleu. Ainda alí, naquela estranha sepultura, o espirito de Lobo Larsen adejava e vivia. E adejaria e viveria até que a ultima fibra de ligação á vida se rompesse — e depois disso quem poderia dizer por quanto mais tempo seu espirito continuaria adejando e vivendo?

CAPITULO XXXVIII

— Creio que meu lado esquerdo está morrendo, escreveu Lobo Larsen na manhã seguinte. A dormencia cresce. Difficilmente posso mover a mão. Fale mais alto. Já ouço com dificuldade.

— E sente alguma dôr? perguntei, tendo de repetir a pergunta em tom mais alto.

— Nem sempre.

A mão esquerda que isso escreveu no papel atuou com penoso esforço, forçando-nos a decifrar os garranchos. Era qual uma mensagem espirita.

— Mas ainda estou aqui, estou aqui, estou todo aqui, continuou a mão a escrever com dificuldade crescente. Por fim o lapis escapou-lhe e caíu; tivemos de repô-lo entre os seus dedos.

— Quando não vem a dôr sinto uma perfeita paz de calmaria. E penso com grande clareza. Posso filosofar sobre a vida e a morte como um sabio hindu'.

— E a imortalidade? perguntou Maud gritando-lhe ao ouvido.

Tres vezes a mão de Lobo Larsen tentou escrever a resposta. Não poude. O lapis fugiu-lhe dos dedos e inutilmente tentamos repô-lo. Os musculos não conseguiam sustentá-lo. Maud então manteve o lapis entre aqueles dedos quasi mortos, e com extrema dificuldade, um minuto quasi para cada letra, Larsen escreveu:

— T O L I C E.

Foi a derradeira palavra de Lobo Larsen, cético e indomavel até o fim. Os braços e mãos descaíram-lhe. Um pequeno tremor no corpo — e só.

Maud abandonou-lhe a mão. Seus dedos afrouxaram levemente. O lapis rolou.

— Ouve ainda? gritei bem alto, segurando-lhe a mão esquerda a ver se havia alguma leve resposta. Nada senti. Estava inerte a mão terrivel.

— Os labios agitam-se imperceptivelmente, observou Maud.

Repeti a pergunta. De fáto, os labios agitavam-se. Maud colocou neles a ponta do dedo, emquanto eu formulava de novo a mesma pergunta.

— Sim! Diz que sim! traduziu Maud, a olhar-me esperançosa.

— De que adianta? Que mais poderemos saber agora?

— Perguntarei se... e Maud hesitou.

— Pergunte alguma coisa que peça como resposta um "não", sugeri. Teremos desse modo a certeza de que nos ouve.

— Sente fome? perguntou Maud.

Os labios de Larsen moveram-se, como a dizer "sim".

— Quer comer algo? foi-lhe perguntado em seguida.

— "Não", traduziu Maud

— Quer caldo de carne?

— Sim, diz que quer caldo de carne, exclamou Maud olhando-me. Emquanto lhe restar ouvidos poderemos nos comunicar com ele. E depois disso...

Fitou-me dum modo estranho. Vi seus labios tremerem e vi-lhe lagrimas nos olhos. Seu corpo descaíu como em começo de vertigem.

— Oh, Humfrey, quando acabará isto? soluçou ela. Estou tão cançada...

Aquela cabeça linda conchegou-se ao meu hombro emquanto todo o fragil corpo da minha querida companheira agitava-se, sacudido de uma crise de lagrimas. Parecia uma pena em meus braços, de tão leve, tão etérea. "Partiu-se alguma mola de sua alma", pensei comigo. "Que fazer agora, sem o seu concurso"?

Mas consegui acalmá-la, e Maud recuperou-se da crise dalma tão depressa como se rceuperava dos abatimentos fisicos.

— Eu devia ter vergonha de mim mesma, murmurou sorrindo, mas não passo duma mulherzinha...

A expressão "mulherzinha" feriu-me como um raio. Essa a expressão favorita que meu amor usava em seus soliloquios.

— Onde aprendeu essa expressão? perguntei-lhe com um impeto que a espantou.

— Que expressão?

— "Mulherzinha"..

— E' sua?

— Sim, respondi exultante. Minha! Eu a concebi...

— Então é que má transmittiu quando estava dormindo, explicou Maud num sorriso encantador.

Vi de novo em seus olhos aquela luz que dançava e tremia. Os meus olhos tambem estavam

falando a sua linguagem de luz. E naturalmente, sem que a vontade me impelisse, inclinei me para ela como a arvore que o vento dobra — e unidos ficamos uns instantes. Mas Maud sacudiu a cabeça como para arrancar-se dum sonho, dizendo:

— Sempre conheci essa expressão. Meu pai a usava para com minha mãi.

— Pois é a minha palavra diléta, repeti.

— Para com sua mãi tambem?

— Não... foi a minha resposta — e Maud nada mais perguntou. Em seus olhos pareceu-me ver brilhar algo levemente ironico.

Uma vez metido a bordo o mastro do traquete, o meu trabalho prosseguiu normalmente. Sem quasi o perceber, consegui metê-lo de pé no encaixe. Graças a um moitão armado no mastro grande realisei com facilidade a tarefa; e em mais alguns dias todos os estáis e cordames foram decidamente ajustados. Velas de mastareu não me pareceram providencia aconselhavel; representavam muito perigo para uma tripulação de duas pessoas. Ficaram empilhadas e amarradas no convés.

Mais alguns dias gastei no arranjo definitivo das velas, que eram apenas tres, a bujarrona, a mazena e a vela grande. Remendadas que estavam, encurtadas, engrovinhadas, pareciam grotescas num barco de bôa estrutura como a **Ghost**.

— Mas servem! exclamava Maud rejubilante Havemos de fazê-las trabalhar e poderemos confiar-lhes as nossas vidas.

De todos os trabalhos que tive de executar o de que me saí menos bem foi nesse do velame; mas em compensação eu sabia lidar com velas. Não duvidei, pois, da minha capacidade de levar a escuna a algum porto ao norte do Japão. Já conhecia alguma coisa da arte de navegar e ademais estava de posse dos livros de bordo e do aparelho de marear inventado por Lobo Larsen. Era na realidade tão simples que tornava a tarefa acessivel a uma criança.

Quanto ao seu inventor, tinha havido pouca modificação em seu estado geral, conquanto lhe fosse crescendo a surdez e diminuindo a faculdade de mover os labios. O dia em que terminamos a colocação das velas foi o dia do nosso ultimo contacto com ele.

— Ainda se sente vivo? perguntei-lhe.

— Sim, foi a debil resposta.

Era o derradeiro estremeção da vida consciente. Em qualquer parte naquele tumulo de carne ainda vibrava a sua alma. Emparedada pela argila viva, aquela prodigiosa intelligencia que conheceramos no esplendor da sua logica selvagem continuava a arder. Intelligencia sem a sensação objetiva do corpo. Larsen já não conhecia corpo. O mundo das realidades já não existia para ele. Mas Larsen ainda existia, em sua essencia, na vastidão e na profundidade das trevas.

CAPITULO XXXIX

Chegou afinal o dia da partida. Nada mais nos detinha na ilha Endeavor. Os rudes mastros da **Ghost** estavam a postos, esteiando as velas grotescas. Tudo eu fizera forte, firme, solido — mas sem nenhuma elegancia ou belleza. Iria entretanto funcionar, iria salvar-nos e senti-me cheio de orgulho e força ao contemplar a obra realisada.

— Fiz tudo! Fiz tudo com as minhas proprias mãos! era o que eu tinha vontade de gritar bem alto.

Eu e Maud tinhamos a faculdade de expressar os pensamentos mais intimos um do outro, de modo que quando nos preparavamos para içar a vela mestra foi Maud quem disse:

— Pense, Humfrey, que foi você quem fez tudo isso com as suas proprias mãos!...

— Minhas só? Havia ainda mais duas mãos, respondi. Duas "mãozinhas"... Não me diga que seu pai tambem usava esta expressão.

Maud sacudiu a cabeça, rindo-se, e espichou-me as mãos, dizendo:

— Nunca mais as terei macias e perfeitas. A marca do trabalho e do mau trato ficará para sempre.

Segurei-as carinhosamente entre as minhas.

— Nesse caso essas marcas ficarão como pendões de gloria — e se não as beijei naquele momento foi porque Maud as recolheu a tempo.

A nossa camaradagem começava a vacilar. Até alí eu conseguira dominar o meu amor, mas já ele agora entrava a dominar-me. A principios desobedeceu-me e fez que meus olhos me traíssem; agora fazia que minhas palavras me traíssem tambem. E tambem meus labios se sentiam vencidos e loucos por beijar as mão-

zinhas queridas que tanto haviam mourejado. E todo eu me sentia vencido — louco. Meu ser vibrava num imenso clamor pela amada. Uma força extranha me propelia. Não pude mais resistir. Não sabia o que fazia — mas Maud compreendeu tudo — e me fugiu com as mãos.

Por meio dos moitões icei a vela grande e o mais; ficou serviço mal feito, mas daria bom resultado. Depois, a ancora que estava em terra.

— Será que poderemos meter a bordo aquela ancora? murmurei pensativo.

— Como pretende fazer? perguntou Maud.

— Arrasta-la, respondi. E emquanto a arrasto, você trabalhará no guincho. Temos de cuidar disso e ao mesmo tempo manobrar a bujarrona.

A manobra da partida foi bastante estudada, e vi que com a ajuda de Maud poderia ser feita. Um vento vivo estava a soprar e, embora o mar se mostrasse calmo, tinhamos de agir com rapidez para sermos bem succedidos.

Quando dei ao guincho, a corrente da ancora logo roncou. Saltei para a roda do leme. A Ghost parecia ir renascendo, ao mover-se ao primeiro impulso do vento. A bujarrona subia, encheu-se, e a prôa da escuna virou, tendo eu de dar forte ao leme para firmá-la.

Haviamos arrumado uma vela auxiliar, automatica, que passava através da bujarrona de modo que não fosse preciso que Maud lhe atendesse á manobra — e ela estava ainda içando a bujarrona quando dei ao leme para baixo. Foi um momento de ansiedade, porque a Ghost fez-se de prôa para a praia; mas logo obedeceu á minha guinada e entrou na posição que eu queria. Houve um grande panejar de velas e rizes, muito grato aos meus ouvidos — e a escuna seguiu para fóra da enseada.

Maud concluira a sua manobra e viera ter á ré, onde pôs-se ao meu lado, com uma pequena boina enterrada na cabeça loira. Tinha as faces coradas pelo esforço feito, os olhos amplamente abertos e vivos de enthusiasmo, as narinas aflantes ao bafejo do ar salino. Seus olhos castanhos lembravam os da corça arisca. Vi neles um toque de agudo e selvagem que eu jamais perceberia. Seus labios entreabriram-se e sua respiração parou no momento em que a Ghost, depois do avanço para a praia, fez-se de volta, e de velas cheias penetrou agua alta sem mais perigo.

O meu aprendizado de primeiro oficial duma escuna de caça foi-me então precioso. Manobrei com segurança e a escuna logo se meteu de rumo ao mar alto. A Ghost aflava finalmente ao ritmo poderoso do oceano, subindo e descendo com o movimento das vagas. O dia começara calmo e encoberto, mas o sol acabava de irromper dentre as nuvens num prenuncio feliz, brilhando sobre a praia onde haviamos desafiado os sultães dos harens de focas e caçado duzias de "holluschickies". Toda a ilha Endeavor enchera-se de sol.

O proprio promontorio que ficava a sudoéste, de tão feroz aspeto, perdera a catadura hostil; nos pontos onde a agua do mar empapava o solo havia cintilações de prata.

— Sempre me recordarei de tudo isto com imenso orgulho! murmurei para Maud, comovido.

Ela sacudiu a cabeça loira e exclamou:

— Querida ilha Endeavor, eu sempre terei infinitos de ternura par comtigo!

— E que direi eu? acrescentei com impeto.

Paresia que nossos olhos fossem encontrar-se num derrame de simpatia — mas fugiram uns dos outros ainda dessa vez.

Houve um silencio incomodo, que rompi com uma observação:

— Olhe lá aquelas enormes nuvens a barlavento! Bem vi hontem que o barometro estava caíndo.

— E o sol começa a desaparecer, disse ela com os olhos ainda fixos na ilha onde haviamos provado a nossa força de dominação sobre a materia e alcançado o maximo de camaradagem possivel entre o homem e a mulher.

— E vamos de caminho ao Japão. Um belo vento e uma vela cheia é tudo.

Amarrando a roda do leme corri á bujarrona e á vela grande, que manobrei de modo a apanhar a brisa de quarto que tinhamos no momento. Era uma brisa muito viva, que resolvi aproveitar o mais que pudesse. Infelizmente quando se corre á toda não é possivel deixar a roda do leme amarrada — e tive de passar a noite inteira no governo. Maud insistiu em render-me, mas verificou logo que não possuia a força necessaria para sustentar a roda em mar grosso. Desapontada com isso, foi enrolar cordas, cabos e estáis que andavam por alí em desordem. Incumbia-lhe ainda preparar as refeições, arrumar as cabines e atender a Lobo Larsen.

Fiquei a noite inteira ao leme sem um instante de folga; o vento crescia e o mar ia-se fazendo cada vez mais grosso. A's cinco da manhã Maud trouxe-me café com bolos por ela mesma preparados e ás sete horas um excelente almço deu-me vida nova.

Durante o correr do dia o vento foi subindo de ponto. Aquilo impressionava — aquela determinação de soprar, soprar, soprar sempre. E a Ghost corria deixando atrás de si uma longa esteira de espuma. Carreira ótima, que avaliei em dez nós por hora. Mas ao caír da tarde senti-me exausto. A despeito do meu excelente estado de saude, um esforço conti-

nuo de trinta e seis horas era demais para a minha resistencia. Além disso Maud suplicou-me que descançasse, e eu sabia que se o vento crescesse mais durante a noite todo o repouso tornar-se-me-ia impossivel. Assim, tratei de pôr a escuna em descanço com relação ao vento.

Mas eu não havia medido ás certas o trabalho colossal que seria para um homem só rizar tres velas, e quando o barco voava com o vento a favor não pude calcular-lhe a força; mas assim que parou de correr vi com desespero que era vento muito mais forte do que eu supuzera. Impossivel o velame; a violencia do ar arrancava-me a lona das mãos, inutilizando todos os meus esforços.

A's oito da noite apenas havia conseguido meter o segundo riz na bajarrona. Continuei a insistir e ás onze não havia dado um passo a mais. E com as mãos em misero estado, sangrentas, as unhas lascadas, chorei de dôr e desespero ás escondidas de Maud.

Depois, desesperado, desisti da tentativa de rizar a vela grande, resolvendo experimentar com a bujarrona. Tres horas luctei nessa empreitada e ás duas da manhã, semi-morto, com a vida quasi a abandonar-me, vi-me apenas com o alento necessario para compreender que tinha conseguido o desejado. A bujarrona ia funcionar com tres rizes — e funcionou. A **Ghost** escorou o vento sem tendencias para adernar.

Eu estava verdadeiramente faminto; no emtanto Maud tentou vãmente alimentar-me. Tanto era o cansaço, que eu cochilava com a boca cheia. Cabeceava de sono quando levava a comida á boca; mastigava a meio e readormecia — e acordava de sobresalto para proseguir na mastigação. Maud teve de segurar-me na cadeira; do contrario eu teria vindo ao chão dez vezes.

Nada percebi na ida da cozinha para a cabina. Tornara-me um sonambulo guiado por Maud. E de fáto de nada mais tive conciencia até que despertei, depois de não sei quanto tempo, em minha cama. Era noite escura e eu sentia-me ainda enrijado e esmoido, a ponto de gemer de dôr quando as pontas dos meus dedos esfrolavam as cobertas. Inda não amanheceu, pensei e adormeci de novo.

Logo depois acordei novamente. Risquei um fosforo. Meu relogio marcava meia noite. Que historia? Eu recolhera-me ás tres... Mas logo compreendi tudo: havia dormido quasi vinte e quatro horas. Fiquei ainda na cama a atentar ao movimento da **Ghost**; o vento esfusiava na coberta; as ondas batiam. Voltei-me sobre o outro lado e ainda dormi até dia claro.

Quando me levantei ás sete horas e deixei o camarote, não vi sinal de Maud. Imaginei que estivesse na cozinha a preparar o almoço. Na coberta notei que a **Ghost** estava a comportar-se magnificamente. Fui á cozinha. Fogo aceso, agua a ferver, mas nada de Maud.

Fui encontral-a na timoneira, ao lado da cama de Lobo Larsen. Olhei para elle — para o homem terrivel que fôra projectado dum apice supremo de vida para aquelle miseravel fim, peior que a morte. A expressão do rosto estava como que parada. Maud trocou um olhar comigo e tudo compreendi.

— Sua vida sossobrou durante o temporal, murmurei.

— Não! Ele ainda vive, quís Maud com um infinito de fé na voz.

— Seu corpo tinha força demais.

— Sim, mas agora essa força excessiva não o atormenta. Seu espirito está liberto da prisão da carne.

— Acredito, concordei — e tomando-lhe a mão levei-a para o convés.

A tempestade atingira ao apogeu durante a noite e ia no fim. Na manhã seguinte, quando icei para a coberta o cadaver de Lobo Larsen, já preparado para a imersão na sepultura do oceano, ainda soprava vento forte e havia mar grosso. O convés era com frequencia lavado a relhadas de ondas. Subito, um sacão mais forte de vento, uma guinada violenta — e tivemos na coberta agua até á altura dos joelhos.

— Lembro-me só duma parte do serviço funebre, murmurei, e é: "E o corpo será lançado ao mar".

Maud olhou-me surpresa e desconcertada; mas o espirito da cena a que eu havia assistido mêses antes estava pairando sobre mim, e impelia-me a dar a Lobo Larsen o mesmo serviço funebre que ele déra a outro homem. Ergui a extremidade da prancha na qual estava o cadaver de Lobo Larsen ensacado em lonas — e de pés para a frente deslisou ele para dentro do mar. Um peso de ferro levou-o ao fundo. E Lobo Larsen foi-se...

— Adeus, Lucifer, espirito do orgulho! murmurou Maud tão baixinho que o vento lhe levou as palavras; adivinhei-as apenas pelo movimento da boca.

Emquanto nos agarravamos á amurada, de rumo á prôa, aos cambaleios, aconteceu-me olhar para sotavento, num instante em que a **Ghost** era erguida por uma grande onda — e vi ao longe a mancha dum vaporzinho. Um vaporzinho pintado de preto — e logo me veiu á mente o que ouvira aos marinheiros, sobre contrabandistas e barcos de perseguição a contrabandistas. Evidentemente tratava-se dum "cut-

ter" do governo americano. Apontei-o para Maud e conduzi-a em atropelo para um lugar seguro na popa.

Corri para o armario onde se guardavam as bandeiras de sinais — a caminho, porém, lembrei-me que ao armar os mastros me esquecera meter as adriças onde são içadas as flamulas.

— Não precisamos içar sinal de socorro, sugeriu Maud. Basta que eles vejam a nossa escuna para que compreendam tudo.

— Estavamos salvos, murmurei sobria e solenemente; e depois, na exuberancia da alegria: Mas não sei se deva ficar contente ou não...

Olhei para Maud. Nossos olhares dessa vez não se evitaram. Inclinamo-nos um para o outro, e antes que eu pudesse refletir já meus braços a enlaçavam.

— Será preciso que eu... fui dizendo; mas Maud interrompeu-me:

— Não é preciso dizer nada, embora me fosse tão delicioso ouví-lo...

Seus labios corresponderam á pressão dos meus — e nesse momento, por não sei que estranho passe de imaginação, a scena da cabina da Ghost fulgurou em minha memoria. Ela, porém, pôs os dedos sobre os meus labios, ciciando: "Hush, hush"!

— Minha mulher, minha unica mulherzinha! sussurrei, acarinhando-lhe a face num gesto de amor que todos os apaixonados conhecem de intuição.

— Meu homem! respondeu ela — e as suas palpebras tremulas velaram os olhos emquanto sua cabeça descia a apoiar-se em meu peito.

Olhei na direção do "cutter". Vinha perto. Um bote estava sendo arriado.

— Um beijo, querida, murmurei. Um beijo mais antes que eles nos salvem.

— Antes que nos salvem de nós mesmos! completou Maud iluminada dum sorriso de puro amor.

—— F I M ——

26616

